LIVRO
CAMILLE FLAMMARION
AS CASA MAL ASSOMBRADAS

Prólogo ESPIRITUALISMO E MATERIALISMO

CAPITULO I
AS PROVAS EXPERIMENTAIS DA SOBREVIVENCIA

Resposta, preliminar a algumas críticas. - A averiguação dos fatos. - Cegos e negadores por preconceito. - Laplace e o cálculo das probabilidades. - Escolha de observações exatas

CAPITULO II
AS CASAS MAL-ASSOMBRADAS. - PROSPECÇÃO NO ASSUNTO

Há o falso e há o verdadeiro. - Realidades verificadas. - Observações antigas e modernas. - Reconhecimento jurídico de casas mal assombradas. - Contratos rescindidos. - Certeza dos fenômenos de assombramento

CAPITULO III

FENÔMENOS ESTRANHOS OBSERVADOS NUM CASTELO DO CALVADOS

CAPITULO IV
A CASA DA CONSTANTINA
(Corrèze)

CAPÍTULO V
Uma casa perturbada, no Auvergne. - Incidente psíquico no Bispado de Mônaco. - Fenômenos psíquicas correspondentes a óbitos. - A Morte e os relógios

CAPITULO VI
Os rumores misteriosos do presbitério. - A casa do professor de Labastide-Paumès. - Um companheiro invisível

CAPITULO VII
A CASA FANTÁSTICA DE COMEADA, COIMBRA, PORTUGAL

CAPITULO VIII

OBSERVAÇÕES FEITAS EM CHERBOURG. - QUAL SERÁ O AMBIENTE DESSAS CASAS?
O Dr. Nichols e o quarto fatal. - O teto maléfico de Oxford. - A obsessão de Cambridge. - A mesquita de Pierre Loti, em Rochefort

CAPITULO IX
EXCURSAO GERAL PELAS CASAS MAL – ASSOMBRADAS

CAPITULO X
Classificação dos fenômenos. - Fenômenos associados a pessoas falecidas

CAPITULO XI
Fenômenos ,de assombramento sem indício de ação dos defuntos. - Espíritos turbulentos. – Poltergeist

CAPITUTO XII
OS CASOS CLANDESTINOS

CAPITULO XIII
INVESTIGAÇÃO DAS CAUSAS

Origem e modo de produção dos fenômenos. O quinto elemento.

Epílogo

O DESCONHCECIDO DE ONTEM E A VERDADE DE AMANHÃ

O progresso inçado de obstáculos. – Relatório de Lavoisier apresentado à Academia das Ciências, sobre os aerólitos.

Prólogo ESPIRITUALISMO E MATERIALISMO

Resposta a Camilo Saint-Saens. (Artigo publicado na 1 página de Nova Revista, em 15 de Dezembro de 1900).

Subsistente o desacordo de psiquistas e não psiquistas, nada obstante o progresso das observações mais positivas, parece-me cabível aqui intermitir de preâmbulo esta página já antiga, de vez que ela ressalta, de paralelo, os argumentos das duas correntes opostas. Meu amigo Camilo Saint-Saens acabava de publicar um estudo a favor das faculdades cerebrais e contra a teoria da personalidade da alma . Se compararmos os termos deste artigo com as cartas publicadas em A Morte e seu Mistério (tomos II, pág. 34 e II, 8), veremos que, no século XIX, ainda não caturrávamos. Apesar das divergências de prisma, continuamos amigos, até que ele faleceu em 16 de Dezembro de 1921. Todos os que buscam a Verdade com -espírito despido de preconceitos, podem divergir nas idéias, sem quebra de amizade. Esses não conhecem a intolerância. Seja, pois, este artigo, publicado no último ano do último século, o prólogo deste livro:

Caro amigo:

Acabo de ler um pouco tardiamente - por isso que, como sabe, moro mais no céu que na Terra - o seu belo e sábio artigo da Nova Revista . Li-o como se escutasse uma das fortes sinfonias de que possui você o segredo, e nas quais rivalizam ciência e arte, para

produzir nos espíritas o máximo efeito. Tenho a impressão de que conseguiu enflorar realmente o assunto, deixando-o entrever-se em toda a sua profundeza. Dou-lhe absoluta razão, quando diz que as palavras espiritualismo e materialismo não passam hoje de mero verbalismo, por isso que a essência das coisas nos fica desconhecida e as recentes descobertas científicas induzem a alicerçar o metido visível sobre um mundo invisível, que lhe é, por assim dizer, o substrato . Agradeço-lhe o haver assinalado minha modesta excursão nesses domínios do Desconhecido, mas venho pedir licença para responder à sua interpretação. Receia o meu amigo que o étimo do vocábulo psíquico tenha exercido qualquer influência no meu pensar. Os fatos expostos em meu livro, ao seu ver, não levam s admitir a existência da alma. Esses fatos que, de resto, aceita como autênticos, apenas demonstrariam que as força que produz o pensamento, poderia projetar-se sobre outros cérebros, à distância, sem que daí se infira que essa força seja de natureza espiritual, independente do cérebro.

Eis o argumento que eu desejaria examinar e dissecar. Se lhe apraz, tomemos e analisemos um fato. Jovem rapariga vai ao meu gabinete, em Paris, e me entrega o seguinte relatório, do qual omito os nomes próprios:

Ao tempo em que nos entrevistamos pela primeira vez, tinha eu 22 e ele 32 anos. Nossas relações

duraram 7 e nós nos amávamos com ternura. Um dia ele me comunicou, pesaroso, que a sua situação, a sua pobreza, etc., forçavam-no a contrair matrimônio. Das suas escusas embaraçosas pareceu-me adivinhar o seu desejo de não interromper nossas relações.

Liquidei, para logo, o penoso assunto e, mal grado o meu enorme desgosto, não mais revi o companheiro . No meu amor único e absoluto, repugnava-me compartir com outra as graças do homem a quem tanto amava.

Mais tarde, por linhas travessas, soube que ele se casara e já tinha um filho.

Passaram-se anos e, uma noite, em Abril de 1893, vi penetrar na alcova uma forma humana. Estatura elevada, envolto num manto alvo que lhe encobria quase todo o rosto, vi, aterrada, aproximar-se, inclinar-se para o meu leito e colar nos meus os seus lábios. Mas... que lábios! - jamais esquecerei a impressão que me produziam! Não era pressão, nem movimento, nem algo mala que frio... O frio de uma boca morta!

E, contudo, eu experimentei um desafogo, um grande bem-estar enquanto durou esse beijo. Verdade é, também, que, , nesse transe, nem o nome nem a imagem do falecido amigo me assomaram à mente. Ao acordar, pouco me preocupei com o caso, até que à tarde, percorrendo o jornal de (; . .), li o seguinte: Comunicam-nos de X. . . que ali se realizaram, ontem, os Funerais do Senhor Y... Enumeradas as qualidades

do morto, terminava o artigo dizendo que ele sucumbira de uma infecção tífíca, conseqüente a excesso de trabalho no cargo que exercia abnegada e esforçadamente. Caro amigo - monologuei : - tanto que, liberto das convenções mundanas, vieste dizer-me que era a mim que amavas e contínuas amando para além da morte. 'Também por mim te agradeço e amo-te sempre.

Senhorita Z...

Eis o fato, tal como se passou. A velha e cômoda hipótese de uma alucinação simples, já não nos podem satisfazer. O que se procura explicar é a coincidência da morte com essa aparição. Tão numerosas são as manifestações deste gênero, que não mais as podemos considerar fortuitas. Elas indicam uma relação de causa e efeito.

O meu amigo e eu admitimos, livres de quaisquer prejuízos, que a senhorita Z . . . viu e sentiu a presença do visitante, no momento critico do seu trespasse. Centenas de episódios idênticos por ai se verificam. Entretanto, divergimos na sua interpretação ; mas, enquanto o meu amigo apenas vê um ato cerebral do moribundo, vejo eu um ato psíquico.

(A mim mesmo perguntei se a depoente não teria. lido o jornal na véspera do sonho, desprecavidamente, e se a associação das idéias não se teria condensado no mesmo sonho. Reafirmou que a leitura só fora feita no

dia seguinte. Devemos, portanto, suprimir essa hipótese. houve então, aí, comunicação entre os dois seres.)

Certo, é sempre difícil discernir o que pertence ao espírito, à alma, e que toca ao cérebro. Em nossas apreciações e julgamentos, deixamo-nos guiar naturalmente pelo sentimento íntimo que resulta da discussão dos fenômenos. Ora, não temos essencialmente aqui uma manifestação do espírito? Duas hipóteses se apresentam. Ou bem, como indica a descrição, o manifestante estava morto, ou estava ainda vivo e, no momento da morte, pensou na, depoente, nessa amiga dos bons tempos, e experimentando a seu respeito um arrependimento, talvez um remorso e quem sabe, uma esperança, também no além-túmulo? A comunicação telepática não se teria feito imediatamente, durante as agitações diurnas e se retardaria para as horas de sono è tranqüilidade. Não se trata, bem entendido, de um qualquer fantasma, que se transponho de uma a outra cidade; trata-se de uma transmissão mental, de que as ondas da telegrafia sem fio nos oferecem uma imagem física. À distância de 100 quilômetros, entre as duas cidades, sabemos nós que nada representa. Essa comunicação mental tomou a forma descrita pela narradora. Tal a impressão que nos fica do exame de todos estes fatos e que de mais a mais se evidencia, à

medida que avançamos no estudo destes fenômenos. Vejamos, por exemplo, um segundo caso:

Já casado, fazia meu curso na, Universidade de Kiev, quando, certa feita, foi passar o verão no campo, na casa de uma irmã, não longe de Pskow. De regresso por Moscou, minha querida mulher foi ali subitamente assaltada por um ataque gripal e, não obstante a sua mocidade, não pode resistir. Uma paralisia do coração abateu-a subitamente, como fulminada por um raio.

Não lhe direi da minha dor, do meu desespero. Simplesmente quero submeter à sua competência o seguinte problema, cuja solução assaz me preocupa:

Meu pai residia em Pintava, ignorava a enfermidade da nora, sabendo apenas que nos achávamos em Moscou. Enorme foi, portanto, a sua surpresa ao vê-la a seu lado, como que saindo de casa e acompanhando-o por momentos e logo desaparecendo! Tomado de angústia e espanto, passou-nos imediatamente telegrama pedindo noticias da nora, e isso precisamente no dia que ela faleceu... Gratissimo lhe ficaria se me explicasse este fato extraordinário.

Venceslau (Estudante de Medicina, Nikolakaja, 21, Kíev)

Aqui, igualmente, a observação se verificou depois do falecimento.

Ainda neste exemplo, não temos a impressão de uma origem imaterial, de uma causa moral, mental, a indicar não apenas a existência de faculdades desconhecidas no ser humano, mas também a existência de um ser intelectual, operante? Sim, pois não posso ver, nos fatos desta ordem, um produto da anatomia, da fisiologia animal, ou da química orgânica.

Examinemos ainda outro exemplo, diferente dos precedentes, posto que pertencendo, como eles, à telepatia: Ouçamos o próprio relator:

De Perpignan, minha terra natal, parti nos primeiros dias de Novembro de 1889, a fim de continuar os estudos de farmacologia em Montpellier. Minha família. compunha-se de mãe e quatro irmãs. Deixei-as satisfeitas e de perfeita saúde. A 22 desse mês, minha irmã Helena, bela criatura de 18 anos, á caçula e minha predileta, reuniam em nossa casa algumas amiguinhas. Cerca de 3 horas, após o almoço, dirigiram todas, minha mãe inclusive, para o passeio doa Plátanos. Fazia um tempo magnífico. Ao fim de meia hora, Helena sentiu-se mal: Mamãe - disse -, sinto arrepios por todo o corpo, tenho frio, doe a garganta... Vamos para casa.

A noite seguinte, pelas 5 da manhã, Helena expirava nos braços de minha mãe, vitimada pela angina diftérica, que dois médicos não puderam debelar.

Únicos varões da família, competindo-me representá-la nos funerais, foram-me passados repetidos telegramas para Montpellier. Entretanto, por uma terrível fatalidade que ainda hoje deploro, nenhum de tais despachos me foi entregue a tempo .

Ora, na noite de 23 para 24, que Pui presa de espantosa alucinação. Recolhera-me a casa pelas 2 da madrugada, calmo e satisfeito das emoções recolhidas nos dias 22 e 23; em parte destinadas ao prazer. Deitei-me alegre e logo adormeci,. Havia de ser 4 horas, quando a vi surgir diante de mim pálida, sangrenta, inanimada e um grito insistente, penetrante, punitivo, feria-me os tímpanos: Que fazes, meu Luis Mas vem, vem!

No meu sonho, nervoso e agitado, tomei um carro, mas, a despeito de esforços nobre-humanos, não conseguia fazê-lo avançar. Via sempre minha irmã, pálida, sangrenta, inanimada, a gritar: Que fazes meu Luiz!!!!

Despertei súbito, face congesta, cabeça em fogo, garganta seca, respiração curta e suando por todos os poros. saltei da cama e procurei acalmar-me. Uma hora depois, tornei a deitar-me, mas não pude reconciliar o sono ai da manhã fui à pensão, assomado de indefinível tristeza.

Argüido pelos colegas, contei-lhes tím-tim por tim-tim o que aí passara, não - seja dito - sem ouvir

algumas pilhérias. As 2 dirigi-me para a Faculdade, no intuito de encontrar no estudo algum repouso.

Deixando a aula às 4 horas, vi caminhar ao meu encontro uma mulher alta, trajando rigoroso luto, e logo reconheci minha irmã mais velha a perguntar-me aflito o que fizera de mim. Lacrimosa, comunicou-me a fatal ocorrência, que nada me faria prever, de vez que, ainda na manhã de 22, recebera de casa as melhores notícias.

Entregando-lhe este depoimento, abstenho-me de emitir qualquer opinião a respeito e só me obrigo a garantir, sob palavra de honra, a sua absoluta autenticidade.

Vinte anos são passados e a impressão que o fato me deixou é sempre a mesma, emocional, profunda (sobretudo neste momento), e se os traços fisionômicos de Helena não me aparecem tão nítidos, o seu apelo é sempre o mesmo: plangente, repetido, desesperado: Que Jazes, meu Luís! vem, vem. . .

Luís Noeil Farmacêutico, em Cette.

Tal a narração do fenômeno psíquico. Se você, meu caro amigo, não admite que o corpo da defunta, 23 horas após o falecimento, seja o agente dessa impressão e que haja, no feito, algo que não o organismo material - seja o transporte do espírito de Noell para a morta, durante o sono, ou seja que ação telepática tivesse nela, a morta, o seu ponto de

emanação -, encontramo-nos diante de um fato pertinente aos domínios da alma, nunca ao corpo, induzindo-nos a crer que a alma existe pessoalmente e não é um efeito, uma função ou secreção do cérebro. Se vote, o artista e pensador que eu conheço, assim não entende, será só por não haver dispensado tempo na ponderação do problema.

Que supor houvesse feito o cérebro dessa moça depois da morte? Toda hipótese material é inverossímil.

Poder-se-á supor tenha ela chamado pelo irmão antes de morrer e que a recepção do seu apelo ficasse latente no espírito do irmão, até que um momento de tranqüilidade cerebral lhe permitisse percebê-lo. Poder-se-á supor, igualmente, que o apelo fosse posterior à morte. Tudo está por estudar.

O mais simples seria negar, quero dizer, declarar que o jovem estudante apenas teve um pesadelo, a coincidir com a morte da irmã. Sim, esta é a solução mais simples, mas, pergunto: satisfaz? Satisfará ao meu amigo, máxime quando tenha centenas de atestados da mesma natureza? Satisfará, igualmente, nos casos em que o narrador visse, o que se chamou ver a distância, todos os pormenores de um falecimento, de um suicídio, de um desastre, de um incêndio? Não. Você tem critério assaz cientifico, e racionalmente severo, para satisfazer-se com a cediça

hipótese do acaso e sabe que o cálculo das probabilidades nos prova a sua improcedência.

Que dizer, que julgar então? Nem mais, nem menos, que o problema psíquico está posto . Confessemo-lo sem reticências. Não me encarrego de o explicar, é claro. A ciência ainda vem longe. Admitir é uma coisa, e outra coisa é explicar. Os fatos se nos impõem, mesmo que não expliquemos. Passa um homem por uma rua e cai-lhe na cabeça. um vaso de flores: ele é forçado a registrar o fato antes de adivinhar-lhe a origem, e como a vertical e a horizontal se cruzaram justo sobre a sua. cabeça.

Não, absolutamente a que chamamos - matéria, com as suas propriedades, não basta para explicar estes fatos e eis porque eles são de uma outra ordem, de uma ordem que reivindicam todos os direitos à qualificação de psíquicas e que induz a admitir a existência de almas, espíritos, seres intelectuais, espirituais, que não são meras funções do cérebro. A transmissão do pensamento, a visão à distância sem auxílio dos olhos e a previsão de acontecimentos futuros, não nos dão os mesmos testemunhos ?

A transmissão do pensamento não oferece dúvidas, notadamente entre um magnetizador e o seu sujet. Disso poderia citar aqui mil exemplos . Eis um, pouco sentimental, certamente, mas bem característico, citado pelo Dr. Bertrand, que é um experimentador dos mais competentes.

Um magnetizador assaz imbuído de idéias místicas tinha um sonâmbulo que, durante o transe, não via senão anjos e Espíritos de toda a espécie, visões que serviam para robustecer cada vez mais a sua crença religiosa. Como citasse de continuo os sonhos do seu sonâmbulo em apoio do seu credo, outro magnetizador, seu conhecido, se encarregou de o desiludir, demonstrando-lhe que o sonâmbulo não tinha as visões que alegava, senão porque as guardava na própria mente. Propôs, então, para comprovar o seu asserto, que faria, com que o sonâmbulo visse reunido de anjos a mesa e comendo um peru. Assim é que adormeceu o sonâmbulo e, depois de algum tempo, perguntou-Ihe o que via de extraordinário. Uma grande reunião de anjos - foi à resposta. E que fazem eles ? Estão sentados à mesa, comendo. . . Não pôde, porém, nomeai as iguarias.

Aí temos um exemplo de sugestão mental, como você bem sabe. À vontade do magnetizador atua silenciosamente sobre o magnetizado . Certo, podemos aqui dizer que se trata da ação de um cérebro sobre outro, mas, não Ihe parece que o cérebro não passa de instrumento da vontade? Por mim, jamais felicitaria o cérebro por pensar, assim como não felicitaria uma lente astronômica pelo fato de bem focar Saturno. Não lhe parece seja o cérebro órgão do pensamento, tal como os olhos o são da vista? E a visão à distância, em sonho? Não nos coloca em face de um ser espiritual

dotado de faculdades especiais ? Eis, por exemplo, o que me escreve um marinheiro de Breat:

Entre 1870 e 74, tinha eu um irmão trabalhando no arsenal de Fou-Tcheou, na China. Certa manhã, o recebeu a visita de um colega, conterrâneo e amigo, também operário mecânico, que lhe relatou o seguinte: Estou deveras acabrunhado, pois sonhei esta noite que meu filhinho morrera de crupe, no meio de grandes angústias, deitado num colchão vermelho. Meu irmão chasqueou da sua credulidade, talou-lhe de pesadelos e, a fim de o distrair, convidou-o para o almoço. Nada conseguiu; porém. O pobre rapaz persistia em considerar o filho morto e bem morto .

Pois bem: na primeira carta, chegada de França, a esposa confirmava o sonho, dizendo que o menino morrera de crupe, após grandes padecimentos e - curiosa circunstancia. -, deitado num colchão vermelho. Essa carta, tanto que a recebeu, foi ele mostrá-la a meu irmão, que, por sua vez, me relatou o fato.

Não estão os fatos desta natureza, aliás numerosos, a indicarem a existência no homem de algo mais que o corpo ?

Que pensarmos, igualmente, desta visão

O general Charpentier de Cossigny, amigo de infância de meu pai, sempre me dispensou muita afeição. Acometido de uma enfermidade nervosa, tinha as suas esquisitices e não nos surpreendia

quando, após treis ou quatro visitas seguidas, retraia por muito tempo . Em Novembro de 1892 (havia 3 meses que o não víamos) tive uma forte enxaqueca e fui deitar-me, por isso, muito cedo. Quando começava a adormecer, ouvi chamarem-me pelo nome, em surdina, e logo depois, mais alto. Prestei atenção julgando fosse meu pai quem chamava, mas logo percebi que ele dormia e ressonava regularmente no quarto vizinho. Procurei adormecer novamente e sonhei que via a escadaria da residência do general, na vila Vaneau n. 7 ele próprio me apareceu, encostado no gradil do patamar do 1 ° andar, descendo logo depois para beijar-me na testa. A impressão daqueles lábios frios despertou-me e vi, então, distintamente, no meio do quarto, aliás aclarado pelo combustor da rua, o vulto esguio do general, que se afastava. Não pude mais conciliar o sono, tanto que ouvi dar 11 horas no Liceu Henrique IV e assim vigiei o resto da noite, sentindo na testa a algidez daquele beijo. Pela manhã, disse logo à minha mãe: Vamos ter noticias do general Cossigny, pois o vi em sonho esta noite... Minutos a seguir, meu pai lia no jornal o falecimento do seu velho Camarada, conseqüente a uma queda da escada. Nenhum de nós tinha visto aquele jornal.

João Dreuihe
Rua Boulangers, 36, Paris.

Como no caso precedente e em todos os análogos, custa não admitir que o espírito veja, à distância. Não é o olho, nem a retina, nem o nervo óptico, nem o cérebro.

Você deveria ter notado, igualmente, o caso do marechal Serrano, contado pela própria mulher dele.

Havia já um ano que meu marido sofria e via agravar-se a enfermidade que o devia levar. Pressentindo o próximo desenlace, meu sobrinho, general Lopez Dominguez, dirigiu-se ao presidente do ministério, Senhor Canovas, para obter o enterramento numa igreja, como se fazia com os militares dessa patente. O rei encontrava-se na sua Quinta do Prado e recusou o pedido do general, ajuntando, contudo, que prolongaria o seu estágio ali, a fim de que a sua presença em Madrid não impedisse as honras militares a que tinha direito o meu marido. Os sofrimentos deste aumentavam dia a dia, a ponto de já não poder deitar-se, passando as noites numa poltrona. Um dia, pela madrugada, em estado de completo aniquilamento devido ao uso da morfina, ele, que não podia fazer qualquer movimento sem auxilio de terceiros, levantou-se de súbito, ereto e firme, e, num timbre de voz forte, que nunca lhe surpreendi na vida, gritou: Vamos, depressa, façam montar um oficial! Ao Prado! O rei acaba de morrer! E retumbou, exausto, na poltrona. Todos nos convencemos que aquilo não passava de um delírio e recorremos aos calmantes. Ele

pareceu sossegar, mas, dai a minutos, tornou a erguer-se e, agora, com voz débil, quase sepulcral, disse Meu uniforme, a espada.. . o rei esta morto! Esta a sua última manifestação de inteligência. Depois de recebidos os sacramentos e a bênção do papa, expirou. Afonso XII morreu sem estas consolações.

Essa tremenda visão de um moribundo era verídica. No dia seguinte toda Madrid, atônita, comentava a morte do soberano, quase isolado no Prado. O real cadáver veio para Madrid e por isso não pode Serrano receber as homenagens que lhe estavam prometidas. E' sabido que, estando o rei no seu palácio de Madrid, todas as honras lhe pertencem, ainda mesmo que morto, enquanto ali estiver o corpo. Foi o rei que apareceu a meu marido? Como lhe chegou à notícia do fato distante? E' assunto para meditação.

Condessa de Serrano (Duquesa de La Torrc.)

Temos aqui, pois, um moribundo, duplamente aniquilado pelo uso da morfina, a assinalar um acontecimento imprevisto e de toda a gente ignorada. Como, também neste caso, repelir a conclusão de que o seu espírito houvesse percebido, de qualquer forma, a ocorrência?

A visão à distância, notadamente em estado sonambúlico e em sonho, está demonstrada por observações tão copiosas, que se torna incontestável. Não sei como lobrigar nela um argumento favorável às

hipóteses ditas materialistas, mas ao contrário, argumentos em prol de uma entidade psíquica, dotada de faculdades especiais.

Mas, que dizer dos sonhos premonitórios e da visão exata de acontecimentos posteriores ? Com isso é que me parece oportuno coroar esta resposta.

Leia, por exemplo, este sonha banal, ao demais, e que nada tem de preparado pelas teorias filosófico transcendentes.

Encaminhava-me, no sonho, para o externato e ia atravessando a praça da República, em Paria, com um guardanapo debaixo do braço, quando, justo em frente às lojas do Pobre-Jaques, passou um cão acossado por um bando de garotos. Contei-os exatamente, eram oito. Caixeiros preparavam os mostruários, uma vendedora ambulante passava com o seu carro pejado de frutas e flores. No dia seguinte pela manhã, buscando o colégio, vi o mesmo quadro, no mesmo local e com todos os pormenores sonhados: o cão a correr pela sarjeta, os oito malandrotes a perseguirem-no, a vendora com a sua carreta em direção à alameda Voltaire, e os caixeiros do Pobre-Jacques arrumando as fazendas nas portas.

D . Hanrwás Avenida Lagache, 10 (Sena).

Se admitirmos que o cérebro, órgão físico, seja capaz, com todas as suas secreções, de assim entrever em todas as suas minudências um evento a realizar-se,

importa, creio bem, substituirmos, no Instituto, a Academia de Ciências Morais pela de Medicina, ou, mais simplesmente falando, por uma clínica qualquer.

Ver o futuro! Não estamos em pleno psiquismo? Note-se que estes sonhos premonitórios não são raros, ao demais. Tenho citado muitos e conheço muitos mais.

Lembra-se do que me contou o pai daquela encantadora pensionária do segundo Teatro Francês ?

Em 1869, por ocasião do plebiscito, tive um sonho ou melhor - um pesadelo horrível. Via-me fardado, militar, estávamos em guerra. Simples soldado, amargurava todas as exigências do cargo: marchas, fome, sede; ouvia as vozes de comando, a fuzilaria, o canhão; gritos de moribundos e muitos mortos tombados a meu lado . De repente, eis num pais e numa aldeia onde deveríamos enfrentar terrível ataque do inimigo: Prussianos, Bávaros e cavaleiros (dragões badenaes), dos quais nunca vira os uniformes, pois ninguém pensava em guerra. Em dado momento, vi um oficial dos nossos trepar a um forno, munido de umas barras, a fim de observar os movimentos do inimigo; depois, vi-o descer, ordenar o toque de avançar e levar-nos céleres, baionetas caladas, sobre uma bateria prussiana . A essa altura do sonho, travada a luta corpo a corpo com os artilheiros, vi um deles dar-me um golpe de espada na cabeça, tão forte que me abriu o crânio de meio a meio. Foi assim que

despertei. Tinha cuido da cama e machucado a cabeça no fogareiro.

Este sonho teve confirmação real no dia 6 de Outubro de 1870. Local, escola, a igreja, nosso comandante trepado no forno, o toque de clarim e a investida às baterias prussianas. Ai, pelo sonho, deveria ter fendido a cabeça por um golpe de sabre, e a verdade é que o esperava realmente. Não deixei, contudo, de receber um golpe de lanada (certo atirado à, cabeça), mas, aparado a tempo e derivado para a coxa direita.

Régnier
Antigo sargento-mor da Companhia de franco-atiradores de Neuilly-sur-Seine, rua Joana Hachette, 23, Havre.

Poderíamos supor, com Alfredo Maury, que a pancada foi o que originou o sonho, mas essa hipótese nada tem que ver com a premonição.

Objeta-se, às vezes, que os sonhos desta espécie - são a desoras arranjados, mui sinceramente embora, na imaginação dos narradores . Certo não será impossível que se produzam modificações da memória; mas a objeção se anula por si mesma se considerarmos a impressão do observador, pois é precisamente essa impressão do já visto, que o tocou. E, depois, há casos em que se torna impossível qualquer modificação, como por exemplo este:

Sonhei que estava passeando de bicicleta, quando um cão se atravessou no caminho e eu caí, quebrando-se o pedal da máquina. De manhã, contei o sonho à minha mulher, que, conhecedora da exatitude dos meus sonhos, concitou-me a não sair de casa. Resolvi satisfazê-la, mas, às 11 horas, justamente quando nos sentávamos ã mesa do almoço, chegou o estafeta com uma carta com a noticia de haver adoecido minha irmã, que morava distante de nós 8 quilômetros. Esquecendo o sonho, apressei o almoço e monteia bicicleta. Fiz o percurso normalmente até ao ponto em que me vira em sonho, na noite antecedente. Mal se me desenhava na mente o quadro onírico e eis que surgiu, de uma granja, um canzarrão tentando abocanhar-me a perna. Sem refletir, quis dar-lhe uma ponta-pé; desequilibrei-me e caí com a máquina, quebrando-se-lhe o pedal.

Realizava-se, assim, o sonho com todos os pormenores. Notai, peço-vos, que era a centésima vez, no mínimo, que eu fazia aquele trajeto, sem que houvesse ocorrido qualquer acidente.

Amadeu Basset Tabelião em Vitrac (Charente)

E mais este

Em 1868, contava eu 17 anos e estava como empregado de um tio, estabelecido com mercearia na rua de S. Roque, 32. Certa manhã, impressionado com o sonho que tivera, contou-me ele que se vira à soleira da porta e, dirigindo o olhar para a rua dos Campinhos,

viu aproximar-se um ônibus da E. de Ferro do Norte, que parou em frente do seu armazém. Desse ônibus desceu sua genitora e o veiculo seguiu o itinerário, levando sua avó e uma outra senhora vestida de preto, com uma cesta ao colo. Ambos nos rimos daquele sonho tão fora de termo, visto que minha avó jamais ai atrevera a vir sozinha da Estação do Norte à rua de São Roque. Residindo perto de Beauvais, sempre que desejava passar algum tempo com os filhos, em Paris, ela escrevia de preferência a meu tio, a fim de esperá-la na Estação e conduzi-la invariavelmente de carruagem ..

Ora, naquele mesmo dia, à tarde, estando meu tio à porta, aconteceu que, olhando casualmente para a esquina da rua dos Campinhos, viu desembocar um ônibus da E . de Ferro do Norte, vindo parar à porta, da loja, Havia no dito ônibus duas mulheres e uma delas era justamente minha avó. Esta desceu e o ônibus seguiu levando a outra dama, tal qual a entrevisada no sonho, isto é, vestida de preto e com uma cesta ao colo. Calcule-se a estupefação geral! Minha avó acreditando fazer-nos uma surpresa, e meu tio contando-lhe o sonho!

Paulo Leroux Neuborg

Restrinjo-me a estes testemunhos, por isso que, no fim de contas, é só querer e recolher a mancheias quantos desejemos. As ciências mais exatas, mais

positivas, não se estabeleceram senão mercê do raciocínio humano e a própria astronomia - rainha das ciências - baseia-se na teoria da gravitação, da qual dizia Newton, seu fundador, que: As coisas se passam como se os corpos celestes se atraíssem na razão direta das massas, e inversa do quadrado das distâncias. Pois bem: diante dos exemplos de visão espiritual, à distância, sem auxílio dos órgãos corporais; diante do fato, ainda mais misterioso e incompreensível, do futuro entrevisto com precisão, digo por minha vez: as coisas se passam como se no organismo humano houvesse uns seres psíquicos, espirituais, dotados de faculdades de percepção ainda desconhecidas . Esse ser, essa alma, esse espírito, opera e percebe pelo cérebro, mas não é função material de um órgão material. Eis aí, parecem-me, conclusões lógicas, estabelecidas sobre um método escrupuloso, inatacável. Elas afiguram-se-me superiores às negações, tanto quanto às afirmações desacompanhadas de provas e baseadas numa fé cega. A Fé, os pretensos milagres, o próprio martírio, nada provaram jamais, pois têm servido a todas as causas políticas ou religiosas mais díspares, antagônicas e até absurdas, às vezes . Só a ciência pode, verdadeiramente, esclarecer a Humanidade.

FLAMMARION

Este o estudo que publiquei no último ano do passado século. Como já o disse, meu amigo Saint-Saens não guardou ressentimento desta minha oposição ao seu sistema e, muito pelo contrário, nossas relações se tornaram mais íntimas . Contudo, ele não ignorava a existência dos fenômenos psíquicos, como se evidencia nesta carta de Julho de 1921:

Relendo pela nona vez teu último livro ocorreu-me uma reminiscência que te quero contar hoje mesmo.

Foi em Janeiro de 1871, no último dia da guerra. Estava eu num posto da vanguarda, em Arcueil-Cachan, e acabávamos de jantar um excelente cavalo, ensopado com taráxaco por nós mesmos colhido. Aquele repasto reconfortara-nos a todos e estávamos até alegres, mais do que o permitiam as circunstancias . Súbito, sinto timbrar-me no cérebro o musical queixume de acordes dolorosos, dos quais fiz, mais tarde, o prelúdio do meu Réquiem, ao mesmo tempo em que me assaltava o pressentimento de uma desgraça. Fiquei profundamente acabrunhado. Depois, soube, naquele momento exato morria Henrique Regnault, a quem me ligava a mais profunda amizade. A noticia de sua morte causou-me tal impressão que me levou ao leito por três dias. Tive, assim, como vê, uma prova real da telepatia, antes que o vocábulo se inventasse. Razão tem tu em pensar que a ciência clássica ignora o ser humano e que todos temos o que aprender.

Camila Saint-Saens.

Aqui, cabe apenas repetir o que já havíamos replicado ao ilustre amigo:

Es o mais inspirado dos compositores, glória do Instituto, pensador contemporâneo dos mais profundos, mas, não és lógico.

E achava-o ilógico tanto mais quanto, por outro lado, me havia ele assinalado observações pessoais bastante característicos, que publiquei no tomo II de A Morte e o seu Mistério.

Não é o espírito o que estará em jogo nestas manifestações? Como considerar as propriedades da matéria? Ora, os meus leitores sabem que estes casos psíquicos são assaz freqüentes para que possamos atribuí-los a coincidências fortuitas. O cálculo das probabilidades comprova-lhe matematicamente a realidade.

A mim me pareceu que esta revocação ao passado, com a permuta de idéias entre dois investigadores independentes, tinha cabimento como prólogo deste atual estudo.

Direi, ainda, que o próprio Saint-Saens deu, de aí mesmo, um exemplo pessoal da independência da alma em relação ao corpo. Ele faleceu na idade de 86 anos, aos 16 de Dezembro de 1921. Ainda no dia 16 de Outubro, jantara em Juvisy e todos ficaram encantados com a sua conversação. Espírito ágil, como se tivesse

20 anos, queixava-se, todavia, da sua fraqueza orgânica e mal pode escalar a copula para observar Vênus e Arcturo, na companhia doa nossos colegas da Sociedade Astronômica, quais o príncipe Bonaparte, os condes de Gramont e de Baume Pluvinel e outros. Ele queixava-se das pernas. Nessa mesma ocasião, a 21 de Outubro, O Menestrel publicou-lhe um artigo fulgurante a respeito de Berlioz, Via-se, assim, que, enquanto o corpo deperecia, o espírito mantinha-se na plenitude do seu vigor. Esse contraste, entre o organismo físico e o elemento espiritual, não é raro.

CAPITULO I
AS PROVAS EXPERIMENTAIS DA SOBREVIVENCIA

Resposta, preliminar a algumas críticas. - A averiguação dos fatos. - Cegos e negadores por preconceito. - Laplace e o cálculo das probabilidades. - Escolha de observações exatas

Os leitores sérios e competentes, que conhecem exatamente a situação em que se encontra o nosso problema e dão o devido valor aos resultados colhidos na sua pesquisa, acharão talvez supérfluo que me houvesse proposto responder, neste capítulo, a objeções destituídas de valor intrínseco, formuladas por negadores intransigentes, que recusam admitir a qualquer preço a existência dos fenômenos metapsíquico . Eu, porém, por minha vez, penso não ser supérflua uma resposta formal a essas denegações, por isso que a maioria das criaturas ignora, inevitavelmente, esses fenômenos, disposta por conseqüência, a recusá-los. Ainda que eu não pudesse convencer mais que um leitor, da erronia desses negadores cegos, prestaria um serviço ã causa da instrução geral.

Se quisermos, para convicção pessoal, possuir uma opinião firme e inatacável sobre a realidade, a natureza e o interesse dos fenômenos psíquicos, importa saber, antes de tudo, que as ilusões da vista como do ouvido ; do tato como de todos os sentidos, são fáceis e podem derivar de mil causas inesperadas, pelo que, devemos

primacialmente precatar-nos de todos os erros possíveis .

Em regra, observa-se mal, não se vai ao âmago das coisas, contentamo-nos com as aproximações. O método científico, contudo, impõe-se aqui, mais que alhures, se é que visamos uma instrução fundamentada. Tomadas estas precauções preventivas, apreciando com inteira liberdade os fatos observados, todas as opiniões de milhões de criaturas deixam de ter, para nós, qualquer valor.

Que isso fique entendido de uma vez para sempre. Quanto às superstições, conscientes ou inconscientes, eu lhes consagrei um copioso comentário de 50 páginas em meu livro - As Forças Naturais-Desconhecidas, tornando-se inútil repisar no assunto.

Com Emílio Boirac, podemos pensar que a razão principal das prevenções e desconfianças que as ciências psíquicas ainda suscitam a alguns confrades contemporâneos, provém da feição que primitivamente as revestiu, e da qual não me parecem bastantemente emancipadas. De fato, elas começaram por demonstrar as Ciências ocultas, ou, pelo menos, fazendo parte desse confuso conjunto de observações empíricas, de tradições, hipóteses e sonhos, abrangidos naquela. designação e assim vizinha da astrologia, da magia e de ciências outras embrionárias, da antiguidade, da Idade Média e da Renascença.. Há somente dois séculos que elas se emanciparam, e pode ser que ainda

subsistam para um que outro praticante de índole mística, em sua feição antiga; mas, por isso mesmo, devemos esforçar-nos em dar-lhe o verdadeiro espírito científico moderno, ainda mais sabendo que da astrologia saiu definitivamente à astronomia, da alquimia, a química, sem que uma e outra guardassem eiva de ancestralidade, à guisa de pecado original. Assim, pois, as ciências psíquicas que tiveram mais ou menos por berço a magia e o sortilégio, hão de merecer progressivamente o qualificativo de ciências efetivas e positivas, graças ao emprego perseverante do método experimental. Aqui estudamos, de fato, o maior dos problemas. O conhecimento da alma a investigação do seu destino, é um estudo que apaixona Um biógrafo acaba de escrever que a minha vida, após a investigação do mundo astronômico e a demonstração da vida universal, não fez senão provar a existência da alma, e pelo que não teria sido inútil ao progresso da Humanidade. Por mim, espero que assim seja.

Uma discussão criteriosa se impõe atualmente. A publicação do 3.° volume da minha trilogia metapsíquica - A Morte e o seu Mistério, consagrada às manifestações post mortem, provocou tempestades e recriminações de alguns publicistas ignorantes, uns parecendo ponderados, de boa fé, a raciocinarem, como toda a gente, leviana, inconscientemente; outros

dando provas de má fé, de acrimônia mesmo, o que é tão extravagante quanto inútil.

Aqui, cabe fazer uma curiosa advertência: nosso desejo tão legítimo, tão natural, de conhecer a natureza da alma; saber se ela tem, de fato, existência pessoal, sobrevivência à destruição inevitável do corpo; esse desejo, digo, nos cria inimigos, adversários que se põem a engendrar mil obstáculos contra essa investigação imparcial e independente, no intuito de a deterem, seja como for! Oposição sistemática, incrível, mas real.

Oportuno, portanto, examinar agora o assunto com atenção toda especial e aplicar-lhe os princípios do método científico-positivo . Tomemos essa discussão na origem mesma dos incidentes que a provocaram.

A 16 de Junho de 1922,, O Jornal honrou-me com a publicação do seguinte artigo a ele endereçado

OS MORTOS SE MANIFESTAM

As investigações atinentes à natureza e sobrevivência da alma devem ser feitas com o método idêntico ao das demais pesquisas cientificas, livres de prejuízos e preconceitos e fora de toda e qualquer influência sentimental, ou religiosa. Há, ou não há manifestação de mortos? Essa a questão. Ora, eu digo que há. O Jornal, no qual me orgulho de haver

colaborado, ao tempo do seu fundador, meu espiritual amigo Xau, chamou a atenção para este problema secular, e assim venho oferecer aos seus leitores um fato dos que melhor me provaram a sobrevivência da alma. Ao mais céptico dos contraditores, desafio a sua explicação sem que admita a ação do defunto.

Trata-se de um engenheiro e proprietário de duas fábricas, uma em Glasgow, outra em Londres. Na fábrica escocesa, tinha ele um empregado de nome Roberto Mackenzie, que lhe era profundamente reconhecido e devotado. O patrão residia em Londres. Uma sexta-feira, à noite, os operários de Glasgow davam o seu baile anual. Roberto Mackenzie, que não gostava de dançar, pediu licença para ficar no serviço do buffet. Tudo correu bem e a festa continuou no sábado. Na terça-feira seguinte, pouco antes de 8 horas, o engenheiro teve na sua casa de Campden-Hill a seguinte manifestação, que ele mesmo resumiu assim

Sonhei que estava assentado junto de uma escrivaninha e conversava com um rapaz desconhecido. Roberto Mackenzie aproximou e eu, contrariado, perguntei-lhe um tanto áspero se me não via ocupado. Afastou-se contrariado, mas logo se aproximou novamente, como se precisasse de atenção imediata. Repreendi-o, então, com maior aspereza, exprobrando-Ihe a impertinência. Nesse ínterim, a pessoa com quem antes conversava despediu-se e Mackenzie aproximando-se mais . . .

- Que é isso Roberto? - disse-Ihe irritado. - Não vês que estou ocupado?

- Sim - respondeu -, mas é que eu preciso falar-Ihe imediatamente. . .

- Mas a que propósito? Que urgência é essa?

- Quero dizer-lhe que estou sendo acusado por um Peito que não pratiquei e necessito que o senhor o saiba e me exculpe do que me atribuem, porque estou inocente. - Depois, acrescentou: - não fiz o que eles dizem...

- Mas, que foi? - repliquei ainda.

Repetiu a mesma coisa e então lhe perguntei naturalmente

- Mas, como te perdoar se não sei de que te acusam? Jamais esquecerei o tom enfático da sua resposta em dialeto escocês: Saibamos em breve. Minha pergunta foi Peita, no mínimo, duas vezes e certo estou de que a resposta foi dada três vezes, da maneira mais expressiva. Nessa altura acordei, guardando certa inquietação do sonho tão singular, Não cogitava de qualquer significação, e eis que irrompe no quarto, minha mulher muito comovida, a agitar uma carta aberta e a exclamar:

- Ah! James, que coisa horrível no baile dos operários... O Roberto suicidou!

Compreendendo o sentido da minha visão, repliquei-lhe tranqüilizado e convicto:

- Não, ele não se suicidou.

- Como podes saber? - Porque ele me disse.

Quando ele apareceu - para não interromper a narrativa omiti este pormenor -, fiquei impressionado com o seu aspecto. O rosto azulado, de um azul desmaiado e a testa manchada como que de gotas de suor.

Eis o que ocorrera: Ao recolher, na noite de sábado, Mackenzie se enganara, tomando como de uísque uma garrafa de água-forte, e tendo de um trago ingerido um cálice, faleceu no domingo, em atrozes sofrimentos. Todos pensavam num suicídio e dai a sua manifestação, no intuito de desculpar . O mais curioso vem a ser que, procurando inteirar-me dos sintomas que produz o envenenamento pela água-forte, verifiquei serem mais ou menos idênticos aos que apresentava a fisionomia de Roberto. A versão do suicídio não tardou a desfazer, conforme carta do meu preposto na Escócia, recebida no dia imediato.

Ao meu ver, esta aparição ai pode ser atribuída ao profundo reconhecimento do rapaz, pelo fato de o haver tirado da miséria, Ele quereria conservar digno aos meus olhos.

Eis a narrativa do industrial de Glasgow. Procurando revelar a verdade, a propósito de um pretenso suicídio, não prova esse operário a sobrevivência da alma? Convém assinalar, de passagem, que o suicídio é considerado crime, na Inglaterra.

Nós possuímos centenas de observações análogas, feitas por homens ponderados, que contam simplesmente o que ai passou com eles. O único meio de fugir a explicações é negar os fatos, dizendo que são criações imaginárias, que as pretensas testemunhas mentiram. Ora, esse industrial de Glasgow era amigo de Gurney, um doa fundadores da Sociedade Inglesa de Investigações Psíquicas, que o conceituava e estimava como homem de bem a toda prova. Pois bem: a menos que acusemos de impostura todos os observadores, que os averbemos de visionários ou mais ou menos sandeus, havemos de admitir estes fatos, tal como admitimos a queda de um raio, caprichoso e inexplicados. Não se pode negar. Importa, antes, confessar francamente que há por ai toda uma ordem de coisas ainda desconhecidas às investigações cientifica. No caso particular que acabo de expor, este rapaz, envenenado por equivoco, na noite de sábado para domingo, em Glasgow, apareceu na terça-feira seguinte, em Londres, ao seu patrão (que ignorava o fato) para lhe declarar que não se suicidara. Estava morto havia 48 horas. Ninguém poderá imaginar, neste caso, a coincidência de um sonho tão exato e tão-pouco obra do acaso, ou o que quer que seja.

Os que negam estes fatos, são ignorantes, ilógicos, ou capciosos, de vez que, conhecendo-os, não atino como possam eliminar o ato do defunto.

Camilo Flammarion.

Este o artigo publicado pelo Jornal . Confesso que, contra os meus hábitos, empreguei nele um tom algo agressivo, no intuito de provocar discussão e ver o que poderia daí resultar. No dia seguinte, o confrade-Senhor Clemente Vautel, reconhecidamente céptico nestes assuntos, respondeu com esta negativa radical:

MEU FILME

Por uma bela tarde de verão do ano de 1861, o Senhor Henrique Cower encontrava-se na sala de jantar de sua residência em Sydney, Austrália. Indisposto, inapetente, não conseguia

afugentar os pensamentos tristes que o assaltavam . De repente, ouviu um estalo brusco e seco. Rachara-se o espelho que estava em cima do aparador. E' esquisito - disse o Senhor Cower. Semanas depois, veio a saber que, no momento exato em que o espelho se fendera, falecia repentinamente em Mineápolis, nos Estados Unidos, sua velha tia Dona Doroteia Mac Clure. Este fato autêntico não prova, de maneira, irrefutável, a realidade das manifestações de além-túmulo

Doutra feita, é um tal Arquibaldo B. Blackburn, de Chicago, que, em 1874, vê aparecer-lhe em Woodston (Ohio) o seu amigo João Guilherme, de New Tipperary (Massasuchets) . João Guilherme apresenta-

ai de rosto congesto, como que sufocado, a fazer gestos extravagantes.

Que tens? - pergunta-lhe o amigo.

- Vale-me, afogo-me - responde-lhe João Guilherme, logo desaparecendo,

Blackburn recolheu-se ao leito, muito impressionado, e oito dias depois teve a noticia de que o amigo perecera afogado no rio Missouri, na data e no momento preciso em que o fantasma lhe pedira socorro.

Os que negam estes fatos eloqüentes - diz-nos o Senhor Flammarion - são ignorantes, ilógicos, ou de má fé.

Pois bem: eu os nego a todos, em bloco e da maneira mais categórica. Tenho lido livros do Senhor Flammarion e de outros exploradores do mistério, inumeráveis episódios estranhamente semelhantes a estes aqui relatados. Considero-os, porém, destituídos de qualquer valor documentário. Tudo se tem passado muito longe, alhures, numa época fabulosa, e as garantias faltam absolutamente... Quando penso em nossa inépcia para contar fielmente um acidente há pouco presencia,do ali na rua de Panoyaux, concluo que é estulto estribar toda uma filosofia, uma forma de religião, em anedotas antigas, contadas ao sabor de criaturas que não conhecemos e de quem nada sabemos.

E demais, fala-se muito inglês nessas histórias do outro mundo. Os espíritos, fantasmas, espectros, etc., não são nativos de Pontarlier ou de Romorentin. E' sempre na. Inglaterra ou na América do Norte que eles aventuram as suas manifestação. Dar-se-á, que o Além seja também uma colônia inglesa? Porque, por exemplo, o louco Bessarabo não aparece ao Presidente do Tribunal, ou - melhor ainda - Senhora Moro Giafferri, em pleno Júri, a fim de explicar porque elegeu o domicilio no fundo de uma canastra?

Eis o que melhor venceria o nosso cepticismo, antes que toda coletânea de fatos pseudopsíquicos, recolhidos pelo amável pensador Camilo Flammarion.

Clemente Vautel.

E' assim com chocarrices, simples jogo de palavras, avelórios enfim, que o nosso confrade da grande imprensa imagina ter explicado a manifestação póstuma de Roberto Mackenzie! Permito-me advertir, então, que a sua solução nada tem que .ver com o problema em causa. De fato, ela pode traduzir-se nestas simples palavras: nada disso existe.

Nada? mas, é pouco, realmente, diante de todos os fatos irrecusàvelmente verificados .

Afirmando o Senhor Vautel que tudo se tem passado alhures, muito longe, em época fabulosa e com absoluta falta de garantias, expus-lhe um episódio acorrido aqui na França e, portanto, indene de

antipodismo e nada remoto, nem anedótico. Trata-se de uma observação do Senhor Frederico Wingfield, de Belle-Isle-en-Terre. Eis o fato:

À noite de 25 de Março de 1880 - escreve ele -, sonhei que via meu irmão Ricardo assentado num. a cadeira diante de mim. Falava-lhe e ele apenas sacudia a cabeça em sinal de assentimento, até que se levantou e saiu do quarto. Despertei e vi-me aprumado, com um pé assente no chão e outro na cama, ao mesmo tempo em que me esforçava para pronunciar o nome de meu irmão. A impressão da sua presença era tão forte, tão vivo o quadro, que deixei logo o quarto e caminhei para a sala em busca de meu irmão . Escusado dizer que lã não estava ninguém. Tive, então, o pressentimento de uma desgraça iminente e registrei essa aparição no meu anotário, assim que Deus tal não Permita! Três dias depois recebi a noticia da morte de meu irmão, às 8 1/2 daquele dia, em conseqüência de uma queda quando caçava. O falecimento precedera, portanto, de algumas horas, essa visão tão nítida .

O muito parisiense e muito sutil negativista do Jornal houve por bem acusar o recebimento deste testemunho, fazendo-o, aliás, em carta amabilíssima, da qual destacaria aqui apenas estas linhas

E verdade que o fato se deu ali nas Costas do Norte, mas, ainda assim, os personagens são anglo-saxônicos. Ricardo Wingfield Baker não é nada bretão

. Ora, essa historia como todas as outras, não me merecem fé ilusões, gabolices, lérias.

Vê-se, então, que uma observação tão característica nada vale parque o narrador não é francês! Fosse ele francês e a sentença. não deixaria de ser idêntica. Lérias, não mais que lérias em todas essas histórias . Mortes, luto, dores, desesperos, tudo isso vale nada e o que nos cumpre é rir. Essa maneira de interpretar fenômenos inexplicáveis é, evidentemente, de uma extrema simplicidade! Notemos, contudo, que essa é a pauta comum, pois todas as ciências foram assim julgadas nos seus primórdios.

A objeção não tem, de resto, nenhum valor, visto que uma observação em Roma ou em Londres é tão respeitável como em Paris, e ainda porque se trata de fatos verificados no mundo inteiro e a França não tem deles monopólio.

Alguns dias depois, isto é, a 18 de Junho, recebi esta carta de Boulogne-sur-Mer, sumariando uma observação bem francesa, portanto:

Li vosso artigo do dia 16, intitulado Os mortos se manifestam. Li, também o Meu filme do nosso humorístico Vautel, que nega os fatos de que falais, pretextando que eles ocorrem sempre em países distantes. Vou então contar vos um, ocorrido em Paris, em 1911, que podeis transmitir ao Senhor Vautel.

Em Fevereiro de 1906 perdi meu pai no hospital Cochin, em conseqüências de uma operação. Como

minha mãe não tivesse, no momento, recursos para custear o enterro, o hospital o fez por sua conta e a inumação se verificou em vala comum, no cemitério de Bagneux.

Cinco anos mais tarde, achava-me em casa, na rua Etex, por sinal, e passeava em meu quarto de um lado para outro, isto de manhã. Em dado instante, ao encaminhar-me para a cozinha, a fim de fazer a primeira refeição (precisamente às 7 horas), vi, de repente, ali surgir meu pai, tendo a mão direita pousada no cano da pia. Era exatamente ele, com a fisionomia calma que tinha em vida.

Passaram-se meses e eu a ninguém relatei o caso, temeroso de que me ridiculizassem. Uma noite, entretanto, ao visitar uma irmã, resolvi contá-lo e ela logo me interrompeu: Olha, foi justamente nesse dia que desenterraram papai...

- Mas - objetei - como é que me não avisaram? - Porque pensávamos que lá não estarias tão cedo. - Então a que horas ?

- As 7 da manhã.

Pois fora precisamente há essa hora que ele me apareceu. Agora, pergunto: porque o teria feito? Seria uma censura pela minha ausência na reabertura da sua cova? Contudo, não era minha culpa, de vez que não fora prevenido.

Nessa época eu em nada cria, pois fora educado fora de qualquer religião, Asseguro-vos, porém, agora,

que, depois de ter visto meu pai, acredito em Deus e na imortalidade da alma.

Aceitai os protestos de minha escrupulosa sinceridade.

Senhorita H. H. (meu nome reservado) .

Pode-se ainda aventar, aqui, a sediça hipótese de uma alucinação sem causa, mas, como lhe não opor a coincidência da visão com o desenterramento do pai da narradora ?

E' nesse ponto que o problema, se nos impõe. Qualificar de gabolice a narrativa? Não será preferível confessar que nada sabemos, mas, que há nisso algema coisa e que o nosso dever é reconhecer os fatos?

(O Senhor Vautel é um homem muito espirituoso. Voltaire também o era... Copérnico, Képler, Galileu, Newton, Colombo, Gutenberg, Denis, Papin, Fúlton, Volta, Ampère, espíritos científicos, eram menos humorísticos e, contudo, o progresso lhes deve alguma coisa de sua ascensão.)

Eis, agora, um caso no qual a hipótese alucinatória é inadmissível, pois apresenta dois testemunhos independentes. Ele me foi comunicado de Estrasburgo em 17 de Junho deste ano de 1922:

Meu irmão, Hubert Blanc, era capelão dos frades Maristas em Saint-Paul-Trois-Châteaux (Drõme) . Um monge que, enfermo, há muito não se levantava da cama, achava-se às portas da morte. Meu irmão

visitava-o sistematicamente. Certo dia, em conversa, disse-lhe o enfermo:

- Saiba que não irei sem dar-lhe o meu adeus.

- Perfeitamente - respondeu meu Irmão em tom de gracejo.

Dois ou três dias depois, mal se haviam deitado, as 10 da noite, minha mãe e meu irmão perceberam ao mesmo tempo, posto que em quartos afastados, um ruído bem acentuado de chave abrindo a porta da rua, logo seguido de passos no corredor. Minha mãe, assustada, gritou com todas as forças por meu irmão, dizendo:

- Hubert, tem gente no corredor .

Meu irmão, que também ouvira o mesmo ruído, levantou-se de um salto, percorreu toda a casa, verificou que a porta estava intacta e nada havia de anormal. E contudo, mal terminava essa inspeção, o telefone tilintou : Alô! alô! venha imediatamente, Senhor Capelão, pois alguém está morrendo. Meu irmão apressou-se e lá encontrou o frade a exalar o último suspiro. Este fato, contado por testemunhas fidedignas, causou grande sensação em toda a comunidade. Minha mãe e meu irmão mo confirmaram muitas vezes, e eu vos autorizo a publicá-lo, se assim lhe aprouver. Meu irmão faleceu em Grignan (Drome), onde exercia o paroquiano.

Mário Blanc

Diretor técnico da confeitaria A Cegonha, Estrasburgo .

Essas manifestações, ruído de passos, de chaves, chamados telefônicos, etc . , são efetivamente inexplicáveis, mas são fatos observados cora certeza, incontestável. E conta-se por milhares. Não se pode dizer que tenham sido inventados. O número de narrativas em meu poder passa de 5.600, sem contar as de outras fontes, em todos os países. Não ver nisso mais que farsa, é inadmissível. Das muitas cartas recebidas a propósito do artigo em questão, destacarei esta, literalmente transcrita

Dampierre (Seroe-et-Oise), 16 de Junho de 1922.

Caro Senhor e ilustre Mestre.

Peço-lhe desculpar a indiscrição e importunidade destas linhas. Depois de ler, hoje, o seu artigo no O Jornal, ocorreu-me lembrar o seguinte fato, cuja autenticidade posso garantir. Meu falecido avô, que era fiscal municipal aposentado, ao sair um dia do seu quarto, contou que tivera naquela noite um sonho esquisito: sonhara com o seu primo J. P. a dizer-lhe que acabava de morrer e lhe pedia que.o acompanhasse ao tabelião, onde faria o seu testamento. Bem não acabava de relatar o sonho, chegava o estafeta com o telegrama avisando a morte do primo, cuja enfermidade ignorávamos .

Essa coincidência muito impressionou a todos. Mais tarde, aberto o testamento, grande foi o espanto

da família ao verificar que não legara coisa alguma aos parentes que tanto estimava . O herdeiro contemplado chegou a ser acusado de falsificação. Dar-se-á que J. P, quisesse, com aquele sonho, despertar atenção paia a anomalia do referido testamento ? E' o que poderá melhor ajuizar o Mestre, se dignar de ler estas linhas. Finalmente, peço-lhe que aceite os protestos de minha respeitosa e profunda admiração.

Paulo Brustier

Coletor de Dampierre (Seroe-et-Oise).

A estas observações inexplicadas e inexplicáveis poderíamos juntar outras muitas, análogas. Poder-se-á tentar interpretá-las como transmissões telepáticas e subconscientes, mas, negá-las é absurdo. Como se explicam? Antes de afirmar a ação de uma inteligência estranha à nossa, importa engatar todas as hipóteses naturais, tanto as de um trabalho inconsciente do espírito, quanto às de uma memória a que nada tenha escapado. Este rigorismo é necessário.

*

Regressemos, contudo, ao precedente caso de Robert Mackenzie e à sua interpretação, analisando-a, dissecando-a. O que procuramos são provas da sobrevivência da alma. E demonstração de tal importância, que exige exame rigoroso e máxima ponderação de todas as abjeções formuladas. A

aparição de Mackenzie, em sonho, no intuito de se exculpar de uma falta imaginária, suscita mais de uma objeção.

Notarei, desde logo, que esta narrativa foi extraída, um tanto resumido pelo O Jornal, do meu livro - Depois da Morte - e que, entre as objeções possíveis assinalei, nesse mesmo livro, a de sugestão retardada. E como, de regra, o público é alheio a estes estudos, não falei disso em meu artigo.

Examinemos então, aqui, essa hipótese de uma transmissão de pensamento do moribundo, antes de expirar e permanecendo latente no cérebro do receptor, para só aflorar depois do sono repousado. A este propósito, recebi, de um leitor, os comentários seguintes, que expõem nitidamente não só essa hipótese, como a de uma transmissão de pensamento pela leitura da carta recebida pela mulher do engenheiro:

Pode ser - escreve-me o amável correspondente - que Mackenzie, durante a sua demorada agonia tivesse apreendido, sem poder desmenti-los, os comentários das pessoas que o cercavam. Falar-se-ia de suicídio, num meio em que o suicídio tem foros de crime. O honesto rapaz ficaria, então, no seu delírio, possuído da idéia fixa de esclarecer o seu benfeitor, de lhe dizer a verdade. E, como o pensamento não podia vocalizar-se, o instinto poderia, talvez, encontrar os meios de comunicação admitidos em telepatia, que o senhor não

recusa. Lançada no espaço, a mensagem chegaria logo ao destinatário desprevenido? De início, o industrial muito absorvido pelos negócios - mesmo em sonho, a narrativa o prova - mostra-se refratário à entrevista, terá possivelmente repelido o importuno murmúrio; mas, em vindo à noite, apaziguados pouco a pouco outros ruídos dissonantes, o inconsciente se lhe tornou mais sensível ao sutil apelo e, constrangido pela insistência do fantasma, dá-lhe, enfim, audiência. O reato o senhor o sabe. Mas, esse fantasma, a que título poder-se-á afirmar seja uma entidade que regressa do além, antes que um ser ainda vivente no momento da emissão? Exemplos de comunicações retardadas são pelo senhor mesmo citado e como tais admitidas, em casos análogos, notadamente em Antes da Morte, págs. 137 e 162.

Ao demais, outra hipótese se apresenta, inspirada pela sua própria narração, Consideremos que já exista uma carta em viagem, ainda ignorada do engenheiro. Essa carta levava-lhe os pormenores do infausto acontecimento, o que vale dizer que o contexto dessa carta era de natureza a dar ao sonho os primeiros elementos de afloramento e a imaginação, sempre mais imaginativa no estado de sonho, saberia aproveitar a dramaticidade da aparição. Aquele saber em breve, repetido três vezes pelo fantasma, não lhe parece uma alusão direta e precisa ã chegada iminente dessa carta, sugestiva, à distância?

E assim sendo, eis reconduzidos aos fenômenos um pouco menos discutidos de segunda vista, de telepatia, etc. .. Estes, porém, para os que os admitem, não provam inelutavelmente a sobrevivência, objeto único da controvérsia.. A sua interpretação, caro Mestre, de modo algum se anula pelas minhas pois que podem subsistir paralelamente. Mas, desde que ela, enseja hipóteses concorrentes, deixa de ser decisiva de si mesma.

Jorge Izambard (Neuilly)

Uma carta muito séria, esta, que contrasta com a amiga de Clemente Vautel. Ela emite duas hipóteses para explicar o fato. Comecemos pelo exame da primeira.

Tendo-a estudado de há muito tempo, não me será difícil responder.

Recebi, ao iniciar meu inquérito, em 1899, mais de 5.600 observações psíquicas, diferentes, que aditei a 500 outras já em meu poder. Além dessas, outras tantas me chegaram de sociedades e núcleos de estudo da França, da Inglaterra, da Alemanha, etc . ; de sorte que estimo em mais de 10.000 o número de fatos documentados. Nesse número não há dois episódios iguais, como manifestação total, ao de Mackenzie .

O que mais se lhe aproxima, no concernente à impressão cerebral retardada, é o que se encontra em A Morte e seu Mistério, tomo II, pág. 7, e que acima

referi: - a irmã de Luís Noell, bela jovem de 18 anos, subitamente atacada de angina durante um passeio e falecendo após dolorosa agonia, ao mesmo tempo que se manifestava ao irmão em Montpellier.

Inscrevi este fato, absolutamente autêntico e contra o qual não pode haver negação admissível, em o número das comunicações telepáticas entre vivos, e não como póstuma, deixando aberta a porta para a segunda hipótese, por isso que devemos buscar explicação, primeiramente, na mentalidade dos vivos. Frederico Myers, o autor da impressão latente retardada e que a estudou com tanto zelo, admite que o retardamento não pode exceder de algumas horas, doze no máximo e que esse retardamento se explica pela preocupação do cérebro durante o dia, de modo a não facultar a manifestação antes que o espírito repousado possa ressenti-la. No dia da morte o estudante divertia-se. A irmã, acometida no dia 22, à tarde, morreu na manhã seguinte. Ele não se recolheu senão antes da noite de 23 para 24, às 2 da madrugada. Deitou-se satisfeito, adormeceu logo e, lá pelas 4 horas, sonha com a irmã, pálida, sangrante, angustiada, lançando-lhe aquele grito desesperado e indefinidamente repetido . A hipótese do retardamento perceptivo aí se apresenta logicamente. O rapaz não estava em estado de receber, antes, o apelo fraterno. Concebemos, portanto, essa demora de 24 horas após o falecimento, admitindo que a moribunda tenha

desejado a presença do irmão, até que exalasse o derradeiro alento . Assiste-nos o direito, parece-me, dada a situação especial do percipiente, de prolongar a esse ponto o retardamento, posto que, regra geral, ele se limite a poucas horas . Poderemos basear-nos nessa experiência para explicar o caso Mackenzie? Aqui, vemos, essa interpretação não se adapta à realidade.

Ao meu ver, repito, entre milhares de casos observados, o de Luís Noell é o único que se pode comparar ao de Mackenzie. Mas, ainda assim, quanta diferença! Vejamos, analisemos.

Luís Noell ressente a impressão logo que entra em estado propiciatório, na primeira noite seqüente ao apelo, duas horas depois de começar o sono a libertar-lhe o cérebro .

O sonho do patrão de Mackenzie só chegou na, segunda noite, 48 horas depois da morte. Para aplicarmos a este sonho a hipótese do retardamento, importaria supor que o patrão não houvesse dormido a noite precedente. Nada que se relacione, portanto, com o que publicou o próprio Myers e a idéia de uma impressão latente aí não colhe, sendo ele, embora, o autor desta hipótese. Deveríamos, a mais, supor que o cérebro não estivesse em estado de receptividade senão após toda uma noite de sono, até à hora de acordar. Parece-me, portanto, devermos eliminar esta explicação e que, em matéria de retardamento, o de Luís Noell constitui um máximo único, desde que há

um limite ao intervalo possível entre a emissão e a recepção. A ação do morto subsiste, então, como a explicação mais provável e mais admissível .

Quanto à de uma transmissão de pensamento, devida à chegada da carta à mulher do engenheiro, tenho-a por menos concebível ainda, visto que essa carta anunciava o suicídio e não a falsidade da interpretação . Seria preciso admitir que a leitora da carta não acreditasse no que lia e imaginasse um engano fatalístico . Leitura telepática da carta, então, feita pelo engenheiro adormecido e combinações do seu espírito? Hipóteses sobre hipóteses! Aqui, não se trata de relação direta original. Notemos que Frederico Myers, autor da célebre obra Fantasma dos Vivos, não chegou a escrever Fantasmas dos mortos, senão em defesa própria e após 10 anos de discussões contraditórias. Quanto a mim, estou no mesmo caso, só tendo admitido a manifestação dos mortos, na impossibilidade de as explicar como de vivos. As outras hipóteses não resistem a uma análise rigorosa e completa .

Entre as muitas cartas recebidas como fruto de investigações tendentes a explicai o caso, por atos do moribundo, em vida, noto as de Grandmougin, Geoffriault,

Clemente de Saint-Marcq, Kontz, de Schildkvecht, Flobert. A maior parte invoca uma transmissão de pensamento, proveniente da carta recebida pela mulher

do engenheiro. Como temos visto, essas duas hipóteses não colhem. Lembro-as aqui para provar, ainda uma vez, que nós buscamos, antes de tudo, a elucidação completa . Houve nisto um belo exemplo de controvérsia na imprensa francesa; que merece aqui registrado, não obstante a sua extensão.

Ajuntarei, ainda, que o aspecto cadavérico do suicida - lividez da cútis e manchas sintomáticas de envenenamento letal - atestam superiormente, mais que todas os argumentos, a realidade dessa manifestação póstuma. Pode-se divergir nas explicações, como nas teorias suscetíveis de racionalizar os fatos, mas, negar simplesmente os fatos é um erro indesculpável.

Nossas primeiras impressões levam-nos a atribuir à telepatia entre vivos estas manifestações post-mortem, mas há, casos em que essa interpretação não cabe. Os autores de Fantasmas dos vivos assinalaram, a este respeito o exemplo da Senhora Menncer, a sonhar duas vezes na mesma noite, que via de pé, junta do leito, o irmão decapitado, com a cabeça num esquife ao lado. A senhora ignorava o paradeiro desse irmão, Senhor Wellington, em viagem no estrangeiro . De fato, estava ele então em Sarawok com o Senhor James Brooke e fora morto numa insurreição chinesa. Haviam-no tomados por filho do rajá, cortaram-lhe as cabeças e queimaram o corpo com a casa do próprio rajá. A data do sonho coincidiu mais com o feito. E' quase certo

que a degolação fosse praticada, visto não se tratar de soldados chineses, mas de operários de -uma mina aurífera que, ao assaltá-la, utilizavam como armas tudo que lhes caía em mão. Destarte não poderiam matar um europeu em defensiva, senão degolando-o de um golpe. Há que concluir, portanto, que a impressão sobre a irmã se produziu depois de consumado o seccionamento do cérebro.

O mesmo volume de Fantasmas registra outro caso não menos probante, contra a hipótese telepática antes da morte. E este:

A Senhora Storie, de Edimburgo, morava então em Hobart Town, na Tasmânia. Uma noite, teve um sonho estranho, confuso, numa Série de visões destacadas. Via o irmão gêmeo assentado numa elevação de terreno obliquamente aclarado pela lua. Ele erguia os braços para ela, gritava - o combóio! o combóio! Depois, algo que o esbarra; ele cai inanimado e logo passa um objeto volumoso e negro, apitando. Depois, entrevê um compartimento de vagão ferroviário, o irmão comprimindo a cabeça com as mãos e, finalmente, uma voz desconhecida a dizer-lhe que o irmão acabava de morrer. Ora, o que se verificou foi que, nessa mesma noite, o irmão fora colhido e morto por um combóio, no local em que se assentara para descansar.

Os pormenores deste sonho correspondem à realidade. O Rev. Johnston era passageiro do combóio

sinistro. Não podendo o acidente ser conhecido da vítima, ainda em vida, é preciso admitir a visão sonambúlica produzida pela vítima, atuando sobre a irmã, no momento de passar o combóio, para que ela entrevisse o acidente mortal. Não foi, pois, antes, mas durante e depois do golpe fatal, que ele agiu.

Lógica e normalmente devemos atribuir esses fenômenos a faculdades do ser vivente, porventura ainda desconhecidas da Ciência e, pelo que me toca, sinto-me tanto mais inclinado a isso, quanto a Astronomia nos mostra estrelas já inexistentes, das quais ainda estamos recebendo os raios que elas emitiram há milhares de anos . Assim, mortas, é como se ainda nos falassem. Mas, nem por isso devemos contentar-nos com raciocínios insuficientes.

*

E' muito natural - é até dever nosso - duvidar da manifestação dos defuntos, desde que a prova se não faça. A nossa tendência é para considerar suspeitas todas as narrativas inerentes a manifestações de mortos. A isso nos autorizam a improbabilidade aparente e a raridade das provas positivas ocorrentes . Antes de tudo, a sinceridade dos narradores pode ser posta em dúvida. Há mentirosos, há farsantes.

Depois, no caso de haver sinceridade absoluta, nem sempre a memória são fiéis e, assim, possibilitam-se arranjos e exageros.

Enfim, o problema, em si mesmo, é tão grave que não podemos nem devemos admitir observações que não sejam absolutamente indiscutíveis . E de resto, importa ainda saber interpretar essas observações, convencidos de não poderem elas explicar-se pelas faculdades humanas, só admitindo ação dos trespassados quando não haja hipótese outra admissível. Estes elementos de estudo só prevalecem e vingam sob a condição de ser o observador, de si mesmo, instruído e adestrado nessa ordem de fatos, para falar com conhecimento de causa.

Notarei mesmo, a propósito, que, em geral, se impingem ao público as mais estranhas confusões, a respeito de assuntos metapsíquicos. Assim que, tomando um exemplo recente, parece que umas tais experiências de três professares da Sorbona, em 1922, sobre formação de protoplasmas, deram resultado negativo ou - para ser mais verídico - incompleto, daí resultando a afirmativa da inexistência de manifestações post-mortem. Singular raciocínio! Efetivamente, que pode haver de comum entre a imortalidade da alma e os produtos orgânicos, quaisquer, saídos da boca ou do nariz da senhorita A ou da senhora B ? Certo, milhares de leitores desses periódicos terão acreditado em tais deduções,

estúpidas quão ridículas. Sim, conviria saber do que se trata... Se alguém me dissesse que acabava de presenciar um descarrilamento de trem com mortos e feridos, assegurando-me, concomitantemente, que a Lua não gira em torno da Terra, eu me perguntaria desde logo por qual série de falsos raciocínios o depoente chegara a passar da locomotiva à Lua.

Pois a verdade é que todos os dias vêem aberrações deste jaez. Estas observações, a mim dirigida por pessoas desconhecidas, não diferem das apresentadas por velhos conhecidos, nas quais confio tanto como em mim mesmo. Se as primeiras são verídicas, não há razão para supor que estas não o sejam. A classe dos farsantes rara transparece em narrativas deste gênero, máxime em se tratando de um parente. Elas traduzem luto e mágoas, que não comportam pilhérias. Não se brinca com uns tantos assuntos . E depois, a sinceridade tem as suas características, o estilo é o homem, como disse Buffon .

Encontro-me perante estes correspondentes, na mesma atitude que mantenho com quantos me enviam, de todos os pontos do globo, as suas observações sobre Astronomia e Meteorologia.

Quando alguém me escreve que observou um eclipse, um bólido, estrelas cadentes, uma variação em Júpiter ou Marte, uma aurora boreal, um tremor de terra, um furacão, um arco-íris lunar, etc., eu o creio de sincera e boa fé, sem no entanto deixar de examinar e

julgar a comunicação. Poderão dizer-me que o caso não é identicamente o mesmo, visto que uma observação astronômica, ou meteorológica, pode ter sido feita por diversas pessoas ao mesmo tempo, o que vale por uma espécie de contraprova. E' fato. Mas, quanto ao meu juízo sobre a sinceridade do observador, o caso é absolutamente idêntico: eu o admito a título de inventário e com todos os direitos de livre exame. Nos casos de telepatia, e outros, são os humanos mesmos que estão em jogo, que gozam de todas as suas faculdades intelectuais, que estão no estado de espírito mais normal, provando-o por seus próprios raciocínios . Não tenho, a priori, mais razão para desconfiar de um sábio, de um professor, de um magistrado, de um padre, de um lavrador, quando me expõem um fato psíquico, do que quando se trata de uma observação física. Entretanto, como esses fenômenos são mais raros e menos críveis, comecei por controlar grande número, tomando informações e promovendo inquéritos, que chegaram, quase sempre, a confirmar pura e simplesmente os relatórios recebidos .

Foi o que o seu turno fez a Sociedade Psíquica de Londres. Apesar da algumas variações na forma narrativa, de certas obnubilações de memória, sempre se chega à conclusão da realidade do fato original. Contudo, se os impostores são raros, muitos são os que se iludem. Nesta ordem de fenômenos, poderíamos

dizer que eles formam legião. Ninguém pode avaliar a latitude da credulidade humana! O estilo é também muito característico. Todavia, a falsa moeda não impede exista a legítima. O mais difícil para o homem é, talvez, manter-se independente, dizer o que sabe e o que pensa, liberto de preconceitos . Vitam impendera vero!

Consagrar sua vida à Verdade. Nobre divisa de Juvenal e de Rousseau, que só produz inimigos, pois que esta humanidade é antes de tudo grosseira, bárbara, ignorante, covarde e hipócrita.

O que ainda existe de curioso, talvez, e a pesquisa franca da verdade desagrada a toda a gente, porque cada cérebro alimenta os seus pequeninos prejuízos, dos quais não quer desapegar-se.

Se eu disser, por exemplo, que a sobrevivência da alma, já comprovável pela Filosofia, será dentro em breve experimentalmente provada pelas ciências; psíquicas, mais de um céptico sorrirá da minha afirmação

Se eu disser, ao contrário, que o espiritista que invoca Sócrates ou Newton, Arquimedes ou Santo Agostinho, supondo tutear com eles, é vítima de uma ilusão pela frente todo um partido disposto a lapidar-me.

Pois bem! Enquanto chove o granizo com que me honram, insisto em afirmar que o ser humano não é

conhecido dos naturalistas, nem dos fisiologistas, nem dos filósofos.

Uma pessoa falecida em Paris pode aparecer simultaneamente na Argélia, na América ou na China. E aparece sem deslocar-se.

Uma jovem a dançar uma valsa com o noivo adorado, pode ver, de repente, surgir no salão a genitora e gritar que ela está morrendo, naquele instante, a 1.000 quilômetros de distância.

Um indivíduo passando na rua, sob as janelas de pessoa amiga, pode aparecer-lhe no quarto sem sair da rua. Vosso pensamento pode atuar em outrem, independente dos sentidos.

Poderemos, em sonho, ver um país desconhecido, lá nos sentindo tal como deva suceder 10 anos mais tarde.

Passado e futuro são perceptíveis, só o presente inexiste, atento a que ele se reduz, cientificamente analisado, a menos de um centésimo de segundo . Espaço e tempo não existem, tais como os concebemos, mensuradamente. O que há é o Infinito, é a Eternidade.

À distância de Sírius não tem maiores longos, em relação ao infinito, do que a existente entre a vossa mão esquerda e a direita. A eletricidade já nos familiarizou com as transmissões rápidas, à distância. Eletricidade o luz não necessitam de dois segundos para ir da Terra à Lua. A matéria, tão-pouco, é o que

parece ser. Em resumo: a ciência de todas as academias da Terra não representa mais que enorme ignorância.

Nada sabemos de exato, preciso, absoluto, seja sobre o que for, e a verdade é que estamos rodeados de forças ainda desconhecidas.

Que, pais, ninguém tenha a arrogância de afirmar que isto ou aquilo é possível, ou impossível. Um só direito nos compete - o da modéstia, sobretudo no concernente aos problemas da vida e da morte. Vivemos no desconhecido. Mas, ainda assim, é belo, é bom, é útil investigar .

Laplace raciocinava acertadamente ao escrever, na sua Teoria Analítica das Probabilidades, o seguinte:

Tão longe estamos de conhecer todos os agentes da Natureza e seus modos de ação, que seria pouco filosófico negar quaisquer fenômenos só pelo fato de serem inexplicáveis no estado atual dos nossos conhecimentos. Precisamos, somente, examiná-los com atenção tanto mais escrupulosa, quanto mais difíceis de admitir. E o cálculo das probabilidades se faz indispensável, para determinar até que ponto é preciso multiplicar as observações, a fim de obter, a favor dos agentes que elas indiquem, uma probabilidade superior às razões existentes para não admitir o fenômeno.

Este argumento do imortal astrônomo francês confirma toda a índole do nosso labor atual sobre os

problemas metapsíquicos. Note-se que ele o publicou a propósito do magnetismo animal e da varinha divinatória. Peço a meus leitores ponderarem a última frase, aplicando-a ao número das observações que eu tive que discutir. Com Laplace, estou em boa companhia. Continuemos pois. Há observações que acabam por tornarem-se irritantes. Assim, a que pretende só admissível o fenômeno científico quando suscetível de renovação. Tanto vale concluir pela inexistência do raio, por não podermos recomeçá-lo .

Negar a queda de um aerólito, por não podermos reproduzi-la à vontade. Haver por fabuloso um eclipse, por ser preciso esperar condições lúni-solares idênticas para revê-lo, ou que um abalo sísmico não ocorreu porque não nos é possível repeti-lo.

Tanto vale confundir duas ordens de coisas inteiramente distintas, isto é : a observação e a experimentação. Um fenômeno espontâneo observa-se; um composto químico fabrica.-se experimentalmente. Ora, não é raro constatarmos esse erro de raciocínio, mesmo entre homens habituados aos métodos científicos. A Astronomia, a Meteorologia, são ciências de observação, mas a Mecânica e uma ciência experimental. Deverão as manifestações dos mortos ser admitida entre os fatos cientificamente demonstrados por observações suficientes? Esta a questão, que se torna inútil complicar com dissertações marginais. A campanha

insensata contra a manifestação dos mortos ensejados pela publicação do 3.° volume da minha obra induz-me a insistir na realidade incontestável dessas manifestações. São inumeráveis os testemunhos. Para testemunhos, é preciso acusar os depoentes de haverem observado mal, de se terem iludido, e até mentido. Acusações que se justificariam talvez parciais, mas não totalmente. Examinemos a frio, atentamente, algumas dessas manifestações, começando por uma das mais remotas.

Este velho depoimento que os meus leitores já conhecem, por havê-lo transcrito em Urânia, é de um escritor. justamente reputado, pela integridade do julgamento e cuidado que dispensava a tudo quanto redigia. Trata-se da história de dois viajantes, contada por Cícero:

Dois amigos chegaram a Megara e alojaram-se em cômodos separados. Um deles, mal adormeceu, viu o outro diante de si, anunciando-lhe que o seu hospedeiro tinha o intuito de o assassinar e pelo que lhe pedia fosse imediatamente socorré-lo. Impressionado, chegou a levantar-se, mas, logo persuadido de que era tudo sonho, não tardou a readormecer. De novo lhe apareceu o amigo e o concitou a apressarem-se, porque os assassinos estavam na iminência de lhe invadir o quarto . Mais impressionado com a persistência do sonho, resolveu procurar o amigo, mas o raciocínio e a fadiga

acabaram triunfando e ele tornou a deitar-se. Eis que ainda uma vez lhe aparece o outro, a dizer: Desgraçado, não foste quando te implorava! agora, só resta vingar-me: ao clarear o dia, veras uma carreta de esterco parada a porta da cidade; mandas descarregar e acharás o meu corpo. Providencia para o meu sepultamento e pune os assassinos.

Tamanha insistência e tantos pormenores não admitiam hesitação. O homem levantou-se, foi ao local indicado, lá encontrou a carreta, deteve o carreteiro que logo se perturbou, e assim descobriu o cadáver do amigo.

Ai tem a narração do célebre autor latino. Que pensar? Poderão objetar que a coisa não se passou tal como no-la conta Cícero; que foi amplificada, exagerada; que dois amigos em chegando a uma cidade estranha podem temer um acidente; que, temendo pela sorte de um amigo, fatigado da viagem e no silêncio da noite, chega-se a sonhar com um homicídio. Quanto a.o episódio da carreta, os viajantes podiam ter avistado alguma no pátio da hospedária e ela se insinuaria no sonho, por associação de idéias. Sim, podem imaginar-se todas as hipóteses explicativas, mas, serão sempre hipóteses. Satisfatórias? Para. mim, não, absolutamente. Não me parece que Cícero houvesse contado essa história como exemplificante de sonhos divinatórios, se não tivesse tido boas razões para isso, tanto que, sem maior

estranheza, acrescenta: Quid hoc somnio dici divinius poteat.

E' difícil suprimir com uma penada esta página de Cícero . Os mais recalcitrantes, em matéria de sobrevivência, não ousam fazê-lo e até costumam citá-la a título de curiosidade: Brière de Boismont, como alucinação; Ch. Richet, como fenômeno metapsíquico, etc . Mas, que é o que nos ensinam essas palavras? Não ocultam, simplesmente, uma verdade a descobrir? Se admitirmos a narrativa tal como é, devemos aceitar que a vítima anunciasse a sua morte, tanto quanto as circunstâncias que a acarretaram . Dir-me-ão : não há certeza. . . De acordo. Não há certeza, também, de que possais receber um soco na cara ou uma bala no coração, e por isso tenho dito que há gradações entre a probabilidade e a certeza. O estrito dever do homem sincero é, porém, exercer livremente o seu julgamento. Aos meus leitores peço apenas atenção e lealdade.

Ora, supor que Cícero tenha inventado essa história, não é admissível. As observações desta ordem são numerosas e atribuí-las a alucinação, coincidências fortuitas, etc., não é explicação que satisfaça, ou será, a rigor, uma explicação que nada explica. Uma turba de ignorantes de todas as classes, idades e profissões - lavradores, negociantes, cépticos por índole ou por desconhecimento de causa - declara simplesmente não acreditar nessas coisas. Este não é também um argumento satisfatório, e muita menos uma solução.

Os estudiosos não podem contentar-se com denegações tão ocas. Um fato é sempre um fato e não há como recusá-lo, só porque os conhecimentos da atualidade não nos permitem explicá-lo. Certo, os anais da Medicina atestam a realidade da alucinação, e de mais de um gênero, a que estão sujeitas certas organizações nervosas . Mas, daí a concluir que todos os fenômenos psico-biológicos não explicados sejam alucinações, vai um abismo.

*

O espírito científico do nosso século procura, com razão, destacar todos estes fatos das névoas enganosas do supranaturalismo, atento a que nada existe sobrenatural e a Natureza, cujo reino é infinito, abrange tudo. Neste momento, estamos a ver jornalistas ignorantes ou de má fé, pretenderem que todos esses relatos de aparições e comunicações de manos procedem de pessoas destituídas de valor intelectual. Poder-se-á tal coisa dizer de um Cícero, um Montaigne, um La Rochefoucault, um Goethe, todos, enfim, que versaram este nosso assunto?

Eis outra observação bem conhecida de meus leitores, isto é, a de Lord Brougham, contada por ele próprio, que era, como sabemos, membro eminente do Instituto de França e da Sociedade Real de Londres . Os homens da minha geração viram esse belo ancião

em Paris, ou em Cornes, onde faleceu, em 1858. Esse pensador escreveu a sua biografia e publicou, em Outubro de 1862, o extrato a seguir. Ninguém duvidou, jamais, da exatidão dessa lembrança remontante ao mês de Dezembro de 1799, quando o futuro político e célebre historiador inglês não contava mais de 20 anos e viajava pela Suécia.

A temperatura estava fria. Chegando a um albergue de boa aparência, em Gotemburgo, pedi um banho quente e nele sucedeu-me uma coisa tão curiosa que não resisto ao desejo de contá-la desde o principio. Tive um condiscípulo amigo, na High School, Chamava-se G. e eu tinha por ele uma afeição particular. Muitas vezes discutíamos o grande tema da imortalidade da alma. Um dia tivemos a fantasia de redigir um pacto, escrito com o próprio sangue, pelo qual o que primeiro morresse haveria de manifestar-se ao sobrevivente, a fim de desfazer toda e qualquer dúvida a respeito. O amigo morrera nas índias e eu tinha-o mais ou menos esquecido.

Estava assim, como dizia, deliciosamente mergulhado no meu banho e, qual não foi meu espanto quando, disposto a erguer-me, a.o fitar a cadeira onde deixara a roupa, deparou-se-me nela assentado o falecido G... a encarar-me com serenidade! Até hoje não sei como sai da banheira, senão que, quando dei acordo de mim, estava estendido no chão.

A aparição, ou o que melhor nome tenha, havia desaparecido, mas, a impressão que ela me causou foi tão forte que me levou a escrevê-la imediatamente e com todos os pormenores, nesse mesmo dia que era, por sinal, o 19 de Dezembro .

Lord Brougham acrescenta que, ao regressar a Edimburgo, ali encontrou uma carta na qual lhe comunicavam a morte de G... no dia. 19 de Dezembro. Parece-me que Lord Brougham, tanto como Cícero, não é um valor desprezível e que esta observação merece considerada. Ela não representa, concordo, mais que uma probabilidade, mas, pergunto: essa probabilidade não se avizinha da certeza.? Eu conjeturei, antes de tudo, uma ilusão causada pelo dispositivo das roupas na cadeira, mas também considerei logo que: 1° - a semelhança foi tão surpreendente como inesperada; 2° - que a coincidência da morte e a existência do pacto depõem a prol da visão.

Um dos membros mais ilustrados do nosso Instituto Metapsíquico, o professor Richet, não admite a prova de sobrevivência que, para nós, ressalta destas observações. Entretanto, ele próprio cita, no seu monumental Tratado de Metapsíquico, vários fatos que nos levam, tal como os dois precedentes, à mesma conclusão . Um deles, é o seguinte:

Certa feita, quando começava a adormecer, viu deslizar uma sombra branca e transparente, que ai

destacou lentamente da chaminé, avançou para o seu leito e fez ouvir interiormente estas palavras: seja sempre amigo de meu filho. Depois, a sombra elevou-se lenta e ele reconheceu a um de um dos seus melhores amigos, a qual deixara de perfeita saúde. Levantou-se, então, procurou certificar-se de que não fora vítima de uma ilusão. Mas, a noite estava escura, não havia luar. O fato é que a pessoa, cuja forma reconhecera, havia falecido duas horas antes.

Ora pois! se essa mãe morreu duas horas antes, porque atribuir essa observação a uma criptestesia misteriosa, vocábulo que, antes de tudo, faz-se preciso definir claramente? Não digo que, muitas vezes, se contentam com palavras? Dizer que vemos o que está oculto não é explicar melhor a significação da palavra lucidez. Outro exemplo colhido no mesmo autor:

A Srta. Beale contava 14 anos e uma noite viu entrar-lhe pelo quarto um vulto de homem envolto num roupão flutuante e como a procurar abrir caminho com as mãos. Súbito, desapareceu . A senhorita, apavorada, chamou pela companheira de quarto, que lhe disse: - há de ser meu irmão C... No dia seguinte, ao almoço, o C... negou ter vindo, mas, declarou que também ele tinha visto, no seu quarto, o dito vulto, parecendo-lhe um amigo enfermo, porém não grave e que um dia lhe dissera : o que morrer primeiro, dará um sinal Verificaram mais tarde que o óbito se dera precisamente naquela noite.

O defunto desobrigava-se de uma promessa. Porque duvidar ?

A criptestesia, a lucidez, explicam o fato? Não vem o morto ao caso? Isso é o que desejamos saber.

Outro exemplo, citado na mesma obra e que, de resto, também publiquei no A Morte e o seu Mistério, t. III, pág. 144:

O Senhor Belbéder, do 6.° Colonial, tinha ido com alguns amigos gozar uns dias de férias em Ribérac (Dordogne) .

A Srta. Estela, 17 anos de idade, viu na sua alcova um jovem camarada que lhe votava fraternal afeição. A porta abriu-se, diz ela - eu vi-o entrar. Levantei-me para colocar a poltrona junto do fogão, pois fazia frio, e notei que ele não trazia agasalho. Censurei-lhe tamanha imprevidência e ele, ao invés de responder-me, levou a mão ao peito e ã cabeça. Estava assim a falar-lhe, quando entrou o Dr. G... e me perguntou com quem me entretinha... Veja, disse-lhe: - este naaluquinho sem capote e tão rouco que nem pode falar; empreste-lhe o sobretudo e mande-o para casa, meu caro doutor. . . Nunca poderei esquecer a cara de espanto que fez o doutor, por isso mesmo que, sabia-o ele, Bertie havia falecido 20 minutos antes. E, contudo, eu o vira dar volta à maçaneta e abrir a porta, entrar e assentar-se, enquanto eu acendia as lâmpadas.

Esse rapaz tinha morrido e a Srta. Esteia não sabia. Ele se mostrou em casa dela, eis o que importa explicar.

Alegam que as nossas provas são insuficientes, mas não consideram que as provas que podemos e devemos exigir nestas pesquisas não são as mesmas a que estamos afeitos nos laboratórios experimentais de Química ou de Física. Sim, porque os mortos não estão ao nosso dispor e somos forçados a nos louvar na boa fé, na honestidade, na consciência enfim, dos narradores . Se uma honrada mulher me escreve, em papel ainda molhado de lágrimas, que acaba de obter uma prova do marido enterrado na véspera, eu posso conjeturar uma ilusão visual, mas, não uma história inventada para me enganar, e, menos ainda, que os conselhos solicitados não passem de simples comédia. Se alguém adoece em conseqüência de uma aparição, não posso coligir daí uma cilada à minha credulidade, etc. Quando as informações confirmam que estamos lidando com gente honesta, o simples bom senso manda que aceitemos os depoimentos, examinando-os, analisando-os e interpretando-os com o máximo cuidado, eliminando todos os casos possíveis de ilusão e alucinação. Muito tenho publicado e redito sobre as precauções tomadas contra os farsantes e impostores, o que dispensa de repisai no assunto . E' o que ignoram, em geral, os superficiais e incompetentes contraditores. Não resta, portanto, de seriamente

admissível, senão a hipótese da ilusão, raro viável e, muitas vezes, refratária a todos os pontos de vista, como no seguinte caso:

Sexta-feira 22 de Agosto de 1890, às 10 horas da manhã, um tal Senhor Russel, cantor da Igreja de S. Lucas, em S. Francisco tombou em plena rua, acometido de apoplexia. Transportado a sua residência, ali expirou às 11 horas. No sábado, deveria, ele repetir um trecho musical. O fato é que, nessa sexta-feira, ã tarde, o mestre de canto Senhor Reeves estava a procurar o trecho de música a ser cantado no seguinte domingo, quando, ao sair do aposento, deparou com o cantor pálido, na. escada e tendo um rolo de música em uma mão, enquanto na. outra apoiava a testa.

Ele se apresentava tão real, tão vivo - diz o Senhor Reeves -, que fui resoluto ao seu encontro para cumprimentá-lo e dar-lhe as boas vindas. Mas, eis que ele se desfez qual nuvem no ar. O observador, estupefato, pôs-se a gritar - Meu Deus! A irmã e a sobrinha acudiram prestes, ele queria falar e não podia.. A pesar de robusto, sadio e céptico, adoeceu e assim esteve alguns dias.

Escusado dizer que ignorava a morte do cantor, três horas antes. Seu grilo foi ouvido por três pessoas. A visão se verificou em condições todas normais de vigília, em pleno dia, não permite sequer imaginar uma alucinação hipnótica.

Esta narrativa tão minudente, confirmada pelo reitor da Igreja de São Lucas em carta dirigida ao professor Adams, de Cambridge, poderá ser averbada de suspeita? Não nos autoriza o simples bom senso a dar as costas aos narradores? porque negar observações desta espécie é tudo negar. Também nos advertem que não somos obrigados a aceitar tudo o que nos contam e precisamos ter em conta que há farsantes e impostores. Mas, isso mesmo me tem repetido dez vezes, sem que daí se colija a inexistência de casos como este, que não comportam a tocha de invencionice. A palavra coincidência também tem grande consumo na boca dos nossos contraditores. Pergunto, então, que virtudes lhe assinariam neste caso? Não vemos nele evidente relação de causa e efeito? Não e o defunto o agente produtor da aparição ? Não vos parecem, caros leitores, que é tempo de sermos afirmativos em nossas constatações e declararmos, de uma vez por todas, a verdade comprovada de que os mortos continuam a viver

Examinemos, agora, o seguinte caso:

Tinha eu um amigo chamado Carlos, rapaz dos seus 16 anos - diz o meu correspondente. - Uma noite, em 1908, ao entrar em casa ouvi, nitidamente, chamam e muitas vezes o reconheci a voz desse rapaz. Perturbado, só pude adormecer mais tarde, mas irão demorei a despertar, tocado no rosto e ouvindo alguém que me chamava, No mesmo instante, vi distintamente

Carlos à minha cabeceira, a dizer-me: adeus! adeus! estou; feliz, consola os meus - e desapareceu lentamente.

Mal clareou o dia, corri à casa dos pais de Carlos, que estavam muito inquietos porque o rapaz não se recolhera àquela noite. Não sei porque, instintivamente, veio-me à mente uma pequena propriedade que a família possuía no campo e, confiando à família os meus temores, convidei a lá chegarmos. No caramanchão do jardim deparou-se-nos o corpo estendido no solo, tendo na mão direita um frasco com um resto de cianureto.

Carlos suicidara-se e me havia prevenido com aquela manifestação. Aí tem, caro mestre, o que posso atestar como verdade e pode ser controlado.

HENRIQUE BOURGEOIS

A correlação entre a manifestação e o ato do suicida é certo. Invocar o subconsciente, o sublimal, tudo o que quiserem, não selecionará estia visão, essa audição . Só a interferência do próprio suicida poderá explicar o fato. E ele mesmo o demonstrou, embora morto.

*

Eu gostaria, também, de saber a explicação que reservam - ou o direito com que possam recusar - à

seguinte observação do meu colega Carlos Tweedale, da Sociedade Real Astronômica de Londres

Na sexta-feira, 10 de Janeiro de 1879, despertando do primeiro sono, vi através da janela, do lado sul, a Lua cujos raios iluminavam brandamente o quarto. Tive o olhar logo atraído para as almofadas de um retábulo embutido na parede, e que servia de armário. Indistinta a princípio, e depois gradualmente mais nítida, viu dali surgir uma forma, até que reconheci o semblante de minha avó. Pude observá-la por alguns segundos, até que se afastasse e se apagasse lentamente. Uma particularidade me impressionou e se gravou mais nítida na minha. retina, qual a do antigo penteado de minha avó, com um boné estampado, ou enfeitado de conchas. Não tive medo algum e, tudo atribuindo à ilusão, motivada pela claridade lunar, não me custou reconciliar o sono. No dia seguinte de manhã, à hora do almoço, mal começava a contar o sonho, meu pai levantou-se muito nervoso e deixou a mesa, com grande surpresa para mim. Interroguei minha mãe e ela fez sinal para que calasse. Depois, disse-me: vou revelar-te uma coisa extraordinária, de que nunca ouvi falar: é que teu pai, hoje de manhã, me informou que acordara durante a noite e vira minha sogra de pé, junto da cana e, quando ia interrogá-la, ela desapareceu.

Esta conversa realizou-se às 8 1/2 da manhã de sábado, e antes do meio-dia chegava o telegrama

comunicando o falecimento de minha avó, naquela noite. Mas isso não era tudo, pois meu pai veio a saber, depois, que uma sua irmã, residente a 30 quilômetros de nossa casa, também vira minha avó. Destarte, fomos três pessoas separadas a terem a mesma visão. Meu pai anotou a hora exata, 2 da madrugada. Eu, por mim, tenho certeza que a Lua estava longe do meridiano, o que confirma admiravelmente a notação de meu pai. Minha tia, por sua vez, registrou os fatos posteriores ao desenlace, que se dera 15 minutos depois da meia-noite. Assim, pois, deveremos concluir que a falecida, embora aparentemente morta, estava ainda suficientemente viva, horas depois, para manifestar-se a três pessoas distantes e separadas entre si.

A respeito da indumentária das aparições, escrevi a meu tio rogando-lhe esclarecer-me uns tantos pontos e eis o resumo de sua resposta: Pergunta-me você se o desenho de boné que me enviou tem qualquer semelhança com o penteado da defunta. Digo que a semelhança é evidente, pois assim era o boné que sua avô usou desde que adoeceu, até morrer. A sua descrição também retrata fielmente a fisionomia da moribunda no momento de expirar. Esta a verdade, pura e simples, cujos pormenores poderei certificar, sob juramento, se necessário for. O fenômeno aqui descrito apresenta garantias tais de autenticidade que não podemos considerá-lo suspeito .

Rev. Charles Tweedale Membro da Sociedade Real Astronômica de Londres.

Pareceu-me útil transcrever na íntegra esta narrativa, notável por se tratar de fenômeno observado uma hera e três quartos após o falecimento, por três pessoas,

individual e separadamente. A morte deu-se aos 15 minutos da manhã e a aparição às 2 horas. Qual a explicação? Impossível imaginar uma fraude qualquer. A ilusão, a alucinação de três testemunhas independentes, parece-me inadmissível. O narrador declara que, para ele, como para seu pai, o fantasma lá estava, objetivamente, e que o boné bem o prova. Parece-me que a realidade da aparição poder-se-á interpretar como tendo a morta agido sobre o espírito dos filhos, e que essa sugestão se traduzisse em imagem. Um morto pode atuar, à distância, sobre um vivo, manifestando-se-lhe de uma ou de outra forma, certo, por impressão cerebral. Mas, seja qual for à interpretação, esta vidência não pode ser negada.

Agora, um caso de aparição bem nítida, bem examinada pelo observador e por ele próprio escrita. (Publicada por Frank Podmore em Apparitions and Thought Transference, pág. 427.)

Vago por morte o cargo de bibliotecário, entrei a ocupá-lo em 1880. Não cheguei a conhecer, nem mesmo de retrato, o meu antecessor. E' possível que

alguém mo houvesse descrito acidentalmente, mas disso também não me lembra. Uma noite, em 1884, deixei-me ficar até mais tarde, sozinho, na biblioteca, quando súbito me veio à idéia de que ia perder o trem. Eram 10 h. 55 e o último trem partia às 11 h. 5. Levantei-me apressado, tomei a lâmpada em uma das mãos e na outra uns livros, saindo pelo corredor. A luz da lâmpada, divisei na extremidade do corredor um vulto e pensei logo se tratasse de um ladrão, pelo que, voltei ao gabinete e, lá deixando os livros, apanhei o revólver . Com a lâmpada na esquerda, atrás das costas, e na direita o revólver, voltei ao corredor, até um ponto no qual supunha se houvesse escondido o intruso, a fim de ganhar o salão. Ali chegando, porém, nada mais vi que a grande sala atapetada de livros.

Gritei repetidamente ao intruso que se rendesse, na esperança de ser ouvido por algum policial lá na rua. Notei, então, que o meliante, insensível ao meu apele, estava como a inspecionar as estantes, Muito calvo e pálido, os olhos eram-lhe cavos, profundos. Avancei para ele e o velho, indiferente, virou-me as costas, prosseguindo na sua tarefa, até que se afastou a passos arrastados e desapareceu no compartimento sem saída, onde ficava o lavatório. Acompanhei-o até ali, e qual não foi minha surpresa ao constatar que lá não estava. Assim logrado, confesso que comecei a sentir, pela primeira vez na vida, o que poderíamos denominar medo do sobrenatural. Deixei a biblioteca, tinha

perdido o trem. No dia seguinte contei o caso a um clérigo, que, em me ouvindo, replicou: Pois é o velho bibliotecário! Pouco depois, mostraram-me uma fotografia do meu antecessor e a semelhança era perfeita! Ele havia perdido os cabelos, e até os cílios e supercílios, em conseqüência de uma explosão. Alto de ombros, também tinha o passo bamboleante .

Indagações ulteriores provaram que o óbito coincidira, mais ou menos, com a aparição . Esta, como a antecedente, é também inexplicável, a menos que admitamos a ação pessoal do desencarnado. Será possível que os mortos conservem, às vezes, os hábitos terrenos ? Temos a respeito mais de um exemplo. O mistério subsiste, contudo, pois de qualquer forma a sua visibilidade é um problema. Podmore confessa francamente que, ampliar a hipótese da transmissão de pensamento, tem parecido extravagante para uns tantos leitores. Mas, daí a concluir que alguém, desconhecido, pensasse no velho bibliotecário, justo naquele instante, e que esse pensamento originasse a visão do seu substituto a seguir a sombra até esvaecer-se no fim do corredor, vale por arquitetar uma hipótese mais audaciosa, e porventura mais inverossímil, que a do fantasma como imagem projetada pelo pensamento do morto - fantasma assaz nítido, aliás, para ser tomado coma um ladrão e perseguido pelo vidente de revólver em punho .

Submeto igualmente, ao juízo imparcial do leitor, as seguintes observações respigadas no Tratado de Metapsíquica do professor Richet (pág. 403)

Um Senhor L. V., de Bordéus, estando a mesa de trabalho, teve a impressão de que a porta se abria e, voltando-se, viu, de relance, o seu tio G. 15 minutos após, chegava-lhe o telegrama participando que o tio acabava de suicidar-se. A monição ocorrera às 9 h. 30 e o suicídio às 5 horas. O telegrama chegara a Agência de Bordéus às 8 horas.

Aqui, temos uma visão não onírica. (Lastimo, ainda uma vez, que os observadores não ousem subscrever o nome em suas cartas, mas há que aceitar a Humanidade como ela é.) Esse tio apareceu ao sobrinho 4 1/2 horas depois da morte, e isto é o que importa reconhecer e... explicar.

Outra observação (pág. 409):

No dia 28 de Dezembro de 1906, às 23 horas, recolhida a,o leito, a Senhora X. . . viu uma forma feminina, distinguindo-lhe perfeitamente os traços fisionômicos e o vestuário . Com voz abafada, disse-lhe o fantasma: Sou Helena Ram e venho buscar-te; ficaremos juntas no outro mundo. Esta Senhora Helena havia falecido no dia 28 de Dezembro à.s 4 horas da. manhã, ou seja 20 horas antes da aparição. Os pormenores nobre o vestuário eram exatos. A Senhora Ram não estava enferma, e a Senhora X... pouco a conhecia.

Estimo assaz a sinceridade do professor Richet, para deixar de exprimir-lhe, com toda a franqueza, a dificuldade de conciliar a sua negação da sobrevivência com os exemplos que ele mesmo cita . Quanto a saber como se produzem essas aparições, isto é outro caso. Por minha vez, perguntarei ao meu ilustre amigo como admite a seguinte observação da página 436, sem admitir ao mesmo tempo a causa determinante.

A Senhora K... acariciava a gatinha ao colo. De repente, o animal mostrou-se inquieto, arrepiou-se todo e entrou a rosnar, como que atemorizado. Nesse comenos, a Senhora K... enxergou, assentada na poltrona a seu lado, uma velha megera de rosto encarquilhado, a fitá-la com rancor. A gatinha ficou como louca e atirava-se contra a porta, em saltos desesperados. A senhora, apavorada, clamava socorro. Acudiu-lhe a genitora, mas o fantasma desaparecera. A visão durou talvez cinco minutos. Dizem que nesse quarto, há muito tempo, uma velha se enforcou.

Repitamos ainda uma vez: como admitir todas estas manifestações sem atribuí-las ao defunto? Sim, porque, de outra forma, teremos que tudo atribuir a alucinações sem causa, coincidindo, todavia, com falecimentos mais ou menos remotos. Vejamos ainda outra observação, abonada por duas testemunhas. A Condessa Carandini assinalou-me o fato seguinte

Uma noite, cerca de 9 horas, todos os de casa estávamos ainda em atividade, Minha firma, moça de 17 anos, ao passar pelo corredor viu, estupefata, bem debaixo do bico de gás, uma bela e robusta rapariga com trajes de camponesa. Assustou-se, gritou e o fantasma sumiu. Depois, como entrasse a chorar de medo, minha mãe repreendeu-a com severidade. Na manha seguinte, a filha da cozinheira, moça dos seus 25 anos, veio contar à, minha mãe que, na véspera, à noite, logo que se deitara, ouviu um sopro, parecendo-lhe que alguém respirava a seu lado.

Abrindo então os olhos, viu junto do leito uma rapariga da sua aldeia, trajada à camponesa. Essa bela criatura, acrescentou, não se conduzia lá muito bem, pelo que teve ocasião de lhe dar muitos conselhos inutilmente. Pois bem: essa rapariga tinha morrido na véspera.

Poder-se-á recorrer, neste caso, à velha hipótese, algo simplista, das alucinações? Certo que não. Aqui, temos duas impressões independentes, sem causa determinável, de vez que o falecimento era ignorado. E' fácil dizer e supor que não é verdade ; que é invencionice ; que a primeira vidente foi vítima de uma ilusão e que a segunda mentiu, etc. Mas, quando essas ocorrências se desdobram aos milhares, provenientes de todos os países do mundo, é caso de se lhes dispensar um exame sério. Instruamo-nos lealmente nesse exame. As aparições de mortos já se

não podem negar. Recapitulemos aqui as últimas observações, afora as precedentes

I - Narrativa de Cícero; II - Dita de Lord Brougham; III - A mãe do amigo de Belbéder, falecida 2 horas antes; IV - O morto visto pela Senhora Beale; V – O amiguinho da Srta. Estela, após 20 minutos; VI - O cantor Russel morto por acidente ; VII - - O amigo Carlos logo após o suicídio; VIII - A avó do astrônomo Tweedale; IX - O bibliotecário inglês; X - A aparição do tio ao sobrinho, em Bordéus; XI - A aparição da Senhora Helena Ram 20 horas depois de sua morte, ignorada; XII - A velha percebida pela gata; XIII - A dupla manifestação relatada pela Condessa Carandini.

Aqui temos 13 observações, às quais só podemos opor negativas arbitrárias, indemonstráveis. Admitamos que as duas primeiras sejam menos radicalmente prováveis que as demais, e, ainda assim, não deixam de merecer atenção. Atendo-nos a estes treze casos, verificamos que o grau de sua probabilidade é igual ao que chamamos certeza, em todos os eventos humanos.

E quantos exemplos outros não poderiam juntar a estes, começando por aquele (pág. 251) de uma mãe aparecendo aos filhos e detendo-os no momento em que, na sua correria, eles se aproximavam do poço. Mas, eu não quero aqui repetir tudo o que foi dito e provado nesse tomo III. Todo aquele que nega a.

realidade dos fenômenos psíquicos, revela-se ignorante ou mentiroso - dizia Victor Hugo após as suas experiências de Jersey. De fato, esse dilema é radical, dele não se pode fugir. E preciso ser ignorante ou de má fé para negar esses fenômenos. Todos os homens independentes que se dispuseram a estudá-los, sem idéias preconcebidas, verificaram a sua realidade . Podem-nos ser imitado, simulados, fraudados clandestinamente, da mesma forma como se pode dizer missa sem ser padre nem crer em missas; ou escamotear nas cartas, ou fabricar moeda falsa. Nada casso. porém, faz prova contra a verdade, e apenas serve para difundir no público interpretações ridículas.

Em vez de negar todos estes fatos e os ridiculizar, seria mais sensato procurar a sua melhor interpretação, discuti-los amplamente, respeitá-los, assim concorrendo para aclarar o maior dos problemas, sobretudo na hora que passa.

Porque essas verificações são da mais alta importância filosófica.

De bom grado, direi dos fenômenos psíquicos o mesmo que dizia Poincaré, em 1911, das nebulosas em espiral; Essa forma espiral é assaz encontradiça para que a conceituemos fruto do acaso, e compreende-se quanto é incompleta qualquer teoria cosmogonia que faça abstração dela . Assim, também os fenômenos psíquicos não podem abstrair-se, nem se negligenciar,

em qualquer teoria filosófica, mas, constituir parte integrante do estudo do homem.

Outrora, as nebulosas espirais eram desconhecidas e só gradual e lentamente se foram descobrindo e sendo estudadas. A princípio, ninguém acreditava nelas, tomando-as por ilusões instrumentais. Quando, aos 16 anos, entrei para o Observatório de Paris, como aluno de Astronomia, ouvia falar que eram falsas as imagens do telescópio de Lord Rose, por ser o aparelho, ao que supunham, facetado em curvas ópticas, que originavam tais imagens. Agora, essas nebulosas valem por elemento essencial da astronomia sideral. O mesmo, penso, se dá com os fenômenos psíquicos, em relação ao perfeito conhecimento do homem e dos seus destinos. O quadro dos raciocínios humanos é comumente muito limitado. Não há exemplo de um sábio incrédulo que, depois de estudar suficientemente estes fenômenos, concluísse pela sua irrealidade. O físico Croókes, o naturalista Wallace, Lord Lindsay,o engenheiro Varley, o astrônomo Zóllner, o fisiologista Richet, o Doutor Lombroso, o universitário Morselli, o professor Oliver Lodge, e muitos outros, dão eloqüente testemunho.

Os críticos que, encastelados na sua ignorância enorme, se metem a discutir, averbando de ingênuos os investigadores dos fenômenos psíquicos e quantos acreditam na imortalidade da alma, fazem-me lembrar igualmente esses geólogos que, pela só inspeção de um

quilômetro da crosta terráquea, determinam classicamente as constituições internas do planeta, cujo diâmetro é de 12.742 quilômetros, e fixam o grau de calor no seu ponto central!

A Ciência avança e progride em todos os seus ramos. Há pouco lembramos a opinião de Victor Hugo. No seu livro : Postscriptum de ma Vie, pode ler-se que da Francoeur a Flammarion, o telescópio aumenta de 60 para 100 milhões o número de estrelas.

O poeta faleceu em 1885. Se ainda vivesse hoje, que diria? A Uranografia de Francoeur data de 1830, a minha Astronomia Popular é de 1880. As descobertas astronômicas decuplicaram desde essa época, bem como as físicas e as metapsíquicas . Acabamos de ver a exposição de fenômenos concernentes à sobrevivência, que se impõem à nossa atenção e à nossa filosofia. Sim, o progresso está em marcha, mas, quantos obstáculos lhe atravancam o caminho! Os leitores dos meus livros sobre este vasto assunto, os que conhecem o número considerável das informações recolhidas (só em cartas, mais de 5.600), sabem que a publicação integral desse documentário, e respectivos controles, representaria uma vintena de volumes como este, e, por conseqüente, que não pude dar mais que extratos ou resumos. Mas, afora a falta de espaço para os atestados confirmativos, importa dizer que, muitas vezes, nos faltaram com esses atestados, alegando-se conveniências de família e motivos outros

sentimentais . Assim, por exemplo, em O Desconhecido (pág. 181), a seguinte narrativa:

Meu primo adoecera gravemente de febre tifóide. Os pais não se afastavam da sua cabeceira, a velarem dia e noite. Uma noite, porém, já exaustos de forças, a enfermeira os obrigou a repousarem um pouquinho, prometendo acordá-los se fosse preciso. Mal haviam adormecido profundamente, foram de súbito despertados em sobressalto com o estrondo da porta que se abria e meu tio perguntou: - Quem está aí? Minha tia, pensando que os vinham chamar, ergueu-se à pressa, mas, apenas se assentara no leito, sentiu-se abraçada por alguém que lhe dizia: - Sou eu que vou embora, mamãe; mas, não chore; adeus... Nisto, a porta fechou-se brandamente. Mal dominando a emoção, minha tia precipitou-se para o quarto do filho, onde meu tio já se encontrava. Lá lhe disseram seu o rapaz acabava de expirar naquele momento.

25 de Abril de 1899.

Senhora Ackeret, na Argélia.

Fiel ao meu método científico, escrevi a Senhora Ackeret fazendo-lhe ver que as ilusões e as alucinações são sempre possíveis, pelo que muito grato me seria obter da própria sua tia a descrição do fato, e o conceito em que o tinha. Eis a resposta:

Caro Mestre.

Apesar do muito desejo de atender a.o seu pedido, para obter de minha tia uma declaração pessoal a respeito do fenômeno por mim relatado, nada posso fazer neste sentido.

Ela se conserva fiel ao propósito de guardar, exclusivamente para si, essa lembrança do filho, supondo talvez profanar a sua memória, e pelo que não tem divulgado o fato senão a pessoas da família. Na verdade, é com tal ou qual ciúme que esses pobres pais guardam o último adeus do filho querido, e eu não me animo a dizer-lhes que cometi essa indiscrição a vosso favor e no só intuito de ser útil à vossa obra, com o acréscimo de mais um exemplo concludente. Certa testou de que não houve ilusão, nem alucinação.. Meus tios, residindo na Alsácia, e no campo, descriam absolutamente destas coisas, e, sempre que lhes contavam algo de semelhante, riam-se e não trepidavam em chamar loucos aos que os propalavam. Hoje, ao contrário, riem-se dos cépticos, convictos de que o filho querido não quis partir sem lhes dizer adeus.

Ackeret

Não se contam por uma, nem dez, nem cem, as reservas deste gênero, opostas a confirmações solicitadas. Mas, perguntamos: essas reservas nos impedem de crer na autenticidade dos fatos narrados? Não, por certo. Eles, os informantes, merecem-nos

todo o respeito e eu não sei como agradecer bastante a essas almas íntegras, que souberam dominar as suas mágoas e contribuir com o seu precioso testemunho para o progresso da Ciência.

Incontestavelmente, estas provas póstumas nos causam espanto, afiguram-se-nos inverossímeis. Entretanto, o real nem sempre é verossímil, como bem o proclamou Boileau antes de nós: Le vrai peut, quclquefois, nêtre pas vraisemblable.

Se eu me afirmasse contemporâneo de uma senhora cujo marido privou com Luís XIV, haveria de causar surpresa. Pois bem: O Dr. Legrand mostrou que em 1862 a Duquesa de Richelieu podia dizer a Napoleão III: - Senhor, Luís XIV perguntava a meu marido... Isto em 1710 , E' que ela em 1786, com apenas 16 anos de idade, esposara o Duque de Richelieu, que contava 90, e, quando assim se expressava em 1862, estava por sua vez com 92 anos . Nascera o duque em 1696, e Luís XIV morreu em 1715. O sobrinho-neto do cardeal tinha sido apresentado ao grande monarca na idade de 14 anos, por ocasião do seu primeiro matrimônio . Quanto a mim, em 1862 contava 20 anos e poderia, eventualmente, ter ouvido de viva voz uma pessoa a que estivesse ligado um contemporâneo de Luís XIV .

Sim, o verdadeiro pode não ser verossímil. Estou escrevendo estas linhas em 1923. Não neguemos coisa alguma, jamais.

Os escritores franceses do século XIX, mesmo do XX, mostram-se em geral completamente ignorantes dos fenômenos psíquicos. Raros, excepcionais diríamos, os que afirmam. Assim, Hugo e Maupassant. Não falo dos filósofos e intelectuais, outros, mas de literatos e cientistas propriamente ditos. Em regra, desdenham-se estes fatos e há mesmo certo prazer em ignorá-los. Meu único escopo é convencer os meus leitores, não mais que apelando para a sua curiosidade, para o seu livre exame e para a sua consciência, a fim de que conheçam a verdade. A sobrevivência da alma é coisa provada, experimental e positivamente. Até o presente pelo menos, no estado atual dos nossos conhecimentos, não se há encontrado outra explicaram para os fatos. Temo-la procurado lealmente e com toda a isenção de ânimo, À ciência do futuro estarão reservadas grandes e imprevistas descobertas, que hajam de transformar a nossa síntese filosófica.

Qual a duração dessa sobrevivência? Será a imortalidade da alma? Em princípio, não há razão para supor que, sobrevivendo ao corpo por sua própria natureza, esteja a alma destinada a uma futura destruição . E' uma questão metafísica, esta, fora do quadro da observação científica, no qual deve manter-se esta obra: a observação não pode provar senão o que lhe seja contemporâneo. Nas investigações aqui examinadas, nós não constatamos a imortalidade e sim a sobrevivência temporária.

Nos treze casos expostos não temos mesmo, sob os olhos, mais que uma breve sobrevivência, de minutos no caso de Cícero e de horas nos de Lord Brougham e conseguintes. Vemos, também, que, em geral, as manifestações acompanham de perto a morte . Aliás, é o que já havíamos observado no 3.° volume de A Morte e o seu Mistério .

A condição essencial para investigar fenômenos naturais - dizia Claude Bernard - é conservar em nossos estudos uma inteira liberdade espiritual, baseada na, dúvida filosófica. Eis um princípio do qual importa não nos afastarmos, jamais.

O estudo da alma está muito longe de ser praticado e, por enquanto, mal se delineia, máxime, no campo experimental, cujo terreno apenas principiamos a revolver.

Agora que o princípio da sobrevivência se funda em fatos impossíveis de serem logicamente negados, , podemos ir rum pouco além nas nossas excursões metapsíquicas.

Antes de tudo, ocorre-nos à mente uma pergunta: As casas mal-assombradas? A antepenúltima das 13 observações precedentes é delas um eco: de fato, que figura de velha seria aquela, perceptível a uma gata e visível a uma criatura humana

Anunciei (III, pág. 442) que poderia juntar toda uma documentação suplementar aos numerosos fatos já averiguados, e é isso que aqui intento a fazer.

CAPITULO II
AS CASAS MAL-ASSOMBRADDAS. - PROSPECÇÃO NO ASSUNTO

Há o falso e há o verdadeiro. - Realidades verificadas. - Observações antigas e modernas. - Reconhecimento jurídico de casas mal assombradas. - Contratos rescindidos. - Certeza dos fenômenos de assombramento

Haverá quem acredite em casas mal-assombradas? Os espíritos fracos e os crédulos, talvez, pois tudo isso não passa de contos de vovozinha, para intimidar crianças.

E' o que comumente se pensa e diz. E de fato, parece que outro não deve ser o veredicto do senso comum. Que haverá nisso de falso, ou de verdadeiro? Quod grafia asseritnr grafia negatnr, dizia-me Aenan, certa feita em que versávamos o dogma da

infalibilidade papal, recentemente proclamado pelo concílio do Vaticano (1870) . O que se afirma, sem provas, é simples e naturalmente negado. Se as casas mal-assombradas não fossem identificadas por observações irrefutáveis, estaríamos no direito de negá-las; e com isso, cumpriríamos até um dever. Velho provérbio diz que não há fumo sem fogo. Certo, muitas vezes, pode suceder haja mais fumo que fogo. Mas o adágio não deixa de ser verdadeiro. As legendas anais absurdas têm uma origem.

Diga-se, então, que essa história de casas mal-assombradas é tão velha quanto o mundo. Em muitíssimos casos, principalmente nos tempos modernos, os processos judiciários e a crítica não encontram, nessas histórias de assombramentos, mais que fatores simplesmente humanos. No fundo da análise, elas se resolvem em artifícios de histéricos mais ou menos conscientes, mistificações, comédias, farsas e passatempos, a degenerarem muitas vezes em jogos sinistros. O que se pretendia era: amedrontar os moradores, vingar uma injustiça, desacreditar uma casa a fim de comprá-la barato, ou simplesmente rir a custa dos ingênuos e dos poltrões .

Mas, a verdade é que nem todos os casos se explicam dessa forma. Em suma: qual teria sido a primeira casa mal-assombrada? Só o que existe pode ser imitado. Os farsistas puderam renovar cenas terrificantes . Tais cenas poderiam ter sido reais e

poderiam não passar, também de interpretações timoratas de acidentes elementaríssimos, tais como ruídos desconhecidos, aumentados no silêncio das noites. Tudo poderá ter provindo, em começo, de animais domésticos em movimento, tais como cães, gatos, ratos, morcegos; ou ainda do vento a estalar velhas traves e junturas, bater de portas, tombar de paredes sem causa aparente, etc .

Se todos os casos de assombração pudessem enquadrar-se nestas explicações, não valeriam, por sua banalidade, um só capítulo deste livro. Mas a verdade é outra e nós devemos examinar os fatos sem idéias preconcebidas, embora com circunspeta severidade, para julgá-lo depois com conhecimento de causa .

Que se não tem escrito por aí destas histórias? E, quanta coisa se tem dito contra elas ? Por mim, de há muito que as venho examinando, comparando, analisando, discutindo. Compilasse os comentários de 20 anos, oriundos deste meu curso de instrução pessoal, e formaria um grande volume. Entre eles, muitos atinentes à ilusão, erras, exageros, farsas ; ruas, nada obstante, há certo número de realidades seguramente verificadas e que importa conhecer. Nós temos casas verdadeira e falsamente mal-assombradas, assim como temos a boa e a clandestina moeda ; homens verazes e mendazes, honestos e traficantes, inteligentes e obtusos. Rejeitar sem exame tudo quanto

dizem das casas mal-assombradas, seria tão absurdo como aceitar tudo sem nada examinar.

As antigas tradições, os velhos adágios, não são para menosprezar. Errante qual alma penada, é uma locução que se perde na noite dos tempos . De onde procederia e qual a sua origem? Nem todas as narrativas merecem rejeitadas. Neste caso, como em tudo mais, se quisermos instruir-nos, temos o dever de examinar sem prevenção. E' com este critério que vamos aqui analisar este curioso problema,.

Um eminente cientista, cuja opinião é altamente cotada por todos que o conhecem, o Senhor General Berthaut, antigo Diretor do Serviço Geográfica do Exército, membro do Conselho do Observatório de Paris, escrevia-me há pouca uma longa carta, da qual, data vênia, transcrevo aqui as primeiras linhas.

Caro Mestre:

Casas mal-assombradas?... Não me admiro, absolutamente, de vos ver envolvido nisso. Desconfiais e tendes cem vezes razão. Não que o fenômeno seja mais inverossímil que outro qualquer, do gênero psíquico, mas porque nele se reconhece mais facilmente uma causa interessada, e porque se presta., quase sempre, à trapaçaria.

Sobejam razões para que os vivos procurem impedir o próximo de residir em tais ou tais locais. De sorte que, em tese, a casa mal-assombrada é sempre um caso de suspeição . Há, também, muita facilidade

para combinar ruídos, deslocamentos de objetos e mesmo presumidas aparições, para que possamos aceitar tudo o que se propala. Ao demais, além dos embustes, o concurso de causas naturais, não psíquicas e difíceis de precisar. Finalmente, precisamos contar com as partidas e pilhérias adrede forjadas, sem outro interesse que o de rir à nossa custa. Se vos prouver, posso dar aqui um exemplo: uma história de casa, digo melhor - apartamento mal-assombrado, foi-me contada pelo amigo Vibert, o nosso pintor falecido em 1902. O caso ocorreu em Paris, não sei bem quando e em que rua. Também não retive os nomes, mas guardo bem os episódios. A polícia movimentou bateu o campo e nada descobriu; e, apesar disso, o acaso permitiu verificar-se, depois, que era tudo uma farsa arranjada num atelier de pintores, Grande é os engenhos humanos, certos; mas eu penso que, para admitir a realidade dos assombramentos, não basta que as manifestações observadas tenham ficado sem explicação, que os fenômenos sejam incontestáveis, reconhecidos e sem causa possível, no conceito de todo o mundo; pois tudo isso somente prova que ninguém descobriu a causa natural, e não que essa causa natural inexista.

Eu creio que os únicos fatos a considerar são os que trazem consigo mesmos a prova de sua origem sobrenatural, quer se trate de casas mal-assombradas

ou de modalidades outra, qualquer, de fenômenos psíquicos.

Estou de pleno acordo com o ilustre general. Assim, devidamente precavidos, não tardará tenhamos aqui, sob nossos olhos, exemplos típicos e rigorosamente observados, sobre os quais não pode pairar qualquer dúvida. Há cerca de meio século que venho tendo ensejo de examinar essas narrativas mais ou menos surpreendentes, mais ou menos confusas, bastas vezes irrisórias, de casas mal-assombradas. Julgo-me, assim, com direito de aqui afirmar um tanto cruamente, talvez, mas nitidamente de certo, o seguinte:

As pessoas que mofam desdenhosamente das casas mal-assombradas, negando-lhes realidade, são míopes de natureza especial, cujo horizonte não vai além da ponta do nariz. Há pouco, disse que de há muito tempo venho estudando esses fenômenos. Começarei este capítulo por uma, lembrança que conta 63 anos. Corria o ano de 1860 e eu costumava regressai diariamente do Observatório do Sena, passando muitas vezes junto de uma rua mais tarde absorvida pela alameda S . Germano . Era a rua das Nogueiras, que teve nessa época a seu momento de celebridade e foi objeto de um inquérito judiciário, a pedido de certo locatário de uma casa mal-assombrada e que teve de abandonar - a Senhor Lesage, ecônomo do Tribunal de Justiça.. O contrato foi rescindido par sentença. Eis um pormenor

geralmente ignorado e que tem o seu valor. Recebi centenas de informações de assombrações de casas e de outros fenômenos ocultos, mas, nada obstante, o vultoso número de testemunhos e a variedade e qualidade dos seus observadores, o que se conclui é que ninguém se apressa em divulgá-los. Para não citar mais que um exempla: ao tempo em que me empregava a comparar as manifestações póstumas, recebi esta carta, em respeito ao meu inquérito de O Desconhecido.

Paris, 30 de março de 1899

Respondo – Não as suas duas perguntas. Entretanto fui testemunha eu própria em minha casa alias só por mim ocupada, de fatos absolutamente inexplicáveis e que eu tinha o maior cuidado em ocultar para não ficar sem criados.

Já se foi o tempo de considerar imaginários os fenômenos de assombramento. Inumeráveis são eles. Numerosos quão variados, também, os exemplos de resto geralmente incompreensíveis e aparentemente ridículos. Mas, falemos aqui em primeiro lugar deste caso da rua das Nogueiras.

Aluno do Observatório, como disse, voltava ao lar paterno diariamente, atravessando quase sempre a dita rua. Havia nela uma casa apontada como turbada por um Espírito turbulento. O seguinte relato resume o que o respeito se propalava. Consta no jornal O Direito, de

Junho de 1860, sob a epígrafe : Cena, de feitiçaria no século XX

Um fato extraordinário o que ora se passa na rua das Nogueiras. O Senhor Lesage, ecônomo do Tribunal de Justiça, ocupa um apartamento nessa rua. De tempos a esta parte, projéteis, arremessados não se sabe de onde, quebram-lhe as vidraças e vão atingir mais ou menos gravemente os moradores da casa. São fragmentos de madeira meio carbonizados, ou pedaços de carvão de pedra, etc. Uma criada do Senhor Lesage recebeu fortes contusões no peito. Requerida a intervenção da polícia, os agentes para lá enviados foram também alvejados e atingidos, sem poderem descobrir a proveniência do estranho bombardeio. Impossibilitado de habitar uma casa em permanente estado de alarme, o Senhor Lesage solicitou a rescisão do respectivo contrato de arrendamento. Deferido o pedido, chamaram a Senhora Vaillant - porteira cujo nome se adequava perfeitamente às circunstanciais, a fim de redigirem o termo rescisório.

E mal o oficial da Justiça começava a lavrar o documento, uma grande pedra de carvão entrou com extrema violência pela janela, esfarelando-se de encontro à parede. A Senhora Vaillant, imperturbável, serviu-se do pó para secar a tinta da escrita, tal como fizera Junot, certa feita, com a terra levantada por um balázio. Ninguém pôde descobrir a causa da projeção de objetos tão variados, mas, esperamos que o Sr,

Hubaut, Comissário do Distrito, ainda possa esclarecer o mistério.

O inquérito, porém, nada adiantou e o que cumpre assinalar é que, na maioria dos casos, os inquéritos apenas têm servido para atestar a realidade dos fatos, sem lhes dar explicação. Nada encontrar não prova que não exista, em tudo isso, uma causa natural, oculta . Não apressemos qualquer conclusão. Notamos que os objetos atirados provinham da vizinhança, não eram procurados muito longe.

No exame que há muito venho fazendo, cheguei à conclusão de que se torna indispensável uma classificação, para tomarmos pé nestes fenômenos muitas vezes desconcertastes. Esses arremessos têm sido observados às centenas e milhares; a sua causa é consciente e invisível, freqüentemente associada a atos que se podem atribuir aos defuntos, mas, não sempre; ou, pelo menos, nos quais não podemos descobrir a existência de um defunto. Se os desencarnados nisso têm parte - o que temos de examinar -, os encarnados igualmente devem tê-la. Parece que forças invisíveis atuam sobre o mundo visível, servindo-se de faculdades orgânicas dos médiuns ou intermediárias, senhoras ou senhoritas (às vezes adolescentes), cuja presença, faz crer ao público ignorante - ou a certos juízes do mesmo valor negativo - que são essas pessoas os agentes responsáveis, ou, por outras

palavras, farsantes mais malignos que todos os inquisidores

Na casa da rua das Nogueiras, a criada, vítima ela mesma dos distúrbios, era uma donzela . Esse primeiro registro da minha. juventude ofereceu-me três motivos de instrução: 1.° - a constatação de fenômenos inexplicados; 2.° - rescisão de um contrato, conseqüente a essa constatação ; 3 : - existência de uma rapariga, molestada ela própria com .aqueles sucessos.

Ora, fatos análogos já haviam sido observados onze anos antes, em 1849, não longe dali, na rua des Grès, próximo da Sorbona. Também esses motivaram uma informação jurídica. A Gazeta dos Tribunais, de 2 de Fevereiro de 1849, relata o seguinte:

Um fato extraordinário, que se vem repetindo todas as noites, há três semanas, e cuja causa permanece ignorada, apesar da mais rigorosa investigação e extrema vigilância, tem revolucionado toda a populosa zona de Santa Genoveva, Sorbona e Praça de São Miguel. O que aqui vamos contar constitui um acontecimento verídico, em que pesem às reclamações do público e um inquérito judiciário e administrativo, durante muitos dias, sem que o mistério se aclarasse de qualquer forma.

Durante os trabalhos de demolição para abertura de nova rua destinada a ligar a Sorbona .ao Panteão e à, Escola de Direito, cortando a rua des Grès em direção

à velha igreja, os operários atingiram uma estância de carvão e lenha, na qual se encontrava uma casa desabitada, com apenas um andar provido de sótão.

Um tanto afastado da rua e separada das construções demolidas por grandes escavações de permeio, essa casa foi acometida, todas as noites, intensas e ininterruptannente, por um chuveiro de projeteis que, dado o seu volume e a vigilância com que eram arremessados, produziram verdadeiros rombos, com janelas e portas em frangalhos, qual se houvera experimentado os embates de uma catapulta.

De onde provinham os projéteis, constituídos de pedaços de muro, pedras do calçamento, blocos de material que, pelo peso e pela distância em que se encontravam, não podiam ser atirados por mãos humanas? Isso o que ninguém logrou descobri, apesar da vigilância permanente, dia e noite, de uma turma de investigadores competentes, sob a direção do comissário de policia.. Em vão, manteve-se ele no seu posto; em vão todas as noites se distribuíram cães de guarda pelas sebes vizinhas. Nada aproveitou, à explicação do fenômeno, que o povo em sua credulidade atribuiu a causas misteriosas. Os projéteis que continuaram cair sobre a casa. eram arremessados de grande altura, por cima da cabeça dos investigadores postados nos telhados das casas vizinhas, como se viessem de muito longe, visando um mesmo alvo, com precisão matemática, sem se

desviarem da sua linha parabólica, evidentemente traçada.

Não entraremos em maiores minúcias sobre estes fatos, que, certo, vão ter pronta explicação. Felicitando a quem de direito pelas providenciais tomadas, não deixaremos de notar que, em circunstâncias bem análogas e igualmente sensacionais, Paris em peso se abalou com uma chuva noturna de moedas na rua Montesquieu, ao mesmo tempo em que, na rua de Malta, invisível mão tocava todas as campainhas. Ninguém conseguiu, então, descobrir a causa material do fenômeno. Agora, esperamos possam chegar a conclusões positivas.

Este o relato da Gazeta dos Tribunais. Advirtamos, como a pouco, que os objetos provinham da vizinhança e que tudo isso é de uma extrema vulgaridade.

Pois bem: as rigorosas pesquisas não deram nenhum resultado, em 1860, na rua das Nogueiras, como em 1849 na rua des Grès. Depois de tanto tempo perdido, parece que ninguém se ocupou mais com o assunto. Apenas - notas pitorescas - acusaram o proprietário do imóvel de ser o autor dos distúrbios, com intuitos interesseiros, coisa que ele desmentiu, chamando os acusadores aos tribunais . Os considerando de sua petição, respigados em O Direito, merecem aqui transcritos:

No ano de 1860, aos 9 de Julho, a requerimento do Senhor Lerible, antigo negociante de lenha e carvão; proprietário e residente em Paris, na rua de S . Germano n.° 64, eleitor qualificado em domicilio:

Eu, Albino Júlio Demouchyh meirinho do Tribunal Civil do Sena, residente em Paris e morador à rua de S. Vitor 43, - tenho por intimado o Senhor Garat, gerente do jornal A Pátria, nos escritórios do mesmo jornal, à rua do Crescente, a inserir no seu periódico a seguinte notificação, feita pelo requerente ao jornal O Direito, comprometendo-se ele requerente a pagar as linhas porventura excedentes ao limite que a lei lhe assegura:

Eu, Albino Júlio Demouchy, meirinho do Tribunal do Sena,, tenho intimado ao Senhor Francisco, por ai e como gerente do jornal O Direito, com sede na praça Delfins, a comparecer em audiência do dia 8 de Agosto de 1860, perante os Srs. Presidente e Juízes componentes da Sexta Câmara do Tribunal de Primeira Instância, em Paris, às 10 horas da manhã, para:

Atento a que, em seu número de 26 de Junho, e a propósito de fatos que se teriam passado em uma casa da rua das Nogueiras, O Direito conta que fatos análogos teriam ocorrido em 1847, em outra casa da rua des Grès, e mais

Que o redator ilustra as suas observações de conceitos tendentes a fazer crer que os ataques ã casa da rua des Grès, em 1847, partiam do próprio

locatário, no intuito de assim obter por meios desonestos a rescisão do contrato, e assim;

Que, havendo-se efetivamente desenrolado os fatos assinalados pelo O Direito, não em 1847, mas em 1849, em casa então ocupada pelo requerente na rua des Grès e, portanto:

Que tais imputações são de natureza a lesar a honra e a reputação do requerente, e mais

Que elas são tanto mais repreensível quanto nenhuma constatação dos acontecimentos em apreço foi feita, e, tal como se deu com os da rua das Nogueiras, eles ficaram inexplicados;

Que, ao demais, o requerente possuía, desde 1847, a casa e terreno por ele próprio ocupados na rua des Grès;

Que a suposição em que se deteve o diretor de O Direito não procede e jamais foi formulada e, finalmente;

Que os termos empregados pelo jornal constituem difamação e incorrem nas penas da lei;

Que todos os jornais parisienses reproduziram o artigo de O Direito e que a honra do requerente foi atingida por uma ofensa cuja reparação lhe é devida, e,

Por esses motivos

Se veja o Senhor Francisco condenado às penas cominadas em Lei, independente de prisão corporal, a pagar ao requerente os prejuízos monetários, que ele se reserva o direito de reclamar em plenário, e que,

previamente, declara destinar à pobreza, e mais as despesas de publicidade da sentença pendente em todos os jornais de Paris.

E para que o supracitado não o ignore, levei-lhe a domicilio a presente e depois de lida lhe dei cópia.

Custas: 9 fr. 10 c.

Assinado : Demouchy .

Contratos revogados, retratações sentenciadas, a.í temos declarações que desautorizam a rir do que se não compreende, tudo negando como cegos.

Estas duas observações de pedras arremessadas sem causa aparente, foram abjeto de vários inquéritos, dos quais um - o do Marquês de Mirville - foi publicado em 1863, em sua opulenta obra de 5 volumes, intitulada:

Os Espíritos e suas Manifestações, que ele teve a gentileza de me ofertar. A conclusão foi que nada se pôde concluir, de vez que todas as explicações imaginadas resultavam absurdas, quão ridículas. Mas, a conclusão mais surpreendente é a do próprio marquês, ao confessar que as suas experiências o fortaleceram na crença da existência do diabo! Vale a pena ouvi-lo um instante:

Conversamos com o carvoeiro Lerible: Pois o fato - disse - é que tiveram a ingenuidade de me acusar de tudo isso, a mim, o proprietário; a mim, que fui a policia mais de trinta vezes para pedir socorro; a mim

que, no dia 29 de Janeiro recorri ao Coronel comandante do 24, que me cedeu um pelotão dos seus caçadores. E fartei-me de lhes dizer: - acreditai que seja eu mesmo o meliante, se vos prouver, mas não deixeis de intervir, dizendo-me somente como me arranjo, ou prendei o indivíduo que emprazei, visto que, vede bem, tendes-me ao vosso lado. Assim, pois, seja eu, ou seja quem for, dai-me a parte que me toca. Isso vos compete e não tereis servido a um ingrato. Mas qual! senhor, eles, os pobres diabos, tudo fizeram e não conseguiram agarrar ninguém. Depois, ainda, a suposição de que fosse eu a arruinar-me. . . Mas, então, porque haveria de mobiliar de novo toda a casa, um mês antes? Como consentir no destroço de todo esse mobiliário, como, por exemplo, estes aparadores espelhados, que as pedras pareciam preferir? Ai tende, senhor.. . - e o pobre homem exibia-nos os cacos do espelho, do relógio, dos vasos, dos candelabros; destroços que ele avaliava em 1.500 francos, coisa de que não nos admirávamos, mas que valorizavam a sua defesa, sobretudo quando acrescentava: Então, não seria eu o primeiro a resguardar-me? Não viam que as pedras me atingiam com mais violência que aos outros? Vede, senhor, esta ferida que ainda aqui tenho na testa. Ah! é preciso convir que há muita gente ordinária neste mundo.

Um pormenor deveras curioso, o daquele quarto coalhado de pedras e cacos de telha, compridos e

chatos, que nos despertaram atenção. Por que obra do acaso? - dissemos. . . - E' que eu tinha fechado o postigo. Vedes esta fenda? - De fato, é muito estreita. - Pois bem: logo que fechei o postigo, todas as pedras vieram nesse formato, e através dessa fenda que tem mais ou menos a mesma largura! Ficamos ambos aturdidos com a agilidade e a precisão de pontaria dos farsantes, visando alvo tão distante. Era como dar um por cem mil ao Ariol, mesmo a vinte e cinco passos que não a um quilômetro, pelo menos.

Esse homem valoroso nos interessara, mas não desistimos de interrogar os vizinhos e procuramos diversos, inclusive o dono de uma grande livraria na esquina da rua. Esse, como os outros, achava a coisa absolutamente inexplicável e ainda mais absurda à pecha de fraude. Fomos, então, ao Comissário de Polícia e não o encontrando falamos ao seu substituto. O Senhor Comissário - disse - vos afirmaria, qual o faço eu mesmo, que, apesar de todos os esforços, nunca se pode algo descobrir e, de antemão vos digo, nem se descobrirá jamais. - Disso estava certo, caro senhor, mas sempre queríamos ouvi-lo da sua boca. Muito obrigado...

Eis como fala o Marquês de Mirville, a propósito dessa casa da rua das Nogueiras. Fixemos, com Bozzano, que essa é a história de quase todos as inquéritos neste sentido. De fato, as causas permaneciam impenetráveis, constrangendo os

cépticos a se pagarem com induções mais ou menos absurdas, que, embora inócuas, enquanto as manifestações persistem em toda a sua evidência, tomam, não obstante, certo incremento e infirmam a verdade, desde que elas cessam; e com isso se enfraquecem as impressões de autenticidade inconteste, recebidas pelos que as presenciaram. O notável incidente dos projéteis facetados, de molde a atravessar a estreita fenda do postigo, posto que maravilhoso, não é raro nesta espécie de fenômenos. Mesmo a circunstância mais curiosa da certeira pontaria, confunde-se com outros numerosos incidentes de projéteis que denotam segura e sistematicamente um objetivo. Dir-se-ia, até, ser a regra nessa ordem de coisas.

E' fácil compreender a grande importância teórica desses fatos, porque levam a pressupor origens intencionais, servidas por faculdades e poderes supranormais . Somos, então, levados a desculpar os que acreditam no diabo de permeio. De resto, vale anotar que o diabo ainda continua associado a todo o ensinamento cristão. Todavia, confessemos que a primeira impressão que nos causam esses fenômenos é a de sua banalidade e vulgaridade. Seja qual for à causa, aí temos exercícios bem singulares! Forças inteligentes em ação, mas, inteligências bem medíocres. Passemos a considerar outras

manifestações, instruamo-nos livremente, sem idéia qualquer preconcebida.

Estes exercícios físicos, extravagantes e incompreensíveis, são sempre idênticos em toda parte, com variantes mais ou menos estranhas . Entre os inúmeros exemplos que possuo no mele repertório, destacarei um, recente, que tem completa analogia com os precedentes. Foram-me comunicado por um pastor evangélico do Ardèche, Senhor Laval, e igualmente observado a rigor. Eis a curiosa narrativa que tomou o número 5208 na correspondência metapsíquica por mim começada em 1899 . S. Miguel de Chabrillanoux, 15 de Dezembro de 1922.

Prezadíssimo Mestre.

Os fatos incompreensíveis que vos relatei no ano passado e a respeito dos quais me concitastes a verificar, com o máximo rigor possível, são irrecusáveis. Envio com esta o plano exato da casa e seus arredores, assim como os nomes dessas honestas criaturas assaz prejudicadas com os acontecimentos. Não me oponho a que publiqueis meu nome e endereço, se assim julgardes útil ã vossa documentação científica. O pobre M. R. muito sofreu moralmente com a pravidade e a crendice do vulgo, considerando-o comparsa de espíritos malignos. Talvez convenha não lhe publicar o nome, que aqui vos confio discretamente, para infirmar no vosso conceito o valor científico do documento.

Este Senhor M. R. é agricultor na Comuna de. . . e possui num burgo próximo uma quinta com uma velha casa, não longe da qual há uma outra pertencente ao Senhor E... O Senhor M. R. costuma visitar a sua herdade na época dos grandes trabalhos agrícolas. As vivendas mais próximas estão a 400 metros de distância. Ai tende, a vista, a situação das duas casas com as suas granjas, regatos, caminhos, prados, vinhedos, bosques, etc. Assinalo os aposentos atingidos pelas pedras e maçãs, bem como o ponto, no cruzamento de dois caminhos, onde fui eu mesmo atingido por uma pedra, que me roçou verticalmente da cabeça aos pés. As pedras começaram a cair nos primeiros dias de Setembro de 1921 e continuaram, sem tréguas, até fins de Dezembro. A fase de máxima intensidade, pode-se dizer que foi de 1 a 10 de Outubro. Elas caiam, a toda hora, em pleno dia, e alvejavam o Senhor M. R. até no campo, a 200 metros da casa. A porta de entrada foi atingida, quebrada a janela n. 1, e a n. 2, que da para um terreno baldio com 400 metros de extensão, foi a que mais sofreu. As pedras choviam sem que se pudesse saber como, pois só eram vistas quando atingiam o alvo. Outras caíam em sentido vertical. M. R. tem 3 filhos: Heli, André e Henrique, de 12, 17 e 22 anos respectivamente, os quais foram logo suspeitados e, conseqüentemente, vigiados, espreitados a rigor, sem que nada descobrissem. Um domingo, o Senhor M. R. me pediu

lhe redigisse uma queixa ao Procurador da República. Procurei, antes do mais, certificar-me pessoalmente dos fatos. No dia seguinte, achava-me às 5 da tarde no pátio da casa, tendo à minha frente dois dos rapazes, quando uma pedra do tamanho de um ovo de galinha caiu verticalmente, resvalando por um deles, sem o molestar.

Pouco depois, outra pedra me roçou nas mesmas condições, a 50 metros distante da casa. Os rapazes estavam defronte de mim, não podiam ser os autores da façanha. As pedras chegavam com pouca velocidade, dando a impressão de caírem da altura de 2 metros, no máximo. Esta uma observação que fiz muitas vezes. E incompreensível. Resolvi recolher-me e nada ocorreu durante a noite. No dia seguinte às ? horas, enquanto M. R. e seu amigo Senhor D. trabalhavam no quarto junto da cozinha, duas maçãs bateram no pára-brisa de uma janela e foram tocar a M. R. A primeira maçã despregou uma velha tábua do pára-brisa, que apenas se sustinha nas outras, e passou nessa abertura. O Senhor D., atribuindo-me o feito, exclamou: - E' você, Laval, que assim aí diverte? Julgai da minha surpresa. E' verdade que no momento preciso eu me achava no local, do lado de fora e defronte da janela visada. O mais curioso é que senti que alguma coisa batia no pára-brisa; mas nada vi. Percebendo que não fora eu o autor da brincadeira, o Senhor D. tratou logo de investigar o que se passava.

Segundos após, duas outras maçãs, atravessando a mesma fresta, caiam no quarto, aos pés de M. R... Como da primeira vez, ouvimos o ruído, mas nada percebemos. Grande a nossa estupefação. O Senhor M. R., exímio caçador, que, ainda na véspera, jurara desentocar os culpados, confessava nada compreender de tudo aquilo. Evidente que as maçãs vinham de fora, em plano horizontal, e com bastante velocidade. Seria impossível, a quem quer que fosse, ocultar-se em pleno dia, defronte de uma janela que abre para um terreno de 400 metros, totalmente descoberto. O sujeito mais hábil, a menos que se colasse à janela, jamais conseguiria intrometer a maçã num orifício de alguns centímetros, por mais certeira que lhe fosse a mão .

Enquanto estávamos do lado de fora, ouvimos um choque contra a janela, mas nada vimos que o pudesse ter produzido. M. R. apelou para a Delegacia de Gourdon, que ali acorreu. Nos quatro meses que duraram os fatos, havia tempo bastante para descobrir qualquer tramóia dos rapazes. O Senhor M. R. chegou a suspeitar do seu único vizinho, Senhor E..., que tem também dois filhos de 17 e 22 anos. Interroguei severamente a família E... que me replicou: - Sabemos que nos acusam, mas nós estamos inocentes. O chefe entregou-me a carta junta ao relatório e declarou-me submeter-se a todas as devassas. Por demonstrar seu

alheamento de todo esse negócio, deu-me uma prova irrefutável, afirmando-me textualmente:

1 ° - No dia 25 de Setembro, ao meio-dia, meu filho mais velho saíra a compras e o mais moço achava-se acamado. Por mim, há essa hora, mantinha-me simplesmente à, cabeceira de meu pai agonizante. O Senhor M. R. veio pedir-me a espingarda e eu lá estive com ele, em sua casa, experimentando a arma. Poucos minutos depois, duas pedras batiam na porta. Estava eu, portanto, junto do Senhor M. R., e meu filho, esse, lá se conservava no leito.

2.° - A 6 de Outubro, à,s 6 horas da manhã, conversava com o Senhor M. R. no pátio da sua casa e tínhamos junto de nós os rapazes, os meus e os dele, quando duas pedras caíram no teto e outras duas na porta da granja.

O Senhor M. R. acreditará no que por aí se diz da morte do pai dele? Quererá ele, porventura, iludir temores ancestrais, atribuindo aos vizinhos esses fenômenos? E' possível que assim seja e, tanto mais presumível, dado o afervoramento da sua devoção, depois desses acontecimentos.

O pai dele, que atingiu idade avançada, foi, na velhice, atacado de loucura. Um dia, ausente o filho, fugiu, desapareceu. Os parentes debalde o procuraram e acabaram convictos de que se afogara no rio e fora arrastado pela corrente. Sete meses mais tarde, um caçador que vadeava o marnel existente entre X... e

X..., deu com um cadáver à flor dágua estagnada. Chamaram então a polícia e um médico, que disse ao Senhor M. R. : - Uma vez que reconhece o cadáver de seu pai, o melhor é enterrá-lo logo, para evitar complicações judiciárias. M. R. obedeceu ã sugestão, uma cova foi apressadamente aberta e o esquife levado ao cemitério, quase às ocultas, sem assistência do padre. O cura de X..., homem arguto, tirou partido dos fenômenos para si e os seus fiéis censuram a M. R. o haver privado a alma paterna dos socorros da religião. Não é desculpável a suspeita de M. R., atirada à família E. O Senhor E. é estimadíssimo no local, exerce há vinte anos o mandato de conselheiro municipal, eleito sempre por grande maioria. Eis, finalmente, a declaração há pouco referida:

Tendo vivido de há muitos anos, como bons vizinhos, em perfeita harmonia com o Senhor M. R., a quem considerei sempre um bom vizinho, declaro, em consciência, que nada tenho com os fenômenos inexplicáveis, ocorridos em sua casa. - J. E.

Como explicar esses fatos ? - escreve-me o pastor Lavai. - Estaremos, sem o saber, mergulhados num meio psíquico desconhecido? Existirão forças eletro psíquicas a manifestarem-se em tal maneira? Depois da leitura do seu livro - Os Caprichos do Rato, penso haver compreendido que alguns fenômenos elétricos se associam a um psiquismo inexplicável para nós. Terá razão o senso comum atribuindo esses fenômenos

a Espíritos desencarnados ? Mas, então, porque essas manifestações extravagantes? Depois de haver coordenado uns tantos fatos análogos, terá o senhor encontrado alguma conexão entre os assombramentos e os suicídios, crimes, mortes trágicas? Aqui na vila as interpretações divergem. A maioria opina pela manifestação dos mortos; outros boquejam que o pároco representa o prestidigitador, de quem temos sido vitimas, Outros há que só querem ver embuste: Meu avô, pastor ortodoxo, tudo recusa em bloco, estribado nuns tantos versículos bíblicos. Eu, para mim, tenho que a realidade das observações não comporta a presunção de fraude. Quanta à hipótese alucinatória, tão-pouco se agüenta, de vez que maçãs e pedras são coisas concretas. Prefiro, assim. afetar estes fatos ao domínio do Desconhecido, enfileirando-me entre os que o senhor inculca ao estudo dos intelectuais competentes. Afinal de contas, serão esses fenômenos mais misteriosos que os outros cuja natureza conhecemos e explicamos? Talvez sejam, apenas, mais raros e dificilmente constatados. Só a ausência de sã filosofia autoriza rejeitar a priori o que ultrapassa a esfera dos nossos pensamentos habituais. O mundo que vemos e sobre o qual se exerce nosso pensamento, não deve passar de fraco reflexo da realidade objetiva. O senhor descobriu os liames enigmáticos entre a agulha imantada e as tempestades solares. Outros laços mais misteriosos devem unir os

mundos e os seres, através de inúmeras gradações por nós ignoradas. As forças novas, que mal apreendemos, serão cabedais de estudo assaz interessantes para os cientistas do futuro.

Esses fatos, talvez insignificantes na aparência, hão de modificar um dia a nossa concepção do mundo e da vida.

Eu nasci em Treignac, na Corrèze, em 1885 ultimamente, em minha cidade natal, ouvi falar de uma casa que 30 anos antes fora assombrado, casa que ainda existe, a 7 quilômetros de Treignac. À noite as pedras caíam no meio das pessoas que vigilavam conchegadas ao fogão, e, durante o dia, à plena luz, choviam grãos de centeio e de trigo mourisco sobre a cabeça dos presentes embasbacados. Convém assinalar que o proprietário da casa se suicidara em condições trágicas. De acordo com a sua opinião, digo que é preciso tudo estudar, sem idéias preconcebidas.

Laual (Pastor evangélico) .

Está a ver que estas observações oferecem a maior analogia com as precedentes . No interregno que vai da casa da rua das Nogueiras a esta do pastor Lavai - 1860 -1922 - tomei conhecimento de mais de uma centena de casos desta natureza. Este foi observado com particular cuidado e agradeço ao comunicante o seu relato, que pode auxiliar-nos a esclarecer estes problemas, cujos estudos são variados e numerosos. Só

pelo que me diz respeito, este corresponde ao n.° 5208 da correspondência metapsíquica iniciada em 1899, já precedida de muitos e variados documentos. O que mais nos impressiona, nesses eventos, é a sua banalidade, a dar idéia de forças estúpidas e, todavia, trágicas às vezes . Depois, vem à circunstância de a eles se associarem, quase sempre, crianças e raparigas histéricas, daí resultando que os exames superficiais não prossigam e vejam todos, nessa coincidência, uma justificativa de fraude. Ora, o estudo mais profundo destes casos mais notáveis, provou que há forças desconhecidas em jogo, e que, muitas vezes, essas crianças e adolescentes são as suas primeiras vítimas . Tenho à vista, neste momento, grande número de processos sumariados, de rescisão de contratos por inabitabilidade dos respectivos imóveis.

Como já o assinalamos, esses lançamentos de pedras e maçãs nas parecem tão infantis quanto absurdos. Mas, se ali se deu o suicídio do antigo proprietário e se os seus manes subsistem, talvez pudéssemos ver nessas traquinados atos póstumos de um camponês . Voltemos, contudo, à primeira visada, que remonta aos anos próximos de 1860.

*

Há esse tempo e sempre sob as nossas vistas, por assim dizer fui informado por excelente observador - o

Conde de Oouches, que cooperava com o Barão de Guldenstubbe e com o General de Brevcrn - de que fenômenos tão misteriosos e inexplicáveis como os de Paris, foram observados em Poitiers. A esse respeito, guardei o relatório publicado no Journal de la Vienne, de 21 de Janeiro de 1864, e que aqui o transcrevo

De 5 ou 6 dias a esta parte, ocorre em Poitiers um fato tão extraordinário, que se torna o tema de todas as conversas e provoca os mais estranhos comentários. Todas as noites, a partir das 6 horas, estranhos rumores se fazem ouvir em uma casa da rua Nova de S . Paulo, ocupada pela Srta. de 0... Esses rumores, ao que nos informam, assemelha-se a tiros de artilharia, pancadas violentas nas portas e janelas, etc. A princípio, supuseram que tudo provinha de garotadas vadias, ou de vizinhos mal intencionados, pelo que organizaram a mais severa vigilância. Atenta à queixa do inquilino, a polícia tomou providências tão minudente, quão rigorosas, colocando agentes dentro e fora do prédio. Os rumores não cessaram, contudo, e nós sabemos de fonte segura que o Brigadeiro M... foi, ã noite de anteontem, vítima de um desmaio, do qual ainda não despertou. Toda a cidade está preocupada com o mistério. As indagações e batidas da policia não deram, até agora, nenhum resultado. Cada qual procura decifrar o enigma à sua maneira. Os estudiosos do Espiritismo atribuem aos Espíritos batedores essas manifestações, mercê de um famoso

médium, que aliás já não reside nesse quarteirão; outros, lembram que nessa rua existiu outrora um cemitério, e daí já se podem avaliar quantas conjeturas pululam a respeito.

De tantas explicações, não sabemos qual a verdadeira e o que só podemos afirmar é que a opinião pública se encontra grandemente emocionada. Ainda ontem à noite, enorme multidão se juntou defronte da casa, tornando-se necessário requisitar um piquete do 10.° de Caçadores para dissolvê-la. No momento em que estamos escrevendo esta notícia, os gendarmes ocupam a casa. A primeira idéia que acode, nestes casos, é a da fraude, pelo que fizeram rigoroso inquérito, inteiramente negativo. Os exorcismos foram também tentados, sem proveito algum, visto que, interrompidos por instantes, os ruídos logo recomeçaram mais violentos e - dizem - semelhantes ao estouro de pequenas bombas. Mas. . . de onde provëm elas ? Até agora, ninguém lhes pôde determinar a trajetória. Do sub solo não pode ser, visto que tiros de pistola disparados no porão não se ouvem no primeiro andar.

Num terceiro artigo, o magno jornal pensava contentar toda a gente com as seguintes linhas:

Vimos recebendo, há algum tempo, cartas de assinantes nossos e até de pessoas residentes fora do Departamento, nas quais nos pedem noticias mais circunstanciadas a respeito das ocorrências da rua S .

Paulo . Mas, nós já dissemos tudo o que sabíamos. E' absolutamente certo que os rumores se apresentam todas as noites, das 6 da tarde ã meia-noite, na casa da Srta. 0... São ruídos semelhantes a descargas sucessivas de uma arma dupla, que fazem estremecer as portas, janelas e tabiques. Ninguém vê fogo, nem fumaça, e tão-pouco a cheiro de pólvora. São fatos observados por pessoas circunspetas e fidedignas, e anotados mediante inquérito da policia, requerido pela família mesma do Senhor

Conde de 0... O Senhor H. de Orange tudo atribui a causas físicas, gases que se desprendem de velho cemitério sobra o qual estaria assentada a casa... Entretanto, a verdade é que a casa foi alicerçada na rocha e não há qualquer subterrâneo ou galeria que com ela se comunique. Por nós, o que pensamos é que esses fenômenos que se vem repetindo há mais de um mês, roubando o sossego de uma família respeitável, não ficarão definitivamente envoltos no mistério. Acreditamos haja uma habilíssima trapaça, e não duvidamos que os defuntos da rua S. Paulo acabem ajustando contas com a polícia correcional .

Mas apesar de tudo, a verdade é que não se apurou coisa alguma e a polícia correcional deixou de lado a força misteriosa e a causa daqueles tiros e ruídos insólitos .

Como disse, os fatos se deu na residência do Conde de Ourches, cuja irmã, Srta. de Ourches, é médium ou,

melhor dito - dinamógena, segundo a denominação que propus.

A propósito dessa casa de Poitiers, podemos notar que, em tempos idos, fenômenos análogos ocorreram no mesmo quarteirão.

Gürres, o conhecidíssimo autor da célebre obra - A TIistica - nos conta que, segundo Guilherme de Auvergne, bispo de Paris falecido em 1249, um Espírito batedor se havia introduzido em uma casa do quarteirão S. Paulo e atirava pedras que quebravam as vidraças. Pedro Mamoris, professor de Teologia, autor do Flagellum Maleficortun, registra o mesmo caso. Certo Espírito atirava pedras, arrastavam móveis, quebrava louças, chegava mesmo a atingir de leve as pessoas, sem que pudessem saber como operava.

Há esse tempo, o cura de S . Paulo, João Delorme, teria vindo acompanhado doutras pessoas visitar o local de tão estranhos acontecimentos e, munido de velas bentas, água benta e água gregoriana, percorrera todos os compartimentos, exorcismando . . . Notemos esta coincidência de localidade e prossigamos.

Eis agora manifestações observadas em Fives, perto de Lile, na mesma época. Pode ler-se no Independente, de Douai, números de 6 e 8 de Julho de 1865, a seguinte narrativa de fatos tão bizarros, quanto infantis:

I - Há cerca de 15 dias que, na rua do Priorato, em Fives, se vêm desenrolando fatos inexplicáveis e

alarmantes em todo um quarteirão. E' que, no pátio de duas casas ali existentes, cai, a intervalos, verdadeira chuva de projéteis a quebrarem vidros, a atingirem por vezes os moradores, sem que possam descobrir de onde partem, nem quem os lança. A coisa foi a tal ponto que dois inquilinos julgaram necessário gradear as janelas, para se resguardarem. A princípio, os interessados montaram guarda; mas acabaram chamando a polícia, que, seja dito, vem mantendo ali a mais ativa vigilância, sem impedir, contudo, a continuação dos bombardeios. Um agente chegou mesmo a ser atingido nas costas, quando procurava explicar ao companheiro a parábola descrita pelos seixos antes da queda. Um vidraceiro que procurava reparar alguns danos, foi igualmente atingido nas costas. Indignado, largou logo a tarefa, jurando que havia de descobrir o autor da façanha, mas, nem por isso, foi mais feliz que os outros. Ao fim de alguns dias, notou-se que os projeteis diminuíam de volume e aumentavam quantidade, de sorte que a emoção popular perdura. Nada obstante, há. esperanças de ser em breve esclarecido o mistério de tão estranho evento.

II - Os estranhos fenômenos em curso na rua do Priorato, desde o dia 14 do corrente, e dos quais já nos temos ocupado nestas colunas, entraram em nova fase, de sábado para cá. Não se trata agora de projeteis atirados de fora, com estrondo, contra portas e janelas

e, muito menos, contra as pessoas. Eis o que sucede agora. No sábado caíram no pátio oito setes e cinco moedas belgas de 2 cëntimos .

A dona da casa vendo, ao mesmo tempo, trepidarem móveis e tombarem cadeiras, chamou pelos vizinhos. Estes, tanto que levantavam as cadeiras, logo as viam de novo derrubadas, ao mesmo tempo em que uns tamancos esquecidos pela criada, no jardim, matracavam cadenciados, como se alguém com eles estivesse dançando.

À tarde, uma folhinha colocada em cima do fogão votijou no ambiente, enquanto uns sapatos saltavam do chão c caíam de sola para cima. Quando caiu à noite, a dona da casa, resolveu ficar de vigília. Apenas se viu sozinha, ouviu o baque de uma lâmpada de encontro à chaminé, e, mal tentava apanhar a lâmpada, já um conchário rolava por terra. Procurou igualmente levantá-lo e outra lâmpada bateu-lhe nas costas. Manobras que tais, tomaram parte da noite. Enquanto isso, a criada, que dormia no primeiro andar, entrou a gritar por socorro e foram encontrá-la tão apavorada que não deixava dúvidas quando afirmava ter sido espancada. Fizeram-na descer e deitar-se num quarto vizinho, mas, dentro em breve, eis que se lamentava e houve quem ouvisse as pancadas que lhe aplicavam. Essa rapariga adoeceu, teve de recolher-se ã casa paterna. Domingo de manhã, soas e cêntimos belgas tornaram a cair no pátio. À tarde, a Senhora X... lá foi

com uma de suas amigas e, depois de percorrer a casa toda, nada viu de anormal. A porta mantinha-se fechada, ninguém poderia entrar. Voltando a penates, a Senhora X. . . encontrou desenhado em seu leito um grande 8, com os lenços e meias que tinham sido fechados no armário.

À noite, acompanhada pelo marido, o sobrinho e um pensionista, que eram todo o pessoal da casa, ela visitou todos os compartimentos e no dia seguinte de manhã, ao subir ao quarto antes ocupado pela criada, encontrou sobre o leito um desenho extravagante, formado com carapuças e toucados. Na escada, em baixo, uns dez degraus forrados com casacos do marido, do sobrinho, do pensionista, encimados de um chapéu, Ao varrerem a sala de jantar, viram aparecer repentinamente duas facas espetadas no soalho e outra na parede. Cai no pátio uma chave, era a da porta da rua e logo a seguir a da escrivaninha, e lenços amarrados, que há muito estavam sumidos. De tarde, foram vistos um circulo formado de roupas, na, cama do Senhor M..., e no celeiro um desenho do mesmo gênero, arranjado com um canistrel e um capote. Tudo isso é abonado pelos moradores da casa, aliás pessoas insuspeitas, calmas e ponderadas. A explicação dificilmente se encontra, pois que a vizinhança é também conceituada e há três semanas se desdobra a mais rigorosa vigilância. E' fácil imaginar quanto sofrem com essas coisas os moradores da casa.

Começando por gradear as janelas do pátio, houveram de abandonar em seguida os cômodos visados, para se encontrarem agora encantoados, por assim dizer, em dois ou três compartimentos, até que findem seus dissabores .

Estes fatos, tanto quanto os precedentes, da rua das Nogueiras, da rua des Grès e de Poitiers, puseram em cheque a argúcia e vigilância policiais . Diante de acontecimentos assim presenciados e multiplicados com abono de numerosas testemunhas, qualquer negativa se torpe impossível. Certo, deverá haver nisso algum exagero, mas, também há fatos evidentes e positivos. Eles me foram atestados pelo Coronel Mallet, homem de real valor científico, que se informou in loco com os próprios interessados. Podemos, então, assegurar a realidade dos fatos e confessamos que eles são absurdos, idiotas, inexpressivos, assemelhando-se a traquinadas de garotos astuciosos, e que esta seria a explicação mais lógica se permitido nos fosse aplicá-la. Moedas? Sapatos que saltam e mudam de posição? Deslocamento de móveis? Pancadas? Não mais que vulgaridade, como nos casos precedentes. (Todavia, as camadas inferiores da Humanidade pouco mais espirituais se afirmam.)

Criançadas? Perfeitamente; mas, o grande caso é que nada se pode apurar e nós vamos ver, mais de

espaço, que esses movimentas também se operam em quartos hermeticamente fechados.

Antes de passarmos adiante, advirtamos que a intervenção das almas do outro mundo não nos parece absolutamente indicada, pois antes dizermos diabólica. Imaginamos, mui naturalmente, fenômenos elétricos, a lembrarem os do raio, mas com tal ou qual intenção rudimentar. Essas manifestações deixam-nos ver por um lado fenômenos naturais, sem significação aparente, e por outro lado manifestações de Espíritos e, ainda aqui, certas propriedades orgânicas de criaturas jovens, porventura a elas associadas. Vê-se, pois, quanto o fenômeno é complexo. Mas, seja como for, o que se não pode recusar é a existência de forças invisíveis e desconhecidas, em jogo. Não poderia haver, na atmosfera, entidades psíquicas desprovidas de qualquer valor intelectual e moral? Nossa Humanidade carnal está cheia delas... De vez que a alma não perece, que é feito da alma dos idiotas? E a dos animais, superior a de uns tantos homens ?

*

Uma das casas mal-assombradas que mereceu maior estudo e atenção, foi a de Glasgow, na Inglaterra, por mim retro-citada quando me referi à Sociedade Dialética de Londres, expressamente

organizada para estas investigações. Eis o relatório de uma testemunha ocular:

Ivy Bank, Glasgow, 30 de Agosto de 1869

O fato passou-se há alguns anos e eu pude observá-lo pessoalmente, enquanto a polícia procedia ao respectivo inquérito .

Foi em Abril de 1864. Toda a população de Scott's Lane, Port Glasgow, impressionou-se grandemente com os tabiques de um compartimento ocupado pelo jardineiro Hugo Cardle e família. Duas semanas havia que os ruídos se' prolongavam por toda à noite e, desde que a nova se espalhou, era de ver-se a multidão de curiosos que ali se juntava na rua, até as 10 horas. Escada, ante-sala e todo o compartimento, regurgitavam de curiosos, enquanto os policiais circulavam procurando manter a ordem. Meu primeiro cuidado foi uma inspeção da casa, auxiliado pelo vendeiro James Fegan .

Enquanto me detinha no cômodo onde começava o tabique, entrou o sargento acompanhado do meirinho. Expus-lhe o fim da minha visita e, como também ele desejava descobrir a fraude, prontificou-se me fazer companhia. As pancadas começaram às 9 horas e prosseguiram por mais de uma hora. Os primeiros ruídos assemelhavam-se ao atrito de dois sarrafos não acepilhados. Depois, como que marteladas no assoalho, em baixo da cama, situada quase no tope da

escada que dava para fora. Eu e o sargento Mc Donald munimo-nos de velas para aclarar o local onde percutiam as pancadas. O Senhor Fegan conservava-se defronte da cama; os Srs. J. F. Anstruther, Esq. e outros, permaneciam no quarto, por trás do meirinho. Disseram-nos que as pancadas eram dadas, muitas vezes, como respostas afirmativas ou negativas, e nós formulamos perguntas, propondo três pancadas por sim e uma por não.

As pancadas eram violentas e rápidas, vindo antes do argüente completar a pergunta. No intervalo de uma a outra pergunta as pancadas prosseguiam como que ritmadas.There is nae luck about the house... Assobiei esta canção, as pancadas soaram mais fortes, acompanhando-me o ritmo. Assobiei outras melodias, e desde o segundo verso foi perfeitamente acompanhado. Formulei várias perguntas em voz muito baixa, quase murmurada e de tal jeito que ninguém poderia surpreender o movimento de meus lábios, nem suspeitar o teor das perguntas. Nem por isso a manifestação se alterou, nítida, perfeita. Ao badalar das 10 horas, na cidade, as badaladas se reproduziram debaixo da cama e nas paredes . Pedi uma talhadeira e arranquei uma tábua do assoalho, no local de onde parecia provirem as pancadas. Elas mudaram de sede, por instantes, mas logo Continuaram. Dir-se-ia que alguém, armado de martelo, estivesse ~, bater nas bordas do buraco por

nós aberto no assoalho. Este, as paredes, o teto, tudo foi minuciosamente inspecionando. As crianças tiveram que sair da cama, as camas foram removidas, revirados os colchões, sacudidas as cobertas. Em suma: tudo, tudo se fez de molde a descobrir a causa do fenômeno. Outras pessoas, entre elas o intendente e os agentes de polícia, esquadrinharam a ante-sala, o vão inferior da escada e até os porões. Também procuraram imitar o fenômeno, batendo um pouco por toda à parte, mas, em vão.

André Glendinning.

Longe iríamos se aqui reproduzíssemos todos as atestados. Cingir-me-ei a estas linhas:

Atestamos convictamente que a narrativa supra, do Senhor Glendinning, é a expressão da verdade.

JAMES FEGAN
JAMES M. DONALD .

Há muito que conheço o Senhor Hugo Mc Cardle, jardineiro, e estou absolutamente convencido de que é um homem honesto, sóbrio, laborioso, justo e fidedigno.

JAMES FEGAN.

Essas coisas foram presenciadas por muita gente, estranhos e vizinhos, como por nós mesmos.

Afirmamos, sob palavra de honra, que em nada contribuímos para produzir esses fenômenos e não sabemos a que os atribuir. Para nós, eles permanecem absolutamente misteriosos. Por mim e por toda a minha família, assino,

HUGO MC CARDLE .

Ainda aqui, banalidade vulgaríssima, mas, nada obstante, indícios de entidade pensante. (As palavras grifadas pareceram-me bem singulares e tive o cuidado de as verificar no próprio relatório inglês, página 261) .

Estes fenômenos de comunicação revestem todas as modalidades .

Pareceu-me lógica começar este primeiro bosquejo do assunto com as reminiscências velhas de meio século, que têm, no mínimo, o valor intrínseco de mostrar que não freqüento de ontem o estudo destes fenômenos; que o meu conceito é fundado em longa experiência e por isso não posso mais sorrir de uns tantos publicistas que se metem a falar do que desconhecem, com isso induzindo em erronia a opinião pública, quando afirmam que as casas mal-assombradas não passam de farsas indignas da mínima atenção. O que, na verdade, desmerece atenção, é a mentalidade superficial dos escritores ignorantes .

Estas lembranças, de mais de meio século, foram depois completadas por centenas de observações

diversas, que as confirmam e ampliam sob várias formas. Duas grandes classes de fenômenos se impõem ao nosso exame. Uma concernente a ruídos, agitações, lançamento de projeteis, deslocamento de móveis, movimento de objetos sem contacto aparente, fatos físicos de telecinesia; outra que diz com as manifestações inteligentes, seja de espíritos desconhecidos e incognoscíveis, seja de pessoas falecidas, defuntos, almas penadas. Aí estão duas categorias bem diferentes e tudo está por estudar, porque nada se sabe a preceito.

Ao tempo de Descartes, a Ciência não estava organizada para a observarão direta dos fatos, por método oposto à dialética das discussões nominais. Hoje, essa organização, longe de estar concluída, precisa continuar, aditando aos fatos físicos os de ordem psíquica, não menos importantes.

Laplace dizia no leito da morte : O que sabemos é pouco, o que ignoramos é muito. O que vigorava para os tempos de Laplace, prevalece ainda hoje, apesar dos progressos da Ciência, ou antes e maiormente, devido a eles, pois cada passo avante no conhecimento das coisas nos deixa entrever horizontes novos. O preceito é, sobretudo, aplicável às observações metapsíquicas, das quais nada compreendemos. Ai é todo um mundo novo que nos depara e que não temos, parece-me, o direito de qualificar de sobrenatural. Não deve a Natureza tudo abranger, tudo conhecer?

Acabamos de expor as observações feitas mesmo em Paris, em 1860 e 1849 ; as de Poitiers em 1864, de Fives-Lille em 1865, da Glasgow em 1864, etc . Teremos de escolher, entre centenas de outras, para discutir as bases do nosso estudo. Não se passa um ano que não tenhamos um que outro caso de casa mal-assombrada.

Antes de passarmos adiante, registremos um exemplo assaz curioso, destacado da Revista de Estudos Psíquicos, dirigida pelo lealdoso e competente escritor C . de Vesme (Agosto de 1904)

O poeta inglês Stephens Phillips, conhecido sobretudo pelos dramas Herodes e Paulo e Francisca, desejando repousar num ambiente tranqüilo, a fim de concluir importante trabalho, alugara uma casa de campo nos arredores de Egham, pequena e calma cidade vizinha de Windsor sobre o Tamisa. Todavia, diz ele, em conhecerem meus pendores e propósitos, ninguém teve a gentileza de me prevenir que a casa tinha fama, de mal-assombrada.

Mal me instalei e logo estranhos rumores entraram a apoquentar-me. À noite, vezes à tarde, eram pancadas, rangidos de tábuas, rumores fortes ou brandos demorados ou rápidos. Dentro em pouco, surgiram os gritos, abafados, angustiados, como de pessoa aterrorizada e preste a ser estrangulada. Mas, não apenas isso, pois que víamos, mesmo a pleno dia, as portas abrirem-se e fecharem-se automaticamente.

Sempre que eu me ensaiava, por exemplo, para escrever no meu gabinete, não deixava de ser incomodado, como se alguém ali houvesse penetrado e andasse no quarto vizinho, pisando forte. Voltava-me, então, e via abriu a porta, movida por força invisível, continuando a ouvir passos de um lado para outro. Nunca tive medo de coisa alguma. A verdade, porém, é que esses fenômenos acabaram por me irritar e impressionar. A tranqüilidade tão ardentemente ambicionada tornava-se impossível. De resto, não era só eu que ouvia aqueles barulhos; a família e os criados estavam mais impressionados do que eu mesmo. Uma noite, minha filhinha chamou-me para dizer que vira no jardim um velhinho - assim uma figura de anão - que logo desaparecera.

O pobre poeta não suportou muito tempo às noites de insônia. Jamais residira daquela região, mas teve o cuidado de proceder a um inquérito e sempre conseguiu arrancar aos prudentes campônios a confissão de uma legenda a respeito daquela casa. Diziam que no local em que a construíram ocorrera, 50 anos antes, um crime atroz : - um vagabundo ali teria estrangulado uma mulher e o filho desta. Quando as pessoas da casa tiveram conhecimento da lenda, generalizou-se o pavor, os criados fugiram, esquecendo até de receber os ordenados. Só no momento de partir é que o Senhor Phillipa soube não

ser ela a única vítima. Todos os inquilinos que o precederam tinham-se mudado às carreiras

Não creio - declara o autor do Herodes - seja eu um homem pobre de espírito,, mas sempre desejaria me dessem uma explicação. Nessa expectativa, abandonei a Casa .

Tendo noticia destes fatos, a sapiente quão circunspeta Sociedade Inglesa de Investigações Psíquicas nomeou uma comissão de inquérito, que constatou a autenticidade dos ditos fatos, sem lhes descobrir o mistério. Notemos que, neste caso, nada indica a presença da causa orgânica (moça ou rapaz) a que antes aludimos.

Esta casa mal-assombrada provocou muita celeuma na Inglaterra. O próprio Senhor Phillipa concedeu diversas entrevistas a respeito. Tudo marchou bem, enquanto ele ocupou a casa; logo que se mudou, o proprietário, Senhor Artur Barrett, não mais achou inquilinos. Ninguém queria conviver com espíritos invisíveis, que abriam e fechavam portas e janelas; batiam nos móveis e nas paredes, etc. O Senhor Barrett intentou, então, um processo de perdas, e danos contra o Daily Mail, que foi um dos jornais que se ocuparam doa assombramentos de Egham, e também contra o Light, que reproduzira o publicado. O primeiro, foi condenado a pagar 90 e o segundo 10 libras . O Daily Mail recorreu da sentença, alegando a dificuldade em que ela colocava a imprensa para tratar de tais

assuntos, e o segundo julgado lhe foi favorável, atenta à circunstância de ser a casa já conhecida como mal-assombrada, antes de haver o jornal noticiado os fatos. Reconhecia-se à imprensa o direito de agasalhar tais fatos, uma vez que o fizesse de boa fé, sem intenção deliberada de prejudicar alguém.

Incidentes que tais, não são tão raros quanto os julgam. Por mim, confesso que os negadores é que me surpreendem. Lombroso escrevia,.há muito tempo, que mais de 150 casas, na Inglaterra, tinham sido abandonadas por mal-assombradas. Saboreie-se esta história.

A excelente revista italiana Lute e Ombro publicou, em 1905, com a assinatura de V. Cavalli, um artigo intitulado - Processo radical para apanhar os espíritos das casas mal-assombradas - artigo aliás interessante . Aqui o traduzimos:

Será um recurso dificilmente aceitável, mas, parece-nos que é o único meio eficaz, em certos casos extremos, quando, por exemplo, aparece uma casa fantasmógena, isto é, quando nela somente se encontram as condições psíquicas necessárias e ainda ignoradas, dessa física provisoriamente transcendental, com manifestações turbulentas de entidades ocultas. Esse meio é arrasar totalmente a casa.

Essa prática, como outras muitas, vem de longe na antiguidade. Eis um exemplo curioso, do século XVI.

Fernando de Aragão, rei de Nápoles, entre as muitas dádivas ao seu secretário, o célebre João Pontano, deu-lhe uma torre quadrada e muito alta, que depois se chamou Pontaniana. Ora, essa torre, diz Capaccio em sua História Napolitana, liv. 1, pág. 61, houve de ser demolida como tomada e monopolizada por cacodaemona incoli. Lógico é supor que, para decidir a demolição de um edifício assim importante, não sô pela sua antiguidade como pelo valor histórico, teriam concorrido motivos sérios, e que a escolha dos meios radicais só pode significar que outros não encontraram para invalidar o fenômeno. Outro exemplo, mais recente, é o apontado pela Senhora Crowe em seu apreciado livro - Os lados obscuros da Natureza, onde lemos que o grande Frederico da Prússia mandou arrasar uma casa mal-assombrada na aldeia de Quercey, Não podemos admitir que o voltaireano monarca tomasse precipitadamente uma resolução tão radical, de vez que mandou ao local oficiais de sua guarda, a fim de verificarem as manifestações propaladas. Ora, os mensageiros reais, tanto que se aproximavam do local, se viram precedidos e acompanhados de uma charanga militar, cujos músicos não puderam lobrigar. Um capitão, surpreso, gritou: é coisa do diabo! - e logo recebeu um grande sopro no rosto,

Eis outro caso ainda mais recente:

A Senhora Ida Pfeiffer, célebre viajante, mulher inteligente e de caráter varonil, registrou em sua segunda Viayeni ao redor do Mundo, pág. 340, o evento de lamentável assombramento (infestazione) ocorrido em 1853, em uma casinha de Cheribon, ilha de Java.

A população ficara tão impressionada que o Governo holandês encarregou um oficial de inteira confiança, de autenticar os fatos. Esse observador, estupefato, empregou todos os meios para descobrir a causa do que via, mas, acabou desistindo. O Governo resolveu, então, para liquidar o assunto, mandar demolir a casa.

Assim ficamos sabendo que empregavam tão radical medida para acabar com as assombrações. Também a propósito de bruxarias, soubemos que queimavam, não só as pessoas, como os objetos incriminados.

Será que o sublata causa, tollitur ef fectus tem aqui cabimento? Suprimir-se-á a causa? Ou, apenas, as condições necessárias ã sua atuação? Cum Hoc não equivale, em boa lógica, a propter hoc. A causa pode ser de natureza psíquica, inteligente, e a condição material. Estes casos de locis infestis, muito ao invés do que podemos supor, são dos mais obscuros na psicologia transcendente: Espiritismo, médiuns, força ódica, que há de fundamento em tudo isso? De há séculos que se vem batendo o campo em todos os

sentidos e pouco, quase nada se há encontrado. Escava-se muito sem atingir a fonte. Ainda mais que da Medicina, podemos repetir com Hipócrates : - Ars lonyua, frita brevis .

Do estudo da revista romana guardamos somente isto: o assunto deste livro tem sido universalmente discutido .

O processo relativo à casa de Egham, suscitou algumas dissertações algo jurídicas, algo humorísticas, na imprensa britânica. André Lang, antropologista bem conhecido, publicou em o Morning Post um artigo citando os processos que, de todos os tempos, os Espíritos batedores ensejaram, bem como a legislação que acabou por se firmar a tal respeito.

Alfenus, autor do Digesto, é a principal autoridade em que se apóiam quantos afirmam que o locatário tem que provar algo mais que o simples terror comum, para que possa obter rescisão de contrato.

Arnaldo Ferton, em Costumes da Borgonha, compartilha a opinião do Senhor Lang. Julga que os fantasmas que perturbam o repouso dos humanos e criam noitadas sinistras oferecem razão bastante para romper os contratos de locação. O Parlamento de Granada perfilhou este critério diversas vezes.

Na Idade Média, Le Loyer citou (a propósito de manifestações defronte do Parlamento) casas nas quais os espíritos apareciam ou produziam toda espécie de barulho, inquietando os moradores. Referiu-se a

Daniel e Nicolau Macquereau, que alugaram uma casa por contrato e não tardou que ouvissem rumores e algazarra de espíritos invisíveis, sem poderem dormir ou repousar sequer . O Parlamento anulou o contrato, admitindo que poderia haver locais mal-assombrados por seres sobrenaturais .

O Senhor Maxweli, advogado nos auditórios de Bordéus, encontrou, nos arquivos da Carta de Apelação dessa cidade, diversos julgados do século XVIII, concernentes à rescisão de contratos de aluguel por motivo de assombração. A jurisprudência contemporânea também os conta, e assim é que o Journal des Débats, de 18 de Abril de 1912, relata o seguinte.

O Senhor J. Denterlander possui em Chicago, South Dakley Avenue 3375, uma casa de apartamentos de aluguel. Os lançadores do imposto resolveram taxar o valioso móvel tomando por base o aluguel de 12.000 dólares. O Senhor Denterlander protestou, alegando que, ao invés de lucros, a casa só lhe dava aborrecimentos e trabalhos. Nem conseguia arrendá-la, porque era mal-assombrada. O caso é que lá falecera uma rapariga em condições misteriosas, possivelmente assassinadas; e, a partir dessa data, os inquilinos passaram a ser perseguido por gritos e gemidos que os não deixam dormir. Os ditos inquilinos vão-se, desanimados, uns após outros. Pleiteava então um abatimento no respectivo imposto e a comissão o

atendeu, arbitrando em 8 e não 12.000 dólares o valor locativo. E aí temes, de paralelo, reconhecida oficialmente à existência dos fantasmas.

Não é, pois, um romance de fantasia essa história de casas mal-assombradas . Muito se tem escrito a respeito dessas rescisões e abatimentos de impostos, fundados em tais circunstâncias . Lembrarei aqui, apenas, a tese notável, defendida em Nápoles pela advogado Zingaropoli, patrocinando a causa da Duquesa de Castelpoto contra a Baronesa Laura Englen, em 1907, e cuja premissa é: - se o locatário de uma casa infestada pelos Espíritos tem direito a pleitear a rescisão do contrato. Eis como ele resume a questão.

Existe a respeito uma doutrina e uma jurisprudência muito ricas. A lei mais antiga que assinala o inicio da controvérsia, e da qual partiram quantos hão versado a matéria, é a do jurisconsulto Alfenus, inserida no tomo XIX do Digesto (tit. II, Lei 27) .

Iterum interrogatus si quis timoris causa emigrasset, deberet mercedem, nec rem? Respondit: si causa fuisset cur periculum timeret, quamvis periculum vere non fuisset, tamem non debere mercedem; sed si causa noris justa non fwisset, nihilomiseus debere.

Este fragmento é comentado por Gotofred (trad. Vignali, Digesto, vol. III, pág. 133, Nápoles, 1857)

O terror deve ser iminente, o locatário tem o direito de abandonar o imóvel, em conseqüência de um terror justificado. Lembro-me de que, na minha juventude, meu curador e primo Ludovico Antônio, eloqüente advogado no foro de Paris, obteve a rescisão de um contrato de locação cujo signatário alegava não ter podido utilizar a casa, devido aos espectros que a infestavam. Afirmava o causídico que, sendo a locação semelhante à venda, era evidente que deveria transferir de pronto ao locatário os riscos decorrentes da coisa locada. Citava testemunhos extremes de qualquer suspeição, recorria aos Santos Evangelhos, isto é, a Mateus, capitulo VIII, a Marcos, V, a Lucas, VIII e à passagem de Plínio, o moço, no Liv. XXVII, bem como ao fantasma de Samuel diante de Saul, sem esquecer a cita notável de Santo Agostinho em seu tratado De cura pro mortuis gerenda.

Os comentários e citações de Gotofred atestam a importância que atribuíam ao assunto. Na Idade Média maior se tornara ela, exagerada pela preponderância da literatura demonológica. Essas manifestações misteriosas, distúrbios e prejuízos causados aos moradores de uma casa, aterrorizavam mais ainda pela convicção enraizada de uma origem satânica. Preciso fora versar os livros mais conhecidos da Demonologia, tais como o Malleus de Sprenger, o Formicarius de Nider, o Disquisitiones magicae do Padre Martinl:o del Rio, bem como os dos teólogos protestantes da

época, a começar por Lutero, para ver até que ponto acreditavam nos poderes do diabo. Ele, o diabo, intrometia-se em tudo e os mínimos acidentes eram havidos por maléficos dele. Onisciente, conhecia o passado, o presente, e o futuro.

Grande cópia de citações de autores antigos e modernos ilustra as Disquisitiones do espanhol del Rio.

Grimaldi Ginesio, na Istoria delle leggi e magistrati del regnó-àbi Napoli (vol. IX, pág. 4) comentário à Pragmática, de locato et condado, publicado pelo Conde de Miranda em Dezembro de 1857, escreve o seguinte: Sucedendo que, na casa alugada, o locatário, levado pelo temer pânica, se julgue assaltado por espíritos malignos, chamados em Nápoles de Monacelli, permite a mudança isento de qualquer indenização. Os mais célebres comentaristas do Direito francês tratam longamente dessa questão, mencionando a jurisprudência dos antigos Tribunais de Bordéus e de Paris.

Troplong, tratando Da permuta e da locação (art. 1702 do Código Civil de Napoleão, correspondente ao 1577 do Código Italiano, § 197), assinala este vicio redibitório: a aparição de espectros e fantasmas nas casas alugadas.

Fulano de tal, havendo alugado uma casa - diz Charondas - (Responsi, livro VII, 232) , apenas lá entrou, ouviu fortes e apavorantes rumores de

Espíritos que sa tornavam visíveis e lhe causavam, a ele e â família, insuportáveis tormentos. À noite, as visões surgiam e apavoravam as crianças. Por isso, pediu ao proprietário fosse o contrato rescindido e anulado, visto que o dito proprietário sabia, ao fazer a locação, da existência de tais fantasmas, conforme estava informado por outros locatários que o antecederam. O fato ficou exuberantemente provado, e só o direito era controverso. O Tribunal não tomou conhecimento da causa, no que concernia â manifestação dos Espíritos, por ser isso pertinente à alçada eclesiástica, julgando, todavia, caber-lhe a parte concernente à observância, dos contratos e convenções pessoais, não encontrando no Direito Romano, nem no francês, nada que autorizasse a julgar suficientes a aparição e o temor dos espectros, para rescindir e anular a locação. Assim foi arrazoado e julgado. Há também que ver Dalloz (Jurisprudência geral, Repertório de Jurisprudência. Paris, 1853, vol. XXX, pág. 313, § 190) ; Duvergier, n.° 528; Troplong, número 197), etc.

Tal a tese sustentada pelo advogado italiano. Vemos que os jurisconsultos estão de acordo com a opinião geral. Assinalo estes fatos para estabelecer antes de tudo esta verdade: - As casas mal-assombradas foram reconhecidas de muitos séculos pela jurisprudência européia.

Negar os fenômenos é um erro, aliás próprio da ignorância, como sucede amiúde com tantas outras coisas. O assombramento é de todos os tempos. Os teólogos os têm comentado muitas vezes, dado que, por muitos séculos, a cultura consistia na discussão de palavras, ao invés de estudar observando, ou experimentando as realidades. Assim que, tudo explicavam com e pelo demônio. Hoje, porém, quase ninguém acredita em demônios e impõe-se, então, uma explicação mais controlável.

Este primeiro conspecto nos patenteou uns tantos exemplos variados, extravagantes, inexplicáveis, pueris, de uma banalidade algo irritante e, contudo, reais, observados, verificados, submetidos a testemunhas irrecusáveis, que sofreram vexames e houveram de abandonar moradias onde se encontravam bem instalados, pleiteando a rescisão de contratos vantajosos. Que significações poderão atribuir a esses efeitos incompreensíveis, cuja banalidade nos revolta? Eles revelam atos intencionais, idéias confusas, próprias de uma mentalidade inferior. Neste nosso planeta não há exemplos de pensamento sem cérebro e, no entanto, certos efeitos do raio se deparam tão singulares que deixam a impressão de ocultos propósitos, como no caso daquela rapariga, de que se ocupou a Academia de Ciências (Em Torno da Morte, página, 311) .

Por outro lado, as leis que regem o sistema planetário não derivam de um cérebro. Há espírito na Natureza. Que é o instinto da galinha, que choca os ovos durante vinte dias para gerar pintos ?

Que significa, a renovação perpetuamente assegurada de bilhões de seres vivos? Os fatos singulares, que pretendemos aqui estudar, denotam fantásticas manifestações desse espírito desconhecido e, sem dúvida, incognoscível para nós.

Não passa isto, repetimos, de um primeiro conspecto. Uma excursão mais ampla, nesse terreno, será exposta mais adiante.

Temos grande número de fatos que requerem cuidadoso exame. São tão numerosos mesmo, que, antes de nos embrenharmos no cipoal, julgamos prudente deter-nos em alguns exemplos formais, nitidamente observadas. Começaremos por um dos mais típicos e completos. ~ história verídica e dificilmente crível que se vai ler, far-nos-á penetrar prestos no âmago desses latifúndios tão misteriosos das casas mal-assombradas.

CAPITULO III
FENÔMENOS ESTRANHOS OBSERVADOS NUM CASTELO DO CALVADOS

Aqui, penetramos sem demora, como acabei de dizer, no âmago da questão. Esta exposição de estranhos fenômenos observados em 1875, na, Normandia, foi redigida pelo Senhor G. Morice, doutor em ciências jurídicas, tendo em vista a narrativa do proprietário e testemunhas, publicadas em Anais de Ciências Psíquicas, do ano de 1893. A honorabilidade e inteligência do proprietário desse castelo, escrevia-me o sábio amigo Doutor Darieux, diretor dos referidos Anais, não podem ser suspeitas a quem quer que seja. Trata-se de homem enérgico, inteligente, que anotou de próprio punho, dia por dia e à medida que se produziam, todas os episódios do castelo. Essas pessoas atestaram, por sua vez, a realidade dos fatos. Contudo, ele, o proprietário, exigiu do narrador que nenhum nome fosse divulgado. (E restrição que podemos lastimar.)

Eis a exposição, que encurtarei quanto possível, visto que as observações, sobre serem numerosas, prolongaram-se por muito tempo:

Em 1835 existia, nesta comuna, um antigo castelo pertencente à família B. Seu estado de vetustez era de tal monta que a restauração foi considerada inútil. Para

substituí-lo, ergueram novo edifício, a uns 150 metros ao norte. Herdado pelo Senhor X., em 1867, passou ele a habitá-lo. Em Outubro desse ano, houve ali uma série de incidentes extraordinários: ruídos noturnos, pancadas, etc., e que, havendo cessado por alguns anos, reproduzem-se atualmente, segundo informa o Senhor V. em sua agenda de 1875. O castelo de T. sempre gozou da fama de palco fantástico, freqüentado por Espíritos mais ou menos maléficos, mas a família X. ignorava tais coisas quando ali passou a residir.

Damos, a seguir, extratos da Agenda cotidiano. Esses apontamentos são um tanto extensos, mas oferecem grande interesse, pois se trata de verdadeira processo de documentação verbal.

Estamos em Outubro de 1875 - escreve o proprietário - e proponho-me anotar aqui, dia a dia, o que se houver passado em a noite anterior. Devo frisar bem, aqui, que, quando os ruídos se produziam com o solo coberto de neve, nenhuma pegada se encontrava em torno do castelo. Ocultamente coloquei fios em todas as passagens e nunca os encontrei partidos. Neste momento, habitamos aqui 8 pessoas, a saber: eu, minha mulher e meu filho; o Senhor Abade X., preceptor do menino; o cocheiro Emílio, o jardineiro Augusto, a criada Amelina e a cozinheira Celina. Todos os serviçais pernoitam em casa e nos merecem absoluta confiança.

Quarta-feira, 13 de Outubro de 1875.

Tendo-nos dito o Senhor Abade que a sua poltrona. mudava de lugar acompanhado pela minha mulher e eu, ao seu quarto e nos certificamos atentamente do local de cada objeto. No

lugar correspondente aos pés da poltrona tivemos o cuidado de colar papel gomado. Ao retirar-nos, recomendei ao abade que me chamasse tão logo notasse qualquer coisa. As 10 menos um quarto ele ouviu na parede uma série de pancadinhas, bastante fortes, contudo, para serem igualmente ouvidas por Amelina,, que dorme no quarto fronteiro.

Depois, ouviu no canto do quarto um ruído como se alguém dessa corda a um relógio; um castiçal deslocou-se estridente sobre o fogão e, por fim, acreditou ter visto a poltrona automover-se. Sem ousar erguer-se, tocou a campainha e eu logo acudi. Desde que entrei no quarto, percebi que a poltrona se arredara um metro, no mínimo, do primitivo local, tombando em frente à chaminé. Uma arruela, antes junto do castiçal, havia-se sobreposto, Outro castiçal se havia deslocado e colocado de maneira a ultrapassar de alguns centímetros a borda do fogão. Uma estatueta, antes encostada ao espelho, havia avançado uns 20 centímetros. Ao fim de 20 minutos retirei-me, e logo ouvimos duas fortes pancadas no quarto do Senhor Abade, que logo tocou a campainha para dizer-me que

essas pancadas foram dadas na porta do gabinete, perto da cama.

Eis uma estréia prometedora. Continuemos a leitura da agenda.

Quinta-feira, 14 de Outubro - Violentas pancadas. Armamo-nos, percorremos todo o castelo, nada encontramos.

Sexta-feira, 15 de Outubro - Cerca de 10 horas o Senhor Abade e Amelina ouviram, distintamente, passos imitando os meus e de minha mulher, bem como a nossa voz. Pareceu -lhes que vínhamos pelo corredor em demanda de nossos aposentos. Amelina teima que nos ouvia falar e que depois abríamos a porta; e tanto é verdade, que não teve medo algum. Mas a verdade é que nós estávamos dormindo e nada ouvimos .

As 11 e um quarto toda a casa despertou com as pancadas violentas do quarto verde, Augusto e eu entramos a percorrer a casa, e, quando na sala, ouvimos barulho na dispensa. Lá fomos e.. . nada! Tornamos a descer. Minha mulher e Amelina ouvem arrastar um móvel no primeiro andar, onde não havia ninguém. Parecia que o móvel tinha tombado em cheio.

Sábado, 16 de Outubro - Fomos todos despertados por fortes pancadas, cerca da meia-noite. A ronda armada resultou inútil.

Segunda-feira, 18 de Outubro - Aumentaram as testemunhas: o vigário da paróquia resolveu pernoitar no castelo, desde sábado. Ouviu ele, perfeitamente, os rumores e resolveu passar aqui as noites para testemunhar o que ainda pudesse ocorrer. Esta noite chegou-nos o Senhor Marcelo de X., ficando instalado no 2.° andar e deixando entreaberta a porta do quarto, a fim de melhor perceber a direção dos rumores. Augusto deitou-se no corredor, perto da porta. Por volta de 11 horas todos foram despertados com o barulho de uma grande e pesada bola rolasse continuamente, Pela escada, do 2° ao 1 ° andar. Meio minuto após, fortíssima pancada isolada, seguida de nove ou dez pancadas surdas.

Terça-feira, 19 de Outubro - O cura de M. a nosso pedido veio pernoitar aqui. Também ele ouviu pesados passos na escada, logo seguidos, como na véspera, de forte pancada isolada, partindo do meio da escada do pavimento térreo.

Convencido está de que a coisa é mesmo sobrenatural. O Senhor Marcelo é da mesma opinião.Mais porque sobrenatural? Conhecemos porventura todas as forças da natureza?Continuemos a fantástica narrativa:

Os rumores cessaram completamente até a noite de sábado, 30 de Outubro, em que todos foram despertados com fortes pancadas.

Domingo, 81 de Outubro - Noite agitadíssima. Parece que alguém sobe a escada do andar térreo, batendo com os pés; mas, com agilidade inconcebível num ente humano. Ao chegar ao patamar, cinco pancadas tão fortes que fazem estremecer objetos pendentes das paredes. Depois, dir-se-ia que maciça bigorna, ou grande viga de ferro, marretasse as paredes, de maneira a sacudir a casa toda. Ninguém pode determinar o ponto exato de tais percussões. Todos se ergueram da cama e se reuniram no 1.° andar. Damos uma busca rigorosa, nada lobrigamos, Tornamos a deitar-nos, novos rumores nos fizeram levantar: Só podemos repousar ás 3 da madrugada.

Quarta-feira, 3 de Novembro - A partir das 10 h. 20, todos estamos acordados pelos rumores que sobem celeremente a escada. Uma série de pancadas faz trepidar as paredes. Levantamo-nos e logo ouvimos o ruído de um corpo pesado e elástico, como que saltando degrau a degrau a escada do 2.° andar. Chegando ao 1.°, rolou pelo corredor e parou no patamar. Súbito, duas pancadas fortes, seguidas de formidando estalo, como se vigorosa marretada houvesse rachado a porta do quarto verde. A seguir uma série de pancadinhas repicadas e repetidas, imitando passos de animais diversos.

Quinta-feira, 4 de Novembro - Esta noite, quando subíamos para nos deitar, Augusto pediu-me fosse

ouvir uma série de pancadas lá no 2.° andar, onde ele se encontrava, já deitado. Em lá chegando, nada ouço.

Esquadrinhei o sótão e o quarto vermelho, cuja porta deixei aberta. Estão comigo Augusto e Armando, irmão de Amelina e a luz está acesa. Ao fim de três minutos, cinco pancadas nitidamente distintas partiram do quarto vermelho, onde ninguém poderia ter penetrado sem ser visto e, ao demais - digo -, sob a mira do revólver, que, todos o sabem, não largo nunca. Mal desci, outras cinco pancadas foram distintamente ouvidas por Augusto, não tanto por mim, já no andar inferior.

Sexta feira, 5 de Novembro - Às 2 horas alguém se precipitou escada acima, até o 1.° andar, atravessou o corredor e barafustou pela escada do 2°, pisando a passos tão fortes que mal se diriam de gente humana. Todos ouviram. Dir-se-iam passos de alguém privado de pés, caminhando com os cotos. Depois, muitas e violentas pancadas na, escada e na porta do quarto verde.

Quarta-feira, 10 de Novembro a 1 hora da madrugada. Galope precipitado no vestíbulo, pancada forte no assoalho, seguida de outra mais forte ainda, na porta do quarto verde.

Uma chuva acompanhada de ventania, relâmpagos e trovões, fazem mais tétrica esta noite. A 1 h. 20 escancara-se a porta do quarto verde. A seguir, duas fortes pancadas na mesma porta, três dentro do quarto

e, por fim, pancadinhas no 2 ° andar, em número de 40 mais ou menos. Duração, 2 minutos. Nesse comenos, todos ouvem um grito, um som como de trombeta, que domina a tempestade. A impressão era como se o toque viesse de fora. Pouco depois, três agudos gritos ouvidos por todos, vindos também como do exterior. A 1 h. 30, pancada surda no 2.° andar, acompanhada de grito demorado e logo seguido de outro, como que de mulher, do lado de fora. A 1 h. 45, ouvimos de súbito três ou quatro gritos estridentes no vestíbulo e na escada. Erguemo-nos logo e, como sempre, encetamos minuciosa pesquisa. As 3 h. 20, nova galopada no corredor, dois gritos fracos, estes, porém, bem no âmago da casa.

Sexta feira, 12 de Novembro - Várias pancadas se fazem ouvir, acompanhadas de gritos como que emitidos por diversas pessoas. Outros gritos mais plangentes no vestíbulo.

As 11 h. 45, três gritos abafados como provindos do porão, seguidos de outros mais fortes, na escada. A meia-noite, levantamo-nos todos : ouviram-se gritos no porão, no interior do quarto verde e, finalmente, soluços e gemidos, como de mulher muito sofredora.

Sábado, 13 de Novembro = Não só à noite, mas também de dia, Pomos assaz molestados. Às 3 horas, pancadas na sala de jantar. As 3 h. 15, rumores no quarto verde. Lá fomos e verificamos que uma poltrona se deslocara e estava colada d porta, de

maneira a impedir a entrada. Repusemo-la, no seu lugar. As 3 h. 40, sapateado no quarto de minha mulher, arrastamento de cadeiras. Segunda manifestação no quarto verde, a cadeira lá estava embaraçando a porta. Minha mulher, o abade e Amelina, dirigem-se ao quarto desta e logo vira escancarar-se a janela do gabinete, que estava, aliás, bem fechada. O vento, diga-se, soprava do sul e a janela dava para o norte. No quarto de minha mulher desloca-se outra vez a poltrona . No quarto do Senhor Abade também se abriu automaticamente outra janela. À noite, galopadas como as precedentes, 13 pancadas no patamar e 8 mais fortes na porta do quarto verde.

Corremos o trinco da maçaneta e a porta tornou a fechar-se bruscamente. 15 minutos depois de meia-noite, dois gritos agudíssimos no patamar, não já de mulher que pranteia, mas, gritos estridentes, furiosos, desesperados satânicos e demoníacos. Pancadas violentas ainda perduraram por mais de uma hora.

Domingo, 14 de Novembro - As janelas do Senhor Abade, posto que bem aferrolhadas, abrem-se durante a missa. Ele fechara a porta levando consigo a chave, de sorte que ninguém poderia lá ter entrado. Ao cair da noite, ainda uma janela foi aberta.

Terça-feira, 23 de Novembro - Por volta das 2 horas fui despertado de profundo sono, com as pancadas no corredor e rumores outros em meu próprio quarto. Entretanto, o súbito e penoso despertar

não permitiu distinguir a verdadeira natureza do fenômeno. No dia seguinte, o Senhor Abade contou que ouvira, à mesma hora, aqueles rumores. Minha mulher, logo que acordou, viu a desarrumação no seu toucador.

Domingo, 19 de Dezembro - Durante à tarde, Emília, que ficara guardando a casa, ouve ganchos e panelas a caírem na cozinha, e minha mulher ao regressar ouviu largos e pesados passos no quarto do Senhor Abade, onde, claro, ninguém se encontrava.

Segunda-feira, 20 de Dezembro - Às 4 horas da tarde a Senhora X. encontra, ao entrar em seu quarto, duas cadeiras de pernas para o ar, sobre duas poltronas. Visito outros quartos e no azul encontro uma cadeira em cima. elo velador.

Sexta-feira, 21r de Dezembro - Ao meio-dia, todos os servos estavam à mesa e encontramos a cama do Senhor Abade tombada de lado, com o lavador por baixo. As 6 da tarde tornamos a abrir a porta por nós fechada à chave e encontramos a mesa em cima da cama

Sábado, 25 de dezembro – Ao meio dia enquanto os criados almoçavam, ouvem-se pancadas no quarto do Senhor Abade cuja porta esta fechada à chave.Demos lá uma batida e encontramos uma poltrona em cima da escrivaninha de Mauricio. Ao cair da noite, lá voltamos e encontramos o canapé virado, o despertador sobre o relógio de parede e uma cadeira

em cima da mesa. À noite, pelas 9 horas, ouve-se varrer o corredor do 2.° andar. Lá acorremos e encontramos a vassoura fora do lugar.

Domingo, 26 de Dezembro - Em regressando da missa do galo, subimos com o Senhor Abade até ao seu quarto, que ficara trancado â chave. As almofadas do canapé tinham desaparecido e fomos encontrá-ias aprumadas juntas, no parapeito da janela do gabinete. Essa janela eu a interceptara, desde quando notei que se abria de si mesma, pregando-lhe um sarrafo pelo lado de dentro. O sarrafo foi arrancado sem vestígio de emprego de qualquer ferramenta, e estava junto das almofadas. À 1 hora da madrugada, repetidas pancadas se ouviram por toda a casa. A Senhora X. encetou uma pesquisa e encontrou aberto o quarto do Senhor Abade, cuja porta ficara trancada à chave. Minutos depois, o sofá da sala de visitas deu dois saltos violentos. Em cima, novos ruídos, nova pesquisa: a porta do Senhor Abade, pouco antes fechada d chave, tornara a abrir-se. Às 5 horas, depois da Ave-Maria, encontramos um castiçal em cima da lâmpada do Senhor Abade, e a garrafa dágua sobre o copo emborcado. No gabinete, dois sapatos dispostos em forma de leque no peitoril da janela, e outros dois sobre um prato, perto da lamparina.

Noite de 26 para segunda-feira 27 - Às 9 horas eu e Augusto nos vamos instalar no roupeiro, deixando aberta à porta. Ouvimos uma série de pancadas como

se alguém estivesse passeando e batendo com a bengala no corredor, à nossa frente. A luz estava acesa. Pouco depois, Amelina ouve passos descendo à cozinha, onde logo se produziram estalidos secos, como se alguém lá estivesse a quebrar gravetos. Mas, gravetos é o que lá não havia então. Nem gravetos, nem ninguém.

Seguida-feira, 27 de Dezembro - Na tarde deste dia, fomos todos a V... A cozinheira ficou só, com uma jornaleira, e ao regressarmos disse que tudo correra sem novidade. Fomos ao quarto do Senhor Abade e lá encontramos os seus livros, uns cem talvez, espalhados no chão. Trás volumes, apenas, ficaram de pé, cada qual na sua prateleira e, por sinal, que eram os Três Evangelhos. Outras obras religiosas talham sido arremessadas ao chão, e a vassoura posta em cima da estante.

Este depoimento é assaz longo, evidentemente, mas nós conceituamos a sua variedade. Ainda assim, eu o encurtei quanto pude, mas, de forma a não lhe tirar o valor intrínseco. Eis o seguimento

Noite de terça 28, para quarta-feira, 29 de Dezembro - Três grandes pancadas surdas no 2.° andar, logo seguidas de inúmeras outras, rápidas, que percutem ao longo do corredor. Imediatamente, trás baques muito vivos na porta do Senhor Abade, mais dois isolados e um chocalhar de ferragens. Depois,

duas séries de trás pancadas vivas, impacientes, terminando por um estrondo na porta do quarto verde.

Quarta-feira, 29 de Dezembro - HÁ meia hora depois da meia-noite fomos subitamente despertados por quatro fortíssimas pancadas na porta do quarto da Senhora X. Para dar uma idéia da violência do fenômeno, figuremos o esboroamento de uma parede, um cavalo escoiceando uma porta, ou quatro balas de canhão alvejando-a. Sem exagero. O barulho se deslocou logo para a outra extremidade do corredor e violenta pancada sacudiu a porta do quarto verde. Desfecham-se, então, vários golpes surdos e possantes, que fazem estremecer toda a casa. Esses golpes se deslocam e aumentam de intensidade, à proporção que se deslocam. Aos 40 minutos depois da meia-noite, forte barulho de ferros no corredor, grande pancada na. porta do quarto verde. 10 minutos após, prolongados passos no segundo andar. Alguém contou cento e trinta e dois. Catorze pancadas na, porta do Senhor Abade, cinco na do quarto verde, dez no assoalho, duas na, porta de entrada e cinco, surdas e fortes, que fizeram tremer as paredes e móveis em toda a casa. A duração foi de 4 minutos.

Quinta-feira, 30 de Dezembro - Depois do almoço, enquanto os serviçais estavam à mesa, fomos encontrar no quarto do Senhor Abade um tamborete coberto com uma capa de cadeira e esta em cima da secretária de meu filho . Às 2 horas, fui com o Senhor

Abade ao seu quarto e lá encontramos a poltrona em cima da mesa. Na cadeira, estenderam uma toalha e colocaram sobre ela uma lâmpada. Na maçaneta da porta, penduradas, uma cruz e algumas verônicas haviam desaparecido. A meia-noite, trás pancadas vagarosas soaram na, porta do quarto verde; oito ditas, surdas, no teto, tudo estremeceram. Três estalos agudos no patamar do 1 andar e muitas gessadas no corredor do 2°, Os passos ora são lentos, ora rápidos, e nada têm de humanos. Nenhum animal, tão-pouco, poderia caminhar assim. Dir-se-ia uma bengala soa pulos. São 8 horas e ainda se ouvem algumas pancadas. O vigário de S. P. pernoitou aqui e tudo presenciou. Alguns fenômenos ocorreram no seu quarto. Ele ouviu como que a marcha de animal que tivesse pés de pau e que, tendo penetrado no quarto contíguo, dali passasse ao seu, e, trepando ã mesa de cabeceira, pisasse o travesseiro e acabasse, por deter-se no leito, a altura do seu cotovelo esquerdo. O Senhor Vigário tinha a luz acesa e estava bem acordado, mas nada viu.

As 6 da manhã, entrando no quarto verde, ele ouviu um ruído de palha remexida, primeiro no canapé, depois num canto da janela e seguidamente na armação das cortinas e em cima da cama. O Senhor Vigário certificou-se de que não havia ali palha alguma, nem coisa que se lhe assemelhasse. Marçal, o nosso rendeiro, também pernoitou aqui e foi

perseguido com ruídos debaixo mesmo dos seus pés e presenciados pelo jardineiro,

Noite de sexta feira 81 de Dezembro para sábado, 1.° de Janeiro de 1876 - 40 minutos depois da meia-noite, somos todos despertados por uma série de pancada terrificantes na porta do quarto verde. Em seguida, outras no interior e nas escadas. Prolongadas pancadinhas no corredor do 2° andar, terminando por quatro fortes estrondos surdos. Duração de 7 minutos.

Noite de sábado 1.° para domingo 2 de Janeiro - HÁ 2 horas e 5 minutos fortes pancadas fazem-se ouvir na porta do quarto verde. Levantamo-nos todos. Em primeiro lugar, grande galope no corredor do 1° e depois no do 2.° andar. Em seguida, treze pancadas irregulares, mas, batidas duas a duas, no interior do quarto verde. Depois, passos vários como que provindos de cima. Uma pancada violenta na porta do quarto verde e três no interior. Depois, oito, parecendo vir do 2.° andar. O castiçal, a meu lado, estremece a todo o momento. Às 6 horas e 30 minutos, várias pancadas, quais as noturnas, sendo de notar que, a partir das 3 da madrugada, todos quantos descem de seus quartos são acompanhados passo-a-passo e em marche-marche, até ao rés-do-chão, por pancadas que param ou continuam, com eles. O vigário da paróquia foi assim acompanhado e nada conseguiu ver.

Segunda-feira, 3 de Janeiro - À noite, fiquei só, na sala de visitas. A luz estava acesa e ouvi seis pancadas

bem nítidas no consolo, que se achava dois metros distante. Voltei-me, nada vi.

Noite de segunda para terça-feira 4 de Janeiro - Às 3 horas doze pancadas, duas por duas, foram dadas na porta da Senhora X. A janela mais próxima estremecia a cada golpe. O quarto está iluminado, nós estamos alertados, bem senhores de nós. Nada vimos. Cinco minutos após, ouvimos uma galopada, algo como porrete caminhando aos saltos no corredor do 1.°, e logo a seguir no do 2 andar. Finalmente, pancadas leves e surdas. O Dr. L., que aqui pernoitou, ouviu perfeitamente o estrupido no corredor e nada mais. O Senhor Cura de B, deitou-se no quarto vermelho e passou grande parte da noite ouvindo uma série de rumores pouco violentos, mas assaz estranhos, no corredor, tanto que nem aí deitou. Este convicto de que tudo só pode ser sobrenatural.

Quarta-feira, 5 de Janeiro - O rev. frade H. L. aqui veio mandado pelo Senhor Bispo, para observar os fatos e auxiliar-nos. À tarde, cerca de 5 horas, isto é, pouco antes de sua chegada, estando a Senhora X. com o filho, na sala de visitas, ouviram o barulho da porta empurrada com violência, ao mesmo tempo em que a maçaneta aí movia com rapidez. Maurício estava aterrado e a senhora pôs a cantar alto para impedi-lo de ouvir.

Estada do. Rev. H. L. - A partir do momento em que aqui chegou, a calma entrou a reinar de maneira

absoluta. Nada, absolutamente, ocorreu nem de dia nem de noite. No dia 15, celebrou; um ofício religioso. A partir desse dia, ouvimos alguns ruídos isolados e extraordinários, noturnos e sempre em locais distantes do frade H., de modo que ele não poderia ouvir. O reverendo nos deixou na segunda-feira 17 e a sua partida foi logo acompanhada de uma série de fenômenos tão intensos quanto os anteriores à sua visita.

Noite de 17 para 18 de Janeiro - Às 11 horas ruído como a queda de um corpo no corredor do 1.° andar, seguido do rolamento de uma bola, a esbarrar na porta do quarto verde. Galope interminável no 2 ° andar, acompanhado de vinte detonações surdas, na mesma direção, dezoito no interior do quarto verde. São 11 horas e 35 minutos e 5 fortes pancadas deflagram na porta do quarto verde; quinze surdas na escada do 2.° andar. Dois sapateados no patamar e dez pancadas surdas na escada do 2.° andar e tudo estremecem em torno de nós.

Noite de 19 para 20 de Janeiro - Às 11 horas e 15 minutos somos despertados por uma galopada no 2 ° andar, terminando por doze pancadas na porta do quarto verde e cinquenta e cinco outras no interior. Pouco depois, nove pancadas como de macete, na escada do 1.° andar. Outros galopes prolongados, cinco pancadas secas, tamborinagem no interior do quarto verde, três toques na ponta do mesmo, vinte e

sete na janela do meu quarto. As duas últimas janelas da Senhora X. estremecem. Duração, 10 minutos. Às 11 horas e 45 minutos onze pancadas no meu quarto.

Tendo-se ausentado por alguns dias, em visita a um irmão, o Senhor X... rogou à esposa que se incumbisse desta agenda durante a sua ausência. Eis o que registrou a Senhora X.:

Noite de 20 para 21 de Janeiro - 1 h. 8 m., cinco pancadas comuns, seguidas de dezenove violentas, no corredor. Duas na porta do roupeiro, seis no interior da mesma, nove na porta do quarto verde, onze no 2 ° andar, seguidas de inúmeros pequenos estalidos cadenciados no 2.° andar. Duração, 7 minutos. Mais doze pancadas surdas, sempre no 2 ° andar, e pancadas que pareciam vibrar de porta em porta. A 1 h. e 20 m. todos ouvem quatro fortes gritos, semelhando berros de boi e como que vindos de fora, mas, ao nível da janela; e logo como que duas vergastadas na escada. A seguir, dez pancadas mais fortes e rufos de tambor no 2 ° andar, A 1 h. 30 m., dois estrondos no 2° andar, estremecendo vidraças, móveis, quadros, etc. As 2 h. 5 m. numerosas pancadas na escada, uma na porta do roupeiro, outra na porta do quarto verde, destacando-se uma sonoríssima. Cinco estrondos surdos no 2.° andar fazem estremecer todos os móveis, seguindo-se cinco pancadas fracas na escada e quatro no 2.° andar. Um mugido de fora, ao norte da casa, ao nível das janelas. As 5 h. 45 m. um estrondo repercute no corredor e

logo um tropel. Depois, é a porta do quarto verde que se abre e fecha com fragor. Essa porta está fechada à chave e o trinco lhe foi arrancado. Enfim, o rolar de uma bola nesse mesmo corredor e uma pancada no alto da escada. Nessa mesma noite, a Senhora X., que mantinha a luz acesa, ouviu como que o baque de um objeto volumoso, caído da mesa de cabeceira. Procurando ver o que fosse, nada encontrou.

Noite de 21 para 22 de Janeiro - Às 3 horas fomos todos despertados por quinze pancadas partidas do 2.° andar.

Noite de 22 para 23 de Janeiro - Às 3 horas fomos despertados por vinte pancadas surdas no 2° andar.

Prosseguem aqui as anotações do Senhor X.:

Noite de 23 para 24 de Janeiro - Às 9 horas uma. galopada no corredor, seguida de pancadas amortecidas. A noite está calma. De manhã, primeiro às 6, depois às 7 horas, ouvimos uma série de pancadas, sempre no corredor. Hoje sigo para P. .. Minha mulher anotará o que ocorrer em minha ausência.

Dia 25 de Janeiro - As 4 h. 30 m. ouvimos muito barulho em cima. Lá fui com Amelina e encontrei revolvidas as camas de Augusto e Emília, mas - coisa singular - de modo absolutamente idêntico. Depois de verificar esse distúrbio, encaminhei-me ao quarto verde e a porta resistiu, calçada por dentro com uma poltrona. Recoloquei a poltrona, no seu lugar e

prossegui. Ao entrar no meu gabinete, um quadro colocado por dentro, de encontro à porta, tombou-me aos pés. Tudo ali estava em desordem: cartões espalhados pelo chão, a poltrona de pernas para o ar e atupida de papéis, cartas, etc. 5 h. 10 m.: O Senhor Abade lia o breviário. Posto que há três dias tenhamos tido um belo tempo, eis que esguicha da chaminé um jacto dágua, apagando o fogão e espalhando as cinzas do borralho, que entraram pelos olhos do reverendo e lhe polvilharam a batina.

Noite de 25 para 26 de Janeiro - 20 m . da madrugada, duas pancadas no vestíbulo. 1 hora, doze pancadas seguidas de tamborinagem e depois trinta pancadas rápidas e singulares, que antes se diriam sacudimento de todo o edifício, como se fôssemos embalados em todos os pavimentos. A seguir, nove pancadas ininterruptas, cinco na porta do quarto verde e depois uma galopada, Não foi tudo além de 5 minutos. Um minuto mais e toda a casa estremecia de alto a baixo, ouvindo-se logo após dez golpes terríveis na porta do quarto verde. Doze gritos do lado de fora, três mugidos e mais gritos furiosos se sucedem. Tamborinagem como que ritmada no vestíbulo, cinquenta estalos próximos do meu quarto.. . Batem, por vezes, à porta do quarto de meu filho. - 1 h. 30 m., a casa é vinte vezes sacudida. Sete pancadas fortes na porta do quarto verde, seguidas de outras que, por sua rapidez, não se podem contar. Mais: duas na porta do

quarto verde, doze perto do quarto de Maurício, treze que fazem estremecer tudo e depois cinco, dez, dezoito, que sacodem paredes e móveis e mal nos dão tempo de escrever. Nove tremendas pancadas reboam na porta do quarto verde; uma tamborinagem se faz acompanhar de grandes pancadas; seta que tudo abalam, uma assaz sonora, e mais dez em ritmo binário. Nesse instante, ouve-se como que mugir de touros e a seguir gritos estranhos, furiosos e nada humanos, no corredor e perto da porta do quarto de minha mulher, que logo se levantou e tocou a campainha para alertar os criados, Enquanto se reuniam todos no quarto do Senhor Abade, ouviram-se ainda dois mugidos e um grito. As 4 h . 20 m . somente, pudemos tornar ao leito. Minha mulher ainda ouviu um estalo violento no órgão colocado em seu quarto, a dois metros do leito, seguido de dois outros que não pôde localizar. Esses ruídos eram ouvidos em toda a herdade.

Noite de 26 para 27 de Janeiro - Temos duas testemunhas a mais, que são o cura de S. M., que aqui pernoitará e a Srta. L., que ficará conosco alguns dias. Aos 15 minutos depois da meia-noite, todos despertaram com forte barulho, qual se uma pesada tábua houvesse caído no corredor do 1 ° andar. Segue-se um grito, Aos 45 minutos, galopes entremeados de pancadas e recomeçando, depois de breve intervalo, com grandes ruídos de tambor. A porta de Maurício é

violentamente sacudida e tudo termina por quatro fortes pancadas na porta do quarto verde.

Noite de 28 para 29 de Janeiro - 11 h. 15 m. Grande grito na escada, um grito rouco e sibilante; sete pancadas na porta do quarto verde, seguido de seis outras mais violentas. As 11 h. 45 m. dezenove pancadas surdas em uma porta do corredor do 1.° andar. 55 minutos depois da meia-noite, ouvimos uma voz masculina no corredor do 1.° andar. Tive a impressão de ouvir ah! ah! e logo a seguir foram dez estrondos de abalar tudo em torno de nós. Uma pancada na porta do quarto verde e depois tosse no corredor. Levantamo-nos prestes e nada vimos, mas, ã porta do quarto de minha mulher, deparou-se-nos um grande prato partido ao meio! Mandamos rezar um novenário em Lourdes. O reverendo frade procedeu aos exorcismos e tudo cessou.

Confesso que todo leitor profano que jamais tivesse ouvido falar destes fenômenos, poderia atribuir as descrições aqui exaradas a cérebros de loucos, ou alucinados. Nada obstante, os fatos são reais. A idéia do sobrenatural domina em toda esta família e na sua roda. Para nós outros, porém, impõe-se uma apreciação puramente científica. Dos inúmeros atestados reclamados pelo Doutor Darieux, destacarei ainda alguns documentos, como declarações suplementares e substitutivos dos pormenores

suprimidos nas descrições precedentes, para ganhar espaço.

Carta, do Abade D., velho preceptor do filho da Senhora X.,, atualmente exercendo um paroquiano na Normandia:

Testemunhei todos os fatos do castelo de T., a partir de 12 de Outubro de 1875 até 30 de Janeiro de 1876. Posso, assim, atestar que os fenômenos constantes do manuscrito precedente não podem ser obra do homem. Todos esses ruídos foram ouvidos, não por uma e sim por muitas pessoas, e as pancadas eram tão fortes que poderiam ser ouvidas a 500 metros de distância. Não voa farei aqui um novo relato dos acontecimentos já de vós conhecidos. Fatos idênticos já se haviam passado no antigo castelo. Em toda essa embrulhada o Senhor X. tomou todas as possíveis precauções. Nem vejo como pudesse ele, fisicamente falando, introduzir-se em meu quarto e deslocar objetos sem que eu o visse. Como trepar ao cimo da chaminé e de lá derramar água no quarto e cobrir de cinzas, ao demais em pleno dia e dia enxuto? Meu discípulo presenciou o fato e ainda parecer-me vê-lo a fugir. E, como explicar que a cadela, bem amestrada, do Senhor X., não desse qualquer sinal de inquietação? Como conceber que uma janela bem fechada pudesse abrir-se automaticamente diante de nós? Os gritos que ouvimos não eram de boca humana; as paredes eram, às vezes, abaladas de tal forma, que eu temia o

desabamento do teto. Onde o homem capaz de promover tudo isso? Por mim e para mim, só o diabo.

m . . . , 12 de Janeiro de 1893 .

Carta do Senhor Morice ao Senhor Darieux:

Meu caro Doutor.

O Senhor X., qual vimos pela última carta do seu manuscrito, atribuía ao exorcismo e às preces conseqüentes ao ofício religioso, a cessação dos fenômenos. Quando ele escrevia, isto é, a 29 de Janeiro, estava, certamente, de boa fé, mas os fatos não tardariam a desenganá-lo. Por isso mesmo, a cerimônia do exorcismo não deu resultado. De fato, realizada a 14 ou 15 de Janeiro, sabemos pelo próprio relatório do Senhor X. o que ocorreu depois dessa data, até 29 de Janeiro. E' força reconhecer que, depois das orações ordenadas pelo exorcista, a calma pareceu renascer nos últimos dias de Janeiro. Entretanto, em fins de Agosto e principalmente em Setembro, o castelo de T. voltou a ser teatro das cenas que já conhecemos. Escrevi a uma testemunha das ocorrências de 1876, isto é, ao preceptor do filho do Senhor X. e aqui tendes a sua resposta.

Carta do Abade M . ao Sr . G . Morice

B . . . , 20 de Janeiro de 1893 .

Caro Senhor.:

Depois dos exorcismos produziu-se grande calma. Deu-se mesmo um fato quase incrível, que ensejou grandes esperanças para o futuro. Eis o fato: lestes no jornal que medalhas de S . Benedito, cruzes bentas e verônicas de Lourdes haviam sido colocadas em todas as portas. Tudo isso formava um pacote algo volumoso. Vistes, igualmente, que, na noite imediata, se produzira enorme algazarra e, de manhã, medalhas e cruzes haviam desaparecido e não foi possível encontrá-las. E, contudo, eram elas em número considerável. Ora, o exorcismo terminou em calma, e essa calma continuou por alguns dias. Podeis avaliar quão grata nos foi à trégua, mas, o certo é que dois ou três dias depois, quando a Senhora X. escrevia algumas linhas, ajoelhada junto de uma secretária, viu cair de chofre, sobre a mesma secretária, um grande pacote de cruzes e medalhas. Isto se deu as 10 1/2 horas da manhã, mais ou menos. De onde vinham essas medalhas? E eram elas as mesmas penduradas nas portas, exceto as de Lourdes . O bom do cura de T. , a quem contaram o feito e que, como eu mesmo, conhecia a lealdade dos seus castelões, disse-lhes: Coragem! o diabo depõe as armas, tudo acabará bem, ficai certos. Mas consigo dizia: Não a muito que temer ainda, pois Lourdes não voltou.

Em fins de Agosto esses pequenos rumores voltaram freqüentes e bem mais caracterizados. Certa noite, diversas pessoas (eu em particular) ouviram

pancadas rápidas e violentas no roupeiro, absolutamente semelhantes às produzidas no inicio dos fenômenos.

Uma noite de sábado, precedente ao 3 ° domingo de Setembro, enorme alarido irrompeu no salão de visitas e perdurou toda à noite. De manhã a Senhora X., com a chave do salão no bolso, para lá se dirigiu inquieta e, logo ao abrir a porta, viu que o sofá e as cadeiras estavam em desordem, muito afastadas dos respectivos lugares. O conjunto, porém, denotava a configuração de ferradura, como se assim fosse intencionalmente preparado para uma entrevista coletiva, com o sofá no centro.

Ora pois! o demônio convocou o concílio e vai prosseguir... O Senhor X. abre o harmônio e dedilha por muito tempo. Quando fechava o instrumento, ouviu repetidas, no canto da sala, as melodias que acabara de tocar, e isso por longo tempo. Dias depois, ausenta-se o Senhor X. por espaço de três dias, A esposa costumava deixar acesas em seu quarto uma lâmpada e duas velas. Como temesse sobretudo as aparições, mandou colocar um ferrolho na porta do gabinete de vestir, dizendo: assim, não terei que vigiar senão a porta de entrada... A meia-noite ouvimos formidável estrondo, todos acordaram e a Senhora X. ouviu a queda em seu quarto como que de um fardo de fazendas, ao mesmo tempo em que a lâmpada e as velas se apagavam. A seguir, pareceu-lhe que corriam

o ferrolho, o que de fato se verificou. No dia seguinte, a Sra, X. ouviu ressonar a nota de pequeno órgão que tinha em seu quarto, e isso por longo tempo. Ainda no dia em que o Senhor X. regressou, ouvi eu, por volta das 2 h. 30 m., muitas lerias misteriosamente executadas, estando ausente a Senhora X., que só voltou às 6 horas. Comuniquei-lhe o sucedido e a resposta foi: tenho aqui no bolso a chave. Era verdade, o órgão estava realmente fechado!

Outra feita, em meu quarto, uma cômoda pesada e sobrecarregada de livros erguesse a meio metro de altura, assim se conservando por algum tempo. Advertido pelo meu jovem aluno, agarrei-me inutilmente ao móvel, até que ele baixou por si mesmo ao seu lugar. Passou-se isto às 3 da tarde, mais ou menos. Outra noite foram às janelas do quarto que se abriram e se fecharam, automaticamente, posto que não ventasse.

X... Vigário de B...

Uma só coisa nos cumpre acrescentar aqui: é que os signatários destas cartas são sacerdotes de cuja honorabilidade e boa fé não se poderia duvidar,

G. Morice.

Vejamos, ainda de acréscimo, o trecho de uma carta da Senhora N. des V. ao Doutor Darieux:

Suponho que o castelo veio a caber em herança ao Senhor X. A velha proprietária teria falecido sem os sacramentos e pelo que - dizia-se - ali penava a sua alma.

Quando surgiram os primeiros fenômenos, o Senhor X. julgou que se tratasse de qualquer conluio interessado na aquisição do imóvel a terras adjacentes, a resto de barato. Ele fez portanto, rigorosas pesquisas e experiências, sondou paredes e adegas, tudo varejando no intuito de encontrar uma pista. Nada obstante tamanha canseira e vigilância, os ruídos prosseguiram misteriosos; ocultos e até aumentados, à medida que as precauções redobravam. Até dois temíveis cães de guarda foram adquiridos e nada adiantaram. Um dia, esses animais entraram a ladrar para os lados de certa moita no jardim, com tamanha insistência, que se diria ali estivesse alguém escondido. O Senhor X, lá foi armado e seguido dos criados, deu uma batida no jardim, mas, nada viram, senão que os cachorros, ao penetrarem naquela moita, em vez de ladrarem passaram a ganir plangentemente, como se houvessem recebido qualquer corretivo, até que se retiraram de rabo entre as pernas. Os homens, por sua vez, esquadrinharam, desbastaram a moita e nada adiantaram. O quarto do abade foi sempre o mais preferido no desdobramento das diabruras. O abade, ao sair, não se esquecia de dar duas voltas ã chave, guardando-a no bolso, Precaução inútil. Sua janela,

sempre cuidadosamente fechada, abria-se por si mesma e os móveis eram deslocados ou derrubados. Deliberaram, então, parafusar solidamente essa janela e sempre a encontravam aberta, com os parafusos espalhados no assoalho. Certa feita, enquanto o abade descia a escada, ouviu no quarto uma pancada tão forte que o fez lá voltar de pronto. A estante havia tombado e os livros jaziam espalhados por todo o quarto, mas espalhados intencionalmente, porque dispostos em filas simétricas e regulares, qual nas prateleiras.

Seu espanto foi tal, que, tanto ele como os alunos foram instalar-se no quarto do vigário. Outro episódio: um oficial (primo ou amigo) resolveu dormir uma noite no quarto habitualmente mais visado e, por isso mesmo, desocupado. Tinha o seu revólver e prometia atirar em quem se atrevesse a perturbar-lhe o sono. Apagou a luz, adormeceu. Despertando com o roçagar de um vestido de seda, sentiu que lhe puxavam as cobertas e interpelou o ignoto visitante. Não obtendo resposta, acendeu a vela, que logo se apagou. Reacendeu-a três vezes, debalde! A vela se apagava e o frufru da seda continuava, bem como o repuxamento das cobertas. . . Decidiu atirar no escuro e na direção que lhe indicava o movimento das cobertas. Disparou e... nada! Mas o incrível está em que as balas não saíram das cápsulas e foram pela manhã encontradas, assim perfeitas, embutidas na parede.

Registremos ainda outra carta complementar. Carta do Cura de M. ao Senhor Morice:

Posso certificar que ouvi os ruídos extraordinários, constantes do memorial do Senhor X Tive em mão esse memorial, li-o e achei-o fidelíssimo. Não tenho a menor dúvida sobre a natureza desses fenômenos, que, para mim, são sobrenaturalmente diabólicos. A este respeito, podereis consultar o Rev. H., que exerce o paroquiano de M. Ele passou 15 dias ou 3 semanas no castelo, como delegado do Senhor Bispo diocesano, a fim de utilizar o exorcismo, se o julgasse necessário.

J. A. (Cura de S. D.)

A carta do Rev. Frade também foi publicada. Mas, a bem dizer, seria supérfluo avolumar a documentação, pois estamos absolutamente convictos da realidade destes fatos estupeficantes.

Depois, com o prosseguimento da coisa, o proprietário, desesperado, acabou vendendo o castelo e mudando-se para alhures. O Doutor Darieux encerrou o importante relatório desses fenômenos com as seguintes linhas:

Tive, não há muito, a visita do Príncipe H., que vai esforçar-se, em combinação com o Senhor Morice, para levar ainda mais longe, se possível, este inquérito já tão rico em documentos e testemunhos de pessoas honradas e fidedignas,

O castelo de T. constituiu, de há muito, o mais notório exemplo de assombramento, entre os muitos vindos ao nosso conhecimento, pela sua rigorosa documentação e pelo valor pessoal das testemunhas. Não podemos pôr em dúvida essas copiosas observações, notabilíssimas por muitos títulos, nem tão-pouco a boa fé e a sinceridade de quem as fez.

Xavier Darieux .

Esta história nunca foi desmentida. Sua autenticidade é tão certa quanto à da guerra de 1914, seguramente mais louca e mais estúpida, com os seus crimes espantosos . Ela é, confirmamos, das mais documentadas que conhecemos, e por isso aqui a inserimos à testa da nossa explanação, com as suas principais minudenciai, que não sumariamente reduzidas . Também não me deterei em discutir a hipótese do diábolismo sobrenatural. Continuemos nossas investigações libertas de idéia preconcebidas . As investigações explicativas só poderão vir logicamente do conjunto das observações. Parece, todavia, que não podemos deixar de concluir, diante de tudo isso, que haja seres invisíveis. Porei, agora, sob as vistas dos meus leitores, um outro caso típico, não menos proveitoso à nossa instrução pessoal.

CAPITULO IV
A CASA DA CONSTANTINA

(Corrèze)

Meu ilustre e saudosismo amigo Albert de Rochas, diretor da Escola Politécnica, assaz conhecido e universalmente admirado por suas investigações psíquicas, falar sempre com particular interesse das observações feitas nesta herdade, situada no Departamento de Corrèze (Comuna de Objat) e, principalmente, do respectivo inquérito promovido por Maxwell, substituto do Procurador Geral, e cuja competência nestes assuntos é também geralmente conhecida.

O Coronel de Rochas, diga-se, inseriu esse inquérito no seu livro acompanhado de uma descrição da casa, tal como se segue:

Constantínia é uma propriedade muito importante. A casa residencial, construída na encosta de uma colina compõe-se de pavilhões em esquadrias. À parte da casa, onde se encontram as portas de entrada, fica ao nível do solo e compreende uma grande cozinha em

toda a extensão do pavimento, tendo à direita grande salão e um quarto de dormir. A esquerda fica a ala do edifício, com um quarto baixo e um celeiro em sótea. O nível desta parte da casa é pouco superior ao da cozinha e das outras duas peças. Há nesta sala quatro peças, a saber: um grande quarto de casal, com duas janelas para frente; uma ante-sala ou corredor, um segundo quarto menor - dito da Senhora Faure - e, finalmente, um aposento servido por quatro janelas, comunicando com o pátio, fechado pelas dependências reservadas aos fâmulos e aos trabalhos domésticos. Nesse aposento há também dois leitos. O pessoal da Constantínia compreendia, além de uns tantos operários agrícolas, a Senhora Faure, sua avó (com 80 anos de idade) e Maria Pascarel, rapariga dos seus 17 anos. A Senhora Faure é uma criatura bem educada e de boa família. Inteligente e enérgica, superintende por si mesma os seus negócios. A avó, senecta embora, conserva íntegras todas as faculdades, conquanto fisicamente se sinta alquebrada. A jovem Maria, essa é inteligente, resoluta e uma tanto desenvolta, posto que nada conste contra a sua honestidade. Fisicamente falando: baixinha, compleição franzina, tanto que impúbere, ainda, ao tempo em que ocorreram estes fatos. Maria tem uma irmã sonâmbula e toda a família é tida como algo extravagante. Os numerosos serviçais de Constantínia fazem a refeição na cozinha, onde se encontra pesada mesa de 1 metro de largura por 3 de

comprimento. Na cozinha há um forno com enorme chaminé, cuja aba protege um banquinho à esquerda, duas cadeiras ã direita, armários e prateleiras. Os fenômenos começaram na 2.a quinzena de Maio de 1895, por pancadas na parede que divide a sala de jantar, do quarto da octogenária. A 21 de Maio, às 9 horas da manhã, a velha diz ã neta que a sua cama estalava; mas a viúva Faure não ligou importância ao fato, julgando pura ilusão . No dia seguinte, às mesmas horas, o ruído se repetiu no mesmo ponto, e a própria Senhora Faure ouviu nitidamente. No dia 23 nada houve. No dia 25, sexta-feira, o ruído recomeçou mais forte, sempre no mesmo ponto. O ruído dava idéia de estar à cama batendo na parede.

Uma hora depois, a Senhora Faure entrou no quarto e viu espalhadas no chão peliças, cobertas e fronhas dos travesseiros. No resto da casa notaram-se outros distúrbios. Três tonéis vazios deslocaram-se na adega. Noutro quarto, a cama foi desmanchada e a respectiva guarnição dispersa no assoalho. Uma imagem da Virgem e um bule cheio de café foram levados da cômoda para o meio do quarto. Ao lado desses objetos, um Cristo retirado da parede.

Estes episódios inexplicáveis acabaram por atemorizar a Senhora Faure, pelo que levou para seu quarto, à noite de sexta para sábado, a avó e a serva Pascareli. Essa noite correu normalmente tranqüila. No sábado de manhã, três fortes pancadas foram dadas na

porta do celeiro, sendo que a escada de acesso ao mesmo é fechada por uma porta que dá para o vestíbulo. As Sras. Faure e a criada precipitaram-se logo para o quarto e encontraram as camas outra vez desfeitas, as roupas espalhadas no chão e quebrado o bule de café. Dali, foram à cozinha, aonde, mal chegaram, ouviram grande algazarra. No chão, em cacos, três açucareiros, doze xícaras e alguns quadros com gravuras e fotografias. Grande o terror das três, ainda porque, no momento, o pessoal da lavoura estava ausente. Para logo convencidas da sobrenaturalidade dos fenômenos, os vizinhos procuraram dissuadi-las, ao princípio, mas acabaram, também eles, terrificados.

Amélia Bayle, mulher de Madrias, senhora de seus 30 anos, inteligente e sensata, foi às 7 horas da manhã à casa da Senhora Faure, a fim de inteirar-se das ocorrências, Em sua presença a tampa de uma sopeira, colocada diante da boca do fogão, foi violentamente atirada no centro da cozinha. A Senhora Madrias estava assentada de costas para o fogão e de permeio à sopeira e as pessoas ali agrupadas, que eram as duas Faures, a criada e um pequeno pastor. Apavorada, a Senhora Madrias tratou de retirar-se com as suas duas criadas. Quando voltaram, às 11 1/2, a Pascareli cuidava, de remover os destroços que juncavam o solo, pois diziam que foi uma verdadeira chuva de pratos, copos, panelas, etc., arremessados das prateleiras por

mãos invisíveis. A Senhora Madrias viu um boião de madeira projetar-se, com inaudita violência, da prateleira aos seus pés. Outros distúrbios foram constatados no quarto. Revolvido o leito da Senhora Faure, um espelho despregado, jornais espalhados no chão. Mais tarde, abrindo um desses jornais, nele encontraram duas gotas de sangue ainda úmido. Cinco minutos após, voltou a esse quarto e constatou que já não eram duas, mas seis gotas de sangue.

Finalmente, houve grande quebra de utensílios nesse dia, até de um caldeirão de ferro fundido. Das mãos de uma criada arrancaram o prato. No domingo 26 e quarta 29 nada ocorreu; no dia 30, porém, a desordem recomeçou co:n intensidade crescente. Panelas enganchadas na chaminé, arremessaram-se ao solo com estrépito. As 6 da tarde a velha Faure viu a cama automover-se, a cadeira em que se assentava foi deslocada e tombada logo que ela a deixou. Tinha consigo a Pascareli e, das 7 para as 8, quando jantavam, foram alvejadas por lascas de pau vindas da cozinha. O pavor foi tanto que levou as senhoras e a criada a pernoitarem em casa dos vizinhos. Sexta-feira 31 de Maio, procuraram o Prefeito de Objat, Senhor Delmas, funcionário integro e assaz conceituado, que logo se prestou a tomar conhecimento dos fatos, levando a peito descobrir-lhes a causa. Custava-lhe admitir que objetos materiais, inertes, pudessem deslocar por ai mesmos.

Assim que, entrou na cozinha e colocou com as próprias mãos alguns pratos em cima da mesa, onde já estava uma vassoura. Assentou depois, frente ao fogão, tendo à esquerda a Senhora Faure. A jovem criada pervagava, ocupada com as atribuições caseiras. A vassoura arremessou-se da chaminé com extraordinária violência, sob as vistas do Prefeito. A criada achava-se então muito longe da mesa. A idéia do honrado Prefeito abriu falência: ali fora convicto de que os fatos denunciados eram fictícios, ou oriundos de alguma tramóia, e, contudo, o que se lhe deparava era movimentos autônomos, espontâneos. E a surpresa passou a mal-estar, logo que viu um fole deslizar pelo banco da chaminé evitando a saliência dos seus pés nele apoiados, precipitar-se no solo com fragor espantoso. Mandou, então, desocupar imediatamente a casa. A jovem Pascarel, quando se retirava em companhia das Sras. Faure, foi atingida nas costas por um sarrafo de madeira, atirado com extrema violência. Mal chegava a Objat, o Senhor Delmas foi novamente chamado, porque a Constantínia pegara fogo. De fato, a Pascarel notara que espessa fumarada se desprendia do quarto da patroa. Lá entrando, verificaram que a fumaça safa do leito da Senhora Faure. E, contudo, não havia vestígio de chamas, nem fogareiro (sic) . A Senhora Faure em seu depoimento chegou a empregar esta expressão singular: o fogo como que tornava a centrar no leito. Aliás, fenômeno idêntico já tinha eido

observado pela Pascarel e pela velha Faure, notando-se que das saias denta última ai desprendia, às vezes, uma fumaça espessa.

Dois dias depois, a criada Pascarel abandonava o emprego, mesmo sem receber o ordenado. As Sras. Faure voltaram para casa e dai por diante nada mais sucedeu.

*

Entes sucessos me foram assinalados pelo Senhor N., funcionário do Banco de Limoges e cuja família possuí terras em Objat. Dirigi-me logo ao amigo B., juiz de paz em D. e amigo do Prefeito de Objat, pedindo-lhe informações das ocorrências de Objat, que a imprensa divulgava e constituíam um prato escolhido. As informações de B. pareceram-me suficientes para que fosse até Objat. Ali, em companhia do referido magistrado, consegui entrevistar a Pascarel e o seu irmão e tutor. Fui também à casa da Senhora Faure, que, de começo, não queria ver em sua casa a ex-empregada. Expliquei-lhe o objetivo exclusivamente cientifico das minhas pesquisas; disse-lhe que os fenômenos dessa natureza interessavam a alguns sábios de minhas relações, e que o valor pessoal e o número das testemunhas das ocorrências da sua casa encareciam um relatório minucioso a tal respeito. De bom grado, então, foi-me

permitido colher in loco todos os apontamentos e fazer as experiências que quisesse.

Assim que, percorri toda a casa, tracei um gráfico dos compartimentos e procurei ouvir minuciosamente a todos. O resultado corresponde ao sumário acima. Nele me limitei ao principal, visto que, em regra, não se passava um dia em Constantínia, sem a deslocação automática de objetos quaisquer. Um dia, o próprio gato foi jogado sobre a velha octogenária, que, de outra feita, ai viu atingida e ferida, por um gancho de ferro. A singularidade dentes fatos, contados pelos moradores e pelos vizinhos da casa, poderá por si justificar sua recusa? E' claro que todos os contestantes a priori da possibilidade desses deslocamentos dificilmente ai convenceriam.

Mas, também nós podemos perguntar ai é razoável negar, por sistema, tudo o que se nos depara inexplicável. Tal negação, penso, não se conforma com o verdadeiro espírito cientifico. E' que, na verdade, mal conhecemos as forças naturais que temos aprendido a utilizar. E poder afirmar não haja outras, porventura ainda desconhecidas? Por mim, creio mais certa a afirmação em contrário, de que o futuro nos há de revelar muitas coisas. A Natureza é infinita e nós mal a conhecemos. Sob este ponto de vista, o estudo destes fenômenos de Constantínia apresenta considerável interesse, e tão útil me parece vo-los descrever, como discutir a sua realidade. Tal discussão

pode reduzir ao exame de duas hipóteses, a saber: 1 - houve fraude? 2 - houve erro ou falha de observação? Esta segunda hipótese é inadmissível. As provas objetivas são irrefutáveis. Utensílios e móveis em quantidade foram quebrados à vista das testemunhas. O ruído provocado pela queda desses objetos, a realidade dos destroços apanhados no próprio local em que pareciam espedaçar-se, dão aos testemunhos uma sanção ínconfutável e não permitem conjeturar um estado alucinatório. Resta a hipótese da fraude, que se apresenta naturalmente ao nosso espírito e pode explicar alguns desses fenômenos; mas, ao meu ver, só provida de outras hipóteses acessórias e improváveis, de molde a explicar todos os fatos aqui mencionados. Praticada uma fraude, a quem atribuí-la? Três pessoas, apenas, podem ser suspeitadas, isto é: as Sras. Faure e a criada, porque, efetivamente, a maioria dos fenômenos ocorreu em presença das três.

Muitos movimentos de objetos, sem contacto, se verificaram na ausência dos outros moradores da casa, que não podiam, ipso facto, promovê-las. Tais, por exemplo, os observados pelo Prefeito de Objat e os toques, quebra de móveis e desarrumação de camas, quando as patroas e a empregada estavam sós. Pode igualmente, afastar as duas Faures. À parte a sua honorabilidade, o terror e os prejuízos que os fenômenos lhes causavam, não se descobriu conexão qualquer entre eles e elas. Os fenômenos cessaram

inteiramente com o afastamento da empregada e, por outro lado, dá-se que uns tantos fatos sobrevinham quando a rapariga estava só com alguma das patroas. Um indício, contudo, se apresenta relacionado com a presença da dita criada, sem a qual inexistiam os fenômenos. Destes, una ai apresentavam quando ela estava só, como, por exemplo, o da deslocação dos tonéis e o incêndio da cama. A ela, pois, é que se poderia afetar a causa desses fatos estranhos, e justamente dela é que todos suspeitam. E, dada a cessação conseqüente ao seu afastamento, ninguém poderia exculpá-la de fraude. Nada obstante, essa hipótese também não é fácil de admitir, visto que, em havendo circunstâncias que a , possibilitam, outras, pelo contrário, a repelem,

As primeiras podem ser resumidas assim : - A Pascarel nunca esta ausente quando se produz o fenômeno; seu caráter deixa algo a desejar; às vezes insubmissa e grosseira, inteligente e absurda, gosta de intrometer-se onde não é chamada, mas a sua probidade é insuspeitável. Foi ela mesma que denunciou o incêndio.

Se esses fatos radicam em fraude, podemos dizer ter sido a Pascarei quem imaginou todos esses feitos e conseguiu habilmente enganar as testemunhas. Atenda-se a quais circunstancia incompatíveis com a fraude são mais numerosas e mais sérias do que as que levam a presumi-la. Temos, assim: 1 - ausência de

motivo compreensível. A rapariga estava bem empregada, e no ambiente do campo, em Limousín, não poderia facilmente achar outra colocação naquela época. Não tinha, portanto, interesse algum em deixar os patrões. Também precisamos notar que, na sua idade e condição, não poderia aspirar a outro encargo. Seu finito mister era o de criada de aluguel.

Considerações são estas, que infirmam a hipótese de fraude inspirada por maldade. Reconhecendo, todavia, a sua possibilidade, preciso admitir uma estupenda ousadia. A rapariga teria, habilìssimamente, acabado com a louça das patroas, depredado a casa toda, no intuito de as prejudicar e aterrorizar. Nada induz a emprestar-lhe tais sentimentos e, ao demais, importaria fossem eles assaz poderosos para que ela assim se expusesse aos riscos de ser desmascarada. Por outro lado, o incêndio não se enquadraria nesse plano, pois se ela colimasse prejuízos não seria a primeira a dar o alarme. Enfim, precisamos supor uma temeridade ainda maior ateando fogo ao leito da patroa, no momento justo em que todos se exacerbavam com os fenômenos e já começavam a suspeitar dela, Junte-se a isto a circunstancia de se verificarem os fenômenos sempre à luz do dia. Qualquer malfeitor, ou embusteiro, penso, teria sempre elegido a noite, já porque se encontraria em maior segurança, e já para efeito de maior terrorismo, sabido como a treva influencia os espíritos crédulos e

timoratos. Pois ao invés disso, Maria Pascarel - admitido que haja alguma vez operado de ma fé - sempre escolheu a plena luz do dia e a presença de inúmeras testemunhas, a fim de realizar as façanhas mistificadoras .

Mas, seria mesmo o desejo de mistificar que a impelia? Quereria ela convencer de que possuía uma faculdade sobrenatural ? Por mim, não o creio . No primeiro caso, as mistificações só lhe ocasionavam aumento de trabalho, pois era obrigada, logo depois, a recolher e remover os destroços refazer as camas, tudo repor em ordem . Expunha-se, além disso, a ser descoberta e escorraçada, em condições que lhe dificultariam colocar-se em outra parte.

No segundo caso, ela ganharia fama de feiticeira. Basta-nos conhecer a,opinião dos campônios limousinenses sobre a feitiçaria, para concluir que a reputação era indesejável a qualquer rapariga. A infeliz Pascarel não escapou à pecha, e eu pude certificar-me da repulsa, inteiramente imerecida, que lhe dispensavam. Em 2 ° lugar, impõe-se o fator de uma destreza inconcebível. E' requisito indispensável à admissão da fraude, visto como, durante muitos dias, a cada momento, os objetos se deslocavam sem contacto aparente, diante de várias testemunhas, Uma fraude grosseira teria sido de pronto descoberta, máxime, tendo alguns observadores, qual o prefeito, por

exemplo, acurada atenção, pela suspeita de malevolência intencional.

O testemunho deste magistrado; o das Sras. Fauce; da Senhora Madrias e seu servo, são probantes. O prefeito colocou, ele mesmo, os objetos em cima da mesa; ao pé deles estava uma vassoura, que foi atirada com força de encontro à chaminé. Poderia a Pascarel fazê-lo, mesmo que estivesse prevenida? Poderia ter arremessado o copo, da prateleira de um armário, ao abri-lo, quando o prefeito lhe vigiava todos os movimentos? Como poderia arremessar o fole, que estava na chaminé, ao centro da cozinha?

Neste último caso, o prefeito estava entre ela e o fole, metros distante. Haveria algum fio preso ao fole? Vê-lo-iam, sem dúvida. Como, porém, admitir que ela pudesse empregar o ardil ocultamente? Não seria, então, forçoso admitir também a cumplicidade de todas as pessoas probidosas, que relataram as nuas impressões? E' deveras inverossímil que uma camponesa de 16 anos realize, em pleno dia, em local freqüentado por numeroso pessoal e na presença de tanta gente, números de prestidigitação que um hábil profissional não conseguiria reproduzir três vezes, sem descobrir os seus processos. O exame das circunstâncias em que se deram os fenômenos, referidos pela Senhora Madrias, confirma esta maneira de ver. No dia 30 de Maio, na hora da refeição da tarde, feita na cozinha, toda uma série de fenômenos se

apresentou. A Pascarel tinha na mão um prato de sopa e, no momento em que ia tomá-la, foi-lhe o prato bruscamente arrebatado e atirado no meio da cozinha. Tudo o que ai encontrava em cima da mesa, em torno da qual se assentavam a Senhora Faure e seus famulos, foi colhido e espalhado, Um cesto de cavacos, colocado ao canto do fogão, revirou-se e os pedaços de madeira voavam pelo ambiente, caíam nos circunstantes, chegando a contundir o Senhor Bosche. Haverá um truque possível em tudo isso ?

Sem entrar em mais pormenores, é forçoso reconhecer que as testemunhas viram, real e nitidamente, tudo o que contam; que a hipótese de fraude é inadmissível e que, ai o testemunho humano tem algum valor, importa considerar Como verdadeiros os fenômenos desdobrados na Constantinía . As declarações de tantas pessoas, em sua maior parte sinceras e probidosas, não deixariam de acarretar, na espécie, a convicção do júri e de um Tribunal superior.

Este o relatório do notável magistrado Maxwell. O caso é seguramente diferente do de Calvados, mas, não menos interessante. Nele vemos pancadas sem causa aparente, reviravolta de móveis, deslocação de objetos, movimentos sem contacto, quebra de utensílios, manchas de sangue, incêndio. Contudo, nem rumores, nem gemidos, nem indício qualquer de atuação dos mortos. Entre as forças físicas conhecidas, a primeira

que nos surge à mente é a eletricidade, verdadeiro Proteu. Mas, aquelas manchas de sangue? Verídicas as observações, a causa persiste indecifrável para o narrador Maxwell, tanto quanto para o estudioso especialista de Rochas, e para mim mesmo.

Que a criada seja autora responsável, isso me pode negar, convicto, pela completa experiência que tenho do assunto. O velho adágio jurídico - cum hoc ergo propter hoc - aí está, como alhures, falsamente aplicado. Por outro lado, neste como no caso do Calvados, uma ilação se impõe: é a da existência de seres invisíveis. Imaginar o desdobramento inconsciente da personalidade da criada, em estado de vigília, dotada de faculdades fantásticas, é mais temerário que admitir a existência dos seres invisíveis. Trata-se de explicar esse deslocamento intencional, inteligente qual o de um crucifixo transportado, um espelho desatarraxado, uma vassoura arremessada à vista de todos - exercícios que nada têm de comparável com os efeitos do sonambulismo.

As constatações deste gênero são bastante numerosas, e o número não é valor que se despreze. Eu não direi que Victor Hugo foi um grande poeta por haver escrito e publicado 124.934 versos, e sim que a quantidade não prejudica a qualidade.

CAPÍTULO V

Uma casa perturbada, no Auvergne. - Incidente psíquico no Bispado de Mônaco. - Fenômenos psíquicas correspondentes a óbitos. - A Morte e os relógios

Não seria em um volume, mas, em quinze ou vinte, que se poderiam reunir os casos autênticos de casas mal-assombradas. Sem computar as inúmeras informações diretamente recebidas de longa data, as observações publicadas por autores competentes são, às vezes, tão características, que me vejo obrigado a publicá-las em primeiro lugar, para instrução independente, dos meus leitores .

Um dos exemplos mais antigos é o de Pausanias, general lacedemônio em Platea, condenado a morrer de fome no templo de Minerva, 477 anos antes de J. C. e cujo Espírito, dizem, lá se manifesta em gritos, há muito tempo. Legendas ou memórias, a História antiga está repleta desses episódios de manifestações póstumas.

Em uma obra ainda hoje lida por todos os eruditos, conta Plínio, o moço, o caso que se tornou quase clássico, do espectro de Atenas, em virtude do qual o filósofo Atenodaro adquirira uma casa a baixo preço.

Na primeira noite, lendo e escrevendo como de costume, ouviu um como arrastar de correntes no assoalho . Ergueu os olhos e viu um velho triste, carregado de ferros, que se aproximou e lhe fez sinal para que o acompanhasse, levando-o a um ponto do corredor e aí desaparecendo. O filósofo levou o fato aos juízes, escavações se fizeram e acabaram encontrando um esqueleto acorrentado. Deram honrosa, sepultura e cessaram os fenômenos . Efetivamente, poderia aqui transcrever centenas de episódios como este, contados há milhares de anos, de origens diversas e que não devemos, certo, tomar à letra, mas que também não podemos, em sua maior parte, julgar simples invencionices. Entre outros; esta este relato de Plínio, que sempre foi considerado fidedigno:

Dos tempos mais remotos, estas descrições chegaram aos nossos dias, sem solução de continuidade. Os fatos modernos estão, geralmente, mais bem documentados. Em numero considerável, o que só nos embaraça é á escolha, mesmo limitando-a aos confirmados por grande número de testemunhas.

Georges de Dubor, erudito autor de Mistérios da Hipnose (1920), publicou o seguinte caso que lhe foi

informado por pessoas honradas, inteligentes, sinceras e isentas, portanto, de qualquer suspeição. O chefe da família, Senhor Boussoulade, exerce alto cargo no Ministério da Fazenda. E' homem grave, sério, geralmente benquisto. Vejamos, então, os fatos pelo relatório do próprio punho da Senhora Boussoulade, confirmado por todos os membros da família, testemunhastes dos fenômenos.

Deixamos Paris no dia 1 de Julho de 1914. Éramos eu, duas filhas de 9 e 12 anos, e mais uma prima e filhos. Alugáramos em Vodable, no Auvergne, uma herdade encantadora, cujo panorama abrangia um rico vale. A casa, reconstruída sobre os alicerces de um castelo feudal, tinha ao rés-do-chão grossas paredes e sólidas abóbadas. De longa data ocupada pela mesma família, ostentava, naturalmente, muitos móveis e quadros de retratos. A divisão interna era: no pavimento térreo, biblioteca e sala de jantar; no 1.° andar, sala de espera, mobiliada e ornada de retratos, e três quartos, sendo: um forrado de vermelho, outro muito amplo e contíguo a um menor, com uma só cama de acaju, estilo império. No 2.° andar, dois quartos (os meus) e outros dois ocupados pelos criados.

O mês de Julho transcorreu calmo. Em Agosto sobrevieram as angústias da guerra; e a 1.° de Setembro, fugindo de Paris ameaçada, chegou minha irmã com o filho, um guapo rapaz de 19 anos.

Mal se refizeram das fadigas da viagem, longa e penosa, quando começaram os fenômenos que motivam esta carta. A 7 de Setembro, cerca de 8 1/2 da noite, reunidos no quanto vermelho do 1.° andar, ocupado por minha irmã, ouvimos tocar a campainha da sala de espera. Ninguém tocara o cordel, que estava à nossa vista. No dia 8, nova campainhada, à mesma hora da véspera. Depois, na dita sala, um quadro caiu na cabeça do meu sobrinho. Repusemos, no seu lugar, quadro e gancho . No dia 9, de manhã, no assoalho da biblioteca, um sabre sem a bainha, arrancado da panóplia. Os ganchos estavam intactos. Nessa noite, a campainha do 1.° andar começou a tilintar e o quadro tornou a cair, precisamente à mesma hora.

No dia 10, nada; no dia 11, toques reiterados das 9 as 9 1/2 da noite. Impacientes, metemos papel na campainha: o papel caiu e a campainha continuou tilintando. Pedi, então, ao sobrinho que arrancasse o martelo da campainha, o que se não fez sem pena. Instantes depois um retrato no vestíbulo agitou-se violentamente, balançando-se da direita para a esquerda.

No dia 12 os quadros da sala de jantar estavam todos deslocados, As 7 da noite, um porta vaso colocado na janela da escada, à meia altura do pé direito, tombou com fracasso e rolou a fundo, até o solo. Reposto no lugar, tornou a cair.

No dia 13, as 7 da noite, procurando entrar no quarto, verifiquei, espantada, que a fechadura estava corrida a duas voltas e com a chave do lado de dentro. A mesma coisa se dava com a porta do corredor para o segundo quarto, impossibilitando portanto, a entrada. Tivemos, assim, ele arrombar a fechadura. Na mesma noite, reunidos todos, inclusive dois visitantes, na biblioteca, vimos um retrato destacar-se da parede e cair no meio da sala. O gancho ficou intacto, bem como o cordel. Subimos a ver os quartos o atrás de nós tombou a mala, de cima de um armário; uma porta estava fechada à chave e esta desaparecera da gaveta em que minha irmã costumava guardá-la.

No dia 14, grande fogaréu, espontâneo, nu aquecedor do salão. Um quadro da sala de espera voou por cima da cabeça da empregada, mas as escápulas, bem como o cordel, ficaram na parede. Assentados à mesa de jantar, nessa noite, vimos o cordão dia campainha flexionar-se, enquanto a mesma tilintava. Na biblioteca, à nossa vista, um quadro foi violentamente arrancado da parede, com as escápulas e tudo. Na manhã, de 15, minha prima acordou enclausurada, pois as portas do quarto estavam fechadas e as chaves desaparecidas. Procuramo-las em vão, mas logo que chamamos o serralheiro, elas reapareceram como por encanto. A partir desse dia, resolvemos trazer as chaves sempre conosco, para evitar novas partidas, E contudo, minha prima, minha

irmã e o sobrinho haveriam de encontrar em suas camas, todas as noites, mudas de nabo, pinças, pratos, cardos e até um busto do antigo proprietário.

No dia 16, o porta-vaso subiu ao 1 ° andar, entornando-se no soalho a terra nele contida. A 17, um prato oculto no leito de meu sobrinho, ao ser deposto sobre a cômoda, projetou-se ao chão, espatifando-se. Defronte, noutro móvel, também caiu um lampião. No dia 19, segui com os filhos para Bordéus, ao encontro de meu marido e satisfeita por deixar aquela casa pouco acolhedora, mas, estava escrito que minha ausência não interromperia os fenômenos. No dia 20, meu sobrinho, quando se dispunha a adormecer, sentiu-se alçado com o leito de acaju, aliás pesado, em sentido quase vertical. Minha irmã e a prima acudiram-lhe aos gritos, e chegaram a tempo de presenciar o fato.

Diante de ocorrências tais, tão insólitas quão incomodas, ficou decidido regressarmos a Paris e logo as facécias se multiplicaram. O busto já referido foi encontrado no leito do quarto vermelho, com a cabeça no travesseiro e com as cobertas conchegadas até o queixo. Um porta.-vasos de ante-sala deu um salto mirabolante para cair no meio da escada. Recolocado na janela, desceu os degraus ã vista de todos, como da primeira feita. Um vaso de louça projetou-se do pátio da cocheira e foi, atravessando a janela, espatifar-se na mesa da sala de jantar. No dia da partida. repusemos

os quadros nos seus lugares e eles tornaram a cair. Os móveis da sala de visitas, onde nada havia ocorrido, foram derrubados e, tanto que erguidos, logo retumbavam . O mesmo ai deu no quarto do 2.° andas, O mostrador do relógio de parede abriu automaticamente, nenhuma cadeira ficou de pé. Reunidos para. a última refeição, na sala de jantar, todos viram a mesa oscilar, levantar-se e partir para o lado de minha irmã.

Reinstalados em Paris, minha prima, minha irmã e sobrinho entraram a gozar a mesma calma que eu já desfrutava em Bordéus, livre de tão fantásticos fenômenos.

Neste Dezembro corrente, regresso a Paris com meu marido e os filhos . No dia 17, achamo-nos reunidos em casa de minha prima, para um jantar de família, a fim de marcar a partida do sobrinho, no dia imediato, para o serviço militar. Mal nos assentamos, a mesa estremeceu e levantou-se, a madeira começou a estalidar ininterruptamente. Fizemos-lhe perguntas, convencionando uma pancada para o sim, duas para o não. As respostas foram ridículas ou incoerentes. Terminamos o jantar com muita pena.. Durante a noite as campainhas elétricas retiniram três vezes e no dia seguinte, nova reunião de almoço em minha casa. A mesa agitou-se com mais força que na véspera e saltou a ponto de só conjugados podermos retê-la. Na sala de visitas, depois do almoço, um porta vasos deslocou-se

da sua coluna e deu três saltos no assoalho; uma cadeira também foi derrubada três vezes. Ao retirarem, os convidados tiveram grande trabalho para encontrar os chapéus, que tinham sido escondidos debaixo das camas ou atrás dos móveis.

Minha prima se foi e a calma logo se restabeleceu. Ao regressar, uma hora depois, a mesa começou a trepidar, os objetos a caírem. Tudo cessou com o seu afastamento definitivo. A propósito, cabe aqui dizer que meu sobrinho partiu para o iram, onde foi morto em Maio de 1915, e daí por diante não tivemos outro fato deste gênero, a registrar.

Este relatório da Senhora Boussoulade demonstra que a ausência, do rapaz interrompeu os fenômenos. Entretanto, esses fenômenos só ocorreram quando reunida à família, deixando presumir a necessidade de outras forças, além das do referido rapaz.

A narrativa foi ias totem confirmada pelo Senhor Boussoulade e demais testemunhas. Todos esses feitos mar feriais parecem-nos incoerentes, baldos de objetivo, mas nem por isso deixam de ser reais e dignos de registro e de estudo . Nesta resenha, notável por tantos títulos, dois incidentes sobressaem especialmente: o toque de campainha sem causa apreciável, e a queda repetida da mesa por forma tão caprichosa quanto inexplicável. Conheço dezenas de casos semelhantes, de quedas de quadros sem causa conhecida, a coincidirem com falecimentos e mais de

uma centena de toques de campainha igualmente inexplicados, e ainda terei ocasião de voltar ao assunto.

Não é raro um retrato à hora exata do traspasse do retratado. No tomo III de A Morte e o seu Mistério (págs. 347, 348), encontrará o leitor a narrativa de Alexandre Dumas, a propósito da queda de belo quadro, coincidente com um falecimento, bem como de outro retrato a óleo, em circunstâncias idênticas.

Ora, ainda há pouco, um fato análogo se verificou próximo de mim. Durante o inverno de 1920-1921, por ocasião de minha estada em Monte Cario, contaram-me um incidente desse gênero, ocorrido no Bispado de Mônaco. Pude fazer uma sindicância direta, ias loco, e conhecer todos os pormenores, verbalmente contados pelas próprias testemunhas, aliás gentilíssimas em suas comunicações. Vejamos a curiosa história:

Monsenhor Beguinot, bispo de Nimes, faleceu no dia 3 de Fevereiro de 1921 às 6 da manhã. lastimo amigo de Monsenhor de Curei, bispo de Mônaco, falecido em 5 de Junho de 1915, recebera e guardava, deste, uma fotografia em penhor de carinhosa recordação. Era uma bela gravura finamente emoldurada e posta rio salão do palácio episcopal, em frente do seu próprio retrato. Depois do falecimento de Monsenhor de Curei, o bispado de Mônaco foi preenchido por Monsenhor (16 de Agosto de 1916 a 10 de Julho de 1918). A 3 de Fevereiro de 1921, o

palácio estava deserto e guardado pelo Cônego Perruchot, única pessoa que lá se encontrava. E o caso é que, atravessando o salão, na manhã daquele dia, o cônego viu o retrato por terra, o vidro quebrado, e teve logo a idéia de que o acidente inexplicável, não provindo do cordel ou do gancho, poderia significar qualquer mau prenúncio.

Nesse mesmo dia, o Abade Foccart, capelão do hospital, por lá passando apanhou os destroços do quadro, reconstituiu a tela e o repôs no lugar. (O novo bispo de Mônaco dali o retirou mais tarde, substituindo-o pelo seu) . Naquele mesmo dia tiveram a notícia da morte do bispo de Nimes. Monsenhor Beguinot tinha visitado muitas vezes o seu amigo e colega de Curei, e as suas relações eram tão íntimas que o levaram a constituí-lo ao seu herdeiro universal .

Estes fatos me foram informados pessoalmente por Monsenhor Perruchot e pelo Abade Foccart, aos quais me cumpre agradecer. (Este abade é irmão do sábio viajante naturalista a quem devemos um estudo pitoresco do Laivo Flammarion, na ilha de Guadalupe) . E lícito perguntar como pode a alma, no momento da morte, produzir acidentes físicos que tais. Seja qual for à explicação, o que verificamos é que havia aqui um nexo de simpatia entre os dois bispos. À distância de Nimes a Mônaco é de 233 quilômetros, mas nós sabemos também que em telepatia não se conta espaço, podendo o Espírito do morto estar em Mônaco

como em Nimes. Notarei, de passagem, que a minha coletânea de observações documentadas contém várias cartas deste gênero. Esta que se segue, indicando um quadro caído logo após o falecimento, consta da carta que transcrevo textualmente:

Merignac (Gironde) 10 de Novembro de 1922.

Venerando Senhor e Mestre.

Tomo a liberdade de vos comunicar o seguinte fato, ocorrido inopinadamente em minha casa, no dia 5 de Outubro próximo passado.

A Senhora Lafargue, médium curados, residente em Bordéus, na rua de Lescure, faleceu no dia 4 de Outubro às 11 da noite. No dia seguinte pela manhã, entre 9 e 10 horas, uma pessoa das suas relações veio prevenir-me do sucedido. Eu estava ausente, porém. Minha mulher recebeu a mensageira e levou-a, por minutos, ao nosso quarto, onde lhe mostrou, de longe, o retrato em corpo inteiro, do nosso filho único, morto pela Pátria, em Setembro d~ 1918, depois do que, retiraram-se, fechando a porta do quarto. Preciso dizer que, de um e outro lado desse quadro, encontram-se igualmente enquadrados e pendentes da parede vários diplomas universitários do rapaz, isto é: o título de médico, o de bacharel e o seu P. C. N.

Os quadros são presos . por fio de latão aos grampos fixados na parede. Minutos depois do regresso da visitante, minha mulher voltou ao quarto,

onde ninguém poderia ter penetrado durante a sua curta ausência. Em lá entrando, experimentou intenso desejo de contemplar o retrato do filho querido e, surpresa, notou que o quadro do diploma de medico estava voltado para a parede. Acrescentarei que, feita a experiência, a viravolta só se poderia dar levantando o quadro acima da escápula em que se fixa. Sem essa manobra prévia, apenas se verifica meia volta, ficando o quadro perpendicular à parede. E qualquer esforço importaria no arrancamento da escápula. Eis o fato estranho, que julguei útil levar ao vosso conhecimento, pois dele tirareis, sem dúvida, conclusões convinháveis ao fim que vos propondes, qual o de conhecer as múltiplas faculdades da alma humana..

Aceitai, etc.

F. Monlinet
Professor primário aposentado e oficial da
Instrução Pública.

P. S. - A Senhora Lafargue conhecendo a grande mágoa de minha mulher, lamentava sinceramente a sua incredulidade a respeito da sobrevivência da alma: seria possível que, dez ou onze horas após a morte sobrevivesse dar-lhe uma prova tangível, com essa manifestação? Por mim, não estou longe de o crer, pois conheço inúmeros casos igualmente autênticos e impressionantes, quanto este.

São fenômenos que se constatam, como vemos, em todos os países e em todas as camadas sociais. Deles, nada compreendemos, está visto. Em regra, havidos por fortuita coincidência, não se lhes dá a atenção que merecem .

A verdade é que ações materiais como queda de quadros, ruptura de telas, parada de relógios, a coincidirem com certos falecimentos, são assaz numerosos para não se admitirem, e nós estamos autorizados a eliminar a hipótese das coincidências fortuitas.

Seguimos o preceito de Laplace (v. paga. 45/46) . Poder-se-á ler em Ao Redor da Morte (pág. 351) o caso ocorrido em Bischeim (1913), do relógio que parou no quarto da falecida e ninguém conseguiu fazer trabalhar, até que ele - o relógio - se resolvesse a fazê-lo espontaneamente, depois de alguns anos e, o que mais é, no momento justo de falecer um neto da velha dona. O pastor Luc Mathey, de Jura Bernois, falou-me da parada de um despertador, rigorosamente observada por ele próprio (carta 4.833 de 21 de Fevereiro de 1922) .

Nós invocamos o acaso, mas estes exemplos são tão freqüentes. . . E, ao demais, não é presumível a parada de pêndulas senão por falta de corda.

O Senhor Duquesne, de Orsay, falou-me, a 25 de Junho de 1922, da parada de uma pêndula, a coincidir com a morte de pessoa por ele internada na Salpêtiere,

e que o havia presenteado com a dita pêndula. O Senhor Luciano Jacquin, de Paris, comunicou-me (carta de 1 de Outubro de 1922) que, no dia da morte do avô, o relógio do mesmo parou, com grande espanto da família.

Estas manifestações, repito, não são tão raras quanto se presume . Tendo conversado, não há muito, com o amigo e notável historiógrafo Artur-Levy, autor de Napoleão íntimo, Napoleão e a paz, e obras outras históricas assaz reputadas, dele recebi a seguinte carta, datada de 11 de Junho de 1923:

Meu caro e grande amigo.

Aqui tem uma pequena contribuição ao seu inquérito a respeito dos fenômenos psíquicos, que desperta em todo o mundo adormecidas lembranças de todos os tempos. O que vou dizer remonta a datas que eu mesmo não saberia hoje determinar; todavia, penso poder fixar entre 1856 e 1860.

A coisa deu-se em casa de meus pais, em Epinal. Havia lá um relógio montado num globo, em cima do fogão. A família toda rodeava a mesa, e o lampião pendente do teto enchia o ambiente de tonalidades avermelhadas. Os velhos jogavam as cartas, enquanto os filhos preparavam as lições escolares. No ambiente silencioso e morro, apenas se ouvia o tique-taque da pêndula. De repente, um ruído estranhamente sonoro, como saindo da caixa do relógio, fez que todos voltassem a cabeça.

Bom! - disse meu pai - eis que o relógio malucou. . . Depois, mais nada, o tique-taque prosseguiu no seu ritmo... Mas, como? Chamaram o relojoeiro, no dia seguinte, e o exame demonstrou que o mecanismo estava perfeito; nada havia de anormal. Não havia explicação para o estranho caso. Ao outro dia - o telégrafo era parcimonioso naquele tempo - recebemos notícia do falecimento de meu avô materno, na noite da ocorrência e, talvez, ã mesma hora do timbre sonoro, Coincidência curiosa, de que muito se fala, mas a que se não dá a devida importância... Entretanto, no inverno seguinte, o mesmo fenômeno se reproduziu, desta vez com verdadeiro alarme de meus pais... Seria uma outra infausta nova? Pois foi, de fato, a morte de um tio materno, ocorrido na hora exata do aviso. Aquela pêndula constituiu daí por diante, objeto de angústia doméstica. Ao menor ruído duvidoso, os olhares espantados voltavam-se para o relógio. Tais são, meu nobre amigo, os fatos observados num meio onde ninguém cogitava de problemas psíquicos, isto é: um lar numeroso e só ocupado em coisas da vida prática. Mas, do que aqui digo, garanto a exatidão absoluta. Minhas recordações são muito nítidas. E de resto, creia consideraria um sacrilégio envolver a memória de parentes caros, em depoimento de fatos duvidosos.

Arthur-Lévy.

Mas, os relógios não só param em tais circunstâncias, como, parados de longo tempo, também se põem a trabalhar. Eis o caso de um relógio enferrujado, que recomeçou a trabalhar sem que o tocassem. Esta carta me veio de Paris, com data de 5 de Janeiro de 1923:

Meu caro Mestre:

Estudante parisiense, honro-me em solicitar a vossa benevolência e parecer, a respeito de um fato que me deixa profundamente intrigado. A 19 de Dezembro último, tive o imenso desgosto de perder minha mãe, com a idade de 49 anos. Na noite imediata ao falecimento, enquanto conversávamos - eu e mais duas pessoas - na câmara mortuária, um velho relógio, parado havia muitos anos, pôs-se de repente a trabalhar e ouvimo-lo dar, mais nítida e vigorosamente que nunca, as 12 pancadas da meia-noite, posto que os ponteiros marcassem 11 h. e 20 m. Que força misteriosa poderia ter vencido a inércia da velha máquina enferrujada? A vós, que tendes analisado a alma humana, submeto a questão, assegurando-vos o meu reconhecimento pela honra da vossa resposta.

E . Imbert

23, rua Santo André das Artes - Paris .

A única resposta, no estado atual da Ciência, é que possuímos grande número de fatos análogos, provando

A única resposta no estado atual da ciência e que possuímos grande numero de fatos análogos provando a sua realidade, o que não permite levá-los a conta de coincidência ou de acaso. Inexplicáveis, só pelo seu estudo comparativo poder-se-á tirar conclusões. Não entrará em jogo, aí, a alma da falecida? Podemos ensaiar a interpretação dessas coincidências? Não seriam elas simbólicas? Que significam um relógio, uma pêndula, um mostrador? Evidentemente, um aparelho que mede o tempo.

Ora, o Tempo é o elemento essencial da vida e conduz à morte. Na força universal que tudo rege, há um princípio intelectual desconhecido, associado a todos os acontecimentos, grandes e pequenos: à evolução de um planeta, ao instinto de uma ave, de um inseto.

A parada de um aparelho que mede o tempo não poderia corresponder à parada de uma vida? E não haveria um sentido, uma significação, antes que efeito qualquer de uma causa desconhecida? Estes fatos materiais, associados a defuntos, são, certamente, incompreensíveis. Um relógio parado, que se põe a funcionar, um objeto que cai, e o acaso em função do cálculo das probabilidades, não explica essas coincidências. Há muito que publiquei o caso da queda fragorosa de um aparelho de café, coincidindo com a hora do falecimento do dono da casa, na África. Nessa

mesma carta de 4 de Maio de 1899, constava outro incidente que não divulguei, o que ora faço. Ei-lo:

Meus avós tinham renunciado à vida do campo, instalando-se em La Rochelle.

Um novo aparelho (serviço) de café tinha sido colocado a titulo ornamental do fogão, em lugar do antigo. Ora, 6 anos mais tarde, em 1841, meus avós escutaram o mesmo fragor na sua sala de espera. Subiram tão rápido quanto possível, encontraram fechada a porta e as janelas, pois, tanto como da primeira vez, não ventava. Logo de entrada, ei-los consternados com o mesmo fenômeno ocorrido por ocasião da morte do filho - o aparelho de café estava reduzido a cacos.

Assaltou-os, então, profunda angústia. Que nova desgraça teria sucedido? Dias depois, chegou-lhes a noticia da morte do genro, vitimado pela epidemia, na manhã mesma em que o aparelho se quebrara pela segunda vez.

Meu avô, pouco inclinado a superstições, por não dizer céptico a respeito de coisas imaginativas, confirmou estes fatos a meu pai e, seguidamente, ã minha mãe, Disso estou eu bem certo. A seriedade das pessoas em causa não me deixam quaisquer dúvidas quanto ã autenticidade dos fatos.

(Carta n .549) .

Senhorita Meyer Em Niort (Deux-Sèvres) .

Repitamos, uma vez mais, que nada compreendemos destes fatos estapafúrdios . Mas a honestidade mais estrita manda divulgá-los. As reflexões que essas banalidades suscitam, de há muitos anos venho propondo-as a mim mesmo. Já em 17 de Abril de 1900, o Senhor Castex-Degrange, erudito Diretor da Escola Nacional de Belas Artes, de Lião, escrevia-me depois de ler L'Inconnu:

Até que enfim, pude começar a ler os diversos casos de manifestação de moribundos, constantes do seu livro. Quer permitir-me uma advertência? Estou impressionado com a puerilidade dessas manifestações, tais como: ruídos insólitos, janelas que se fecham, um indivíduo a quem lhe entornam o seu café, etc. etc.

Em todos esses casos, inclusive o de meu avô, a puerilidade é o que mais me tem impressionado. Efetivamente, o caso é autêntico, mas parece-me que poderíamos supor que o agente encontrasse outros objetos ou se utilizasse outros meios. Meu tio-avô não era uma inteligência vulgar: bacharel em letras, conhecia o hebraico e o sânscrito; portanto, um verdadeiro intelectual. Creio, pois, que seria mais digno dele e do irmão, encontrasse algo de menos... culinário. E é sempre por esse lado que pega o carro.

Segundo a informação do Dr. Darieux, tudo foi varejado no gabinete dele. Havia, assim, uma força capaz de manejar um objeto leve. Como, então, não

tomar de uma pena e escrever coisa de inteligente ? Papel e pena é coisa que sempre se encontra no gabinete de um doutor. Eis o que sempre me intrigou nestes assuntos. Em suma, a razão está do seu lado, quando afirma que é preciso investigar com cuidado e nada admitir nem recusar sem motivos sérios.

Receba, caro mestre, a segurança da minha respeitosa simpatia .

(Carta n. 899).

Castex - Degrange Palácio das Artes, Lião

A interpretação racional destas manifestações póstumas induz a crer não seja a alma inteligente que as produz, e sim uma força inerente a essa alma, operando fisicamente de ricochete - contra-choque elétrico - como vibração no éter, um ato automático. Nossa ignorância no que concerne ao mundo psíquico é formidável. Não há hipótese que satisfaça.. Pretender que tudo derive de nós é tolice insustentável.

A estas observações, poderia aditar inúmeras outras mas não quero abusar da atenção do leitor, suficientemente advertido por sua instrução pessoal.

Entretanto, como se trata de fenômenos físicos presumidamente atribuíveis a defuntos, assinalarei mais uma observação, pois que temos o dever de tudo analisar friamente e eliminar todas as causas ilusórias. Isso é o que faço com a maior cuidado, levando em conta o valor científico dos testemunhos. Vimos, há

pouco, o episódio do bispado de Mônaco, o da Gironda, de Epinal, Paris, etc. Se este depoimento me fosse endereçado por qualquer ilustre desconhecido, talvez lhe não dessa importância, de vez que a ilusão se tornaria fator presumível. Mas, neste último caso, a observação foi rigorosa e o autor jamais experimentou outra sensação idêntica em toda a sua vida.

Eis o que ele diz:

Em princípios de 1893, destacado na guarnição de Mont-Valerien fraturei a perna direita, escorregando no gelo e Pui imediatamente recolhido ao hospital de Versalhes. Foi isto precisamente no dia 23 de Janeiro. Minha mulher, enferma na ocasião, estava acamada havia mais de um mês. No dia 17 de Fevereiro chegou-me a noticia da sua morte . Só pude ter alta hospitalar em Abril, voltando ao apartamento de Mont-Valerien .

Na mesma noite que lã cheguei, deitei-me às 10 horas. Antes de adormecer, rememorei tudo o que se havia passado nos três últimos meses. A certa altura, em plena escuridade, senti no rosto um sopro forte, como se alguém me abanasse com um leque. Pensando em minha mulher, exclamei alto: és tu que assim te manifestas, querida? Logo o sopro me repassou pelo rosto, e foi tudo. Que conclusão tirar daí? Fiquei e continuo convencido de que foi a alma da esposa que veio dar-me o último adeus, no dia mesmo em que eu regressava ao nosso lar. Deliberei contar-lhe o

sucedido, no pressuposto de haver algo de roborante aos seus estudos sobre a sobrevivência da alma.

(Carta n .4 . 473) .

Deflandre
Coronel reformado, rua Dorien, 4, Paris.

Como frisávamos mais acima, o valor das observações depende muito da idoneidade pessoal dos observadores. Aqui, não nos parece admissível à ilusão. Agora, vamos fixar outros fatos em que essa hipótese se torna absolutamente inadmissível.

CAPITULO VI

Os rumores misteriosos do presbitério. - A casa do professor de Labastide-Paumès. - Um companheiro invisível

Se o castelo do Calvados nos mereceu particular atenção pela indiscutível autenticidade dos fenômenos, não menos se nos recomenda o presbitério que vamos visitar .

No seu estudo sobre aparições, publicado na Psychical Society e reproduzido em Annales des Sciences Psychiques, o célebre naturalista Russel

Wallace historiou um caso notável de assombramento, observado por conceituado membro da Igreja Anglicana, que residiu na casa durante um ano, observando, principalmente, a atitude dos cães. Quando ali se deu uma tentativa de roubo, o presbítero pôde evitá-lo, graças aos alarmes dos ditos cães, ao passo que os rumores mais fortes, produzidos sem causa aparente, nenhum latido provocavam dos terríveis animais, que, ao invés, procuravam ocultar-se, tremendo e ganindo lamentavelmente. Vamos, porém, ler o próprio original na verdade digno de atenção.

Depõe o próprio observador, homem culto e sensato, na plena posse de suas faculdades intelectuais:

Há dezoito anos, mais ou menos, terminado o meu estágio diaconal, andava a procura de um curato. Entre os visualizados, um havia a sudoeste do Condado de S. A paróquia era grande e assaz afastada, dispondo de espaçosa casa para o serventuário. Optei por esse curato e fomos, eu minha mulher, tomar posse da nova residência, ali chegando em certo dia de Fevereiro, à tardinha.

O presbitério era um grande edifício quadrado e rodeado de canteiros de flores e árvores frutíferas. Isolado, portanto, mas não muito longe do povoado., À margem do caminho que até lá conduzia, duas ou três casas apenas vizinhavam. Os quartos eram espaçosos e bastante altos . Encontramos tudo bem tratado e

conservado, felicitando-nos pelo conforto que assim se nos proporcionava. Lembro-me de que chegamos em uma sexta-feira, ã tarde, e de que trabalhamos com afinco para arrumar dois ou três cômodos, a fim de ocupar a casa no dia imediato .

Sábado à noite, as janelas estavam fechadas; ferrolhos e fechaduras corridos, íamos, enfim, deitar-nos satisfeitos, depois de trabalharmos dois dias nas arrumações. Como ainda não tivéssemos criada, valíamo-nos dos préstimos de uma' boa criatura, que morava perto. Uma vez fechada à casa toda, nessa noite de sábado, éramos eu, minha mulher e esse camponês, as únicas criaturas vivas dentro do presbitério. Muito antes da meia-noite, vagamos no reino de Morfeu, ou talvez além, no de Apolo, onde nenhum sonho extravagante e desgarrado acha guarida. Súbito, estala-nos aos ouvidos adormentados um barulho a que nenhum sono poderia resistir.

Num ápice, antes mesmo de qualquer raciocínio, vi-me fora da cama, parecendo-me que o barulho insólito acabava de atravessar o silêncio próprio da noite. Minha mulher havia acordado tão brusca e completamente quanto eu, e ficáramos esperando a repetição do fato que nos aturdira, ou qualquer coisa outra, de feição a elucidar-nos a ocorrência. Nada mais se verificou. Eu estava, naturalmente, resolvido a tentar investigações imediatas, pois a presunção natural era a de haver alguém invadido a casa. Vesti-

me rápida e sumariamente e comecei a batida. Contudo, tive o cuidado de consultar antes o relógio, eram 2 h. e 5 m. da manhã. Chamo atenção para este ponto. Procedi a uma devassa completa em toda a casa, examinei portas, janelas, trincos, fechaduras, tendo encontrando em perfeita ordem. Nada mais me competia fazer que voltar ao leito e esquecer o incidente, o que aliás não era fácil, pois nem eu nem minha mulher podíamos julgar vitimas de um engano. O barulho, tão evidente, tinha estourado enquanto dormíamos, de maneira tão violenta e demorada, que a sua realidade não admitia dúvida. Tal barulho pareceu-me então, e mais tarde, análogo aos de barras de ferro caindo no assoalho. O timbre metálico era assaz pronunciado e, nada obstante, prolongado e sem procedência de ponto fixo, antes parecendo percorrer toda a casa em sucessão de ecos sonoros, que repercutissem rapidamente . Não me refiro a isso tão só para o caso particular aqui expresso, mas pela impressão que tenho da natureza desse barulho, com o qual, posso dizê-lo desde logo, meu conhecimento não se limita às experiências dessa manhã domingueira, Naturalmente, de volta ao quarto, trocando idéia s respeito do fato, ocorreu-nos logo verificar se a camponesa também acordara. Mas, como não desse ela qualquer sinal de alarme, resolvemos aguardar que algo nos dissesse espontaneamente, pela manhã. O resto da madrugada correu tranqüilo e, quando

amanheceu o dia, constatamos que a terceira personagem doméstica também tivera o seu quinhão no fenômeno misterioso. Tanto quanto nós, fora bruscamente despertada e ficara impressionada e aflita, por muito tempo. Todavia, a coisa não era tão inesperada e estranha para ela, quanto para nós. Oh! meus caros - disse - já que haviam falado nessa coisa, mas eu nada vira nem ouvira até agora, e o que não quero é repetir a experiência.

Sim, ouvira falar antes, de tudo aquilo; mas, nada mais se lhe pôde arrancar e parecia até constrangida. Coisa imaginária - dizia; e foi tudo o que lhe pudemos ouvir. Um ponto há, contudo, a respeito do qual foi muita, positiva, isto é, a necessidade que tinha de ir, todas as noites, ver a casa e os filhos. Dar-nos-ia seu trabalho diurno, mas queria pernoitar em seu lar. Assim combinados, fomos eu e minha mulher os únicos ocupantes do presbitério, para o caso de ser ele assaltado por uma força tangível, ou por um ruído impalpável. Meus deveres dominicais foram religiosamente cumpridos. Vi meus paroquianos pela primeira vez, na igreja, e pude contemplar satisfeito um auditório numeroso e atento, posto que pouco intelectual. Eu não podia imaginar que qualquer daqueles aldeões, cujas faces se voltavam tão calmas para o altar, pudesse engendrar alguma zombaria s meu respeito. Afinal, chegou o momento de nos recolhermos ao presbitério. Em noites de rija invernia,

nada como um bom fogo para alegrar o coração e, assim, aquecendo-nos, permanecemos até às 8, quando tivemos a idéia de inspecionar a casa toda, posto que a houvéssemos cuidadosamente fechado logo que anoitecera. Levantamo-nos, e, deixando o salão, encontramos no vestíbulo, cuja porta abria para o jardim. Assim, ali chegados, ouvimos um rumor que nos fez parar e escutar. Esse rumor provinha do longo corredor, para o qual dão todos os quartos, e mais não era que passos humanos, vagarosos e firmes. Historiemos os fatos:

I

Não podia haver dúvidas. Distintamente nítidos não perdíamos um só passo daquele ritmo cadenciado . De repente, candeia na mão, escalei a escada de quatro em quatro degraus e atingi o patamar, de onde se divisa todo o corredor. Nada vi de anormal. Minha mulher me seguira, naturalmente, sendo excusado dizer do seu nervosismo. Entramos juntos em todos os quartos, vasculhamos todos os cantos e nada, absolutamente, lobrigamos , Se alguém ali estivesse, não haveria como se escapar. Um exame. mais atento e meticuloso foi levado a toda a casa e deu-nos a convicção de não haver viva alma portas adentro, fosse qual fosse a causa do fenômeno. Para maior segurança, ainda abri a porta do pátio e examinei o exterior. Neste

comenos, minha mulher adverte que os passos inexplicáveis recomeçavam lá dentro. Aqui, cabe dizer que, ao reentrarmos no salão, comentando o fato, aventamos a hipótese de ter caído em uma casa mal-assombrada.

Contudo, é de justiça ajuntar que éramos ambos tão refratários à. crença do sobrenatural, que logo a rejeitamos por absurda, contentando-nos com a idéia de algo extraordinário. Os fatos não se repetiram nessa noite e durante umas duas semanas nada se fez notar de anormal. Nesse interregno, terminamos a nossa instalação. Uma criada muito ativa bastava para dar conta do serviço doméstico, e além dela contratamos um rapazola de 14 anos para tratar uma parelha de poneys e de outros pequenos encargos. Esse rapaz, vale dizer, não dormia em casa; de sorte que, não havendo ,visitas, alias raras, lá ficávamos apenas três pessoas, à, noite. A criada era filha de outra aldeia, não tinha relações locais, a menos que o ignorássemos. Havia já algum tempo que nos não incomodavam. De quando em quando, ouvíamos os passos misteriosos, mas, afinal, já não ligávamos maior importância, concluindo que, qualquer que fosse a causa, era inofensiva e não valia os sacrifícios das nossas conveniências e do nosso conforto, Não tardou, porém, fôssemos aquinhoados com outros feitos de natureza insuportável. E' que a casa tinha em toda a extensão uma série de mansardas, que, por nós, foram

aproveitadas para a guarda de malas, caixas e utensílios diversos. Dava-lhes acesso uma escadinha que partia do corredor principal, no pavimento superior. Depois de lá arrumarmos a tralha, tínhamos fechado a porta respectiva .

Ora, uma noite, enquanto dormíamos tranqüilos, começou a desencadear-se por lá uma barulheira infernal, que nos despertou alarmados a mais não poder. Era uma atoarda das mais vulgares, das mais comuns e materialíssimas. Era - ou melhor dito - pareceu-me ser o resultado do choque, no assoalho das mansardas, de todos os objetos lá depositados. O barulho era forte e contínuo: pancadas, rolamentos, crepitações. Naturalmente, as investigações se impunham e foram feitas, mas não deram resultado , Em lá chegando, tudo estava em seus lugares, silencioso, sem vestígios quaisquer de movimentação. Confesso que estávamos perplexos e que, desta feita, como das que se lhe seguiram, sentíamo-nos desapontados, humilhados e incapazes de firmar idéia.

II

Mas as coisas não pararam nessa altura e não tardou fossemos obsequiados com outras manifestações suplementares. De tempos a tempos, surpreendia-nos uma série de pancadas perfeitamente distintas e ritmadas, ora fortes, precipitadas,

impacientes; ora tímidas, surdas, hesitantes. De qualquer forma, porém, posso dizer que as tivemos em média de quatro manifestações semanais, por todo o tempo que lá permanecemos. De resto, não era coisa para terrificar e que, a força do hábito, tornava-se menos impressionante. Há, porém, um fato que merece notado: é que às vezes, deitado mas acordado, ouvia sem querer o barulho e era tentado a fazer o que os garotos denominariam uma partida . Dirigia-me, por exemplo, ao hipotético agente e pedia-lhe que ai acalmasse e não estivesse a incomodar quem dormia sossegado, ou então, que, se de algo precisasse, dissesse logo com toda a franqueza e lealdade.

Exortações que tais não eram, contudo, bem recebidas, de vez que sempre acarretavam pancadas mais violentas, mais apaixonadas, se assim podemos dizer. O leitor poderá sorrir à idéia de qualquer nexo entre as minhas apóstrofes e a tonalidade dos rumores, mas eu apenas quero assinalar um fato de singular coincidência e nada mais. Não formulo teorias, limito-me a contar uma história, sem floreios. E' bem possível que em tudo isso não haja mais que simples coincidências. Mas, perguntarão: não falaste aos vizinhos, dessas freqüentes aventuras? Sim, por muito tempo as calei e leso por diversos motivos. Em primeiro lugar, falando dessas coisas misteriosas, ensejaríamos exagero e alarmes. que nos impediriam de arranjar criados, e, por outro lado, não conhecendo

bem a índole do povo local, pensávamos que, se tratasse de uma farsa, seria mais fácil descobri-la guardando segredo, ou, ainda, cansando os seus promotores com a nossa impassibilidade. Sempre que a criada procurava tocar no assunto, desviávamos a conversa e desiludíamo-la de semelhante coisa. Todos os fenômenos surgiram logo após a nossa chegada e reproduziram-se toleravelmente durante a nossa estada. Também tenho razões para crer que continuassem depois que nos retiramos. O grande estrondo do primeiro domingo, quando lá chegamos, foi o fenômeno mais impressionante e mais freqüente. Semanas se escoavam sem nada ouvirmos, e sempre que nos ocorria ver o relógio, eram 2 horas da madrugada. Passado o inverno, a região tornou-se mais alegre e tivemos algumas visitas, entre as quais uma jovem parente de minha mulher, Ficou assentado que nada lhe disséssemos, já pela desnecessidade de impressioná-la previamente, e já pela perspectiva de um testemunho espontâneo, que não se fez demorado. De fato, não tardou muito que nos procurasse indagar que espécie de reboliço doméstico ali se fazia depois que todos se acomodavam para dormir. Como de ver, nossas respostas não podiam deixar de ser vagas. Uma ou duas vezes ela nos perguntou se teria havido algum enterramento, pois a impressão era de que estavam abrindo uma cova mesmo em baixo da janela, e muito

se admirava escolhessem àquela hora para tão lúgubre tarefa.

Lógico que lhe asseguramos a inexistência de tal enterramento e mais que o cemitério Picava do outro lado da casa. O argumento era, parece-nos, concludente, porém, insistia ela em afirmar que ouvira várias vezes, perto da janela, um ruído de cavadeira. Por mim, não duvido da veridicidade da sua impressão, mas nunca ouvi semelhante ruído. Tão-pouco me surpreendia quando, douta feita, ela me garantiu que alguém andara pelo corredor e lhe batera à porta, sem contudo lhe responder ao quem é, nem forçar a entrada.

Enfim, chegou o domingo e assentamo-nos para almoçar. Que houve esta noite? - foi logo perguntando a jovem. Safa? que barulheira... Eu me levantei tão espantada que teria saído a ver o que se passava se não tivesse medo dos cachorros. Minha impressão era tal que não tornei a deitar-me e, como me debrucei a janela escrutando a treva noturna., ouvi o sino da igreja badalar duas horas. Em tal ouvindo, minha mulher trocou comigo um olhar significativo. E que a hóspede acabava de ouvir naquela noite o que tínhamos convencionado chamar o grande alarme dos sábados. Isso posto, não mais lhe guardamos reservas e pudemos certificar-nos de que as suas impressões eram concordes com as nossas. Tendo-nos ausentado

por duas semanas, no outono, quando regressamos a criada nos contou o seguinte:

Uma noite, fora a aldeia, a compras, e deixara sozinho o rapazola. Assentou-se ele na cozinha, defronte do fogão, quando lhe pareceu que alguém caminhava no corredor. Tratou de ver quem era e o que desejaria, mas voltou decepcionado e crente de que se iludira. Contudo, os passos recomeçaram mais nítidos e ele voltou a pesquisar, se bem que mais impressionado, sem nada haver lobrigado. Pela terceira vez, do seu banco ao canto do fogão, ouviu o mesmo rumor e achando que era muito para um pobre labrujo, pôs a panos em direção a aldeia, só se detendo na casa paterna para contar o ocorrido a quem o quisesse ouvir. Como já declarei, abstive-me por muito tempo de falar no assunto aos meus paroquianos.

Por último, sempre!, o abordei com uma excelente criatura, muito paciente e velha padecente de uma enfermidade que lhe não permitia deixar o leito. A boa senhora tivera a sua fase áurea, era um exemplar dos bons tempos, dotada de sãos princípios religiosos. Sua casa ficava bem defronte do presbitério, de onde divisava, através da janela, o seu leito de enferma.

Contei-lhe o que ocorria e perguntei se nunca ouvira Falar de tais coisas. Respondeu prontamente que muito se havia falado a respeito e que um de meus antecessores, pelo menos, havia sido assaz molestado por esses fenômenos. Acrescentou, ainda, que ela

mesma tivera ocasião de ver luzes oscilantes e intermitentes nas janelas das mansardas. Aqui, importa dizer que, enquanto ocupamos a casa, nunca. nos servimos dessas mansardas e que lá não entrei depois daquela noite em que procurava descobrir a origem do barulho; e bem assim que, para franquear, só havia uma porta, cuja chave guardávamos cuidadosamente.

Minha interlocutora falou-me a seguir de uns tantos episódios transcorridos naquela casa, no século passado, contados pelos seus pais, episódios que, uma vez certificados e conjugados aos fenômenos, levaram a induzir uma teoria sobre a natureza dos próprios fenômenos. Mas, repito, meu intuito não é formular teorias e sim relatar fatos, deixando a cada qual o trabalho de os julgar, Quanto a estes fatos, eu o atesto de plena consciência, lealmente; mas, quanto causa determinante, não me julgo mais nem menos adiantado que os leitores, visto que, a despeito dos maiores esforços, nada consegui descobrir. As explicações que a muitos ocorrem, também a nós ocorreram. Antes do mais, pensei tratar-se de simples farsa; mas, admitindo que, a despeito de todas as precauções e vigilâncias, pudesse alguém introduzir em minha casa, era forçoso concluir que se tratava de farsantes tão tenazes quanto habilíssimos, e, ao demais, inconcebíveis sem outro interesse que o da pura intrujice. Deixando de parte os anos anteriores, como supor pudesse alguém se dedicar durante um ano, todas as noites (e muitas

vezes de dia), com o dar uma série de ruídos incoerentes e desarticulados ?

Há também que ,pensar em ratos. Claro que não barateei o talento dos ratos, em matéria de ruídos noturnos, mas debitar por tudo o que precede seria absurdo.

A seguinte observação merece considerada por quem quer que procure elucidar os Patos relatados. E' que eu sempre fui grande apreciador de cães e possuía, nessa ocasião, dois puros terriers, excelentes vigias, inimigos da gentalha e sempre agressivos e destemerosos. Certa feita, no rigor do inverno, diversas casas das cercanias tinham eido furtadas. Chegada à vez do presbitério, os cães ladraram a tempo, e com Paria tal, que me levou a abrir a janela a tempo de ver. mais de um vulto esgueirando-se na relva.

Gritei-lhes e, disparando o revólver, afugentei-os. Menciono este incidente apenas para assinalar a conduta desses cães, absolutamente contrastante da que mantinham em face dos rumores misteriosos. Estes, jamais lhes suscitaram qualquer reação, e quero crer que nem mesmo os entendessem. Sempre que os procurava depois das pesquisas, encontrava-os encolhidos, trêmulos, evidentemente acovardados. Penso, também, que eram mais impressionados que nos outros, e que, ai não estivessem presos, acabariam deitando-se ã porta do nosso quarto. Estes fenômenos

abrangem um período de 12 meses. Ao fim desse tempo, fui chamado a outra região e deixei o meu curato, satisfeito, confesso, por livrar-me dos alarmes noturnos, mas algo desapontado por não lhe ter descoberto a causa.

Este assombramento, tanto quanto o do Calvados e o da Corrèze, não dão margem a quaisquer duvidas.

Eis agora outro caso semelhante ao precedente. O Doutor Darieux obteve a sua descrição em 1895 e deu-lhe publicidade, ainda esse ano, nos Annales des Sciences Psychiques (pág. 76). Trata-se de observação cientificamente feita e minuciosamente descrita.

Guardei em segredo, por mais de 20 anos, os estranhos, inconcebíveis acontecimentos cuja descrição hoje faço com a mais rigorosa minudencia e exatidão.

Em 1867 era eu professor público em Labastide-Paumès (Haute-Garonne) e tinha então 20 anos de idade. Minha residência ficava a uns 40 metros da igreja e era, nem mais nem menos, que o antigo presbitério, posto ã minha disposição. Ainda muito arruinado em 1865, sofreu no ano seguinte grandes reformas, justo para servir-me de moradia. Quando lá cheguei, a sua aparência era a de um prédio novo. O pavimento térreo, assaz baixo para ser habitado, servia-me simultaneamente de adega e dispensa, comunicando com o pavimento superior por ampla escada de carvalho. Junto dessa escada havia duas

portas, dando respectivamente para o exterior e para o pavimento térreo, que não tinha outra comunicação interior. O andar superior nunca o aproveitei, sempre estive no primeiro, em companhia de meu irmão Vital - hoje lente de matemáticas no liceu de Belfort - e de minha irmã Francisca. Esse pavimento dividia-se em quatro peças espaçosas, aqui assinaladas no respectivo gráfico pelas letras A, B, C, D, A, servia-nos simultaneamente de cozinha e sala de jantar; B - meu dormitório; C - dormitório de meu irmão e D - o de minha irmã. A letra E indica o patamar da escada situada no 1.° andar. O são escolar não Fazia parte do presbitério e fora-lhe simplesmente agregado como construção nova, isto é, em 1865.

Nós nos deitamos habitualmente às 9 horas da noite, para acordar às 6 da manhã. Antes de me recolher, tinha o cuidado de fechar todas as portas e janelas, inclusive a porta interna que comunicava com o pavimento térreo. Note-se que não tínhamos gatos, nem cachorros, nem pássaros quaisquer. Tendo sido a casa reformada recentemente, nenhum animal da vizinhança poderia lá se introduzir. Antes de entrar no âmago da questão, preciso dizer que não pertenço a nenhuma família de iluminados. De resto, aqui estão meu nome e residência atual. Minha sanidade mental pode ser sindicada como e por quantos o queiram fazer. Ora, certa noite de Abril, às 11 horas, acordei sobressaltado com um barulho singular: pancadas

secas, violentíssimas, eram dadas na mesa e no guarda-louça da cozinha, como se alguém, a bengaladas, se dispusesse a quebrá-los.

Apuro o ouvido: ba! e logo depois ba! ba! Mas o interessante é que me não sinto apavorado. De pronto acendo a vela, salto da cama, atravesso o corredor e ganho a cozinha. Nada aí vejo de extraordinário, o silencio é completo. Desço a escada e as duas portas retro referidas conservam-se trancadas ã chave, com os ferrolhos corridos. Nenhum ser humano poderia ter fugido por ali'. Sim, ninguém poderia, por dentro ou por fora, operar de tal maneira, deixando as chaves nas fechaduras, Contudo, eu não tinha sonhado! Subi de novo ã cozinha, abro o guarda-louça e nada! Procurei, com a vela, aclarar o interior da chaminé e vi que as telhas para vedar a chuva e escoar a fumaça estavam no seu lugar. Tornei a atravessar a cozinha, o corredor; fui ao quarto de meu irmão, ao da irmã e certifiquei-me de que dormiam a sono solto. Sonhei com certeza, - disse para comigo, e tornei a deitar-me. Mal, porém, apaguei a vela, a barulheira recomeçou.

Agora eram pratos a se atritarem, colheres e garfos saltando das gavetas, cadeiras em sarabanda. Esse reboliço foi até às 3 horas da madrugada, renovando todas as noites, durante duas semanas. Nada obstante, de manha, ao levantar-me, tudo estava em ordem nos seus respectivos lugares, nada quebrado! Apenas uma vez, encontramos uma cadeira tombada e um

guardanapo que lhe ficara no encosto foi atirado a meio metro de distância, mais ou menos. Ao ver tal coisa, estremeci pela primeira vez e fui empolgado por um temor absurdo, insensato. Porque ocultá-lo?

Uma noite, antes de deitar-me, tomei um pouco dágua açucarada. A colherinha de que me servia ficou dentro do copo, debaixo do qual deixei um bilhete dobrado e assim redigido: - Se são Espíritos os autores desses fenômenos, peço-lhes deixem dormir tranqüilos.

Durante mais de 3 horas a colherinha bateu no copo com intervalos apenas de um minuto. Por duas vezes, creio, parecia que o copo rolava na mesa, sem cair no ladrilho da cozinha, onde fatalmente se quebraria. Ao levantar-me encontrei o copo, o bilhete e a colher no mesmo lugar em que os deixara.

Uma noite, trás pancadas foram dadas na madeira da cama. Eram como bengaladas vibradas de cima, nas almofadas da cabeceira, Dessa feita, um amigo (T. L.) consentira em passar a noite comigo. Em face do que via, não ai conteve que me não dissesse: quer-me parecer que você dispõe de algum poder satânico, com essa cara de santo, a engendrar esses sarambeques.

Adiante, ver-se-á o atestado que firmou. Outra noite foi L. N., um companheiro de infância, que se prestou a fazer-me companhia e do qual também transcrevo o depoimento. Incluo, igualmente, a declaração do Abade Ruffat, que, ainda o ano passado,

apesar dos seus 86 anos, dirigia a paróquia de Labastide-Paumès. Além desses, verão o testemunho do mano Vital. Estes depoentes aí estão, todos vivos. Uma noite, ouvi passos na cozinha, lentos, pesados, como de homem. Para lá me encaminhei e nada mais constatei que absoluto silêncio e completa ausência de entidades vivas.

Outra feita, ausentei-me e regressei muito tarde. Durante uma hora, pelo menos, meu irmão ouviu passos no meu quarto. Acreditando que eu tivesse regressado, dirigiu-me diversa pergunta e insistindo para que o deixasse dormir. Quando efetivamente voltei, ele, furioso, ainda me repetiu: Então, queres ou não, deixar-nos dormir? Olha que há mais de uma hora que nos ensurdeces!

- Mas, ai eu estou chegando agora mesmo ? Contudo compreendo o teu nervosismo, pois o subir a escada ouvi o estardalhaço lá na cozinha, E era verdade. Contudo, aquele alvoroço- começava a impressionar e resolvi falar ao pároco local, o venerando Abade Ruffat. O excelente homem acolheu a minha declaração com mais indiferença que surpresa. Tudo isso, disse, não tem maior importância; trata de uma casa velha e há muito tempo que ela, não é benzida; ai a coisa continuar, eu irei benzê-la e, como a prece a Deus é sempre exaltada, talvez possamos acabar com isso.

E de fato, dai por diante tudo ai normalizou. Esta coincidência será mais admirável, talvez, que as próprias anomalias aqui relatadas.

Salières . (Professor em Pontivy):

ATESTADOS

I - Confirmo inteiramente tudo quanto diz meu irmão a respeito dos fatos ocorridos em Labastide-Paumès, Cantão de Isle-en-Dodon, na, casa que a Prefeitura destinou ao professor.

(25-1-1891).

Vital Salières -, Professor.

II - Em 1867 o Senhor J. Salières, professor em Lebastide-Paumès, convidou-me a passar uma noite em sua casa, a fim de observar umas tantas coisas extraordinárias e o que se verificou: às 11 horas da noite, pancadas fortes, como produzidas a porrete, foram desferidas na. mesma e no armário da cozinha. Simultaneamente, as cadeiras dançavam, os pratos estalavam, os copos retiniam. Mas, no fim, tudo estava incólume, Por volta de 1 hora, três pancadas distintas e fortíssimas foram dadas na cabeceira da cama, no quarto em que estávamos.

Toda a casa era ocupada pelo Senhor Salieres, um irmão e uma irmã, que não poderiam, de modo algum,

ser os autores de tais fenômenos, circunscritos ao 1 ° andar. Todas as janelas, bem como a única porta de saída, ficavam cuidadosamente fechadas, nenhum ser humano poderia ali penetrar de qualquer forma. De resto, esquadrinhando todos os cômodos, nada ai deparava de insólito. por mim, estou absolutamente convicto de que nenhum mortal seria capaz de realizar tais coisas.

III - Ao tempo em que o Senhor Salières, hoje professor de Matemática em Pontivy, lecionava em Labastide-Paumès, isto é, em 1867, pediu-me fosse passar com ele uma noite, a fim de constatar umas tantas ocorrências singulares. Cerca de 11 horas, todas as portas e janelas foram solidamente fechadas e toda a casa revistada. Começamos por ouvir pancadas violentas na mesa da cozinha, pancadas que se reproduziram até às 3 da madrugada, inclusive no armário da cozinha e na porta que lhe dava acesso. Acesa a vela, examinamos todo o ambiente, e, enquanto o fazíamos, era tudo silencio; mas logo que apagamos a vela o barulho recomeçou. Não podendo admitir que criaturas de carne e osso, como nós, possam insinuar-se pelo buraco das fechaduras, para operar invisivelmente, sou levado a confessar que esses fatos são tão inexplicáveis quanto incontestáveis.

Que conclusão podemos tirar de tudo isto? São fatos que, como os antecedentes, provam a realidade das casas mal-assombradas e que os seus negadores ou

os ignoram ou procedem de má fé. Tão-pouco, admissível é julgar alucinados quantos os têm observado.

Eu não discuto a explicação, constato a realidade. A explicação é menos fácil que a constatação. A raridade de observações autênticas nada prova contra a realidade, ainda que assim pensem uns tantos racionalistas singulares. Quem é que se convoca para depor em juízo? - naturalmente, quem viu. Que dizer, então, da seguinte sentença: considerando que dez pessoas viram o réu cometer o crime; mas, considerando que quarenta milhões de pessoa,.s nada viram, dou por absolvido o réu. Teriam os quarenta milhões de francesas, neste nosso caso, algum valor negativo ? E, contudo, assim é que raciocinam, muitas vezes, os adversários das nossas pesquisas tão lealdosas. O professor Guilherme Barrett assim resumiu suas impressões a respeito, num magnífico artigo.

1.° - Alucinação e fraude não bastam para explicar todos os fenômenos.

2.° - Os ruídos, os movimentos de objetos e outros fenômenos físicos, parecem ter qualquer relação com uma inteligência invisível, que, mal grado à sua imperfeição, assemelha-se à inteligência humana.

3.° - Esses fenômenos se apresentam, as mais das vezes, em correlação com uma pessoa ou com um

local, de sorte a induzir a necessidade de una ponto de apoio para se produzirem .

4.° - Trata-se de fenômenos esporádicos e temporários, que podem durar dias ou meses, aparecendo e desaparecendo subitamente, sem causa conhecida.

Estou de acordo com Barrett e Richet quando afirmam que os testemunhos são bastante positivos para que se não possa negá-los . Grande número de casos, rigorosamente examinados, permitem afirmar a existência de movimentos sem contacto e de ruídos que a mecânica comum jamais poderia esclarecer.

E' absurdo supor que, durante semanas e meses, diversas pessoas, senhoras de si, conscientes e lúcidas, vigiando escrupulosamente uma casa dita mal-assombrada, declarem ter visto coisas inexistentes e ouvido barulho imaginário. Se tratasse de um caso apenas e de um único observador, poder-se-ia admitir a hipótese das alucinações e da ilusão. Mas, isso também não passa de simples infantilidade, pois ilusão não é mais que um vocábulo de feição a nos desembaraçar de um fenômeno insólito, que nos perturba e confunde. Processo puramente simplista, diga-se. Mas, não percamos tempo com discussões inúteis e prossigamos em nosso estudo. Em todo o caso, podemos concluir, do que ocorreu na casa do professor, tal como no Calvados e na Corrèze, etc., que há seres invisíveis.

*

Os fenômenos de assombramento revestem mil e uma formas. Ele os há que revelam a mais desconcertante banalidade, enquanto que outros aparecem associados a pessoas falecidas. Também os há independentes, não só de defuntos conhecidos, como de quaisquer defuntos. Outros há que dão provas de inteligência, sem que neles vejamos, todavia, qualquer manifestação de almas viventes ou vividas . Debatemo-nos, assim, em pleno mundo invisível e desconhecido, que, por isso mesmo, mais impõem um estudo analítico dessas estupificantes observações.

Vou intermitir aqui uma carta recebida em 1900, (carta 898 do meu cadastro) da Senhora Manoel de Granford, meu confrade da Sociedade de Letras, na qual relata uma observação pessoal, assaz curiosa e incontestavelmente sincera:

Paris, rua da Primavera, n.° 9 - Fevereiro de 1900.

Sabe o meu caro mestre e amigo que sou incapaz de enganá-lo e incidir na increpação feita a outros informantes, que o senhor conhece tanto quanto a Adão e Eva. Em que pese à severidade do seu método cientifico, não pode o amigo, creio, duvidar de mim. Sem prejuízo do seu precioso tempo, quero contar-lhe este fato ocorrido comigo mesma, certa de que lhe

merecerá interesse, pois, além de absolutamente verídico, é fruto de experiência pessoal.

Quando ainda muito jovem, meu estado de saúde era assaz delicado, pelo que, apresentando-se rigoroso o inverno, fui mandada para o sul, a, fim de ali ficar um ano, pelo menos.Parti para uma grande cidade do Languedoc, onde residiam minha mãe e minha avó, instalando-me não longe delas, numa rua e numa casa tranqüilas. A casa era térrea, com porão somente e construída entre o pátio e o jardim, aliás rodeado de altos muros. Ninguém poderia lá entrar senão por um portão de ferro gradeado e sempre fechado, mesmo durante o dia, e por um poial de sete degraus, até aa vestíbulo . Estes pormenores ai tornam necessários para demonstrar que eu estava bem guardada e garantida de qualquer assalto. Meu criado foi-me cedido por Khalil-Pachá e muito recomendado pelo seu devotamento. Esse honesto rapaz era, às vezes, um tanto pernóstico, mas, afora isso, era um serviçal excelente, capaz de se deixar matar por defender-me de qualquer perigo. Ao demais, levara comigo a minha criada de quarto, e, para completar o quadro doméstico, tomei uma cozinheira da terra.

Eis, portanto, bem instalada com os meus filhinhos, em uma casa batida de sol de manhã até à tarde, e embalsamada por aquelas magníficas violetas que parecem estremecer ao exalar o seu perfume. Nem vizinhos, nem vizinhas; nenhum bulício em torno,

antes uma grande, inefável paz a estender sobre nós o seu manto azul. Acreditei-me, assim, num paraíso, mas, enganei-me. A primeira noite passada na rua. . da Cruz n.° 9, foi pacífica.; mas, a partir da segunda, fui bruscamente despertada por barulhos semelhantes aos que faria um criado estouvado em sua faina matinal. De olhos fechados, eu conjeturava que a diligente Antônia estaria em campo, quando o relógio bateu meia-noite e desfez-me essa ilusão. Levantei-me de pronto, chamei o criado que acorreu tonto de sono, e ordenei-lhe que esquadrinhasse a casa foi feito e nada encontrou de anormal; mas, vendo-me assaz impressionada, pediu-me um livro (creio que lhe dei o Monte Cristo) e ele vigiou toda a noite, na, sala, lendo a obra-prima de Dumas. Assim tiveram inicio as manifestações, que haveriam de continuar todo o ano. Algazarra, livros atirados ao chão, arranhados nas portas, agitar de cortinas, tiros, cheiro de pólvora, gargalhadas... tudo nos propinaram, mas o fato mais extravagante foi o seguinte: Todas as noites - vejam bem - entre as 10 e a meia-noite, davam uma grande marretada no portão que dava para o poial. Note que, para fazê-lo, era preciso galgar uma grade muito alta, atravessar o corredor e subir os degraus do pequeno terraço.

Logo que ouvíamos a pancada, o Antônio abria a porta e... quem diz que lã estava alguém! Enganado várias vezes e um tanto melindrado por ai ver assim

ludibriado por qualquer daqueles provincianos, que ele tanto desdenhava, o Antônio resolveu montar guarda à porta. De pé, mão posta no trinco e bengala pronta a desancar o farsante. Mas, foi debalde que deixou as delicias da sua poltrona e a companhia da loura criada de quarto, que tanto o enamorava. Jamais a marreta trabalhou, enquanto o António cabeceando de sono não deixasse o seu posto para voltar ao interior. Furioso com o truque, ele voltava num relâmpago, bengalão alçado, abria a porta, atravessava o pátio e precipitava-se para o portão... Nada, nada mais que silêncio em toda a rua!!! Tudo repousava, até os cães e os galos, na rua da Cruz, onde eu fui parar em busca de repouso.

Certa feita quis, ainda que de mim escarnecesse, que meu irmão observasse o que ocorria e pedi-lhe que lá pernoitasse. Ele aquiesceu, embora me crivando de sarcasmos e tratei de acomodá-lo no quarto de vestir, separado do meu por .uma saleta. Posto que nessa noite eu nada ouvisse, meu irmão foi o primeiro a acordar-me e eu notei-lhe a fisionomia alterada. Ai, já não gracejava, vinha apenas dizer que não esperaria pelo almoço, porque não pregara olho toda à noite .

- Sabeis? - acrescentou - pois eu te juro que nem por cem mil francos passaria aqui outra noite...

Que teria havido? Ignoro-o ainda hoje, porque ele jamais mo disse, e sempre que tocávamos no assunto, encolerizava-se. Suponho, porém, que Coco (assim

chamávamos irreverentemente o nosso Espírito familiar) ter-lhe-ia pregado alguma das suas peças, tal como o fizera, certa vez, ã minha mãe, desferindo perto dela uma pancada tão forte que quase a fez desmaiar. Meu caro amigo poderá perguntar como pude tolerar tal hóspede tanto tempo.. . E de fato entranhável, visto que sou medrosa por índole, mas a verdade é que Coco não me causava pavor e até chegava a dirigir-lhe a palavra, a repreendê-los e a pedir-lhe obséquios. Lembro-me de que uma noite, ao vestir-me para ir ao teatro, disse à criada que esperava receber uma carta importante e que, se ela chegasse naquela mesma noite, pelo último correio, Coco teria a gentileza de me prevenir com duas pancadas no espelho em que me revia. Pois as duas pancadas soaram e a criada deixou cair o frasco que tinha nas mãos, deitando a correr, espavorida. E a carta chegou, efetivamente. E depois... Mas é tudo. Ao fim de um ano, regressei a Paris. Esperava que Coco me acompanhasse, mas tal não se deu .

Não mais ouvi coisa alguma. Perdi a faculdade de atrair os Espíritos, em cuja existência não creio muito, apesar do que acabo de expor. Custa-me realmente acreditar que, ficando invisíveis a nós tantos seres queridos, seja permitido a manifestação de estranhos. Mas, dai nada concluo, porque nada sei e só me limito a contar uma história verdadeira.

Manoel de Granford .

Que nome poderemos dar à causa dessas manifestações? Discuti com a narradora a hipótese de um desdobramento inconsciente, da personalidade, da exteriorização do seu próprio espírito, como aventava o nosso amigo A. de Rochas. Nenhuma hipótese, contudo, me pareceu ponderável. A observação do seu irmão a isso se opunha, particularmente . Seria um espírito qualquer, um. Invisível audível? Alma de um morto? Em todo caso, é um espírito anônimo. E a nossa interpretação e idêntica à conclusão da página 156.

Recebi observações provindas de todas as classes sociais, das mais altas às mais modestas. Elas desbordam por toda à parte, para quantos se proponham a estudá-las, e a que se vai seguir não é das menos estranhas.

CAPITULO VII
A CASA FANTÁSTICA DE COMEADA, COIMBRA, PORTUGAL

Em Comenda, arrabalde de Coimbra, cidade de Portugal afamada por sua Universidade secular,

ocorreram coisas fantásticas, que valem reproduzidas aqui .

Em começos de Outubro de 1919 o Senhor Homem Cristo, primeiranista de Direito, foi expulso da Universidade por desobediência a pragmatismo religioso e tentativa de sedição à, mão armada. Alugou, então, em Comenda, um sobrado de um só andar, ali se instalando coro sua mulher e duas criadas. Essa senhora, desde a primeira noite, entrou a queixar-se que ouvia rumores estranhos. Oito dias depois, um amigo, Senhor Gomes Paredes, também universitário, indo a Comenda tratar de negócios, houve de pernoitar em casa do ex-colega. Depois de muito palestrarem, até 1 hora da madrugada, foi cada qual para o seu quarto. Mal apagou a vela, o Senhor Paredes ouviu pancadas na janela. Reacendeu a vela, ergueu-se, escancarou a janela e nada viu. Tornou a deitar-se, soprou a vela e eis que ouve passos junto dele, e portas que se abrem e fecham por toda a casa. Reacendeu a luz e pós a esquadrinhar debaixo da cama, dos móveis, etc. Ninguém! Nada! Extinta a luz, recomeçou o barulho.

Não querendo incomodar ninguém, conformou-se com a situação e pela manhã perguntou ao Senhor Homem Cristo se algo havia notado. Absolutamente nada - foi a resposta. Aliás, não há que estranhar, porque eu durmo como um frade. Mas, afinal, que poderia eu escutar? Ladrões é coisa que aqui não há e

tudo o mais, a meu ver, é pura fantasia. Paredes, que conhecia o positivismo do outro, não insistiu. Voltou para Coimbra e contou ao pai o sucedido. Este, depois de ouvi-lo com atenção, disse: - E' singular, visto que o locatário anterior deixou a casa devido a esses barulhos e a atual zeladora do Observatório Astronômico, que lhe fica em frente, havendo lã passado uma noite, declarou que nunca mais o faria, porque a casa tem bruxedo. A meu ver, deves tudo contar ao colega e pedir-lhe que se sacrifique uma noite para observar o que por lã ai passa.

Gomes Paredes seguiu o conselho e pediu a H. Cristo que observasse por si mesmo. Era o que faltava -- gracejou - e foi deitar-se, disposto a dormir como de costume. Todavia, essa noite, ouviu rumores o intrigaram e decidiu vigiar durante a noite seguinte, em companhia do amigo. Preciso é notar que todos dormiam no andar superior, e que no térreo não ficava ninguém.

Às 11 horas da noite o Senhor H. Cristo mandou que as criadas se recolhessem, na forma do costume. Enquanto houve luz na casa, nada se verificou; mas logo que apagaram a última vela, ouviram-se fortes pancadas na porta do pavimento térreo, que dava para o jardim... O Senhor H. Cristo desceu, lesto, colocou-se junto da porta. As pancadas recomeçaram e ele abriu instantaneamente a porta.

Nada e a ninguém vendo, saiu a verificar se alguém fugiria por uma ruela vizinha. Mal se viu do lado de fora, a porta fechou-se com estrépito e a chave volteou na fechadura, de sorte que, para reentrar, teve de bater para que lha abrissem. Muito intrigado, convencido da presença de alguém que se divertisse à sua custa, tomou do revólver e exclamou agora veremos!...

As portas continuavam batendo, e num pequeno compartimento contíguo ao quarto de dormir, compartimento sem saída, as pancadas eram ainda mais fortes. Tudo isso se dava no escuro e cessava logo que feita qualquer luz. Cada vez mais ansioso por descobrir o intrujão, O Senhor Cristo se postou no patamar da escada, de revólver em punho. Apenas ai apagou o fósforo geie mantinha entre os dedos, ouviu bem perto uma estridente gargalhada, que ecoou em toda a casa, e viu à sua frente uma nuvem branca, enquanto das próprias narinas lhe safam dois filetes de luz alvacenta. Era demais! Começou a arrefecer-se-lhe a coragem. E a coisa se prolongou até às 4 horas da madrugada! No dia seguinte, como não pudesse admitir fenômenos psíquicos, resolveu requisitar um agente de polícia para testemunhar o que pudesse sobrevir. Queria, a todo o transe, agarrar o farsante e receava perder a calma e matar alguém. Deram-lhe um inspetor e dois agentes. Chegada a noite, o inspetor ficou de fora, no jardim, frente à porta, no intuito de controlar qualquer movimento de entrada ou saída. Os

dois agentes, os Srs. Cristo, Paredes e outro amigo (Henrique Sotto), especialmente chegado para observar o caso, ficaram no interior. Depois de tudo examinarem meticulosamente, apagaram a luz e as pancadas logo soaram no pavimento térreo. Estão ouvindo? - perguntou o Senhor Cristo aos agentes. Perfeitamente - responderam. Os ruídos continuaram e o Senhor Cristo abriu de repente a porta, mas, como na véspera, a ninguém viu senão o inspetor, a passear calmamente por ali perto. Quem bateu? - perguntou. Ninguém - respondeu o policial. Mas... não ouviu as pancadas? - Nada, absolutamente. E' demais! Entre, então, e vamos ver se os agentes são mais felizes. Repete-se o feito, o inspetor ouviu as pancadas, mas os agentes não. Ah! - disse o Senhor Cristo - é assim? Então, entremos todos, porque a coisa é cá por dentro . Um agente foi destacado para o quarto em que dormira o Senhor Paredes, no 1 ° andar. Quando puxava um banco para assentar-se, este lhe foi retirado de tal arte, que o agente não pode evitar a queda. Os dois amigos, Paredes e Sotto, ficaram no pavimento térreo, com o inspetor. Em seus respectivos quartos, todos igualmente no 1 ° andar, permaneciam a senhora e os criados. O Senhor Cristo, tal como na véspera, plantou-se no topo da escada. Logo que apagaram as luzes, as pancadas ai repetiram, sobretudo no pequeno compartimento contíguo ao seu quarto, e onde apenas existia uma canastra. Aquilo parecia até um desafio...

De repente, um grande barulho no quarto do amigo, parecendo antes violento conflito, fez com que todos para lá convergissem, persuadidos de que o inspetor tinha descoberto o farsante. Mas, oh decepção! O que ai lhes deparou foi o agente afobado, a bater com o sabre a torto e a direito, acabando por esgueirar-se num pequeno gabinete, onde, na sua fúria, quebrou o espelho do armário. Tiveram de subjugá-lo à força, pois o homem parecia. louco. Restabelecida a calma, tornaram a apagar a luz e o Senhor Cristo retomou o seu posto, no patamar da escada, recebendo logo em cheio, no rosto, um bofetão tão forte que o fez gritar, pois - diz ele - era como ai alguém lhe enterrasse as unhas, lacerando-lhe a face. Depressa acenderam a luz e todos puderam ver a marca de quatro dedos na face esquerda do Senhor Homem Cristo. Outra singularidade: o rosto do Senhor Cristo estava rubro, mas a face direita apresentava lividez cadavérica. Procuraram ver as horas, era meia-noite. O Senhor Cristo e sua mulher, as criadas, os amigos e os policiais, todos enfim, apavorados, não quiseram lá ficar nem mais uma hora e foram passar o resto da noite no hotel. Os policiais, por sua vez, recolhendo-se aos seus penates, protestavam que jamais voltariam àquela casa. O Senhor H. Cristo sublocou a dita casa, mas, ao fim de dois dias, o novo locatário retirou-se, declarando que ninguém poderia habitá-la.

Esta narrativa foi feita pela minha amiga Senhora Frondoni-Lacombe, de Lisboa, nos Annales des Sciences Psychiques, em seu número de Março de 1910. O observador, Senhor Homem Cristo, contou ele próprio a sua história, em outros termos, mais minuciosos, tal como se encontra em sua obra - O Parque do Mistério, escrita em colaboração com a Senhora Rachilde, em 1923. Eu tenho a honra e o prazer de conhecer esta senhora há cerca de trinta anos, e sei que ela não quer admitir, de maneira alguma, a realidade dos fenômenos psíquicos, pela razão, certo respeitável, mas discutível, de haverem sido seus pais enganados pelos médiuns.

O Senhor Homem Cristo, ao invés, como observador direto, foi levado a convencer-se cada vez mais da autenticidade e valor científico dos fenômenos. De ateu, tornou-se espiritualista convicto.

Eis porque se torna interessante conhecer na íntegra o seu depoimento, extraído do citado livro. Preliminarmente, o amigo, que com ele foi passar uma noite, conta-lhe o seguinte:

Adormeci depois de muito fumar e verificar que não tinha mais fósforos. Despertei com uma sensação de claridade através das pálpebras, tal como quando, de olhos fechados, recebemos a claridade de uma lâmpada muito forte, ou de um fogo muito vivo. Era como se visse antes de ver, e isso me impressionava tanto que abri, finalmente, os olhos e vi que as janelas,

bem fechadas, conforme recomendaste, estavam abertas e o luar batia-me em cheio no rosto. Eu estava, ou pensava estar certo de haver tudo fechado e examinado antes de me deitar; que havia corrido todos os fechos, mas, também podia ter-me enganado. Nesse caso, nada ouvindo de suspeito, e disposto à bem dormir, como aquela réstea de luar me incomodasse, fui até ã janela, levantei a vidraça e prendi-a no gancho que deveria mantê-la acima da minha cabeça, pois eu precisava debruçar-me para colher as persianas abertas. Elas resistiram, e a verdade é que não havia vento .

No pavimento térreo poderia dar-se tal coisa, operada por alguém que viesse do jardim. Lembrando-me, súbito, de quanto me havias dito, resmunguei baixinho para não acordar ninguém: olá! fuja que lá vai fogo... Mas, logo o gancho do postigo cedeu e a pancada que recebi na nuca me entonteceu e vi-me abarbado para safar-me da vidraça. Não queria chamar-te, pensando no ridículo da situação. Quando me livrei da alhada, tornei a prender as folhas da janela e, para maior segurança, fui inspecionar as proximidades da porta do jardim. Nada no jardim, na estrada, fora, nada! A noite era tranqüila e o luar claríssimo, permitindo distinguir os menores objetos e as folhas da janela na posição em que as deixara, sem que houvesse, bem entendido, qualquer obstáculo atrás delas. A evidência nos sugere, sempre, a ordem e nos

tranqüiliza. Era evidente que me havia enganado. As janelas não tinham sofrido pressão manual de ninguém; a queda da vidraça fora uma simples casualidade.

Estaria tonto de sono, meu ato descoordenados, tudo muito natural, quando acordamos sobressaltados. Fechei cuidadosamente as janelas, arriei a vidraça e tornei a deitar-me. Doía-me o pescoço, latejavam-me as fontes, sentia-me opresso, nervoso,. Aquilo não podia continuar. Foi então que pude ver esta coisa espantosa, bem defronte de mim, com os olhos bem abertos a todas as realidades possíveis: aa janelas tornavam a escancarar-se, o fecho suspendeu por ai mesmo (e lembro-me de que havia esgaravatado o embute para evitar que rangesse) . A seguir, A cabeceira da cama, outro ruído estranho, imitante a risadas surdas. Alguém, fosse quem fosse, pilheriava A minha custa...

Onde te metes, homem? - disse, fechando os punhos... A resposta foi uma série de pancadas violentas na parede, no soalho, nos móveis; pancadas que repercutiam em mim, como ai a mim somente visasse. No quarto não havia animal oculto, nem gente em conflito, a não ser eu comigo mesmo, banhado por uma réstea de luar... Perdoa-me, Francisco, o não te haver procurado; perdoa-me, porque não tive tempo de refletir quando me atirei louco, pelo jardim, e abalei sem chapéu, sem mesmo cuidar de fechar a porta. Para

entrar em minha casa, creio que foi coisa de minutos, pois a verdade é que me sentia mais leve que o vento . Quando o meu colega acabou de falar, fiquei calado um instante. Tinha ouvido os nossos lentes contarem histórias de alucinações coletivas, mas não podia explicar-me tantas coisas simultâneas, ao demais, impressionado pela circunstAncia de ocorrerem tais coisas A meia luz, quando sabia que a claridade destrói essas fantasmagorias. Disse-lhe a titulo de objeção e logo me respondeu: Sim, é verdade que havia esgotado os fósforos, fumando até meia tarde, mas tudo vi com estes olhos, graças ao luar: as janelas abriam-se como que impelidas por duas mãos, e, quando tentei fechar, senti resistência. Isso significa que o seu detentor tinha mais força - respondi-lhe - e pelo que, a vidraça, A guisa de guilhotina, poderia ter-me decepado a cabeça.

Depois, os ruído a que ouvia são exatamente os contados por tua mulher! Disse ela que andavam pelo quarto, de varias maneiras, como ai arrastassem fardos, sacudissem móveis, preparassem, enfim, uma-verdadeira mudança. E tu nada ouvindo, ai temos outro mistério!

Ah! - exclamei dominando-me - ainda bem que tudo isso vai acabar. Esta noite, aqui vigiarei eu mesmo, e não me faltarão fósforos nem armas para receber esses marotos. Herde dar-lhes uma boa lição, juro-te!

*

Para mim, tudo aquilo se explicava : depois do alarido pela minha atitude escandalosa na Universidade, espirituosos de mau gosto estariam procurando apoquentar-me. Nada mais que calourada dos divertidos estudantes de Coimbra. Mas haviam de levar o seu quinhão, la isso havia, porque, além do mais, estava em jogo uma jovem e um pequeno de seis semanas. No dia seguinte, mal anoiteceu, instalei-me no quarto suspeitado, depois de examinar toda a casa e trancar as criadas A chave.

E' que podiam, dada a astúcia própria da classe, ter conivência com os pândegos. Provi-me de fósforos e, considerando mais prática a vela que o lampião, retirei uma de um candelabro muito alto, dizendo comigo : quero ver soprar a um palmo do nariz. Minha mulher, tremula como varas verdes, se bem que não conhecesse a aventura do colega colocou o berço do petiz aos pés da cama e tomou todas as precauções para bem vigiar, não só o berço como a porta aferrolhada. Ela sabia que, comigo, não havia transigências com o sobrenatural e que, portanto, se ai deixassem fisgar, seriam brutalmente massacrados. Na guerra como na guerra. Eu começava a esquecer totalmente porque estava a ler uma obra de jurisprudência, repoltreado na cadeira de braços, em

vez de estar na, cama, À uma hora da manhã e quando a vela liquefazia em placa de cera, com o restante pavio solto e prestes a apagar. Também não preciso dizer que tinha fechado a janela, firmando-lhe os fechos e correndo a vidraça nos caixilhos. Então, ao estender o braço para apanhar os fósforos, vi... - isso passou automaticamente, desde que a luz se extinguiu - vi as folhas da janela abrirem-se lentamente e um raio branco de luar insinuar-se pela abertura, alongando-se sob a forma de uma espada. De um salto atirei-me à vidraça, levantei-a, firmei-a nas barbetas estendendo os braços, sem insinuar a cabeça para fora, -- como que advertido pelo. . .. primeiro acidente inexplicável -- puxei as folhas da janela com toda a força e elas resistiram, parecendo soldadas em granito. E o mais curioso é que se me figuravam ao mesmo tempo rígidas e elásticas ao tato, como se fossem músculos opostos aos meus. Abstinha-me de gritar, no propósito de não assustar os que dormiam no sobrado, mas estava suando em bicas e recebia, por assim dizer, o batismo do terror; uma primeira impressão de medo, que é cólera inominável; uma raiva impotente, que já se não pode descarregar em blasfêmias. Tal como se deu com o meu amigo, acovardei-me e corri até à porta do corredor, que abria para o jardim. Abri-a de chofre e verifiquei que lá não havia ninguém junto das janelas, nem galho de árvore, nem corda capaz de as prender. Nada, nada mais que o silêncio da noite!

Contornei a casa, correndo, e voltei à janela... Fechara-se! Quando tentei reabrir a porta do corredor, também fechada, vi que a chave estava do lado oposto e a lingüeta da fechadura com duas voltas. Preso eu, portanto, do lado de fora! De quem ou de que me tornava joguete? Fiquei atônito um instante, a rilhar os dentes, praguejando. Mas havia que sair daquela situação, desmascarar a farsa tão bem urdida e executada. Mas... executada por quem ? Procurando, então, dar à voz um tom natural, chamei pela mulher. Ela acorreu logo à janela do sobrado, aliás vestida e assim provando que não procurara dormir. Abre-me a porta, disse . E' que, idiota, saltei pela janela cujas folhas se fecharam por si mesmas, e a porta de entrada está naturalmente fechada. E' ridículo, mas, penso que depois dessa ligeira ronda poderemos dormir tranqüilos . Tal dizendo, batia os queixos como se estivéssemos no inverno e não no estio. Minha mulher desceu logo e abriu-me a porta, sem perceber a minha ansiedade. Fui buscar o revólver que tinha Picado na mesa de cabeceira e disse à minha mulher, cingindo-a com o braço esquerdo : Acabou à vela e subo contigo para buscar outra; agi ouvires algum tiro, não te assustes. A bem dizer, ninguém aí anda, mas, compreendes, agi alguém por ai andasse, seria um bom aviso, este. . . Não, não empreendo - retrucou muito impressionada - mais com a minha voz do que com as minhas palavras. - Dar-se-á que também tenhas medo?

Mas não há o que temer, repliquei, tentando sorrir. Vamos ao teu quarto, dar-me-ás outra vela, porque tudo provém da lua, que mal aclara o ambiente... Eu divagava... evidentemente. Depois, subindo a escada abraçada, ela estacou de repente, inclinando-se para trás com todo o peso de dois corpos.

E pôs-se a gritar e a debater-se: Acode Francisco! Estão amarrando-me os pés! Tínhamos atingido o pequeno patamar aclarado por uma janela que dava para o jardim, nos fundos da casa Sem volver o olhar, por convencido de que a ninguém veria, dobrei o braço direito por cima do ombro esquerdo e atirei nessa direção. O tiro repercutiu formidável em toda casa e minha mulher, amparada ao meu braço esquerdo, pareceu-me morta... Quem não morreu, porém, foi o agente oculto que me perseguia, porque logo senti no rosto violenta bofetada, que me deixou a impressão de cinco vergastas. Mas... coisa extraordinária! A bofetada como que me despertou a energia. Apanhar importa em lutar, reagir desde logo. Tratei de arrebatar minha mulher à. força brutal que parecia disputar e, graças ao luar indeciso através da janela, verifiquei que não havia ninguém junto, nem atrás de nós. Chegamos, enfim, ao nosso quarto, cuja porta tateei febrilmente, como se quisesse esmagar alguma coisa entre os batentes. Minha mulher, sentindo-se livre, e crente ainda na presença de algum malfeitor, pois que

me via armado de revólver, precipitou-se para o berço do filho. O berço estava vazio - e a mulher desmaiou.

Apatetado, aguardei, no ambiente indeciso que a lâmpada fraca mal aclarava, surgisse fosse o que fosse, daquelas ocorrências. Toda defesa afigurava-se-me inútil. Cruzei os braços. Punhal, revólver, tudo mais, que valeria contra o inimigo indomável ?

De longe, tendo as criadas ouvido o disparo, entraram a ganir como cães ladrando à lua. Nada conheço mais desmoralizante que o grito de mulheres no silêncio da noite... Somente o choro de uma criancinha, parecendo sair de sob o assoalho, pôde arrancar-me daquele torpor moral. Importava procurar o inocentinho, pois o delíquio da genitora indicava que não fora ela a removê-lo dali. Enchi-me de coragem - já se fazia necessário tê-la mui grande para descer e subir aquelas escadas - e fui esquadrinhar todo o pavimento térreo, munido de boa lâmpada. Encontrei o petiz nuzinho, despojado de todas as vestes e coberturas, estendido de costas sobre uma mesa de mármore, como coisa de somenos, que o miserável bandido houvesse ali deixado na sua pressa de fugir ã... luz.

Passei o reato da noite a acalmar o nervosismo da mulher e o choro do filho, e só com o clarear do dia pude vê-la adormecer, com os lábios da criança colados ao seio.

Devo dizer que essa aventura me lançou em marasmo tal que me não senti capaz de pensar em inimigo ou inimigos. Aquela última escamoteação do pequeno, transportado de um para outro pavimento, pela escada ou através das paredes, não era coisa que se pudesse explicar, nem sequer imaginar. Meu coração abria-se a um novo temor, qual o de ceder antes de compreender. Resolvi, então, não desistir, sem pelo menos informar a policia do que me estava acontecendo.

Chamo aqui toda a atenção da minha prezada Rachilde, pois todos a ouvimos dizer que estes fatos misteriosos se passavam com uma ou duas pessoas de mais ou menos boa fé, e que as investigações policiais acabavam reduzindo a zero essas casas assombradas, que não costumam guardar segredos para os agentes da ordem pública.

Ora, neste caso de delírio de perseguição, ou de mistificação, que eu procurava explicar a mim mesmo, tal como ai faz com um teorema no quadro negro (e o quadro era bem negro, na verdade), eu não encontrava outra solução que não fosse a de prevenir a polícia de Coimbra contra os temíveis salteadores, desejosos de nos expulsarem da casa pelo terror noturno, a fim de melhor poderem saqueá-la.

Note-se que a primeira impressão foi de incredulidade geral; mas, logo que dispensamos as criadas, no dia imediato ao drama, elas lhe

acrescentaram um último ato, dos mais impressionantes. Tais duas galinhas espantadas à passagem de um automóvel, lá ai foram piando, cacarejando em todos os tons, e aditando pormenores do que viram e do que... não viram.

O amigo que me acompanhou na primeira noite, voltou trazendo consigo outros camaradas e organizamos uma caçada ao fantasma, com sobra de amadores. No circulo dos inimigos políticos (eu já os tinha) esperavam que tudo redundasse em ridículo para mim. Ao primeiro sinal de perigo, puseram sentinelas diante e atrás das portas, que, nem por isso, deixavam de abrir e fechar por ai mesmas, bem como junto das janelas, que imitavam ai portas, como se zombassem dos ferrolhos e fechaduras mais resistentes.

Todos os fenômenos ai reproduziram integral e idêntica e, sempre que a luz se apagava. E sempre que a reacendíamos, encontrávamos vestígios do meliante ou doa meliantes, mas não e nunca a sombra doe seus braços.

Um guarda que se fechou na latrina para agarrar o malfeitor invisível, que lá ria a bandeiras despregadas, levou tantos encontrões que andou a dar com a cabeça nas paredes, e, quando de lã saiu, declarou preferir mil vezes demitir, antes que repetir tais diligencia . Malas de roupa ainda pedradas, porque não havíamos completado a instalação, foram esvaziados no assoalho por mãos que ninguém viu. Aa pancadas reboavam em

toda a casa, audíveis para quantos lá acorreram; os gritos e risotas esfuziava em torno, e ninguém pode saber como e por quem eram emitidos.

Nessa casa não havia porão, nem adega por onde pudessem deslizar fios, bons ou maus condutores de perigosa eletricidade; nem jardim muito denso, que pudesse dissimular qualquer pessoa.

Não. Aquilo era simplesmente o mistério apossando-se de um cenário moderno e representando o drama do terrorismo, sem prólogos nem epílogos, e só dedicado à mentalidade do homem céptico, quiçá para fazer-lhe compreender melhor, que, de todos os tempos, as forças desconhecidas permanecem sempre temíveis, e que o mísero mortal por elas envolvido é sobretudo culpável por não procurar instruir das suas finalidades, e nesse caso tudo ignora, ou quer tudo ignorar das suas origens.

A bem dizer, eu estava mais furioso que abalado, não podia admitir qualquer embuste, mas, parecia-me humilhante voltar costas a esse inimigo poltrão e-atrevido, que feria anonimamente. Impunha porém fugir, abandonar na mesma noite aquela casa, atendendo à criancinha que chorava e ü genitora que se mostrava cada vez mais nervosa.

Esta a narrativa, a história vivida do escritor português homem Cristo . Uma observação que merecia, sob todos os títulos, associar-se às precedentes. Ela será talvez mais impressionante que a

do castelo de Calvados. Que mundo invisível é esse? Os negativistas só têm um partido a tomar, que é o de averbarem os depoentes de perfeitos mentirosos...

Vejamos, ainda, outros fatos observados.

CAPITULO VIII
OBSERVAÇÕES FEITAS EM CHERBOURG. - QUAL SERÁ O AMBIENTE DESSAS CASAS?

O Dr. Nichols e o quarto fatal. - O teto maléfico de Oxford. - A obsessão de Cambridge. - A mesquita de Pierre Loti, em Rochefort

As manifestações de assombramento nem sempre apresentam a mesma intensidade e características. A que passo a contar, tem, para mim, o interesse de uma ligação pessoal mais próxima, mas não tem nada de dramático, salvo a ansiedade inerente a esses casos.

Será que nessas casas subsista alguma coisa de material em conexão com as pessoas que as habitaram? E' o que algumas observações parecem indicar. Nisso, como em tudo o mais, há ilusões, erronias, falsas apreciações e fraudes também; mas há,

por outro lado, fatos que não se podem recusar. Este, por exemplo, é de uma autenticidade extreme de qualquer suspeição, posto que não mais fácil de explicar do que os precedentes . Este pequeno incidente verificou-se na noite de 26 para 27 de Abril de 1918 e na seguinte, em Cherbourg, rua de la Polle, 13. A casa pertence ao meu amigo Dr. Bonnefoy, ao tempo chefe de clínica do Hospital de Marinha.

Eu já lá estivera em Setembro de 1914, em companhia da esposa, da minha secretária, Srta. Renaudot e da jovem cozinheira, a convite da Senhora Bonnefoy, presidente da Cruz Vermelha e das Mulheres Francesas, que suplicaram saíssemos de Paris, ao aproximarem-se as hostes bárbaras . Tendo-nos recolhido a Paris em Dezembro do mesmo ano, só voltamos a Cherbourg em Abril de 1918, convidados pela segunda vez, diante as ameaça de outra investida à capital e para evitar os bombardeios aéreos e dos berthas . Nesse intervalo de Dezembro de 1914 a Abril de 1918, faleceu a Senhora Bonnefoy, a 25 de Outubro de 1916. Havia entre nós profunda afeição, tanto que ela mandou colocar na casa uma placa de mármore assinalando a nossa visita de 1914. O Dr. Bonnefoy fez de um quarto uma espécie de oratório, ali arrumando o leito mortuário, quadros, móveis, todos os objetos de estimação da sua querida morta. Quando lá voltamos, em 1918, esse quarto coube à Srta. Renaudot e foi nele que se produziram rumores

inexplicáveis: verdadeiras algazarras, deslocamento de objetos, ruídos de passos. As duas testemunhas são criaturas incapazes de se deixarem influenciar por qualquer ilusão, ainda que intelectualmente díspares: - a Srta. Renaudot, possuidora de alta cultura científica, e a cozinheira apenas alfabetizada, mas muito sensata. Pedi-lhes que redigissem imediatamente, com a mais escrupulosa naturalidade, as suas impressões, e elas o fizeram no dia 7 de Maio. Dou-lhes a palavra:

RELATORI0 DA SRTA, RENAUDOT

Chegamos a Cherbourg na quinta-feira, 16 de Abril. Desde que recebemos o convite do Dr. Bonnefoy, entrei a cogitar na hospedagem que agora nos acomodaria naquela casa onde, havia mais de três anos, convivêramos intimamente, e cuja situação doméstica se modificara com as segundas núpcias do anfitrião. Não queria que me reservassem, de modo algum, a cama da falecida, a querida e velha amiga, que me dispensara tantas gentilezas e de quem me recordava com profunda tristeza. Pois a verdade é que me coube, não precisamente o quarto, mas o leito da Senhora Susana Bonnefoy, removido do pavimento térreo, onde ela faleceu, para uma alcova do 1.° andar, que lhe pertencera quando solteira. Trata-se de um grande leito bretão, antiqüíssimo, artisticamente torneado e armado sob um dossel adamascado. Todo o

quarto está cheio de preciosos móveis, mesa de cabeceira, secretária, estantes e, frente ao leito, um quadro com a fotografia da morta, ampliada e de uma semelhança absoluta.

Tudo isso me impressionou bastante e me fazia relembrar o passado, a cada momento . Saudosa, era como se revisse a boa amiga, feliz na sua existência ativa quão harmônica e consagrada ao bem . Figurava-a, também, estendida naquele mesmo leito em que penara dois dias e trás noites, antes de morrer, Na primeira noite de 25 para 26 de Abril, não pude dormir, só pensando nela, no seu passado e na atualidade da sua casa. Além disso, sentia-me um tanto enferma. No dia imediato, fiz propósito de recuperar o sono. Deitei-me às 11 horas e procurei cancelar as reminiscências do passado. As 4 da madrugada um estrondo formidável me despertou e percebi que arranhavam a parede, com força, à esquerda do leito: O estranho rangido propagava-se à mesa de cabeceira e às beiradas do leito . Depois, abrandaram e tornaram-se como produzidos por alguém que se virasse na cama. Por fim, um rumor de pessoa apressados, começando à esquerda do leito e extinguindo no salão, à direita, onde a Senhora Bonnefoy costumava permanecer ouvindo o marido tocar órgão ou piano, pois que era excelente musicista. Esses rumores me impressionavam a tal ponto que o coração entrou a bater precipite e cerrei os maxilares.

No meu exaltamento levantei-me, acendi a vela e assentei-me num cesto de roupa, junto à porta que dava para o patamar da escada. Ali assim, procurei reconsiderar a origem possível de tais rumores. Eles prosseguiram, porventura mais fortes, mas eu nada consegui ver. As 5 horas da manhã, já presa de maior terror, não me contive e subi à procura da cozinheira Maria Thionet, que dormia no 3.° andar. Descemos juntas e, desde que reentramos no quarto, nada mais ouvimos . Não será ocioso, talvez, notar que o gênio da cozinheira não se identificava muito com o da Senhora Bonnefoy. As 6 menos um quarto o doutor levantava-se na 2.° andar e, dirigindo-se ao gabinete de vestir, notei que os seus passos em nada ai assemelhavam aos ouvidos pouco antes. Durante o dia procurei decifrar o enigma: gatos? ratos escalando a parede? Examinei a parede à esquerda do leito e vi que era revestida exteriormente de ardósias muito lisas, partindo do pátio. Terreno impróprio para ratos e gatos, tanto quanto a parede frontal, que dava para a rua. De resto, os rumores eram muito diferentes dos que poderiam fazer esses animais. No sábado, 27, deitei-me nervosa e impressionada, pouco antes das 11 horas. Há essa hora, precisamente, recomeçaram os fenômenos, tal como na véspera e, logo presa de viva emoção, fui buscai a cozinheira. Ela veio e deitou a meu lado, deixando as velas acesas. Os barulhos continuaram durante meia hora, com estalidos

fortíssimos na parede da esquerda. Pancadas no retrato da Senhora Bonnefoy, ou atrás do quadro, tão violentas que nos davam a impressão de que ele acabaria caindo. Enquanto isso, a ronda de passos não cessava em todo o quarto.

Maria tudo ouviu e ficou impressionadíssima, quanto eu mesma. As 11 1/2 tudo cessou. Confesso que essas manifestações ai tornam extremamente desagradáveis, sobretudo por sabermos que se trata de causa desconhecida., incompreensível, e por isso, conjeturando que a morta estivesse nelas envolvida, pois que ocorriam em sua casa, lembrei-me de lhe suplicar, ao deitar-me, que ma poupasse aquelas emoções dolorosas .

Em lá demorando até o dia 4 de Maio, nada mais ouvi e agora, mais calma, tenho pedido à boa amiga que se manifeste e me comunique, de qualquer maneira, o que por ventura possa pretender. A verdade, porém, é que nada mais logrei observar, em que pese ao meu desejo (algo timorato) de controlar melhor o fenômeno e obter, se possível, a sua explicação.

Cherbourg, 7-5-1918.

Gabriela Renaudot.

DEPOIMENTO DA COZINHEIRA

Na manhã de sábado, 27 de Abril de 1918, por volta das 5 horas, a Srta. Renaudot procurou-me para que fosse certificar-me dos rumores do seu quarto. Acompanhei-a e nada ouvi. Na noite imediata, pouco depois das 11, veio ela de novo chamar-me para o mesmo fim e aqui têm o que pude observar. Ruídos atrás da mesa de cabeceira, como se alguém estivesse arranhando a madeira. Depois, era como ai andasse alguém, apressadamente, a passear até à porta da sala. Também ouvimos fortes pancadas atrás do retrato da Senhora Bonnefoy. Os ruídos duraram coisa de meia hora e confesso que lhes tive muito medo, a ponto de bater os queixos. O quarto estava alumiado por duas velas e nós inteiramente acordadas, comentando os rumores e procurando localizá-los. Na outra noite, a instâncias da senhorita, que não ai animava a ficar sozinha, desci e deitei-me ao lado dela. Ainda ouvi rumores, fracos, mas confesso que já não tive tanto medo e acabamos dormindo sossegadas. Depois, tudo cessou. Penso que a minha presença contrariava os teia rumores, visto que abrandavam com a minha chegada e acabaram logo depois. Nada obstante, eu os ouvi muito nítidos e confesso que me impressionaram tanto quanto desagradaram. Ainda dormi com a senhorita as noites de segunda, terça e quarta-feira, mas nada mais ouvimos. E ainda bem que assim foi, porque, pelo que me toca, não quisera repetir aquela meia hora da noite de 27.

Cherbourg, 7 de Maio de 1918.

Convém notar que a Srta. Renaudot, jovem astrônoma do Observatório de Juvisy, matemática distinta, ora secretária do Conselho da Sociedade Astronômica de França e diretora do seu Boletim Mensal, no período da guerra, além de colaboradora de várias revistas científicas, é um espírito afeito às ciências exatas, nada impressionável e até muito céptica, no concernente a fenômenos psíquicos .

Não poderia, então, ter-se deixado iludir. E, contudo, ela que jamais soube o que era medo; ela que passa noites inteiras na solitude das observações astronômicas sob a cúpula dos céus ; ela que cruza, impávida, jardins desertos e ruas escuras, teve, nessa noite, medo terrível, pela primeira vez na vida ? Como explicai semelhante coisa? Nada de comum que a justifique: nem vizinhos, nem gatos, ratos, morcegos, ou qualquer coisa imaginável.

Que a falecida ai esteja envolvida de qualquer maneira, é muito possível, por não dizer - certo - visto que a coisa se passou em sua casa e no seu quarto de solteira, ocupado por mais de vinte anos, o que vale dizer no seu ambiente pessoal, perto do leito em que morreu, a coincidir com uma centena de casos análogos, por nós reunidos e comparados. Mas também há convir em que esses rumores nada exprimem e são de uma banalidade indigna de um

espírito culto, qual o da Senhora Bonnefoy do nosso conhecimento. O caráter essencial desta manifestação consiste na sensação de horror e angústia das duas observadoras, como apanágio do fenômeno, que, uma vez observado, ninguém deseja experimentar segunda vez. Tal comoção penetrante e angustiosa, jamais tinham conhecido essas duas criaturas .

Maria Thionnet .

Manifestação vulgar e bizarra, portanto, sem resultado prático. Justo é, também, assinalar que o seu prosseguimento era indesejável e poderia mesmo ser nocivo para as duas moças. A experiência demonstra que a criatura humana nem sempre suporta impunemente estas intrusões de um outro mundo, sejam elas de que naturezas foram Nenhuma hipótese explicativa se pode aqui aplicar.

Seria demasiada ousadia supor que os vivos deixam de si quaisquer resíduos de energia, de fluido vital, impregnado no ambiente e passíveis, ao contacto de um sensitivo; de produzir esses estranhos fenômenos?

"Por onde quer que passemos, Sempre algo de nós deixamos assegura uma doutrina professada por Paracelso e Jacob Bohme ."

Um amigo assaz culto, Leão Morei, a quem contei este caso, recentemente, retribuiu-me com o seguinte:

Também me lembro de haver experimentado, há una 18 anos, uma emoção semelhante, no meu quarto

de rapaz, no lar paterno e um ou dois anos após a morte de minha mãe. Barulheira enorme dentro de grande armário, fez passar algumas noites em claro.

Não era propriamente o ruído da madeira que estala, mas o de fortíssimas detonações, como de armas de fogo. Ainda que ateu ingênuo há esse tempo, não deixei, confesso, de experimentar grande abalo, mas abstive-me de falar a meu pai, certo de que me não tomaria a sério. O fenômeno não se repetiu, mas deixou-me apreensão incoercível, todas as vezes que pernoitava nesse quarto. Minha mãe era criatura austera, prudente e assaz religiosa, que me atribuía defeitos de libertino e nunca mos perdoou em toda a sua vida. Em face destas manifestações, tenho considerado bastas vezes, sob o prisma da hipótese supra, ai tais manifestações não teriam relação com aquele seu desgosto, impregnado naquele quarto onde tanto penei diante dela, física, e moralmente falando. Neste particular, é força convir que nos encontramos imersos em absoluto mistério. Nada mais temerário que admitir eflúvios indetermináveis, remanescentes de nós .

Muita gente tem verificado a impregnação de perfumes conservada longos anos em cabelos cortados, flores murchas e certas vestes e objetos de uso. Notemos, também, que as causas mínimas podem originar grandes efeitos. Pequena espoleta pode deflagrar tremendas descargas de artilharia, a simples

chama de um fósforo pode acarretar pavorosos incêndios.

Estas precedentes páginas foram escritas poucos meses depois do episódio acima relatado e ainda em Cherbourg, embora noutra casa com vista para o mar (Setembro de 1918) . Muitas vezes, ia assentar-me na. praia, vizinhando as ondas montantes . Diariamente, víamo-las aproximarem-se ou afastarem-se no curso das marés. Hoje conhecemos as horas de praia e baixa-mar, calculadas pela posição da Lia e podemos, até, avaliar o peso dágua levantada pela atração do nosso satélite associada a do Sol. Temos, assim, inteiramente explicado o fenômeno das marés. Ora, pergunto eu, a propósito das casas mal-assombradas, a cujo respeito nenhuma teoria explicativa possuímos: que poderiam pensar das marés os nossos antepassados, antes de Newton com a lei da atração universal? Eles já haviam notado, há dois ou três mil anos, a correlação das marés com o mês lunar, associando-as à Lua, por conseguinte. E contudo, Galileu ainda zombou de Kepler por ensinar essa interdependência. Tudo que se pudera imaginar sobre a natureza ativa do astro noturno houvera de ser inevitavelmente falso . E o que se dá com, o que pudéssemos conjeturar, na atualidade, para explicar o fenômeno das casas mal-assombradas . Antes de se descobrir que a Lua era o fator principal das marés, quantas hipóteses fantasistas, e todas errôneas, não se aplicaram ao fluxo

e refluxo dos mares? Os fenômenos aqui versados aberram completamente de toda e qualquer explicação. Que eflúvios, resíduos de força, fluido vital, ou seja o que for, fiquem impregnados nos ambientes domésticos e nos objetos, podendo reavivar-se ao contacto de alguém que de qualquer forma os reanime, é coisa perfeitamente admissível. Paredes, móveis, etc . , podem conservar a impressão de eventos a eles associados. Falai ao fonógrafo, conservai a chapa e tereis reproduzido a voz, sempre que o aparelho se movimente, estejais vivo ou morto. A propriedade oculta a que me reporto fica geralmente latente e apenas perceptível por alguns sensitivos, que, em dados casos, descrevem, minuciosos, todas as circunstâncias complementares . Por outro lado, a morta poderia ter pensado no seu meio terrestre, nas suas reminiscências, nos amigos, excitar tais eflúvios, produzir vibrações. Mas, ainda uma vez : a ciência atual não está bastante avançada para autorizar qualquer teoria que se recomende como definitiva. Continuamos a observar, a constatar não mais que fatos.

Regredindo ao caso de Cherbourg, os leitores se lembrarão de que a Senhora Bonnefoy era espiritualista convicta. Pelo que eu sabia dessa boa amiga, apreciando-lhe as idéia espiritualistas e anticlerical, sabendo-a igualmente muito devotada ao lar, era natural presumir fosse ela a autora da

manifestação e que tivesse, possivelmente, algo a dizer. No intuito de elucidar a questão, dirigi-me às melhores Sociedades espíritas solicitando a evocação do seu Espírito. Passei pela decepção de verificar que, dos dez médiuns argüidos, todos reputados lúcidos, nem um só deu resposta referente à Senhora Bonnefoy, ao marido, ao caso enfim. Os Espíritos falaram antes como reflexos de auto-sugestões quaisquer, e note-se que eu me havia dirigido às sociedades mais importantes, que, seja dito, me acolheram com toda a solicitude e boa vontade. Mas a verdade é que não só deixei de obter qualquer prova de identidade nas respostas, como verifiquei divagações fantásticas, como se os médiuns tudo engendrassem da própria cachola, em completa ignorância da realidade. O Doutor Bonnefoy assegurou-me o seu grande desejo de obter quaisquer indícios de sobrevivência da esposa e que nada conseguira, apesar das preces feitas nos primeiros cinco meses de viuvez, diante do oratório onde, materialista embora, colocara o retrato da morta, para concentrarem as suas mais caras lembranças. A esse tentame também associara o meu nome, no pressuposto de aliciar qualquer influência. Uma noite, contudo, pareceu-lhe ver deslizar uma sombra, ao mesmo tempo em que o invadia um terror jamais experimentado. Mas logo reagiu e atribuiu tal impressão o possível efeito de luz. De acordo com essa hipótese, a matéria inanimada teria a propriedade de

registrar e conservar, em estado potencial, toda espécie de vibrações e de emanações físicas, psíquicas e vitais, tal como a substância cerebral registrando e conservando, em estado latente, as vibrações do pensamento, e seguindo-se daí que as faculdades telestésicas da subconsciência teriam a faculdade de reencontrar e interpretar essas emanações e vibrações, tanto quanto as faculdades mnemônicas da consciência têm a propriedade de encontrar e revocar as vibrações latentes do pensamento. Podemos advertir com Bozzano que a analogia é completa e nada se oporia, do ponto de vista científico, a que a matéria bruta tivesse propriedades idênticas às da substância viva. Neste caso, veríamos opor-se ao mecanismo mnemônico cerebral uma outra espécie de mecanismo infinitamente mais vasto: a mnemônica cósmica. E as propriedades de expansão, investigadoras e peculiares às faculdades telestésicas da subconsciência, se encontrariam com a memória cósmica num estado de relação idêntico ao das propriedades investigadoras das faculdades psíquicas normais, encontrando-se com a memória cerebral Há, nisso, alguma contradição com as leis físicas ou físio-psíquicas conhecidas? Poderão certos fenômenos de assombramento provir das habitações ? Poderão as paredes e móveis de uma casa impregnar-se de vibrações e apresentar aos sensitivos uma ambiência especial, como ensina a psicometria? O Dr. Luys mo afirmou, mais de uma vez, no Hospital

da Misericórdia, onde assisti às suas experiências. E o professor d'Arsonval pareceu-me admitir a hipótese. No seu livro - Supramundan fada in the life of the Rev. J. B. Fergusson (Fatos supramundanos na vida do Rev. J. B. Fergusson) pág. 168, o Dr. Nichols conta o seguinte episódio que ouviu em pessoa:

Uma senhora de minhas relações começou a ter grandes sofrimentos logo que ocupou a casa, aliás bonita e confortável. A sua angústia tocava ao auge sempre que penetrava no melhor quarto; e, se teimava em lá permanecer, vinha-lhe a idéia de atirar-se pela janela.

Em compensação, bastava-lhe sair ã rua para que se acalmasse e desaparecessem todos os pensamentos e impulsos tenebrosos. Essa obsessão foi a ponto de forçá-la a mudar-se. Informado a respeito, tratei de colher informes sobre os inquilinos anteriores, no intuito de esclarecer o fato e vim logo a saber que a casa tinha sido ocupada por um homem cuja esposa se suicidara, atirando-se da janela do melhor quarto e tendo morte instantânea.

Poder se inferir dai uma como saturação do ambiente, capaz de transmitir-se a ocupantes do mesmo quarto, suscitando-lhes as mesmas angústias e impulsos da suicida?

Registre-se que a locatária a que me refiro não conhecia a cidade, e muito menos os antecedentes dos inquilinos que a precederam .

Aqui temos outro caso, captado por Podmore e que todos poderão ler em Proceedings of the Psychical Society (IV, pág. 154) . A Senhora Erlen Wheeler, pessoalmente conhecida do escritor, narra o seguinte:

Durante o verão de 1874, instalamo-nos no apartamento que ainda hoje ocupamos, da High Street 160, Oxford. Tínhamos alugado a casa toda, anos antes, mas cedêramos a outros o dito apartamento. Para dormitório escolhemos o quarto que ficava em cima da porta principal, de acesso às carruagens. Logo na primeira noite, despertei em sobressalto aos 45 minutos da madrugada (digo-o porque o relógio da igreja estava batendo os quartos de hora). Minha impressão era das mais penosas, parecia-me que o teto ia desabar a cada instante e que nele se ocultava qualquer coisa horrível .

Não tinha idéia nítida do que pudesse haver, mas a impressão obsidente tirava-me o sono, até que, passada uma hora de angústias, resolvi despertar meu marido e contar-lhe o que me ocorria, Pensou ele que uma pequena dose de licor tudo resolveria; mas a verdade é que não consegui dissipar a estranha impressão, nem mais pude conciliar o sono. Reconhecendo que o ambiente daquele quarto tornava-se intolerável, fui para a sala de visitas e lá fiquei até 8 horas da manhã. Longe do quarto tudo se desvanecia. Na segunda noite despertei precisamente ã mesma hora, e assim continuei por algumas semanas, presa de insônia até às

5 da manhã, lutando para repelir o pressentimento terrífico de algo oculto no teto. Aquela insônia consecutiva e a forte tensão mental, acabaram por combalir-me a saúde, obrigando-me a ir para casa de meu irmão, em Cambridge.

Pouco depois de lá chegar fui informada de que o forro do quarto havia desabado e a cama do quarto superior caíra juntamente sobre a nossa. Tive, então, por bem justificados meus sobressaltos e apreensões. Mas isso não era tudo, porque, pouco tempo depois, veio a saber que o desabamento evidenciou a existência do cadáver mumificado de uma criança com a cabeça brutalmente torcida. Evidente que haviam lã ocultado um recém-nascido, bem dissimulado.

Acrescentemos a este quadro trágico, a confirmação do marido da narradora e mais que o Senhor Podmore encontrou, nos jornais da época, notícias concernentes ao desabamento da casa e ao encontro do cadáver. De acentuar, também, que fora do quarto a Senhora Erlen nada sentia de extraordinário. Certo número de casos levam a estabelecer uma como associação das moradias com os fenômenos nelas desenrolados. Em sua obra Seen and Ilnseen, Katherine Bates conta, por sua vez, curiosa observação pessoal, notificada à Sociedade Psíquica Inglesa e publicada no Journal (vol. VII, pág. 282) . Ei-la em resumo:

Aos 18 de Maio de 1896 cheguei a Cambridge e alojei-me na rua Trumpington, 35. Minha amiga, Srta. Walen, estava ausente e assim tive de passar a noite sozinha. Quando ela voltou no dia seguinte, contei-lhe a noite horrível que passei, assomada por sonhos persistentes com um homem que nunca mais vi, e do qual não tivera noticias, depois que rompemos uma intima e velha ligação. Via-o no sonho, junto de mim, a recriminar-me por não o haver esposado e bolsando alusões irônicas às dificuldades de vida que me teria poupado, se não o houvera repelido. Acordei e readormeci muitas vezes, e ele me ressurgia sempre com as mesmas palavras e atitudes. Num intervalo de vigília, tive tão forte impressão da sua presença que cheguei a gritar: - Vai-te, deixa-me em paz; não guardo ressentimentos maus a teu respeito, mas tu te comprazes em atormentar-me, assim provando que me não farias feliz se te esposasse. Em nome da Santíssima Trindade ordeno-te: - deixa-me em paz.

Depois dessa apóstrofe, pareceu-me que a influencia maléfica se atenuava e consegui dormir um sono penoso e agitado. Foi um alivio quando a filha da senhoria entrou com o chá. Ainda por duas noites, na mesma semana, o sonho ai repetiu e tanta foi minha angústia que não vacilei em dizer ã Srta. Wales: Este quarto é mal-assombrado por esse homem e eu sempre. gostaria de saber a causa. Dar-se-á que o colégio de Peterhouse fique por aqui perto? Pergunto,

porque, há 30 anos, esse homem freqüentava um colégio desse nome. - Sim, a resposta foi afirmativa; o colégio não estava longe. Da última vez que sonhei, disse para comigo: não posso compreender a sua preferência por ente quarto, a menos que o tivesse ocupado. Um inquérito nesse sentido afigurava difícil, senão impossível, ao fim de 28 anos. Nada obstante, perguntei à Srta. Hardrick quantos anos havia que sua mãe instalara a pensão. - Há 17 anos, respondeu.

- E antes, quem morava aqui? - Um casal que se mudou da cidade e que, acredito, já não existe . - E antes disso ? Assim insistente, fiz ver que desejava encontrar a pista de alguém que por ali andara, como aluno do Peterhouse. A resposta foi que, antes do aludido casal, a pensão fora de um tal Peck, que tinha agora farmácia em uma rua próxima. Dirigi-me ao farmacêutico e, a pretexto de comprar ácido bórico, perguntei-lhe se por acaso, há una 30 anos, não residira no 35 da rua Trumpington, Que sim - disse - e indaguei, então, se lembrava de um aluno do Peterhouse, de nome tal. - Perfeitamente, por sinal que fora seu hóspede 18 meses. Guardava do rapaz viva lembrança e logo me exibiu o seu retrato, ao lado de um cão bem meu conhecido, chamado Léo. O Senhor Peck também se lembrava deste nome. Perguntei-lhe, ainda, qual o quarto do rapaz. - O maior, por cima da cozinha e que tem uma salinha ao lado, respondeu. Ora, é precisamente nesse quarto que eu durmo...

Confesso que nunca, anteriormente, pusera os pés em Cambridge e não sabia nem tinha idéia do lugar onde estudara a minha personagem. Sabia, apenas, que entre 1867-88 tinha sido aluno do Peterhouse. Nessa época, pouco nos conhecíamos e era natural que também me não interessasse conhecer a sua vida de estudante.

(Seguem-se as confirmações do farmacêutico e da Srta. Mildred Wales) .

Destarte, a realidade da influência do ambiente parece estabelecida por observações independentes e concordantes. Idêntica impressão decorre dos episódios verificados na casa turca do Senhor Pierre Loti, em Rochefort, e que, no seu conceito, era misteriosamente mal-assombrada. Nunca pude ver nada absolutamente pormenorizado a esse respeito, pois o sensitivo poeta tem tão grande temor da morte que se torna impossível tocar-lhe no assunto. Aliás, conheci o fato muito tarde, num tempo em que ele, o poeta, já tinha as faculdades adormecidas como em sonho. De fato, vários anos havia que os fenômenos tinham sido constatados em sua casa, de mistura a reminiscências orientais que lhes acrescentavam. Pierre Loti faleceu em 10 de Junho de 1923. Em Fevereiro de 1922, palestrando a respeito desses fenômenos com o célebre escritor Courteline, contou-me ele o que lhe dissera de viva voz o autor de Pescadores da Islândia, isto é: que muitas vezes, ele

Loti e seus amigos, sempre que lá pernoitavam, eram acordados com fortes pancadas na porta da mesquita que mandara construir na 1.° andar da casa de Rochefort. E acrescentava que muitas vezes tinha visto, ele mesmo, no azulejo do piso, traços nítidos de pés de criança. Referindo-me esses fatos, dizia Courteline não ser possível duvidar. Ambiência dos objetos? Emanações sutis? Ação subconsciente do próprio orientalista apaixonado? Manes despertados? Alguma coisa há. Mas... quê? Este estudo nos leva, efetivamente, a penetrar em um mundo desconhecido .

CAPITULO IX
EXCURSAO GERAL PELAS CASAS MAL – ASSOMBRADAS

Antes de tudo, procurei evidenciar aos leitores ávidos de conhecer a verdade, o tipo característico das casas mal-assombradas e assim passaram, diante de nós, os quadros acabados dessas estranhas manifestações. Tais quadros completos, são

raríssimos. Em compensação, os exemplos menos ricos e mais ou menos parciais, são freqüentíssimos .

Há muito que, tendo em vista esta obra, coletei-os às centenas. Vamos respigar alguns, dado que nos falta espaço para mais.

Quatro séculos antes de nossa era, já Isócrates dizia aos atenienses: Mostrai sempre, em quaisquer circunstâncias, tal respeito à verdade que uma só palavra vossa inspire mais confiança que todos os juramentos. Pensemos e procedamos como Isócrates.

Como não admitir a realidade objetiva de certos fenômenos de casas mal-assombradas, depois de ler os capítulos precedentes e quando observações como a que se vai seguir foram identificadas com absoluta certeza? Aqui intercalo, sem demora, esta experiência, por julgá-la particularmente notável. Se a tivesse conhecido antes, tê-la-ia publicado no 3.° tomo de A Morte e o seu Mistério, com as que lhe são análogas. Todavia, ela não fica deslocada aqui, por mostrar-nos que os fenômenos de assombramento, as manifestações físicas dos invisíveis, podem começar no momento exato do falecimento, o que aliás já sabemos por observações concordantes.

Que é o espaço para o moribundo? Morre um homem acidentalmente, e, a 28 quilômetros de distância, é percebida a sua presença!

Entre as inúmeras comunicações que obsequiosamente recebi, esta é, sem dúvida, das mais

significativas, tanto mais quanto foi cientificamente observada por três...cachorros. Este relato me foi enviado a 6 de Julho de 1922, por observador erudito, o Senhor P. Legendre, professor de Literatura do liceu de Brest.

Estou acabando de ler a sua última obra e não faço mais que um dever fornecendo-lhe um documento pessoal, certo de serem desta espécie os que mais deseja.

1 ° O Testemunho - O abaixo assinado é professor de Literatura no liceu de Brest, tem 50 anos de idade e está no pleno gozo de suas faculdades físicas e intelectuais. Outrora, teve a honra de o conhecer nas segundas-feiras de Fouché rua Soufflot, em companhia de Roujon, Debled, Bernard, etc. Outrossim, colaborou no dicionário cuja publicação lhe coube organizar. Isto digo, para que não suponha estar tratando com algum limpador de chaminés. Até aqui, tenho feito ciência prática e filosofia pacífica, sem me apaixonar pela metafísica e sem deixar de cortejá-la, o que vale por dizer que, na critica doa fatos, como observador competente que me prezo ser, não tenho idéia preconcebidas nem tendências escolásticas. Quero, enfim, demonstrar a absoluta imparcialidade de um testemunho cujo merecimento fica ao seu critério julgar.

2.° Os fatos - Foi em 1883, tinha eu 20 anos e terminara, com os estudos ns Sorbona, o meu primeiro

ano de magistério, Resolvi passar as férias na pacifica herdade que meus pais poasufam perto de Rennes (Comuna de Chantepie). A estação da caça ia começar. Meu pai convidara para o feito três velhos camaradas (os Srs. Richelot e Siancé, professores aposentados, e o Dr. Cuisnier) bem como o primo Roberto, jovem da minha idade mais ou menos. Todos estes senhores se conheciam perfeitamente, de velha data. No sábado, véspera da caçada inaugural, achávamo-nos todos (exceto o primo Roberto) reunidos em torno da mesa, depois do jantar muito burguês e muito simples, por sinal. Tínhamos comentado a demora de Roberto e procurávamos explicá-la. Recomendáramos à cozinheira que lhe reservasse ao fogo algumas iguarias, certos de que, fosse qual fosse a causa de sus demora, não deixaria de chegar até ã noite, para a partida do dia seguinte.

'Meu pai e seus amigos discutiam finanças. O Dr. Cuisnier e ele, meu pai, estavam defronte da porta envidraçada, que dava para o jardim e cujos postigos pintados de verde escuro conservavam-se fechados. De pé, também diante da porta, eu montava o meu fuzil. Súbito, os cães pacificamente deitados em baixo da mesa levantaram-se, começaram a rosnar e atiraram-se à porta. Fora, nenhum rumor, nem uma aragem sequer. Concluímos fosse a simples passagem de algum animal farejado e tratamos de acalmar os cães. Mas, um silêncio estranho como que se impõe a todos, e foi

uma impressão singularíssima, da qual nunca mais nos esquecemos. Passado um minuto, os cães investem para a porta, ao mesmo passo que uma claridade cérula,, muito diáfana e da altura de 1 m. 70, mais ou menos, oscilou duas ou três vezes entre a porta envidraçada e os postigos arriados, da porta externa. Uns doze segundo, se tanto, foi esmaecendo e desapareceu de todo . Algum fogo-fátuo - disse meu pai - esse imbecil do Morel deixou por aí perto algum animal morto. (Aliás, essa porta ficava quase sempre fechada, pois abria para o sudoeste, do lado da herdade vizinha, a uns 50 metros da estrumeira) . Por mim, céptico c sabendo que Roberto gostava de pregar suas peças, supus que ele estivesse deixado o carrinho inglês no povoado, distante um quilometro e houvesse penetrado no parque por alguma fenda do muro, para divertir-se, então, riscando fósforos ou qualquer outra substância química, alI nos postigos.

Abri a porta e os postigos, saí ao jardim e gritei: Roberto, deixa de bobagem e vem jantar, senão mamãe... Mas... nenhum rumor, nenhuma resposta! O cachorro da granja permaneceu quieto, os nossos ainda rosnaram, mas, repousados. Esperamos pelo Roberto uma longa hora, tudo presumindo, menos aparições. Depois, recolhemo-nos todos, não sem apreensões, é claro. No dia seguinte as 11 da manhã, um portador nos levava a noticia de que o rapaz morrera acidentalmente, as 7 1/2 da noite.

Aqui me detenho para deixar ao seu cuidado o comentário do seguinte: que a morte se deu às 7 1/2 da noite e que, à mesma hora, distante 28 quilômetros e no local onde ele deveria encontrar-se, aquela claridade se tornou nitidamente perceptível a trás pessoas nada nervosas e, o que mais é, saudada por trás cães... A impressão foi tal, que, durante muito tempo, declaravam os testemunhantes nada terem visto, jamais, que se lhe assemelhasse. Também sobre essa impressão, exclusivamente única e da qual conservo perfeita lembrança, é que aqui me permito insistir. Ainda posso defini-la como se segue: uma espécie de atração para a ponta, atração a que eu obedecia sistematicamente, convicto, por um lado, de que Roberto estava atrás dessa porta e, por outro, de que não podia ali estar, de vez que qualquer aproximação, mesmo as ocultas, afigurava se impossível, dadas as disposições locais e a extrema acuidade do meu sentido auditivo, nessa época. Acrescentarei mais, que, no dia imediato, ficou devidamente constatado que o imbecil do Morel havia solicitamente raspado as afeias e nada havia perto da porta. De resto, entre a porta e os postigos, nenhum traço de combustão ou de produto químico, qualquer. Aí tem os fatos e, como recordação de nossas discussões científicas e literárias de antanho, queira aceitar, etc...

P. Legendre.

Como vemos, documentação segura: um homem, que morre acidentalmente, manifesta-se a 28 quilômetros de distância, aos amigos que o esperam e tudo ignoram. Aí temos a realidade que afirmamos, e que importa explicar. Os fogos-fátuos não vêm ao caso. Mortes deste gênero, anunciadas por manifestações físicas variadas, temos registrado no capítulo IX do 2 ° tomo e nos capítulos IV e V do 3., e não precisamos repisar no assunto, definitivamente assentado. Invocaremos, contudo, a título documental de observação positiva e comparável à do professor de Brest, a do célebre Lineu e sua mulher, concernente a audição de passos no museu deserto de um naturalista amigo - passos ouvidos e reconhecidos pelo seu ritmo, na hora exata do falecimento desse amigo. (Em torno da morte, pág. 301). Os fenômenos podem, por conseguinte, começar na hora precisa do falecimento.

Acabamos de fixar sinais inexplicados na manifestação de Chantepie. Recebi a relação de vários acidentes da mesma ordem, entre os quais este, que não deixa de ter analogia com o que acabo de expor. Alguém que me pede não lhe publicar o nome e contentar-me com as iniciais, caso aproveitasse o fato, escreveu-me de Nimes, em 27 de Março de 1899:

Em 1868, certa noite, meus pais acordaram com um barulho inexplicável, ao mesmo tempo em que meu pai via uma luz atravessar o quarto. Foi isso ã

meia-noite e ninguém mais, de quantos dormiam na casa, viu nem ouviu coisa alguma. Investigações feitas, no dia seguinte, nada adiantaram. O fenômeno insólito levou minha mãe a dizer que, provavelmente, teríamos perdido algum parente - coisa que nos pareceu romântica e imaginária. Mas, a verdade é que no dia seguinte chegava a noticia de uma parenta falecida a 50 quilômetros de distância, na hora precisa em que se dera o fenômeno.

Fala-se comumente de acaso e coincidências . . . Mas, porque estas associações de idéia, estando em jogo só acaso?

Entre as manifestações deste gênero, recomendarei também, ao leitor, esta que poderia, talvez, ser interpretada como alucinação, se não houvesse repetido em perfeitas condições de exame . Respigo-a de uma carta de 9 de Agosto de 1922:

Agradecendo-vos pelo beneficio que tendes prestado à Humanidade, quero contar um fenômeno curioso, por mim testemunhado: Reunimos num castelo feudal, muito bem conservado e cheio de recordações. Ocupando um grande quarto, muitas vezes acordo bruscamente, alto noite, com urna luz misteriosa que aclara todo o ambiente e quanto nele se encontra. Essa luz dura segundos e desaparece instantaneamente. sem que até hoje pudesse saber lhe a origem. Tenho-a visto em noites escuras, com as janelas bem fechadas e sei que não é sonho, pois

muitas vezes me assento na cama para melhor apreciar e reter o fenômeno. Minha mãe também viu no seu quarto a mesma coisa, mas só uma noite. Como explicar essa luz ?

(Castelo de Boissieres - Gard) .

Fernanda Boissier.

Estas observações, das quais aqui apresento apenas um espécime, provam à evidência o erro dos negativistas, visto que elas são reais e nos fornecem elementos de estudo de uma ciência nova, anexável às ciências duas positivas, no quadro das quais o programa científico tem permanecido confinado até a presente. Mas, quantas observações variadas a examinar! O estudo das casas mal-assombradas é um imenso mosaico . Acabamos de ver, pela comunicação do professor de Brest, que as manifestações podem seguir-se imediatamente à morte . A que vamos agora apresentar, oferece o mesmo ensinamento, por coincidir com a hora da morte.

Eis a carta do observador, que lhe foi objetivo:

Caro Mestre.

Acabo de ler o seu O Desconhecido e os Problemas Psíquicos, que ainda não conhecia. Sinto não ter tido noticia do seu inquérito, quando podia concorrer ao seu valioso estudo, interessante sobretudo para os que foram um dia atingidos por manifestações desse gênero. Ter-lhe-ia então, desde logo, confiado o meu

caso. Nada obstante, sinto-me ainda hoje na obrigação de fazê-lo, apenas por demonstrar a freqüência das comunicações psíquicas,

Eu me casara em 4 de Julho de 1888. Uma irmã de 15 anos adoecera gravemente, e na data do casamento já se encontrava, senão de todo restabelecida, em franca convalescença, que lhe permitiu assistir à festa. No dia 6, parti em viagem de núpcias e ela assistiu à nossa partida. íamos satisfeitos e tranqüilos, note-se, porque nenhum receio nutria quanto ao seu estado de saúde. As cartas recebidas do lar paterno, entre 6 e 12 de Julho, nenhuma inquietação deixavam entrever de anormal. O dia 12, passado em Paris, foi para nós um dia cheio, até as 10 da noite. Tínhamos ido ao Chantelet. A partir dessa hora, senti-me acabrunhado, triste, de uma tristeza indefinível. Minha mulher não podia, tanto quanto eu mesmo, explicar aquela transformação.

Em saindo do teatro, apressei-me a conduzi-la ao nosso hotel - Hotel de Espanha - por sinal. Sempre taciturno, deitei-me e assim permaneci de olhos abertos, mudo, sem compreender-me a mim mesmo. Isso devia ser 1 hora. De repente, ouça no quarto um estalido e logo a seguir um barulho infernal. Minha mulher, assustada, começou a gritar. Acendi a vela e vi que a porta de espelho do guarda-roupa estava aberta. Não havíamos, aliás, tocado nesse móvel, que estava vazio. Tranqüilizei a companheira, fechei a porta do

guarda-roupa e tornei a deitar-me, já então senhor de mim mesmo. De manhã recebemos telegrama chamando-nos a Marseillant (Hérault) e dizendo que minha irmã tinha falecido na véspera, às 10 horas da noite Ela sabia que estávamos no Espanha. Ter-nos-ia, destarte, enviado o seu derradeiro pensamento? Será que não pudéssemos também recebê-lo senão ali no Hotel de Espanha? Não preciso afirmar a verdade absoluta desta narrativa. Posteriormente, sofri outros infortúnios imensos e nada de extraordinário me foi dado observar. Os meus queridos mortos nunca mais se comunicaram comigo. Verão eles as minhas lágrimas, meus sofrimentos? Quanto o desejaria...

Queira aceitar, etc.

Etienne Mimard .

Manifestação notável, muito digna de atenção. Invocam-se abusivamente as coincidências fortuitas, mas o argumento não se me afigura plausível. A verdade é que existem forças psíquicas e forças físicas desconhecidas. Não neguemos, não fechemos os olhos, antes observemos, verifiquemos e discutamos. Talvez possamos encontrar uma explicação. Porque esses ruídos coincidentes com o trespasse? Por absurdos que os consideremos, eles não deixam de existir. Dar-se-ão antes, durante, ou depois do desprendimento? Imagina-se uma comoção elétrica... Mas que é eletricidade? Ninguém sabe.

Vamos, agora, passar em revista grande número de observações recolhidas em todas as camadas sociais. Esta a seguir, foi-me enviada de Rothau, na Alsácia, em 30 de Maio de 1899, com a recomendação de só publicá-la sob iniciais:

No curso do ano passado hospedamos em casa uma negrinha sul-africana. Seis semanas após o seu regresso ao pais natal, a família estava toda reunida na sala de jantar, quando ouvimos passos na escada que conduzia ao pavimento superior. Esses passos se encaminharam para o quarto sobreposto à sala onde estávamos, e nele penetraram e se detiveram, afinal. Mas, não ouvimos qualquer abrir de porta. Tratamos logo de ver o que seria, mesmo porque, o andar superior estava então desocupado. Percorremos todos os cômodos, tudo examinamos e nada encontramos. Conjeturamos, então: se a negrinha ainda aqui estivesse, diríamos que era ela que tinha subido, tal a semelhança do seu andar cadenciado, lento, pesado. Quatro semanas mais tarde tivemos noticia do seu falecimento em data coincidente com a do fenômeno, Essa rapariga nos estimava muito e ao expirar só falava nos seus amigos da Alsácia. E' um fato constatado por cinco ou seis pessoas.

M. C. (Rothau, Alsácia) .

E' um fenômeno que sucede imediatamente à morte, como o do primeiro caso deste capítulo. Não se

passa um ano que me não venham comunicados análogos, de diversos países . Aqui temos um mais recente, isto é, de 1923, apresentando fenômenos físicos singulares no momento da morte. Esta manifestação deu-se em Frontignan, no dia 15 de Maio às 23 h. e 30 m. e foi-me comunicada pelo Senhor Al. Garnier, diretor de importante usina petrolífera e avô do herói desta história, falecido com vinte anos e cinco meses, em conseqüência de uma meningite tuberculosa, que o abateu em 5 dias .

Esse rapaz, Luís Garnier, a quem se auspiciava brilhante futuro pelos seus predicados de inteligência e capacidade de trabalho, estava então na casa paterna, em Sassenage. O avô, esse residia em Frontignan, onde também morava a noiva do rapaz, afetuosa e dedicadíssima ao noivo, pois que se conheciam e estimavam da mais tenra infância. O dia de Páscoa, (1.° de Abril) motivara uma reunião festiva das duas famílias e nos os parentes - escreve o Senhor Garnier - sentamo-nos alegres pensando na felicidade que o belo par deveria completar dentro de pouco tempo. Mas, quem o diria! Seis semanas depois, a traiçoeira moléstia tudo destruía! Luís morreu falando na noiva. Ouçamos, porém, o narrador:

Preparava-me para seguir viagem, a fim de assistir as exéquias de meu filho, quando me disseram que a Mariazinha acabava de chegar, banhada em lágrimas.

- Ele morreu às 11 h. e 30 m. - foi dizendo logo que me viu, atirando aos braços.

- Como podes sabê-lo ?

- Porque ele próprio me veio dizer.

E, soluçante, começou a discorrer uma série de coisas que a principio não pude compreender, mas que me foram depois repetidas por seus país e resultam neste relatório.

Na noite de 15 para 16 de Maio, toda a família S . composta então do casal e da Srta. Maria (havia outra filha casada, em Corbes) tinha deitado às 21 horas. O quarto da senhorita é contíguo ao dos pais e contém duas camas, isto é, a dela e da irmã. O quarto do casal tem apenas o leito comum, cuja cabeceira fica encostada ao tabique que separa os dois quartos. Entre a beirada da cama e a parede, um espaço livre, da largura mais ou menos de 1 metro, de sorte que o leito pode ser contornado por três lados. Correspondendo aos pés da cama, no angulo esquerdo, uma cômoda com prateleiras (E), encostada à parede. Sobre essa cômoda está um pequeno soco de madeira, no qual se apóia um pequeno relógio de salão (P), sempre regulado e funcionando admiravelmente. Pouco distante e fronteando o meio da cama, também encostada a parede, vê-se uma poltrona (F) deixando um vão de 0,70 cm. entre ela e a dita cômoda. Isto posta, para melhor compreensão do sucedido, voltemos aos três ocupantes ali acomodados. A

senhorita não podia adormecer, muito angustiada, e soluçava convulsivamente, de quando em quando. Depois de procurarem acalmá-la com palavras carinhosas, os velhos começaram a adormecer quando um grito estridente, inarticulado, como de alguém que se estivesse estrangulando, a todos sobressaltou. Maria exclamou: - Papais, mamãe, ouviram ? !

Ao mesmo tempo, queda como de um corpo pesado sobre almofadas macias. O Senhor S. ligou de pronto a luz. A primeira coisa que se lhe deparou foi o relógio, inda há pouco isócrono em seu tique-taque, de perues para o ar, no assento da poltrona. Os ponteiros parados marcavam justo 11 horas e 30 minutos!

O Senhor S. levantou-se e examinou toda a casa, nada encontrando de anormal; nem gato, nem cachorro e muito menos viva alma que pudesse emitir o longo gemido simultaneamente ouvido por todos. Imediatamente após esses fatos psíquicos inexplicáveis, a senhorita sentiu dissipar a angústia e até a empolga um certo bem-estar, concluindo logo que o noivo havia falecido naquele momento.

Resumindo : quem deu aquele gemido lúgubre ? Quem atirou o relógio à distância de um metro? Quem o teria parado na hora exata do trespasse? Tudo mistério...

Nós constatamos simplesmente os fatos, mas as causas nos escapam . Ao caro mestre cabe-lhe tirar as conclusões que lhe parecerem mais verossímeis.

Procuremos ambos essas conclusões. Por mim o faço, analisando cada caso em si. A manifestação psíquica é coisa incontestável, mas, como traduzi-la em movimentos materiais? Eletricidade... dizem. De acordo, provavelmente, mas, os processos de transmissão? Conforme sempre faço, pedi à família S. me descrevesse pessoalmente as observações de cada um dos seus componentes. A senhora e a senhorita aquiesceram em responder textualmente com os seus depoimentos, aliás, idênticos ao do Senhor Al. Garnier. O gemido foi de todo ouvido e o deslocamento do relógio foi constatado por três testemunhas . Nosso dever é registrar todos os fatos íntegros, certos, sem nos despreocuparmos da faculdade de exame primordial.

Em Novembro de 1913 muito se falou de uma casa mal-assombrada, em Blois. Nem mais nem menos que algazarras, berros e pancadas nas paredes de uma casa habitada pela família Jarossay, composta do casal e uma filha de 10 anos. O inquérito a que procedi demonstrou que nada se passou de sério por lá. Cartas ns. 2.495 e 2.510, de 18 de Fevereiro e 24 de Março de 1914) . Os ruídos cessaram com a intervenção da Justiça e teriam por fim atrair para os moradores a comiseração pública. Dava-se o fato no quarteirão de Granges, não longe da rua Gallières. A observação seguinte merece, ao meu ver, atenção muito mais séria. A pouca distância de Blois, em Fougère-sur-Bièvre -

modesta aldeia de 700 habitantes e que se orgulha de ostentar velho castelo classificado entre os monumentos históricos, verificaram-se rumores mais extraordinários e menos suspeitos que os supraditos, alvoroçando toda a população, a partir de 27 de Dezembro de 1913. Recebi, neste sentido, a narrativa do Senhor Paul Gauthier, industrial e antigo maire de Blois, bem como do Senhor Boutin, que houve por bem proceder às sindicâncias especiais, enviando-me ao mesmo tempo o noticiário das gazetas. Eis o resumo:

O morador da casa é o perito geômetra Senhor Huguet-Prouateau, homem dos seus 60 anos. Tem consigo a mulher, o genro e uma netinha de 12 anos. A primeira manifestação deu a 27 de Dezembro. Nessa noite o Senhor Huguet lembrou-se, de repente, que omitira na véspera uma carta urgente. Levantou-se, pois, as 3 1/2 da madrugada e acendeu a luz. Mal entrava no gabinete, ouviu o vizinho a rachar lenha, coisa que deveras o surpreendeu, atenta a hora. De manhã chamou às falas o Sr, Colier (o vizinho) e grande e recíproca foi a estupefação de ambos, visto que o Senhor Celier não só não rachara coisa alguma, como também ouvira a mesma coisa, tanto que tencionava exprobrar-lhe o haver perdido o sono. A partir dessa data, todas as noites, ouviam pancadas nas divisões internas e as paredes como a oscilarem. Depois, o fenômeno se ampliou, degenerou em

charivari infernal, audível a 200 metros de distância. Se for alguém que isso promove - dizia de começo o Senhor Huguet - trata-se de cavalheiro atencioso, pois nos deixa, comer tranqüilamente .

Nós jantamos entre 6 e 7 e a festança não começa antes das 8. E quando me sucede entrar às 7 1/2, a coisa transfere-se para as 9!

Conquanto não pudesse explicar as ocorrências, o nosso geômetra não se mostrava alarmado, bem como o genro e a neta. A mulher, sim, inquietava-se, profundamente impressionada, e desejava ver liquidado o fato. Chegamos aos fatos por mim observados - escreve uma testemunha - eram 8 horas da noite, encontrava-me em casa do Senhor Huguet. Como deixasse transparecer dúvidas sobre o que ele expunha, acabou por dizer: Estamos na hora e você vai certificar-se por si mesmo; quanto a mim, não estou longe de admitir que se trate de fenômenos elétricos. Mas, seja como for, o fato é que o barulho ontem, domingo, foi estupendo e toda a aldeia o comenta. Prolongou-se das 8 às 10 da noite e repetiu-se de 5 1/2 às 6 da manhã.

Tanta firmeza não podia deixar de impressionar e entrei a imaginar que ia assistir a algum pandemônio. Lá estava, enfim, com toda a família. O amável hospedeiro encheu os copos e bebericámos, sem embargo, De fora nos vem um murmúrio inicial de aglomeração popular. Aberta a porta, o corredor

encheu-se de curiosos e deixamo-los entrar, quantos coubessem, para melhor poderem ouvir. Enquanto isso, eu e o Senhor Baranger passamos revista na despensa e outras servidões da casa, aliás bem antiga. Dai fui à despensa do vizinho e escusado é dizer que nada encontrei de suspeitável. Mas, como assim? Teria eu intimidado o espírito? Deram 9 horas e nada se produziu! Fora, enquanto espera, a multidão ilude o tempo, alegre e galhofeira, como sói fazer em noite de fogos e nas festas campesinas. Toda a população de Fougères ali está, e mais os vinhateiros das cercanias. O tempo calmo, a temperatura suave, favoreciam a longa expectativa. Olhei o relógio, marcava 9 h. 20 m. A família Huguet mostrava-se surpresa e eu comecei a rir intimamente. Mas, continuavam dizendo: a coisa há de vir, fatalmente. Nada obstante, conseguimos que o pequeno fosse deitar, e, quando ele anuiu, estrondos formidáveis abalaram a parede que separa o corredor do quarto onde estávamos. São 9 horas e 25 minutos.

Precipito-me para o corredor e examino a parede com uma vela. As pancadas se repetem sucessivas, fortes, nessa parede que mede 2 metros de altura por 5 metros de comprimento. Depois, cessam para dar lugar a um estremecimento terrível de toda a parede, como não fariam dez homem conjugados. O fenômeno não durou irais de 5 minutos e o Senhor Huguet ali catava à, minha frente, sorrindo fleumático. Tenho visto mais do que isso - disse. Isco não é nada, verá. . . Mas,

nesse dia, nada mais sobreveio e eu pedi licença para retirar-me assaz intrigado, mas, não céptico.

Os assistentes não se cansavam de comentar o feito, trocando impressões. Na despensa puderam ver-se fragmentos de reboco e de gesso arrancados das paredes, sob as vistas do jovem Huguet. Perguntei a esse heròizinho de 12 anos se não tivera medo, e ele, arregalando os olhos: Mas eu estou com vovô! No domingo à noite, o Senhor Lepage-Girault, jornaleiro em Fougêres, bateu doze pancadas na parede e teve a resposta de outras tantas pancadas, imediatamente. Na aldeia não se fala de outra coisa e todos querem saber-lhe a causa. A principio indagavam rindo, alias agora ninguém sabe o que dizer.

Naturalmente, o primeiro encrespado seria o garoto de 12 anos, mas, depois, certificaram-se de que ele nada tinha com o peixe. Ao demais, as pancadas eram fortíssimas. Continuemos com a descrição:

A casa está localizada dentro de um pátio comum, enquadrada por duas outras da mesma aparência. Nos fundos fica o jardim do pároco, tornando-se assim facílima à vigilância rigorosa do local. Os rumores começaram em fins de Dezembro e prolongou-se até Fevereiro. O Senhor Huguet e família nada haviam propalado; os moradores da vizinhança, intrigados com o fenômeno e com a sua pontualidade horária, é que deram o alarme no povoado. E foi como se

houvessem mexido em formigueiro. Todo o mundo queria ver.

Das aldeias próximas convergiram curiosos de todas as classes, a ponto de suscitar uma portaria do Prefeito de Fougères proibindo aquelas romarias constantes e o estacionamento em certas zonas.

Uma noite, o barulho foi tal que pode ser ouvido nas casas vizinhas como do outro lado da rua, à distância de 60 metros. Toda a casa era sacudida de alto a baixo, as divisões internas rangiam, janelas e portas estalavam. Ao dizer de testemunhas fidedignas, os rumores que se seguiam as formidáveis vibrações eram roncos de longínqua trovoada. Por outro lado, o cortinado da cama agitava-se incessante, como sacudido por forte ventania embora fechada a casa. No interior da casa, pessoas estranhas à família fizeram experiência, batiam nas paredes umas tantas pancadas e obtinham em resposta outras tantas, mas, de sonoridade inimitável. Eram ruídos fortes e surdos parecendo emitidos por todo o edifício .

Uma noite, alguns homens resolutos escalaram o forro e mal lá chegaram o barulho começou e a casa estremecia, as luzes se apagaram e eles se apressaram a descer. "Essas manifestações extraordinárias que todos puderam ver - diz o Senhor Boutin - causaram profunda impressão. Os mais maliciosos já não sabem o que dizer. Houve quem presumisse pilhas elétricas nas paredes, mas a casa foi rigorosamente examinada

por eletricistas da usina de Montils, que nada encontraram . O neto de Huguet, cujo leito era particularmente sacudido enquanto ele dormia, foi levado a dormir fora e substituído por outro menino da mesma idade. Afastado, assim, o jovem Prousteau, nada mais ocorreu. Aqui há notar uma circunstancia: a família Prousteau residiu em uma aldeia de Sologne e parece que também por lá se deram em sua casa fenômenos análogos. Houve inquérito oficial a respeito, registrando os mesmos fatos, em idênticas condições.

O Senhor Boutin acrescentava ao comunicado de 14 de Fevereiro o seguinte: Conheço o Senhor Huguet há uns 15 anos e sempre o considerei um temperamento calmo, incapaz de excentricidades destinadas a divertir o público; goza de sólido conceito local e os seus antecedentes são os melhores possível, pelo que, não atino com o interesse em criar para si, voluntariamente, uma situação estranha.

Neste, como na maior parte dos casos análogos, a causa desconhecida, produtora dos fenômenos, está associada a um organismo moço, mas não quer isso dizer que seja uma condição exclusiva . Este mundo é mais desconhecido do que a América anterior a Colombo e Vespúcio, e a sua exploração é porventura mais complicada que a dos silvícolas do Novo Mundo, posto que não tenhamos que temer a antropofagia. Procuremos, portanto, estudá-lo com todo o rigorismo

dos métodos científicos. Comparemos as observações. O que só nas embaraça é a escolha do cabedal desse estudo, preocupados com a eliminação dos casos duvidosos, ou adulterados.

*

Gentil leitora e artista de conceito, enviou-me em Fevereiro de 1920 a seguinte narrativa:

Devo dizer-vos, caro mestre, que estes fatos ocorreram em nossa casa, na herdade de Montmorency, em Outubro de 1912. Havia 6 meses que meu pai guardava o leito em conseqüência de uma nefrite e uremia consecutiva. Os criados, assaz dedicados, eram em número de três a saber: cozinheira, arrumadeira de 28 anos e uma pequena de 14 para serviços leves. Em Agosto desabou tremendo temporal e uma faísca atingiu a cozinha, justamente quando as criadas lá faziam refeição e com o que muito se impressionou a arrumadeira. A casa, situada em uma elevação do terreno, tem dois andares, pavimento térreo e porão. Jardim em toda a volta

Daí, em Outubro ou Novembro, a rapariguita - criatura tarada, filha de alcoólatra e na crise da puberdade - deu em manifestar-se medrosa, assustadiça e nos contava coisas fantásticas, com um semblante macilento e fundas olheiras roxeadas.

Também a arrumadeira se mostrava presa de mil idéia imaginárias.

Dai a pouco, graças ã língua da rapariga, nossa casa adquiriria má fama em toda a região. Minha mãe, eu e uma tia quisemos enfrentar essas lendas e, sobretudo, não despertar a atenção do querido enfermo, para a desordem existente no lar. O demônio esmurra as vidraças, senhorita; deu fortes pancadas em tal quarto do 2.° andar, etc. - era o que dizia a rapariga. Claro que não podíamos tomar a sério pataratices que tais, até o dia em que (uma sexta-feira), ao regressarmos do passeio a Paris, eu e mamãe encontramos o jardineiro pálido e sobressaltado, à nossa espera na cozinha. A criadinha e a arrumadeira tinham-se sentido muito mal e o secretário de meu pai, que lá fora assinar alguns papéis, mostrava-se embaraçado.

- Que teria havido?

1 ° Quando ele, secretário, quis tomar o chapéu no cabide, foi detido por pancadas regulares na porta de entrada, duas ou três vezes, e para ali se dirigindo não encontrou ninguém;

2.° As gavetas dos móveis abriam-se por si mesmas.

3.° Na cozinha, enorme algazarra, balanças a oscilarem, caçarolas a dançarem no fogão, ao mesmo tempo em que a carvoeira com 50 quilos de combustível deslocava-se nos seus roletes.

4.° Pancadas retinindo em todas as vidraças.

Ficamos seriamente aborrecidas com o ver o lar assim perturbado, resolvemos usar de severidade e tudo se acalmou, com surpresa para nós mesmas. Entretanto, à noite, depois do jantar, elas, as criadas, presumem ouvir gritos que eu não conseguia perceber. Nem eu, nem o médico assistente de meu pai. No intuito de surpreender algum ardil, postei-me no jardim mais de uma hora e nada vi. Optei, então, pela alucinação as duas supersticiosas serviçais. Mas, ao reentrar em casa ouvi, por minha vez, distintamente, as tais pancadas. Seria que os nervos, muito tensos, me pusessem em sintonia com quaisquer ondas? Dizia-me o médico: tome cuidado, pois do contrário sucede-lhe a mesma coisa. .. Sim, é possível, mas... a verdade é que ouvi. No dia seguinte, cerca das 8 horas, a cozinheira, muito afobada, veio dizer-me: não posso fazer o almoço; a coisa lá está batendo, em cima e na varanda é um verdadeiro caos.

Desci a sala de jantar, que dá uma porta para a varanda, a fim de acompanhar a cozinheira no seu mister, enquanto a arrumadeira trabalhava no 2.° andar. Disse a pequena que corresse e vi, então, um espetáculo inédito: urna cadeira dançando tona um pé só, só ladrilho da varanda e os móveis a trepidarem. Calma, imperturbável, procurei tranqüilizar a cozinheira; e depois, subindo ao 2.° andar, ouvi duas pancadas singulares no próprio quarto que a rapariga estava arrumando. Vendo assim perturbado o lar e

conjeturando que a meninota fosse médium, pedimos aos pais que a levassem e isso não deixou de nos acarretar dissabor, visto assoalharem que meu pai era o causador de tudo aquilo. A arrumadeira também foi despedida e com isso tudo desapareceu como por encanto. Estou convicta de que ambas as raparigas operavam inconscientemente. Da menina não sei o que é feito; a segunda sei que se casou e é hoje mãe de família. O pobre enfermo faleceu no mês de Março e não chegou a ter conhecimento das nossas atribulações. De resto, tínhamos feito tudo para lhas ocultar.

S. de Bellecourt

Tal a narrativa da observadora, que reproduzi com todos os pormenores, para melhor instrução pessoal. Esses ruídos inexplicados, esses movimentos sem causa aparente são verdadeiros e associados à presença da rapariga de 28 ou, sobretudo, à menina de 14 anos.

E' também certo que lhes não cabe partícula, de consciência e sim de uma força desconhecida, servindo-se delas. Teria o enfermo exercido qualquer indeterminada influência?

*

Consideremos ainda outras observações, feitas com critério. Prefiro sempre as que me vieram de primeira

mão, oferecidas pelos próprios observadores. A narrativa a seguir é das mais inverossímeis.

Entre milhares de comunicados que tenho recebido nestes 25 anos, em resposta a inquéritos por mim provocados paia, elucidação de problemas que, na maior parte, parecem insolúveis, este é dos primeiros e não foi publicado até agora, posto que date de 1899. Ele poderá causar ao leitor a mesma estupefação que me causou. Trata-se de passos estranhos em uma escada, e de uma porta violentamente arrombada.

Dizia Ptolomeu, há 200 anos, que nada havia mais ridículo, estúpido e risível que a hipótese do movimento da Terra... Meu patrício Filipe Lebon objetava ao inventor do gás, em 1804: Que tolice supor lâmpadas a arder e aclarar, sem óleo e sem mechas! - Insensato - clamavam a Stephensen antes de construída a primeira locomotiva - admitir carruagens sem cavalos... - Tirar retratos sem lápis, pincéis e tintas, é absurdo - afirmavam a Daguerre, em 1838... E assim por diante...

Neste livro, temos sob as vistas fatos não explicados e atualmente incompreensíveis, cuja aparente impossibilidade não nos deve deter com paradoxos anticientíficos, anteriores aos conhecimentos humanos especializados. Esta observação não é menos surpreendente que as anteriores . São fatos ocorridos em Estrasburgo, na rua Sanglier n .5.

Estávamos em Fevereiro de 1855 - escreve a testemunha. Tinha eu 15 anos e morava com minha mãe viúva, e uma irmã. A casa, no centro da cidade, era um velho sobrado de dois pavimentos; o primeiro ocupado por um ourives muito assíduo ao trabalho e pai de sete filhos, dos quais o mais velho tinha 12 anos. Nós ocupávamos o segundo, no forro do qual ficavam as respectivas despensas, com acesso por escada partindo do limiar do nosso alojamento. O ourives, não raro, tinha em casa jóias de grande valor e a única precaução que tomava era o segredo, para que ninguém o soubesse. E ninguém suspeitaria que naquela modesta habitação pudesse haver, às vezes, adereços preciosos que representavam fortunas. Certa feita, a mulher do ourives nos confidenciou que vinha de algum tempo ouvindo passos noturnos, subindo e descendo a escada... Pura ilusão - respondemos, rindo-nos.

Ela insistiu, porém, e mais tarde voltou ã carga dizendo-nos que costumava passar parte das noites acordada, por causa das crianças; que estava certa do que dizia e receosa dos ladrões, mas o marido também sorria, como nós, pois tinha o cuidado de bem fechar a porta, aliás verdadeira fortaleza, e dormia tranqüilo. Contudo, aquela insistência da boa senhora acabou por interessar-me. Minha mãe me ensinara, de pequenina, a dominar todos os impulsos de covardia. Assim que, muitas noites me levantei e percorri a escada, do porão

ao forro, nada vendo nem ouvindo de anormal. Contudo, a insistências da mulher, cheguei a colocar na beira dos degraus copos dágua, cheios e recolhidos intactos, de manhã, Imaginei outro artifício: atravessar um fio de linha preta em toda a escada e em níveis irregulares. De manhã os fios estavam intactos e a mulher continuava afirmando haver gente na escada. Isso acabou por impressionar-me e mais direi - inquietar-me, temer os ladrões, um atentado à pessoa do ourives, sei lá que mais! Levei para o quarto a machadinha e dormia com ela ao alcance da mão.

Aquela noite, deitei às 10 horas, na forma do costume e li até 2 da madrugada, atenta ao primeiro sinal. Nada. . . A porta do meu quarto, a Cínica que dá entrada ao alojamento, é uma peça maciça, de carvalho, da espessura de 5 centímetros no mínimo, tal como as do século XVII; larga de. 1 m. 20 por 2 m. de altura. Os portais de cantaria e nesta embutidos os gonzos de ferro. Ela abria para fora., por meio de enorme fechadura interna, cuja chave pesava nada. menos de meia libra e acionava a lingüeta grossa de três centímetros pelo menos. Acima do orifício da chave, um ferrolho correndo em tubo de ferro cravado na própria fechadura. Todas as noites, depois de voltear a chave, eu suspendia o gancho e corria o ferrolho. Prendia o gancho na própria chave, impossibilitando abrir a porta., de qualquer maneira. Com tal porta e tais fechos, podia-se dormir

tranqüilamente. Não seria estético, mas era seguro, e, naquelas conjunturas, o que me preocupava era a fechadura. Insisto nesta particularidade.

Uma noite, às 10 1/2, acabava eu de tomar as disposições habituais e lembro-me que estava a ler velhos folhetins de Mistérios de Paris, de Eugene Sue... (por sinal, uma página que principiava assim: a herdade Para a qual Rodolfo conduzia Flor de Maria. . .)- quando um choque violento, terrível, arrombou a porta e deu com ela contra a parede e com tal força, que ainda me parece vê-la trepidante nos seus gonzos. Minha mãe saltou do leito sobressaltada e gritou: - Que é isso? Sem lhe responder, saltei também, na destra a machadinha, na sinistra a vela, e atirei-me escada abaixo, onde fui encontrar os fios de linha intactos! Subi logo, a galope, examinando todos os recantos... Tomei a chave da despensa, abri a porta de acesso, lá estive, e... nada! Voltando ao quarto, procurei fechar novamente a porta e só então me certifiquei de que a lingüeta e o ferrolho permaneciam corridos, como se a porta estivesse fechada, quando, ao invés, ela estava aberta. . . E com que violência'. Nesse instante, apenas tive uma sensação de enorme pavor; os cabelos se me arrepiavam:, parecia-me que os miolos se tinham congelado. Fechei finalmente a porta, tornei a deitar-me, mas toda me tremia e não podia despregar os olhos da porta. Minha mãe se levantara, contei-lhe o que acabava de suceder.

Suspirou e disse que não tardaríamos a receber alguma notícia infausta. Tal não se deu, porém, conosco e tão-pouco com a família do ourives. Assim, pois, o que venho de expor fielmente, não se prende a qualquer coincidência

Esse fato me causou tão profunda impressão, que, escrevendo estas linhas, passados 44 anos, ainda experimento, em parte, o terror que me invadiu quando, de regresso ao quarto, quis fechar a porta. Não creio no sobrenatural e, no entanto, jamais pude explicar esse prodígio da abertura violenta, quanto espontânea, de uma porta tão sólida e fechada com uma fechadura que mais parecia de masmorra que de simples apartamento doméstico.

Besançon, 26 de Março, 1899.

Ernesto Frantz

Este relato cuja data vai longe, como disse, me foi mandado com todas as minúcias que poderiam empregar um engenheiro e um arquiteto versando planos de compartimentos, escadas, etc. (Julgo supérfluo reproduzi-los, guardando embora esses documentos) .

Todavia, é verdadeiramente fantástico, incrível e eu não o publicaria há 20, ou mesmo há 10 anos, porque os leitores, mesmo os instruídos nos conhecimentos metapsíquicos, não estavam preparados para isso. Sim, tal manifestação parece absurda, ridícula, antes farsa

destituída de sentido. E, no entanto, também as encontramos incríveis nos fenômenos do raio, cujas bizarrices são inumeráveis, e cujos efeitos são, por vezes, formidáveis. Enseja-se, aqui, lembrar alguns muito semelhantes ao que acabamos de expor.

No dia 1 ° de Junho de 1903 caiu uma faísca elétrica na igreja de Cussy-la-Colonne, derrubou o abrigo do sineiro, espedaçou o sino e foi abrir o armário na sacristia, destruindo totalmente o seu conteúdo. Em Abril de 1868, na igreja de Montrédon, o raio demoliu o campanário, e vários sinos com as respectivas barras de suporte foram arremessados muito longe. Em Agosto de 1868, em Liège, varou a parede de uma ferraria, estragou quanto lá estava, arrancou unia gaveta, quebrando-a em pedacinhos e espalhando no chão os objetos que ela continha; rachou os ladrilhos da escada, tornou a atravessar a parede e foi matar um coelho que se abrigara num buraco, deixando no solo um sulco assaz longo.

Em Julho de 1896, num burgo de Boulens, o raio entrou pela chaminé e derrubou em primeiro lagar a cremalheira, arrancando-lhe os gonzos e deixando no lugar deles um orifício de lado a lado. Depois, levou para o meio da sala a marmita e respectiva tampa, que estavam em cima do fogão, e arrancou na sua passagem alguns ladrilhos do piso. Fez saltar o ferrolho da porta da rua, bem como a chave da fechadura, mais tarde encontrada dentro de um sapato,

no aparador. Nos meados de Agosto de 1887, em Francines, perto de Limoges, penetrou no quarto em que repousava o dono da casa, que experimentou forte comoção. O cobertor foi perfurado em diversos pontos e o fluido pérfido, seguindo sua trajetória, ainda espatifou a cômoda com tudo o que continha, transpondo-se ao quarto contíguo, cuja porta demoliu. Em Niederdorf (Suíça) a casa do conselheiro Jaller apresenta, entre outros fenômenos, portas que se abrem com estrondo, linguetas brutalmente arrancadas e ferrolhos que saltam dos encaixes.

Aos 20 de Abril de 1807, fulgurante descarga abateu-se sobre o moinho de vento de Great-Marton (Inglaterra) . Grossa corrente de ferro destinada a alçar o trigo foi, senão de todo fundida, bastante molgada. Assim que, os elos quebrados de alto a baixo, pelo peso inferior, se juntaram e amalgamaram de maneira a transformar a dita corrente em barra de ferro. Vale, então, perguntar como se operaria a fusão, em tempo tão curto que podemos dizê-lo (e aqui com propriedade) rápido como o relâmpago.

Que força mágica confere à chispa escapada da nuvem o poder de transformar o ar em verdadeira forja, onde arrobas de metal se volatilizam em milésimo de um segundo! Em 26 de Julho de 1911, em Héricy-sur-Seine, não longe de Fontaineblau essa chispa se precipitou num tanque com 3 metros de água e o secou instantaneamente! No mesmo dia em

Bagneux próximo a Moulins, essa fagulha arrebatou trás carretas da estrada para uma barraca, metros distante, sem contudo derramar um grão de areia que Lhes constituía a carga. Mas os cavalos foram fulminados e as correntes de tiro desapareceram! Em Maussane cai um raio na Quinta Monte Branco. Penetrando pela chaminé, passou sobre a mesa da cozinha, onde fundiu o bico da candeia, quebrou um copo e rasgou o oleado que a forrava. Isso feito, atravessou o teto e barafustou no quarto da viúva Piquet, lá deitada; chamuscou as cortinas, reduziu parte do leito a pedacinhos, sem tocar a referida senhora; ao passo que, outras vezes, fulminam as pessoas poupando-lhes às vestes! Ainda um exemplo respigado nas minhas coleções: Depois de me haver referido uns tantos fenômenos psíquicos singulares, o Senhor Torelli escreveu-me de Nice o seguinte: Em Novembro último (estávamos em 1898) e em data que poderei determinar, se necessário, por volta das 2 da tarde e depois de grande temporal e trovoada, subi ao pavimento superior da casa que tenho em Mônaco, e lá se me deparou um quarto completamente alagado. Visitei o telhado para certificar-me do que havia e encontrei uma fileira de seis telhas chatas, deslocadas metodicamente e colocadas a uns 40 centímetros abaixo, isto é, duas filas de telhas em baixo, mas bem ajustadas e alinhadas, qual se o fizera um bom

operário. E as telhas confinantes com as deslocadas não tinham sinal de avaria qualquer.

Quantos e quantas fatos outros poderiam ser aqui adicionados? (V. Em torno da Morte, págs. 308-311) e lia um certo número que sugere a idéia de quarta dimensão. Certo, negar o depoimento de Frantz, que aí está, seria tudo simplificar; mas isso não é assim tão fácil, porque ele viu, examinou, verificou. E depois, essa observação não é única, há centenas delas, análogas. Repetirei mais uma vez, que, inconteste e aceito o fenômeno, seria ingênuo supor que a ciência contemporânea pudesse explicá-lo. Entretanto, uma consideração dinâmica se nos impõe aqui. Todos os físicos e matemáticos conhecem a expressão mV2 e sabem que a quantidade de movimento de um corpo se estima multiplicando a massa pelo quadrado da velocidade. Uma velocidade duplicada é quatro vezes mais potente; nove, se triplicada; e dezesseis, se quadruplicada. Quintuplicada, se-lo-á centos e vinte e cinco e assim por diante. Segundo esta fórmula., poder-se-á obter o efeito mecânico desejado, aumentando a velocidade. Não é a bala e sim a velocidade que mata. Atirai com a mão a bala ao peito de alguém e o choque mal se fará sentido, através da roupa. Lembro-me de que em 1886 ganhei uma aposta perfurando uma tábua de carvalho, com uma bala de queijo suíço. Era o epílogo da discussão travada a propósito de Força e Matéria. (Memórias, págs. 353-

354) . Certo número de ruídos e algazarras, assim como diversos efeitos e atitudes do raio, poder-se-iam explicar mediante essa fórmula. Todas as modernas descobertas científicas induzem, a admitir que a matéria é de natureza elétrica, e que as forças de coesão molecular, que dão rigidez aos corpos sólidos, são forças elétricas. Abstenhamo-nos, porém, de muita explicação, pois ninguém sabe o que seja verdadeiramente a matéria. Um átomo rádio-ativo encerra enorme quantidade de energia intra-atômica, capaz de arrasar uma cidade . Mas, ainda mesmo que não possamos explicar os fenômenos, temos o dever científico de os admitir, desde que rigorosamente observados. Essas histórias, mais ou menos estranhas, quase sempre incríveis, nem todas representam invencionices, imposturas, ilusões, erros, etc .

Aqui, como em tudo, convém encarar o problema com largueza de vista, sem prevenções . A conclusão de todas essas experiências é que existe, em nós e em torno de nós, forças naturais desconhecidas, e que, sem embargo de suas admiráveis conquistas, a ciência humana apenas amanhece . O mundo invisível é tão real quanto o visível.

*

Os fenômenos de assombramento são muito variados e nem todas têm a mesma explicação, por

derivarem, também, de causas diversas. Produzidos uns por obras de mortos, outros por seres de natureza desconhecida, e outros ainda por organismos humanos, que operam inconscientemente. Esta última causa é freqüente e tem levado a se lhe atribuir ascendente único em todos os casos, pela razão (insuficiente) de haver, quase sempre, um adolescente ou uma jovem associada aos fenômenos, tendo a invisível necessidade de uma força orgânica, humana, para produzi-los. Todos quantos hão procurado conhecer, de experiência própria, o que há de verdade nesses fenômenos, convenceram-se e foram levados a reconhecer que as hipóteses da alucinação e da ilusão não bastam, absolutamente, para os explicar. E sentença, esta, há muito passada em julgado, mas que muita gente finge ignorar. Quem se lembra, por exemplo, que, desde o século XVII, um dos membros mais ativos da Sociedade Real de Londres, Joseph Glanvill (1630-1680), ventilou o assunto em sua obra - Saducismus Triumphatus - coletânea de fatos análogos aos aqui estudados por nós e já observados em 1661?

A Real Sociedade antecipou-se em mais de deis séculos à Academia de Paris, neste sentido, e hoje, no século XIX, aí estamos vendo titulares seus, quais Moor em 1841, Crookes em 1871 e Wallace em 1875, enfrentarem o problema com a mesma coragem e independência. Os Srs . William Barrou e Oliver Lodge os sucederam com brilhantismo, diga-se. A

Academia de Ciências só há pouco atingiu esse nível com Richet, o Conde de Gramont e d'Arsonval. O Senhor Barrett exprimiu a sua conversão em termos precisos, que valem transcritos aqui

Pensava eu que, em experiências e observações de homens de absoluta competência e integridade, tais como Crookes e Morgan, não se cogitava de fraude possível, mas poderia haver ilusão, como se deu, a princípio, com a hipnose. Minhas pesquisas destruíram por completo a minha teoria. Foi em 1876. Um advogado inglês, de reconhecida honorabilidade - M. C. - tinha alugado para veraneio, em Kingston, Condado de Dublin, a casa de um amigo meu. Travando relações com M. C., fiquei surpreso quando me falou de manifestações em sua casa, não sendo ele espiritista, nem ninguém da sua família. Ficavam perplexos e aborrecidos quando pancadas e rumores outros se verificavam, aliás freqüentemente, em presença da filhinha Florrie, menina de 10 anos, inteligente e viva. A principio supuseram fosse ela que lhes armava a partida, mas logo se convenceram de que isso não era possível. A mestra queixava-se de pancadas na sala de estudo e a professora de piano afirmava que o instrumento dava fortes estalos quando a menina o dedilhava.

O casal M. C. me permitiu, de bom grado, um inquérito pessoal e lá me fui a sua residência, no dia seguinte, depois do almoço as 10 horas da manhã

ensolarada. Assentamo-nos em torno da grande mesa de jantar, lisa, sem toalha, eu, o Basal M. C. e a pequena Florrie, O transparente das janelas que davam para o gramado deixavam coar a luz de fora, e de maneira que os pés e mãos de todos nós ficavam perfeitamente visíveis. Ouvimos logo um como arranhar da madeira, seguido de pancadas na mesa e,no encosto das cadeiras. Eu tinha de vista os pés e mãos de Florrie e certifiquei-me de sua absoluta imobilidade .

Agora eram marteladas no assoalho, como se estivessem a pregá-lo, e eu tinha a idéia de carpinteiros no pavimento superior. As pancadas tornavam-se mais fortes sempre que ensaiávamos uma canção alegre, ou quando fazíamos música. Elas davam, então, de modo engraçadíssimo, o ritmo do compasso, transformando-se em rangido semelhante ao de um arco de violoncelo raspando a madeira. Muitas vezes coloquei o ouvido no local em que nos parecia produzir-se o ruído e percebi distintamente a vibração rítmica da mesa, sem lhe descobrir causa visível e tangível, infra ou surra. As pancadas se deslocavam as vezes, mais perto ou mais longe. Um dia, pedi que batessem no velador, a meu lado, móvel no qual Florrie não tocava. Fui atendido. Coloquei as mãos, uma em baixo, outra em cima da mesa e experimentei, nitidamente, a ligeira vibração das pancadas no lugar que tateava. Quer

estivéssemos sós, eu e Florrie, quer em companhia de outrem, o fenômeno era inalterável.

Às vezes, mandava entrar outras pessoas, a fim de ver até que ponto se justificaria minha teoria da alucinação, mas a verdade é que todos percebíamos os ruídos. Repetimos pausadamente o alfabeto e a inteligência invisível correspondia sempre, com uma pancada, à. letra precisa para formular as palavras e respostas. Chegamos assim a saber que o comunicante era um rapazinho, Walter Hussey. A Senhora C. me disse mais tarde que, quando ia dar boas-noites ã filha, ouvia, as pancadas e surpreendia a pequena a conversar com o seu camaradinha. Tive ocasião de verificar algumas das respostas assim obtidas, e constatei serem alegres, simples e ingênuas, ou fosse em perfeita concordância com as perguntas que a pequena poderia formular, até na ortografia. Os cépticos não deixarão de objetar que tudo isso não passa de invencionices de criança maliciosa, para zombar do professor. Que lhes faça bom proveito. Por mim, limito-me a advertir que, depois de algumas semanas de investigação, todas as nossas teorias (minhas e dos amigos que me secundaram) nos fizeram rejeitar, unânimes, qualquer hipótese de fraude, ilusão ou falha de observação.

Os fenômenos eram inexplicados a menos que presumisse uma inteligência invisível ou fosse da própria criança. Contudo, a força despendida

ultrapassava de muito a de Fiorrie. Presenciamos o deslocamento de móveis. Um dia, na sala de jantar, ã plena luz, assentados à mesa que podia comportar 12 pessoas, eu e os pais de Florrie vimos a dita mesa levantar-se três pés, de maneira a podermos insinuar e repassar o bico da botina entre o soalho e as roldanas. Tente alguém fazê-lo e verá, mesmo agarrando a mesa, que o não conseguira senão mediante vigorosa esforço. De outra feita obtivemos raps depois de tirar as mãos da mesa, e dela afastados. Mãos e pés à vista ai todos, fora de qualquer contacto, a mesa andou de lado, em marcha irregular. Essa mesa, diga-se, era muito pesada e tinha 1 m. 20 c. A meu pedido ela ergueu primeiro os dois pés mais próximos de mim, e depois os dois outros, alto de Om,20 a Om,25, mais ou menos, assim se mantendo por momentos, sem contacto de pessoa alguma. Recuei a cadeira, a mesa avançou para mim (sempre isolada de qualquer contacto) e acabou colando-se à cadeira e impedindo que me levantasse. Quando atingiu o nível do meu rosto, levantou-se várias vezes e pude, então, certificar-me, pelo tato e pela vista, de que não repousava no chão e que ninguém poderia imprimir-lhe aqueles movimentos. Deixo aos cépticos o direito de supor a existência de fios invisíveis, manejados por imaginário cúmplice, a flutuar também invisível no espaço.

Estas as minhas primeiras experiências, que, comparadas as posteriores, jamais me deixaram

quaisquer dúvidas. Atrás dessas manifestações existe uma inteligência oculta, afirmativa esta que destrói todos os fundamentos do materialismo. Não sou assaz ingênuo para supor que minhas assertivas vão maiormente impressionar a opinião pública, e que meu testemunho tenha maior peso que outro qualquer; mas espero que sirva de estimulo a outras testemunhas, para que nos comuniquem seus dados e provas, até que possamos constranger os opositores a reconhecerem a realidade dos fenômenos, ou, então, que somos nós outros de uma cegueira e patetice só compatíveis com a mais perfeita idiotia.

Assim se expressa William Barrett, titular da Sociedade Real. Pois essas forças psíquicas são as mesmas que atuam nas casas mal-assombradas. Minhas experiência nestes assuntos, levou-me a uma conclusão idêntica a de Barrett. E todos quantos se deram ao trabalho de ver viram como vimos. As forças em jogo nestes fenômenos ,são ainda inteiramente desconhecidas, qualquer que sela sua afinidade com as forças elétricas, por isso que entram nelas fatores de evidente mentalidade. Mentalidade de vivos e de mortos. Lombroso escrevia em 1910 (Hipnotismo e Espiritismo, pág. 228) : Os fenômenos das casas mal assombradas trazem importante contribuição Para resolver o problema da atividade póstuma dos defuntos. Tais fenômenos seriam perfeitamente análogos aos mediúnicos comuns, além de mais,

espontâneos, amiúde sem causa aparente, e quase sempre circunscritos a uma casa, um cômodo, um núcleo de pessoas. Os mais freqüentes são os de rapa muito fortes, atritos, passos, transporte de objetos, mesmo através de cômodos fechados à chave e, mais raramente, aparições.

Outras características: absurdidade aparente, ausência, de objetivo conhecido, nos fenômenos de motilidade, tais como timbre de campainhas, extinção de luzes, remoção de objetos como sapatos, toucados, etc . , para lugares imprevisíveis; roupas amarfanhadas ou amarradas, etc.. De notar, também, o grande estridor das pancadas, a projeção brutal dos objetos, sem consideração a pessoas ou coisas, tanto quanto a banalidade vulgar e, por vezes, intencionalidade maléfica, incêndios, depredações e quejandas. Tudo isso nos parece banal e mesquinho.

Mas, se daí resultai a prova da sobrevivência além-túmulo, havemos de confessar que não é banal, nem mesquinho. Quem não desejará, no momento da perda de um ente querido, obter, depois de lho pedir, um sinal qualquer de sobrevivência, ainda que seja o só movimento da ponta de um dedo? Os fatos são reais, incontestes. A crença nas casas mal-assombradas é antiga quanto 0 mundo, como se evidencia pela existência de vocábulos que as designam, em todas as línguas. Temos, assim, em alemão - spuken, em inglês - haunted, em italiano spiritate ou infestate, em francês

hautées, sem falarmos de numerosas expressões regionais .

Vimos, também, a sua realidade confirmada. em sentenças judiciais. Casas assombradas! Estas simples palavras, emitidas ao acaso no curso de uma palestra, têm o condão de suscitar ironias e anedotas estultas. De um lado, os que não vêem em tudo isso mais que intrujice, truques, ventríloqua; de outro lado, os contos lendários, supersticiosos, vão deformando e exagerando os fatos, graças à influência da imaginação e pendor para o sensacionalismo .

O prurido do mistério vibra o sistema nervoso das mulheres; a jactância dos homens expande-se à vontade... Pouco há, negavam tudo; agora já admitem as mais absurdas fantasmagorias. Entre os dois partidos extremos e igualmente falsos, há posição convinhável para o observador imparcial e atento. Continuemos a nossa visada .

*

Desde o começo do meu inquérito, uma leitora assaz ponderada e já conhecida do leitor, Srta. Adélia Vaillant, membro da Sociedade Astronômica da França, escreveu-me de Foncquevillers, em 10 de Julho de 1900, o seguinte:

Nos dias 16 e 17 de Fevereiro de 1881, ouvimos barulho em uma porta da casa em que ainda moramos.

Eu e minha irmã estávamos então em Arras, e ainda agora aqui tenho a vista a carta de minha mãe, datada de 28 de Fevereiro de 1881, em que nos participava as insólitas ocorrências. A principio, pancadas secas, depois sacudidelas, serrar de madeiras, raspagens, fechaduras que se abriam, queda de chaves... Omito todos os pormenores para economizar tempo e quero apenas dizer que o ar estava calmo, não ventava e ninguém se poupou a pesquisas minuciosas para convencer-se de que se não tratava de algum animal ou de algum pândego de mau gosto. Que pensam vocês de tudo isso? - perguntou minha mãe aos meus irmãos, ainda muito jovens. E' a alma de tio Edmundo, que quer uma missa em Foncquevillers - teriam eles respondido sem hesitação . Esse tio, advogado nos auditórios de Paris, falecido havia pouco e quase de repente, em Arras, ocupava-se um tanto de Espiritismo e mostrara desejo de manifestar-se post-mortem, se lhe fosse permitido - dizia.

Na manhã do segundo dia, o serralheiro Caron foi a nossa casa, a serviço de sua profissão. Examinando a fechadura e a porta, encontrou-as perfeitas. Contaram-lhe o caso e ele, logo: - Morreu-lhes alguém da família há pouco tem? Pergunto-o porque lá na minha aldeia de Fampoux se deu um caso semelhante e de maiores proporções. E contou o seguinte, por ele próprio testemunhado: O conterrâneo havia perdido prematuramente a esposa com a qual tinha

compromisso de umas tantas missas. Nos primeiros tempos cumpriu pontualmente a promessa, mas depois, distraiu-se com os planos de segundo matrimônio. A tralha da cozinha e a louça no armário entraram então a dançar todas as noites, e a coisa só terminou quando ele se desobrigou inteiramente do compromisso com a defunta.

Pouco antes de 1880, noutra casa de Foncquevillers, ouviram-se rumores sem causa conhecida. Diversos moradores da aldeia lá acorriam por averiguar o que se passava. Contaram na minha presença que, todas as noites, davam pancadas fortes de abalar as janelas. Meu avô, que lá foi com um amigo, ouviu esses rumores na porta do forno, que, concluiu, achava-se completamente vazio. De quando em vez, o estrépito era tal que houve quem o comparasse à descarga de um carroção de cascalho.

Todas as investigações resultaram inúteis. As manifestações cessaram com as missas em intenção dos familiares falecidos, mas, neste como no caso pré-citado, pode ser que isso não passe de fortuita coincidência. Em uma terceira casa da mesma aldeia, e em tempos mais afastados, ouviram Certa noite rumores semelhantes aos de grandes pedradas nas janelas. E sempre que isso ocorria, à noite, os moradores eram acordados em sobressalto. Terrificados, pensavam eles que só podia ser algum ignoto malfeitor, oculto no jardim. Quando chovia,

procuravam no solo amolecido o rastro do inimigo imaginário, mas, excusado é dizer que nunca encontraram coisa alguma. Pergunto-vos, caro Mestre, se as almas dos mortos podem, efetivamente, ter parte nesses distúrbios inexplicáveis, ou se devemos antes lhes atribuir uma causa natural desconhecida. No campo e nas aldeias é voz corrente que esses barulhos extraordinários, deslocamentos de louça, móveis, etc., são promovidos por almas do outro mundo, que pretendem orações, missas ou cumprimento de votos e promessas feitas. Que dizeis?

(Carta 923).

Adélia Vaillant.

Aqui, de pronto vemos uma idéia religiosa associada à explicação do fenômeno: uma alma penada. Esses pedidos de missas e preces podem parecer surpreendentes, mas não podemos desconhecer que são freqüentes e podemos apontar doze exemplos no tomo III do A Morte e o seu Mistério , entre eles o do quadro de Van Eyck, do museu de Bruges. Não estaria a causa na mente dos assistentes? Tudo está por estudar, sem idéias preconcebidas. Que dizer dos exorcismos, às vezes eficientes, das casas mal-assombradas? Às vezes, digo, e não sempre .

Entre as numerosas comunicações que possuo, destacarei a seguinte, tanto mais notável quanto bem

observado. Ela me veio de Buenos-Aires, com esta carta:

Museu de História Natural, 20 de Junho, 1921.

Prezado Mestre

Os dois volumes de sua obra - A Morte e o seu Mistério despertaram a atenção do nosso grande público para os problemas psíquicos, induzindo-o a pensar no Além. Permito-me, então, comunicar-lhe um caso espontâneo e prolongado de assombramento, que poderá talvez, se chegar a tempo, ser incluído no terceiro volume.

Só ultimamente tive conhecimento dele, por uma das testemunhas, homem sério e inteligente, cuja boa fé posso abonar. Até agora, esquivou-se de tocar no assunto, temendo o ridículo. Refiro-me ao Senhor José Amadei, italiano de 37 anos de idade, que trabalha há 10 anos neste Museu, como marceneiro. Chegando da Itália, em 1903, foi morar com o irmão Amadeu Amadei, casado e residindo com a família na Vila Devoto, num arrabalde desta cidade. Compunha-se a família de 5 pessoas, isto é: sua cunhada com três meninos de 1, 3 e 5 anos, sua velha mãe e uma jovem criada de 17 anos.

Contaram-lhe que a casa tinha sido teatro de fenômenos estranhos - ruídos noturnos, etc. - no ano anterior, a ponto de provocar a intervenção da polícia, aliás inútil. Espírito forte e liberto de superstições, recusou acreditar no que lhe diziam e, contudo, teve de

render-se à evidência, constatando por, ai mesmo a realidade dos fatos, que recomeçaram com maior intensidade logo após a sua chegada. Os fenômenos ocorriam ordinariamente à noite, quando todos se deitavam e apagava-se a luz. Eram pancadas fortes nas portas e nas janelas, no âmago das paredes, nos móveis e no soalho. As portas estalavam como que as estivessem arrombando. Por fim, o Senhor Amadei quis, armado de revólver, saber o que ocorria e que supunha não passar de estúpida brincadeira. firmou a sua tocaia e nada logrou descobrir. Por vezes, atiravam as cobertas para baixo da cama e apagavam a vela, quando tentava acedê-la. O mesmo se passava em todos os quartos: roupas tiradas das gavetas e misturadas no chão, louça removida dos armários, etc. Certa feita, em pleno dia, acharam, sobre a mesa de um quarto fechado à chave, três vasos de flores e a lâmpada derrubada e artisticamente dispostos em cruz .

Impossibilitados de dormir, a moradia tornava-se intolerável e já pensavam na mudança quando alguém notou que, no meio de todo o distúrbio, o berço da criança de um ano sempre fora poupado. Daí a idéia de que tudo proviesse do avô paterno do menino, homem muito piedoso e falecido havia 29 anos, no intuito, talvez, de forçar o batizado do petiz. Isso feito, com alegria geral da família cessaram de todo e definitivamente os fenômenos, que se haviam

prolongado por dias consecutivos. Devo acrescentar que essa família nunca praticou o Espiritismo nem tinha dele a mínima noção.

Aí tem, Senhor Flammarion, o fato que julguei útil comunicar-lhe e sobre o qual me será fácil dar outros apontamentos, se assim o entender, visto que o Senhor Amadei aqui trabalha e está sempre em contacto com a família.

(Carta 4.549).

Pedro Serié Zoólogo do Museu de Buenos Aires.

O inquérito por mim promovido confirmou plenamente a realidade dos fatos. Uma carta de 24 de Agosto de 1921 contém, entre outros, um depoimento do Senhor José Amadei. Esta observação é inatacável. Certo, não faltarão leitores (um por cento, talvez) a imaginarem que o correspondente, apesar dos seus títulos científicos, não passa de engraçado farsista ou crédulo ingênuo, para ficarem com a sua convicção de fraude, entremez, ilusão, erronia, e o mais.

Deixemo-los falar. . . Sem irreverência aos pegadores contumazes, calha aqui lembrar o provérbio árabe que diz: Os cães ladram e a caravana segue. Estamos na caravana, a caminho para a terra da promissão. Força é reconhecer que tudo isso é muito estranho e inexplicável, no estado atual de nossos conhecimentos. Afirmamos, porém, ao mesmo tempo, que esses fenômenos de Buenos-Aires são, tais como

os do Calvados, Corrèze, Auvergne, Inglaterra e Portugal, etc. ; e que, para negar a realidade dos fatos reunidos neste livro é preciso desprezar a sua evidência. Vemos, também, idéias religiosas associadas a essas manifestações, indiciando raciocínio e finalidade. Entretanto, elas são variadas e muito diferentes, como vamos ver nesta narrativa que me veio do Haure com data de 12 de Janeiro de 1920.

Não passo de um pobre operário sem instrução e que melhor andaria, talvez, em se não preocupando com estas coisas. Mas a verdade é que, aos meus 12 anos de idade, presenciei em Manneville-la-Goupil, um fato sensacional e de grande repercussão na localidade. A coisa passava-se na granja de Puy-Varin, onde se ouviam, parece, insólitos barulhos e isso porque, comentavam, o proprietário não se desobrigara de umas tantas promessas de um parente recentemente falecido. Uma noite fui com meu avô - condecorado de Santa-Helena e mais o pai Votte, comandante de polícia assim alcunhado - verificar o que por lá se passava na dita granja. Lá estávamos havia duas horas sem nada ver, e, quando resolvemos retirar-nos, disse o pai Votte a meu avô: Vê lá, Torquato, a boa peça que nos pregaram... Mal acabava de o dizer e os móveis e a louça entraram a dançar em toda a casa. Era assim um como sabá de feiticeiros. O barrete de meu avô foi arremessado ao fogão, queimando-se, e eu próprio fui atirado de encontro à porta da rua. Nisso, ouvi meu

avô iracundo dizer: Tu que te mostras tão pimpão, se vens de Deus, fala. . . se do diabo, eu te esconjuro! Estes fatos, como a pouco dizia, passaram-se em Manneville e os velhos moradores ainda os têm de lembrança.

Não havia por lá encenação alguma, nem médium, nem prestidigitador e sim, apenas, simplórios campônios. Eis o que me julguei na obrigação de vos informar, ficando ao inteiro dispor, caso preciseis de mais amplos apontamentos.

(Carta 1014) .

Saturnino Tinel Haure, rua Lefevreville, 7.

Tomando informações verifiquei a fidelidade desta narrativa. Eis agora outra mais recente. Em Dezembro de- 1922, a Srta. Lasserre, proprietária em Cape, Port-Sainte-Marie, comunicou-me a ocorrência de uns tantos fenômenos na escola leiga das filhas de a propósito da inquirição que sempre faço para instrução pessoal, a missivista aconselhava que me dirigisse diretamente à Srta. X. (professora jubilada) que, com outras colegas, testemunhara o feito. Os distúrbios eram tão violentos - diz a narradora - que houveram de recorrer ao vigário de ... a fim de que as orientasse. Escrevi, portanto, à Srta. X. e aqui têm o que me respondeu, com fecho de 14 de Janeiro de 1923:

A casa em que morei 16 anos era (não sei se ainda o será hoje) mal-assombrada. Todas as noites as

minhas adjuntas eram despertadas por intensa barulhada, que eu mesma ouvia, muitas vezes. A Srta. X. atualmente diretora da Escola Carnot, em A., fazia-me ainda ontem o histórico das suas emoções. Assim que, uma noite, viu agitar-se o cortinado e divisou uma mão que crescia e o arrepanhava. Terrificada, assentou-se na cama e, como a lâmpada estivesse acesa, pôde acompanhar aquela mão em todos seus movimentos, até que desaparecesse, continuando embora o cortinado a agitar-se com violência. Outras vezes, pareceu-lhe que o guarda-roupa se abria e, levantando-se, via o molho de chaves a balançar-se. Sendo o dormitório das adjuntas sobreposto às salas de estudo, era comum ouvirem reguadas nas carteiras, parecendo-lhes que as ditas carteiras estavam sendo arrastadas e removidas. Uma noite, eu mesma ouvi grande estrondo na cozinha e tive a impressão de que a prateleira houvesse desabado e que o vasilhame se esfrangalhava no ladrilho. Quando a criada entrou de manhã em meu quarto, ordenei-lhe que fosse imediatamente ã cozinha, pois a prateleira tinha caído. Dali a pouco, voltou dizendo que tudo estava em ordem. Passado algum tempo, farta de extravagâncias, resolvi levar o caso ao Senhor Vigário, que ai prestou a benzer a casa. Todavia, os distúrbios continuaram e não tivemos remédio senão investigar por nós mesmas. Tudo resultou inútil, vale dizê-lo, pois nada encontramos que pudesse justificar aquela anomalia.

Fastidioso e longo seria enumerar aqui tudo o que observamos. Aditarei apenas que, uma noite, os vizinhos ouviram como que a descarga de uma carroça de pedras no pátio.

Eis o relato de mais uma testemunha, a quem agradecemos. O que mais nos impressiona nestes fenômenos é a sua banalidade.

Rumores inexplicáveis, como em Fougères (página 257), rachamento de lenha, abalo de paredes, pancadas numéricas respondendo a perguntas feitas, agitação de cortinas, tombamento de móveis, são coisas inexplicáveis, fenômenos objetivos e subjetivos cuja demarcação teórica se dificulta, porque não correspondem a qualquer finalidade. Que haja forças ocultas em jogo, é indubitável. Mas, que forças serão essas? Nas casas mal-assombradas, em algumas manifestações fantasmáticas, ouvem-se, às vezes, ruídos fortíssimos, golpes de marreta, bater de portas e janelas, queda e quebra de louça, e, quando se vai a verificar o resultado de tudo isso, nada se encontra demolido, depredado, removido, posto que a hipótese da ilusão alucinatória seja inadmissível, ante o conjunto das observações e constatações.

Nós tínhamos em Paris, em 1907, uma Sociedade Universal de Estudos Psíquicos, que foi convidada a compartilhar de vários inquéritos sobre o assunto aqui focalizado. Assinalemos especialmente a história de

uma casa nos arredores de Beuvry, grande povoado de 7.000 habitantes, a 8 quilômetros de Béthune:

A viagem muito demorada - dizia o relatório do engenheiro Chaplain- não nos permitiu presenciar os fenômenos, que tinham cessado alguns dias antes. Todavia pudemos vencer a desconfiança do proprietário, entrar na casa, interrogar os moradores e examinar no mobiliário os incontestáveis vestígios da violência que experimentara. Os primeiros fenômenos remontam a 3 de Janeiro. O Senhor Senechal, que tem um pequeno armarinho, mora com sua mulher, já idosa e completamente inválida, em conseqüência de uma velha paralisia, e de uma rapariga dos seus 15 anos, que faz o serviço doméstico.

A partir daquela data, os móveis entraram a saracotear de maneira incrível. Cadeiras a voarem de um compartimento para outro, a espatifarem-se no assoalho ou contra paredes, vasos e utensílios a caírem, em cacos; na loja, o balcão virou de pernas para o ar, caixas de sabonete voavam de um lado para outro, sapatas vazios galgavam escadas, um prato de carne saiu do forno e foi reposto no lugar, fez a mesma trajetória e dessa vez quebrou-se mesmo. Tudo isso ai passava durante o dia e cessava ao cair a noite, Os fenômenos explodiam sempre no cômodo em que estivesse a criada, e nunca em sua ausência. Tendo ela solicitado férias de alguns dias, a casa entrou em

repouso; mas, logo que regressou, reincidiram os fenômenos.

Outra nota típica é que ninguém pôde ver o movimento dos objetos: ouviam, sim, o barulho pelas costas, e quando se voltavam o fato estava consumado. A própria criadita nunca viu tais movimentos e o casal Senechal também não Ihe notou, nela criadita, qualquer preocupação, gesto ou atitude irregular, preenchendo calmamente as suas funções. Dias antes de nossa chegada, foi ela despedida e, daí por diante, nada mais se produzira. Fizemos o possível por encontrar essa rapariga e não o conseguimos, pois o casal Senechal, muito aborrecido com os sucessos, negou-se peremptoriamente a informar o endereço da ex-criada.

Paulo Chapiai-n, engenheiro.

E' muito natural que tenham acusado a criada. O leitor, porém, sabe, pelos exemplos aqui lidos, que ela não era responsável.

Eis agora o resultado do inquérito a respeito de outra casa, feito igualmente por iniciativa da mesma Sociedade:

Tendo os jornais do Norte publicado um artigo sobre uma casa mal-assombrada, em Douai vara lá nos dirigimos - no domingo, 13 de Janeiro, a fim de conhecer o fato.

A casa em apreço e a de nª 19 na rua das escolas.Esteve desocupada algum tempo e agora a meses e tem como inquilino o Sr. D. (Funcionário Postal) com a família composta de mulher, cinco filhos e mais uma criada com 17 anos. Os fatos me chamaram a atenção para casa são os seguintes. Havia uns 15 dias que a Sra. D. ouvia baterem a porta freqüentemente e lá verificando nada encontrava. A principio pensou tratar de alguma brincadeira mas não tardou que os toques da campainha se intensificaram e a ponto de alarmar toda a casa. Diante de toda a família aturdida, a campainha tilintava forte, e o cordel e o pegador se agitavam com os mesmos movimentos. Todo o quarteirão acorreu e mais de trezentas pessoas puderam constatar o fenômeno.

A polícia, avisada a tempo, pôs-se em campo, mas nada adiantou. Ou melhor, adiantou que, ao fim de três dias, mesmo nas barbas de um agente, a campainha se destacou da parede, num toque final e despedaçou-se no solo. Estes os episódios publicados pelos jornais. Chegando fomos primeiramente ao comissariado central da polícia e lá obtivemos a confirmação dos fatos, mas a autoridade pública declarou que não pudera descobrir-lhes a origem. Fomos então ao 19, mas lá esbarramos com o decreto formal da família D., resolvida a tudo calar e a ninguém receber.

Apesar de muito insistirmos, nada obtivemos. Nos rápidos instantes de nossa entrevista com a Senhora D.

pudemos lançar uma olhadela à famosa campainha E' um artigo dos mais simples, acionado pelo cordel pendente da porta, do lado da rua, (Eles se limitaram a substituir a campainha quebrada) . Ficamos, assim, reduzidos a interrogar a vizinhança, tendo conversado com diversas testemunhas de vista e de outiva. Todos afirmaram, unânimes, a realidade e grande intensidade dos fenômenos: a campainha não timbrava simplesmente, mas repicava, floreava, e o cordão se repuxava como se alguém o manobrasse. Uma vizinha de parede-meia, deu-nos apontamentos preciosos. Ouviu, por vezes, os gritos de pavor da Senhora D., e, sempre que lá acudira, verificou que a campainha tocava por si mesma. Dias houve em que a ouviu tocar de cinco maneiras diferentes, enquanto o cordão se agitava loucamente. De outra feita, enquanto conversava com a Sra . D . , à porta de sua casa, referiu-se campainha e esta tilintou imediatamente. Este fato se deu mais de uma vez. Dir-se-ia que a campainha zombava de mim comentava a senhora. A sua opinião era a de todos os vizinhos, isto é: que o bruxedo estava na criada.

O padre, chamado a benzer a casa, limitou-se a aconselhar, a substituição da campainha, O construtor da casa fez um exame em regra, examinou particularmente a campainha e assegurou a inexistência de qualquer artifício que pudesse acioná-la, intra et extra muros. Nada mais restando a fazer, a,

polícia organizou um serviço de vigilância e. . . nada! Uma noite, novo alarme sugeriu o chamado do serralheiro no dia seguinte, mas, justamente nesse dia, verificou-se o ultimo toque com a queda e quebra da campana, que, substituída, não mais timbrou. Nem por isso, digam-se, os pobres inquilinos ficaram tranqüilos, pois começaram a ouvir passadas fortes por toda a casa, lâmpadas a se apagarem, a criada lobrigando vultos na escada e nos quartos. Tais alucinações reincidiam amiúde. Também os móveis mudavam de lugar, um berço foi depredado, colchões atirados no chão e as roupas de cama cuidadosamente dobradas e arrumadas nos cantos do aposento. Essa a situação, quando procedíamos ao nosso inquérito. Mais tarde nos disseram que tudo cessara com o afastamento da criada. A bem da verdade, cumpre aditar aqui uma circunstância bem curiosa, qual a de se haver retirado a rapariga em companhia do pai, que, gozando fama de feiticeiro, fez, antes de partir, um trabalho para afastar os maus espíritos . E' uma coincidência que merece notada, posto que a hipótese de conchavo entre pai e filha nos pareça improvável .

Lille, 3 de Fevereiro de 1907

Dhuique, químico.

Vemos, assim, que são sempre as mesmas banalidades: ruídos, movimentos de móveis, toques de campainha . Apesar da fama de feiticeiro, não vemos

como inferir sua conivência com a filha, desde que a campainha operava autonômica e espontaneamente. Conforme temos dito, as observações verificadas com as melhores garantias de autenticidade são tão numerosas quão variadas, e difícil nos é restringir a coleção instrutiva que temos organizado. A respectiva documentação desta obra é considerável. Devo-a, em parte, aos meus correspondentes, ansiosos como eu mesmo por chegar ao conhecimento da verdade, e que se deram ao trabalho de me transmitir suas observações pessoais, ou o resultado de suas pesquisas . Corre-me o dever de citar aqui, particularmente, o Senhor Mário Guillot, de Nice, erudito bibliotecário da Sociedade de Estudos Psíquicos da referida cidade, e que, só ele, me forneceu um contingente de 140 casos criteriosamente escolhidos. Bem a meu pesar, não posso publicar senão uma parte mínima desses documentos que valem, só por si, uma verdadeira biblioteca. O número desses depoimentos é tanto mais digno de atenção, quanto - abstração feita de erros, ilusões e mesmo farsas - devemos levar em conta a mediania da mentalidade humana, sua subserviência mental, timidez e covardia. Na comprovação dos fenômenos de assombramento só nos embaraça, repetimos, a escolha. Vejamos mais este. Paris-Journal, de 6 de Abril de 1910, publicou uma correspondência de Saint-NicoIas-du-Port, perto de Nancy, da qual extraímos o seguinte:

A criada do atual proprietário do bazar parisiense, guapa camponesa de suas dezoito primaveras, estava lavando roupa no tanque do pátio, quando lhe caiu aos pés um pedaço de pão. Na terça-feira imediata, quando Germana Maria - assim se chamava a lavadeira - preparava a sua barrela semanal, a coisa foi mais expressiva, visto que um grande prego zuniu no ar, varou-lhe a manga esquerda da camiseta e foi alojar-se-lhe na dobra do avental. Refratária a crendices, concluiu que seria tudo um truque de vizinhos. A hora do jantar, desceu à adega e remontou com a garrafa de vinho, na forma do costume, mas, eis que grande calhau lhe quebrou- nas mãos. A zombaria passava, assim, dos limites toleráveis e Germana, começou a gritar. A resposta não lhe tardou: ouviu tinido de ferros e foi uma verdadeira chuva de projeteis diversos, por cima do muro, tais como pedras, sarrafos, pregos, ganchos, etc... Dois dias correram, evitando a criada, quanto possível, entrar no malsinado pátio. procurou desobrigar-se da sua tarefa no quintal vizinho e nova saraivada rompeu logo que lá chegou . Pregos, ganchos, calhaus foram, dessa vez, atingir as janelas cujas vidraças ficaram em cacos.

A partir dessa sexta-feira, o bombardeio cresceu, todas as noites, com pontualidade infalível e chegando a atingir a própria loja. O carpinteiro Fournier estava a experimentar um gorro quando longo prego lho perfurou entre as mãos. O que só restava a fazer era

entregar o caso à polícia e foi o que fizeram. O comissário do distrito, Senhor Michelet, entrou em sindicâncias e chegou à. presunção de haver descoberto a misteriosa saraivada. Em seu relatório responsabiliza simplesmente a rapariga, de quem, afirma, obtivera a confissão.

Aqui temos um exemplo pitoresco dos erros freqüentemente cometidos no estudo destes assuntos . Não é raro que um médium intermita, alguma coisa de sua inteligência nas suas faculdades reais. Fase enxerto não anula, entretanto, a realidade das ditas faculdades. Isso o verifiquei eu mesmo, com Eusápia, Srta. Huet, etc. ; como se poderá ver em As Forças Naturais Desconhecidas. A Sociedade de Estudos Psíquicos de Nancy publicou a este respeito magnífico parecer do Dr. Boucher, que reduz esse caso de Saint-Nicolas-du-Port ás suas verdadeiras proporções e merecimento.

O que me impressionou desde logo - o escreve - foi a forma por que passavam os projeteis, varando os alvos de madeira e de papelão, dispostos pelo comissário. O orifício era nítido, mais ou menos redondo, apenas raiado nas bordas quase sem estilhas, por comprovar que a força projetiva era de alta ,potência. Viam-se, assim, dois grandes pregos encravados num vidro e os estilhaços deste enterrados na parede. Para explicar estes fatos pelos meios comuns, é forçoso admitir o concurso de instrumentos especiais : tiradeiras, bodoques, aríetes, etc. Essa

hipótese não teria escapado, cento, às autoridades competentes. Houveram, porém, de as desprezar,Ide vez que se tornariam praticamente impossíveis. De fato, ninguém arremessa pregos e pedras sus punhados, ou a granel, servindo-se de fundas, bodoques, etc. E ao demais, nada disso foi lá encontrado nas rigorosas buscas e perquirições minuciosas.

Tendo em vista os estragos e calculando a potencia dos projeteis arremessados, uma e outros muitíssimo superiores à capacidade humana, pessoal, tratei de examinar os respectivos moradores da casa e devo declarar que não me foi preciso fazer demoradas investigações para descobrir o intermediário involuntário dos fenômenos: - era a jovem criada de 20 anos, com todos os sintomas de desequilíbrio nervoso, que são o apanágio dos bons médiuns. Muitíssimo impressionável, acontecia-lhe - e isso desde criança - parar de súbito, ficar como que hipnotizada, privada de visão e audição. Despertavam-na com aspersões de água fria. Isso me levou a denunciar sem vacilação, ao comissário e aos patrões, como sendo a causadora inconsciente e irresponsável dos distúrbios, e isso a despeito dos protestos gerais, de vez que o primeiro tinha suas vistas sobre um determinado individuo, e os segundos, tendo em conta os bons serviços da criada, não admitiam fosse capaz de semelhantes feitos. Todavia, impressionado com a firmeza dos meus

assertos, o magistrado não hesitou em prender s rapariga, logo que me ausentei. Confessando ter jogado, ela mesma, algumas pedras nas vidraças, negou, contudo, que houvesse quebrado mais que duas e afirmou, quanto às demais, que tudo se passara como costumava dizer, isto é, que via arremessarem as , -dras, mas nunca pode saber de onde provinham. Naturalmente, esta última parte do depoimento não foi tomada em consideração, e, para tranqüilidade geral, a pobre rapariga foi considerada autora única, consciente e responsável por todos os danos e prejuízos.

O Dr. Boucher tem absoluta razão. Esses laudos errôneos, condenando agentes irresponsáveis, são frutos da ignorância dos juízes, no concernente a assentos de psicologia. Uma herdade de Pleiber-Christ, na Bretanha, deu muito que falar, em 1909.

Em Le Matin de 1: de Março desse ano, lê-se o artigo depois reproduzido nos Annales . Esta casa bretã é típica no gênero, com o seu enredo enxertado de visões imaginárias, sobre o fundo psíquico aqui estudado. Este episódio é de 1909. Quatro anos depois, nesse mesmo distrito de Finisterre e cantão de Saint-Thegonnec, mas noutra herdade da comuna de Plouniour-Menez, verificaram-se fenômenos análogos, que muito impressionaram o público.

A Via Mysterieuse de 10 de Abril de 1913 publicou longo relatório a respeito, firmado por Jean

Mettois, que lá passou um dia e uma noite. Desse relatório respigo o seguinte:

No pátio, quando entramos, as galinhas mariscavam airosamente, indiferentes à tragédia. do ambiente, e até os cavalos pareciam dar-nos as boas vindas, relinchando... E' tudo calmaria e paz. A buzina do auto fonfonou repetidamente, roncava o motor. Nada, ninguém se move! Dir-se-ia estarmos não na granja do diabo e sim da Bela adormecida dos bosques. Nossa algazarra a ninguém perturbou, nem mesmo aos animais.

Batemos, então, na parta e nada de resposta. Entramos na clássica peça de todas as casas bretãs, com o grande fogão de onde pende a grelha, a mesa enorme a atravancar o espaço.

A essa mesa, assentada com a cabeça entre as mãos, uma mulher cinquentona. Com a nossa entrada, parece despertar de um sonho e diz em bretão: - bom dia. E a proprietária da granja. Meu amigo fala o bretão como verdadeiro celta e apressa-se a explicar o motivo da visita. Desejávamos apontamentos sobre os fenômenos correntes.

- Louvado seja Deus, se conseguirdes acabar com eles de uma vez. Será possível? Bons feiticeiros os senhores?

Atribuía-nos, assim, poderes que não temos . Nada obstante, para conseguir o objetivo, afirmamos, com

toda a galhardia de repórter, que talvez fosse possível acabar com o malefícios.

- Diga-nos por favor o que se passa...

- Ah! meu caro senhor, os rebanhos morrem, as plantações definham. Se aqui passásseis uma noite, morreríeis talvez de medo. A barulheira noturna não nos deixa pregar olho. Ali, vede .. . - e apontava para a chaminé - as pedras chovem uma por uma, com fragor terrível. Dir-se-ia que o trovão se concentra nessa chaminé. Quando se aproxima a meia-noite, vemos deslizar formas brancas arrastando pesados fardos; as portas fechadas à chave abrem-se por si mesmas; os cavalos entram a correr no pátio, as vacas mugem como que terrificadas. E' de enlouquecer!

E invocando as cenas de todas as noites, a locutora empalidece, os traços fisionômicos se lhe alteram, dá-nos a faces do terror.

A visitante conversa no seu calão com o rendeiro, corte a mulher, com os filhos, e chega a compreender através dos kr, kr e brusk, que se trata de uma terra cujo aluguel pagavam ao pároco e passaram a pagar ao Estado, após a separação da Igreja; e mais que o falecido proprietário estava descontente, por lhe faltarem à promessa de missas, etc.

Por toda à parte, prossegue o narrador, encontro à superstição, uma crença nas velhas práticas da feitiçaria. Nenhuma explicação plausível e conforme com as nossas teorias psíquicas se vislumbra no

conceito dos meus interlocutores. Dois ou três campônios falam um francês compreensível e a cada passo lhes ouvimos a palavra demônio. Sobre isso, não haja dúvidas: todas as manifestações, venham dos parentes ou dos gênios da região, são obras diabólicas,. Convidaram-me a jantar... Sopa de legumes, belha talhada de toucinho, coelho ensopado, ameixas, cidra. Às 8 horas a mãezinha dia a prece - agora é latim, um latim em que os ous, de acordo com as instruções papalìnas, substituem os us. Depois, oferecem-me um colchão e travesseiro arrumados a um canto da sala. Isto posto, cada qual se precipita no leito, preparando-se para dormir, se for possível... No quarto, onde arde uma lamparina de azeite, ninguém pernoita. O rendeiro diz-me qualquer coisa em bretão, que eu não chego a compreender. Estirei-me no colchão e confesso que, apesar da sua dureza, ali assim no chão liso, não tardei em adormecer,

Súbito, desperto com os gemidos dos hospedeiros. Então, ouvi pancadas furiosas, como se alguém, a marretadas, estivesse arrombando a porta. Levantei. A coisa vinha ali do lado do fogão; parecia-me que tentavam arrebentá-lo. Saí, avistei uma escada no pátio e, encostando-a no muro e nela une encarapitando, disposto a desmascarar qualquer mistificação. Nada! No telhado, agarrado à chaminé, lancei os olhos em torno da casa. A calma, o silêncio eram absolutos, mas a verdade é que no meu observatório continuava

ouvindo as pancadas na parede. 2 horas da manhã... Voltei à sala. Veja o rendeiro e sua mãe assentados na, cama, sempre a gemer. Até às 2 h. 22 m., precisamente, as pancadas se repetem com intervalos regulares, depois cessam de chofre e não renovam até pela manhã. Eis o que vi, ou melhor ouvi, pois a verdade é que não lobriguei nenhum fantasma dos que, dizem, atravessam o quarto para promover malefícios

Isso que ouvi, porém, é assaz perturbador para permitir que acreditemos no testemunho do Senhor Croguennec e em manifestações outras, porventura mais terríveis. Não quero tirar conclusões. Aos mais competentes e experientes no assunto é que compete julgar esta narrativa, cujo único valor está na sua absoluta sinceridade.

Jean Mettois.

A hipótese que primeiro nos ocorre, isto é, a alucinação coletiva, em absoluto não cabe aqui. Estas manifestações, insistimos, apresentam na sua estranha banalidade os mais variados aspectos.

Detenhamo-nos ainda na que vai a seguir e que me foi comunicada em Setembro de 1920. Ela nos lembra, desde as primeiras linhas, a fantasmagoria da casa do ourives de Estrasburgo, diferindo tão só na circunstância de indiciar algo de intencionalidade (no seguinte capítulo teremos ocasião de fazer uma

classificação característica, tal como requer o assunto) . Eis a narrativa na integra, deste caso especial:

Os fatos são de 1865. Meu pai era ateu, republicano, livre pensador. Eu era criança ainda. Morávamos então em Moravamos, perto de Amboise, numa casinha muito asseada e quase elegante, na qual minha mãe estabelecera pequena mercearia, enquanto meu pai trabalhava de ferrador. Saudável, frondeur, expansivo e loquaz, não se lhe dava de ridiculizar os beatos de qualquer devoção, e maiormente quantos, sempre numerosos no campo, acreditam em feitiços, milagres e leituras da buena dicha . Um dia, ou melhor, uma noite, dormindo o bom sono dos que mourejam de sol a sol, meu pai foi despertado com o estranho barulho que se fazia na escada. Há Esse tempo tinha meu pai um ajudante chamado Angevin. A camaradagem florescia nesta bela época e cada operário reivindicava para si o nome de sua província ou aldeia natal. Logo aos primeiros rumores, meu pai percorreu a escada, foi ao sótão e, nada encontrando, voltou a deitar-se. O barulho recomeçou mais forte. Meu pai levantou-se novamente e foi bater à porta, do ajudante, que dormia no primeiro andar.

- Estás dormindo, Angevin?

- Não, meu patrão: essa barulheira infernal me endoidece e até já calcei a porta, a ver no que param as modas.

- Se Vista, poltrão, vamos visitar o sótão.

- Já lá fui, meu patrão, e nada encontrei. . .

- Não importa, vamos agora os dois.

Lá chegados, os dois homens se entreolharam desconcertados.

- Que diabo pode fazer esse barulho, Angevin?

- Sei lá, meu patrão . . . (e os dentes lhe rilhavam) .

- Eu também não . Desçamos . . .

O barulho só terminou às 3 horas da manhã. Nesse dia ouviram a forja a trabalhar mais cedo. Antes do amanhecer, a oficina reboava aos golpes do martelo e da bigorna esbraseada e os vizinhos comentavam : o ferrador madrugou . Na noite seguinte, a mesma coisa . O livre pensador começava a inquietar-se.

Angevin, aterrorizado, ao quarto dia, de capa ao ombro e mala na mão, abordou meu pai

- Vou-me embora porque, se aqui ficar mais um dia, enlouqueço; ainda se tratasse de alguém que a gente pudesse enfrentar. . , Mas assim, não. Desculpe-me, não posso ficar.

Depois de esvaziarem uma garrafa de vinho, em despedida, apertaram-se as mãos.

Angevin mostrava-se entristecido, confuso, e meu pai taciturno e preocupado. E a primeira vez que recuo foram às últimas palavras do operário, a quem meu pai acompanhou de vista, até que desaparecesse na fileira de choupos que margina a estrada de Mosnes a Amboise. Ainda assim, o pandemônio aumentava lá

por casa. Os agentes invisíveis revelavam-se dia a dia mais audaciosos e ativos; tomaram conta do quarto de meus pais, onde estalidavam móveis, dançava a louça, obrigando os velhos a saltarem da cama. Muitas rezes, lá molhei a camisa - costumava repetir meu pai quando narrava o fato, ilustrando-o com os gracejos comuna nos homens do seu ofício. Que lhe competia fazer? Continuaria a chasquear dos que acreditam em adivinhos e dos que acendem velas a Virgem e aos santos ?

- Sobretudo, oh! bom Deus, nada contes a ninguém - recomendava à minha mãe - para que não se riam a minha custa. Em Amboise havia feiras mensais e ele lá foi para se distrair.. Encontrou amigos dos povoados vizinhos e com eles almoçou. O que guardava em sigilo para os conterrâneos, temeroso do ridículo, contou-o aos outros. A sobremesa, cada qual se saia com a sua história, mais ou menos chula e ele, como para aliviar-se, desfechou a sua, mais ou menos macabra. A gargalhada foi geral, todos se dispunham à zombaria, quando um dos ferreiros tomou a palavra e disse:

- Não há que rir, amigos, do que diz o Bourdain. Essa coisa é mais séria do que vocês imaginam; aqui ninguém melhor do que eu pode dizé-lo e vou dizer: Caro amigo, tem defuntos em casa, defuntos que voltam e com os quais, não se espantem, já se encontrou meios de conversar.

E desdobrou uma lição de Espiritismo, que interessou a meu pai. Curioso, procurou assistir às experiências de um vizinho e, convencido, confessou-se à minha mãe, que lhe objetava

- Mas tu dizias que era tudo patarata e que os mortos não voltam, como dizem também os padres...

- Os padres nada sabem a respeito. Que há mortos que voltam, não resta dúvida. O que não há mesmo, é paraíso nem inferno. Mas parece que também há um Deus, o que por enquanto não afirmo, senão que o acho mais admirável, pela maneira como o explicam.

Nas sessões espíritas, responderam-lhe que os distúrbios de nossa casa tinham a significação de esforços do mundo invisível para atrair à atenção dos homens para os problemas do além-túmulo; que, descarte, ai comprova a sobrevivência da alma e que nosso caso, em não ser isolado, visava converter meu pai e convencer-me a mim, que já contava 12 anos, das verdades espiritualistas. Asseguraram que, atingido o desideratum, tudo cessaria. De fato, os fenômenos foram diminuindo até desaparecerem de todo. Lembro-me do que nos disseram em uma sessão: As forças imponentes e necessárias à produção dos fenômenos estão agora dissociadas e ficareis inteiramente tranqüilos. Pois bem,! suponho que meu pai, reduzido a contentar-se com o que via nas sessões - fenômenos muitas vezes difíceis de discernir, para saber o que provém realmente dos mortos e o que procede da

sugestão ou da auto-sugestão - chegou a ter saudades da infernal sarabanda que no começo lhe causara, e à minha mãe, tantos aborrecimentos e temores .

Edmundo Baurdain.

Este simples, curioso e veraz testemunho, aqui o transcrevemos indene de qualquer alteração. E difícil negar, nestas como em muitas outras manifestações estranhas, a atuação de uma inteligência invisível.

Teria havido em tudo isso qualquer intenção, do ponto de vista espírita? Essa é outra questão. Tantas são as manifestações chegadas ao nosso conhecimento, que é impossível expô-las todas. Não silenciaremos, todavia, as de Valente-en-Brie, que tanta celeuma causaram em 1896. Meu malogrado amigo Dr. Encausse (Papás), que, por mais de 20 anos, especializou-se no estudo da Magia, da Cabala, da Feitiçaria, forneceu-me notável relatório deste caso, não menos surpreendente e verídico que os anteriores. Eis a carta abreviada que ele me endereçou:

Muito interessantes, para os ocultistas, estes fenômenos de Valente-en-Brie. Uma casa até então tranqüila, dessa aldeia de 700 habitantes, e na qual reside uma senhora enferma em companhia de dois filhos e duas criadas, tornou-se o foco dos fenômenos perturbadores. A casa é própria do Senhor Lebègue, e sua mulher mantém de cama, combalida por tantas emoções.

1.° Antes de tudo, uma voz grossa e forte a proferir pesadas injúrias, ouvida por uma das criadas, no porão. Essa voz produz tal algazarra que atrai logo doze vizinhos, os quais constatam o fato.

2.° Nos dias imediatos a voz continua, estende-se por toda a casa, podendo ser ouvida no porão, no vestíbulo, na cozinha e em todos os compartimentos do 1.° andar. Ela parece sair do solo, mas o timbre é tão agudo e repercute simultaneamente em tantos pontos diversos que não se pode admitir fraude.

3.° Grandes tábuas, bem como um tonel, têm sido removidos do porão; móveis derrubados nos quartos vazios e utensílios desarrumados por toda parte .

4.° Para coroar a obra, a partir do décimo quarto dia, os ladrilhos começaram a voar um por um, estilhaçados á plena luz, isto é, 4 horas da tarde, à vista dos moradores espavoridos.

Em sua mor parte os fatos ocorreram enquanto o dono da casa se encontrava em Paris, de sorte que não se lhe pode atribuir qualquer participação em todo esse negócio.

À noite as criadas se despediram, foram-se e tudo prosseguiu como se lá estivessem, o que vale por dizer que nenhuma interferência lhes cabia nos fenômenos. Estes prosseguiram g revelia da providência. Resolveram, então, remover a própria enferma para outra casa e os fenômenos com ela se transferiram. O leito foi revolvido e até tombado. Mais

de cinquenta pessoas idôneas presentearam esses fatos e os reafirmaram perante as autoridades.

Que fenômenos serão esses? Farsa de mau gosto, como acontece tantas vezes? Teremos uma simples criada a zombar de toda uma aldeia com história de defuntos? Penso que não e vou dizer porquê: - Os fenômenos fraudulentos ocorrem comumente à noite e sempre no mesmo local. Cessam com o afastamento do seu promotor. Aqui, vemo-los dia e noite, após o afastamento de todos os membros da família. Seria preciso, pois, admitir uma cumplicidade coletiva, que, ainda assim,,mal explicando alguns efeitos físicos mais grosseiros, jamais explicaria as vozes e esses deslocamentos instantâneos. Ao demais, temos a quebra de um espelho, por tal maneira que não poderia dar-se artificialmente. Trata-se de um orifício circular muito perfeito, com uma convexidade entre a madeira e a abertura, a indicar que a operação partiu de dentro para fora, como no caso de uma descarga elétrica. Os ingênuos que pretendem tudo explicar, não deixaram de dizer: o ventríloquo está oculto em qualquer parte. Mas, basta estudar a ventríloqua para ver o absurdo, pois é impossível promover fenômenos que tais no fundo do porão, e, se de fato alguma pessoa da casa possuísse essa arte, Aa ditos fenômenos teriam cessado com o seu afastamento. Enfim, o locatário não deixou de proceder a pesquisas rigorosas nesse porão, fazendo até escavações para certificar-se da

inexistência de fios e dispositivos quaisquer em comunicação com os pavimentos superiores. Todos os vizinhos inquiridos, crédulos ou não, afirmam a realidade das vozes. Pessoas honestas, incapazes de mentir; pessoas idosas, insuscetíveis por índole, como pela madureza dos anos, de alucinarem-se ou deixarem-se sugestionar, atestam que ouviram essas vozes.

O Senhor Hainot, prefeito de Valente e o professor estão nesse número, bem como o vigário, que se recusa, aliás, a estimar nestes fenômenos uma influência diabólica. A garotinha (criadinha) não manifesta receio de tal hóspede, posto com ela que principiaram os fenômenos, apagando a vela quando lá fora buscar o carvão. Este o prelúdio de tais supostas intrujices, que - e esta a nota dolorosa - acabrunham uma pobre velha paralítica. O auditório esta prevenido : indaga; será desta vez como sempre, para seu castigo .

Dr . Encousse (Papus) .

Este caso de Valence-en-Brie não se nos figura mais impressionante que os precedentes . Essa voz misteriosa, temo-Ia, por assim dizer, ouvido noutros tópicos destas mesmas páginas . Conhecemos, igualmente, esses deslocamentos de móveis, quebra de vidraças, etc. Tudo isso quer dizer movimento de forças ignoradas. Meus leitores estão disso inteirados.

Não teriam porventura anotado, antes desta obra, em A Morte e o seu Mistério (páginas 91-94) um caso singular que facultou a descoberta de um furto cometido por uma criada? Há pouco, dizíamos que recebemos grande número de comunicações de todos os países. Só a cidade de Turim apresenta copioso contingente. Eis, entre outras, a curiosa manifestação publicada pelo Senhor de Vesme na Revista de Estudos Psíquicos, em 1901.

La Stampa, jornal italiano dos mais importantes, publicava em 10 de Maio o seguinte artigo. Estranho fato ocorreu ontem num pequeno alojamento de duas mansardas, habitado há muito por um tal Juvenal Menardi e sua família, no caminho do Valdocco, n. 6. As 5 da tarde, o dito Juvenal surpreendeu alguns móveis a balouçarem-se e logo a seguir panelas e utensílios de cozinha, lá dependurados, rolaram por terra fragorosamente.

Fácil de imaginar o espanto daquela boa gente. Depois do alarme ã vizinhança, Menardi se lembrou que, naquele mesmo edifício, no 1.° andar, está instalado o comissariado de polícia do quarteirão Montcenis. Desceu a escada desabalado e dirigiu-se aos agentes, requisitando-lhes providenciais. Um agente subiu presto e pode constatar, não só o reboliço e destroço dos utensílios, como ver um ferro de engomar desprender-se da chaminé e rolar no assoalho. Dizem mesmo que, instantes depois, uma

bilha de leite se derramou, tombada por si mesma. Todo mundo perguntava se os alicerces da casa estariam firmes.

Enquanto discutiam, a notícia correu célere e o local se encheu de curiosos, ávidos de assistir ao espetáculo. Mas o Senhor Menardi e família, já assaz impressionados, não estiveram pelos fecharam a casa e todos se retiraram. No dia seguinte o jornal voltava ao assunto. Ontem à tarde visitamos a casa do Valdocco, no intuito de assistir, se possível, aos apregoados fenômenos. O alojamento do Senhor Menardi é no 3.° andar e, quando lá chegamos, não encontramos ninguém da família. Entretanto, ao retirar-se, a Senhora Menardi confiara a chave ao porteiro Adolfo Schiappa, a fim de facultar a entrada aos visitantes. Tivemos, assim, ocasião de ver que o assoalho de ambos os quartos está coalhado de cacos de louça e de garrafas. Enquanto examinávamos os destroços, chegou uma boa velhinha, a Senhora Francesetti, carregando ao colo o último filho do casal Menardi, aliás um belo pimpolho de 6 meses apenas. A Senhora Francesetti tinha presenciado os primeiros distúrbios e aqui oferecemos só leitor o que ela nos contou:

Eu estava assentada ali assim, junto da janela, e preparava-me para costurar. Todos os pequenos me rodeavam, porque sua mamã tinha saído para comprar leite. De repente - seriam 4 1/2 horas mais ou menos - vi tombar o velador. A primeira idéia que me veio foi

a do vento. Reergui a mesinha e pus-me a trabalhar. Um instante, o velador torna a cair e de novo o aprumo. Mas, a coisa repetiu-se várias vezes... Impacientada, mas sempre convicta de que tudo fosse causado por alguma corrente de ar, transportei o velador para outro canto do quarto, onde ele não mais tombou. Somente, dali a pouco, com grande espanto ouvi cair um vaso de porcelana que estava em cima do fogão e que ficou em frangalhos. Levantei-me logo para ver o que havia, mas, eis que uma garrafa também se estilhaçou no assoalho. Diversos vizinhos acudiram, entre eles o porteiro Schiappa e o agente de policia Andreis. A Senhora Menardi mandou chamar logo o marido e também um padre. O vigário Valimberto, da paróquia de Gormine, não tardou em Chegar. O que com ele se passou nos foi contado pela vizinha Kreifemberg. Quando o padre chegou, achávamo-nos eu e outras pessoas no apartamento dos Menardi. Ele benzia os dois quartos e nós, genuflexos, acompanhávamos-lhe as preces, Algumas mulheres empunhavam galhos de oliveira, desses que se distribuem no domingo de Ramos. Ao terminar a aspersão, o sacerdote colocou o copo dágua benta em cima da mesa, onde estava também uma pequena imagem da Virgem e eis que, de repente, a imagem cai ao chão, espatifando-se e o copo não tardou a imitá-la. Daí por diante o vandalismo não mais deu tréguas . Em toda a casa, de tudo o que era vidro apenas um

espelho e uma garrafa ficaram incólumes. Tudo mais era caco, inclusive o lampião de querosene. Ocioso acrescentar que de outra coisa não ai fala em toda a cidade. Essa pobre família ficou em situação assaz precária. A Senhora Menardi, criatura robusta e sadia, mostra-se enervada e chora a cada instante; as crianças, principalmente a mais velha, estão apavoradas. Finalmente, no dia 14 de Maio, o jornal insere esta nota: O Duque dos Abruzzos veio visitar a casa e esteve uns dez minutos a interrogar uns e outros sobre os pormenores do feito, sobretudo as testemunhas oculares. Deu, assim, mais uma prova do seu amor à Ciência, a essa ciência que o levou aos cumes do Monte Santo-Elias e aos gelos do pólo ártico.

Resumindo: como sempre acontece, houve grande alarido, toda a gente falou, comentou, procurou, mas nada descobriu e muito menos explicou. Outra casa da mesma cidade provocou especial sindicância do professor Lombroso, que assim se expressa:

Em Novembro de 1900 ouvi falar de movimentos singulares, inexplicáveis, na casa n. 6 da rua Bava, no porão que o taverneiro, ali residente, Senhor Fumero, destinava exclusivamente para depósito de garrafas , Dizia-se que sempre que lá entrava alguém, as garrafas, vazias ou cheias estalavam, graças aos tais agentes ocultos. O padre chamado a benzer o local, nada adiantou.

A policia acorreu a seu turno e... nada concluiu, dizendo, contudo e à socapa, ao pobre do Fumero, que era preciso acabar com aquilo. Assim, quando lá me apresentei sem declinar meu nome, no dia 21 de Novembro, fiquei muito surpreso quando me disseram que os fatos ai haviam dado realmente, mas depois da visita do professor Lombroso nada mais ocorrera, graças a Deus. Muito intrigado com essa declaração, de vez que jamais pusera ali os pés, dei-me a conhecer, no pressuposto de haver alguém abusado do meu nome para quaisquer fins que me cumpria averiguar depois . O casal Fumero confessou-me então, que, tendo ouvido dizer que eu deveria visitar a casa, ocorreu-lhes aquele recurso de afirmar que a minha presença afugentara os espíritos! Destarte, libertavam-se das impertinências estúpidas da policia. E desculpavam-se acrescentando que não havia maldade em me atribuírem poderes de Grande Exorcista.

A seguir afirmaram que os fenômenos prosseguiam, infelizmente, e talvez pudesse constatamos com os meus próprios olhos, ai quisesse dar-me ao incomodo de descer ao porão. Anuí com prazer e penetrei no porão completamente escuro. Ouvi logo o fragor de vidros quebrados e garrafas Colando-me aos pés. As garrafas estavam arrumadas em cinco prateleiras superpostas. No centro havia uma mesa rústica e nela mandei colocar seis velas acesas, supondo que os fenômenos cessassem por efeitos de

maior claridade. Verificou ao contrário; vi três garrafas vazias, colocadas no chão, tombarem e rolarem como impelidas a ponta-pé, até quebrarem-se debaixo da mesa. Para obviar qualquer truque possível, eu examinava à luz da veia todas as garrafas cheias, nas prateleiras e me certificava de não haver fios nem artifícios que pudessem promover aqueles movimentos. Ao fim de alguns minutos, duas primeiro, depois quatro e s seguir mais duas garrafas se destacaram da segunda e terceira prateleira tombando ao solo suavemente, como depositadas por alguém. E depois de assim arriadas cautelosamente, seis rebentaram e apenas duas ficaram intactas. Quinze minutos depois, três garrafas mais caíram da primeira prateleira,, quebrando-se. Ao retirar-me, ainda ouvi o fragor de mais uma garrafa quebrada.

Dentre os observadores destes fenômenos, citarei apenas o Senhor Pedro Merini, cujo depoimento datado de 9 de Janeiro de 1901, completa o meu: Lá no porão - diz ele – em companhia doutas pessoas, vi quebrarem-se garrafas, sem causa aparente. Propus lá permanecer sozinho para melhor observar, e, quando todos se retiraram, tranquei-me no porão. Os companheiros postaram-se no extremo do corredor, onde começa a escada para o pavimento superior. Meu primeiro Cuidado foi certificar-me, vela em punho, que estava realmente só . Coisa fácil, alias, porque o porão não é espaçoso e não permitia lá se escondesse

alguém atrás dos poucos utensílios existentes. Ao longo das paredes mais extensas, assentaram traves fortes, apoiadas em grossos suportes, também de madeira, nas extremidades. As prateleiras, assim improvisadas, estavam inteiramente abastecidas de garrafas, cheias e vazias. Cumpre também notar que a única janela que abria para o pátio estava absolutamente interceptada por uma tábua. Vi, então, de olhos bem abertos às garrafas se quebrarem por ai mesmas . Aproximei a escada do local e que se davam as quebras, tomei uma garrafa vazia que se quebrara pouco antes e da qual só restava a metade inferior, isolei-a das outras, distante do local primitivo, e ao fim de alguns instantes ela se partiu e voou como um raio em estilhas luminosas. Este é um dos efeitos que posso atestar com a maior segurança . Examinando atentamente como as garrafas se quebravam, pude verificar que a fratura era precedida do estalido próprio, peculiar do vidro quando se parte. Já adverti que as garrafas vazias também se quebravam,fato que exclui a hipótese de explosimento por gases da fermentação, coisa de resto pouco provável. Por dar uma idéia do ruído das garrafas ao quebrarem-se, bem como do esmigalhamento que lhe sucedia, di-lo-ei comparável à rutura dessas contas de vidro que se pulverizam quando as arranhamos, geralmente conhecidas por lágrimas batávicas. A 22 de Novembro a Senhora Fumero partiu para a sua aldeia natal e lá

permaneceu três dias, durante os quais nada houve de extraordinário. Com o seu regresso reapareceram os fenômenos. A 26 de Novembro ela retirou-se novamente, mas, desta feita, os fenômenos prosseguiram.

Resolveram, então, afastar o caixeiro da taverna e os fenômenos cessaram definitivamente. Deveremos deduzir dai que era ele o médium? E' lícito fazê-lo, mesmo porque, nada autoriza admitirmos qualquer fraude da sua parte. Vimos, com efeito, que os fenômenos se verificavam no porão, ainda que o rapaz lá não estivesse. Mas também sabemos que na própria loja se operavam transportes, quando o rapaz lá estava; e isso à vista de todos. Destarte, tudo prova que o rapaz é um instrumento inconsciente. Mas esse rapaz nada tem de anormal. A intensidade dos fenômenos mediúnicos parece estar em relação com o seu estado físico, pois durante uns dias que esteve enfermo as pancadas se tornaram mais brandas. Este fato tem sido observado com outros médiuns e parece-nos muito desconcertante.

A propósito de casas mal-assombradas, releva notar que podemos, agora, assinalar estes fatos numerosos e abonados por testemunhas idôneas, depois de, por longo tempo, passarem como ignorados e desprezados. Hoje eles são anotados, estudados, registrados, mas, sem embargo, ainda facilmente esquecidos. Os cientistas assaz corajosos e emancipados de

preconceitos, que por eles se interessam, também não são numerosos. Aí temos que, se eu lá não fosse, o público, enganado pelos próprios moradores da casa, ficaria crente de que a policia, ou eu, era suficiente para anular os fenômenos. Em outros termos: ainda que não descobrissem o autor da fraude, ficariam convicto de que esses fenômenos eram simplesmente artificiosos e, por conseqüência, indignos de estudo.

Por mim, confesso que se cometi a leviandade de negar esses fenômenos antes de os observar, não devo continuar negando-os pela só razão de não conseguir explicá-los.

Lombroso .

Este sábio ilustre e probidoso, tanto tem de ilustre e probidoso quanto de independente. Ele examinou, só em Turim, dez casas mal-assombradas. Sua convicção é inabalável. Ele adverte que, se em 28 por 100 casos se evidencia ação mediúnica, esse fator se torna tanto mais notável, quanto a energia dos fenômenos se apresenta em contradição com a fraqueza das crianças e mulheres a eles associados. Examinemos todas as objeções a título instrutivo, sem nos deixarmos seduzir por miragens . A realidade dos fatos é indubitável. Quanto às causas. . . há que as procurar.

Poderia talvez acrescentar, no fim deste capítulo, um caso particular, que causou grande sensação em Grenoble (1907) . Um Espírito batedor manifestava-se

todas as noites no apartamento da Senhora Massot. Não era, porém, o Espírito de um defunto, mas de uma rapariga viva, em carne e osso, e que desejava simplesmente... casar-se. Eis uma súmula do relatório em meu poder:

O Senhor de Beylié, velho presidente do Tribunal de Comércio, proprietário da casa mal-assombrada, promoveu um curioso inquérito, com a presença do Senhor Pelatant, comissário central, e do inspetor Berger. Agentes de policia foram destacados para o telhado, outros nos quartos e na rua, para prevenir qualquer manobra fraudulenta. Todos os presentes se acercaram da parede contra a qual se esgrimia o Espírito batedor.

Verificaram que as pancadas eram dadas simultaneamente por dentro e por fora. Os fenômenos só ocorriam quando presente a Srta. Alice Cocat, sobrinha da Senhora Massot. Não havia, porém, como atribuir fraude a essa moça, estando ela entre os assistentes e, ao demais, por eles vigiada. Ela é noiva, a 5 anos, de um sobrinho da Senhora Massot, rapaz de 26 anos, eletricista de profissão e que serviu no 2.° Regimento de Artilharia de Grenoble. Estes apontamentos correspondem aos fornecidos pelo misterioso batedor. Não sendo as pancadas atribuídas a um defunto e sim a uma pessoa viva, é verossímil não haver em tudo isso mais que u efeito das faculdades da senhorita. Pensa-se, naturalmente, em uma comédia

bem representada. Mas, a parede não tem mais que 10 centímetros de espessura e serve de divisão dos dois quartos, que foram visitados e examinados pelas lentes da Universidade, funcionários da polícia, numerosos agentes, em presença da família Massot. Ora, sendo impossível qualquer dissimulação nessa parede, inadmissível se figura a idéia de fraude.

Este caso singular, traindo pensamentos de pessoa vivente, foi muito comentado. Os jornais de Grenoble estamparam meu retrato, deram tiragens especiais e atribuíram-me comentários que não fiz, uma vez que me mantive inteiramente alheia ao caso.

Meu amigo Coronel de Rochas, que viera então me visitar, declarou que também ele nada compreendia de tudo aquilo.

- Parece-me que é o subconsciente da moça que atua.

Urge, porém, encerrar este capítulo. Ainda tenho diante dos olhos centenas de comunicados, entre os quais um verdadeiramente extraordinário, ocorrido em Neuville, em 1906, e outro de 1909, em Florença. Mas seria, ainda assim, repetir o que acabamos de ler. Vamos, agora, classificar os fenômenos, fixando-nos especialmente nos caos concernentes a pessoas falecidas.

CAPITULO X
Classificação dos fenômenos. - Fenômenos associados a pessoas falecidas

A excursão que vimos de fazer, pelas casas mal-assombradas, nos desvendou uma série de quadros multifários, que conviria classificar, para nossa instrução pessoal. Vamos tentar fazê-lo. Talvez cheguemos a descobrir as causas em jogo, aproximando-nos da explicação há tanto tempo procurada.

Nessa classificação teremos de constatar produções de forças físicas, que nos não parecem, de maneira alguma, associadas ao problema da sobrevivência, enquanto que outras a ele se prendem, incontestavelmente, como vimos no capítulo precedente. Essa interdependência. nos impressionou em muitas circunstâncias e estamos tanto mais preparados para admiti-la, quanto possuímos, solidamente estabelecidas, provas experimentais da sobrevivência. da alma. Começaremos a classificação pelos fenômenos pertinentes a pessoas falecidas, reservando os demais para o capítulo imediato. Não

nos deixemos cegar por um mais que por outro aspecto da questão. Há fenômenos que evidenciam intenção de pessoas falecidas, como os há inteiramente isentos dela.

A teoria antropológica exclusiva foi refutada neste mesmo livro, mediante observações diretas que demonstram à saciedade a sua insuficiência. Levados somos, pois, a discernir as manifestações propriamente de moribundos, e as de mortos.

Antes de tudo, lembremos que, de todos os tempos e em toda os países, estes fenômenos imprevistos sempre foram atribuídos aos defuntos. Não teria havido nisso mais que o fruto da ignorância e do temor? Mas, se tudo prova o contrário? Supérfluo é repisar o que foi dito no capítulo anterior. Cada exemplo assinalado poderia desdobrar-se em muitos outros análogos. Em coincidências assaz freqüentes para se haverem por fortuitas, mortes ignoradas se revelam instantaneamente, através de fenômenos físicos. A quebra de espelhos, por comum, chegou a criar uma, legenda tradicional. Neste caso, não há que invocar auto-sugestão, nem ilusão. Eis, ainda a propósito, uma carta recente, pois que de 30 de Abril de 1922:

Tipógrafo compositor, trabalho atualmente na rua Turgot, 20. A minha frente trabalhava Ida Schaub, moça de 17 anos. Um dia, às 12 horas, preparando-se

para sair, remirava-se ela no espelhinho de bolso e aplicava ao rosto o seu pó-de-arroz .

Nossa intimidade permitia-me gracejar da sua faceirice e, fazendo-o, acompanhava-lhe todos os movimentos quando o espelho se lhe estilhaçou na mão, sem causa aparente!

- Ah! minha mãe! - gritou angustiada. . .

E quando, meia hora depois, chegava a casa, encontrou a mãe morta, atravessada na porta. Sucumbira a uma embolia e o corpo ainda estava quente.

Augusto Pautré

Aí está um fato material, objetivo. Nada de ilusão passível. Dado que fosse produzido por influência, orgânica da rapariga, inegável se torna, a coincidência com a morte súbita da genitora. O Acaso? também há quem o presuma. .. Mas, não, senhores: esse deusinho tem de fato costas largas.

Vejamos ainda outro de mil casos. O Senhor G. Brocheni, morador na rua de Conflans, em Charenton, escreveu-me, em data de 22 de Fevereiro de 1922, o seguinte:

De vez que, a bem da Humanidade, perseverais no vasto e laborioso inquérito concernente aos mistérios do além-túmulo, considero-me no dever de assinalar um episódio quadrante aos vossos estudos. Trata-se do seguinte: Em casa da Senhora Colassot, matrona que

hoje conta os seus 60 janeiros, foi-me relatado um fato do qual a Senhora Colassot e recorda perfeitamente, posto que ocorrido há bons 30 anos e se bem que conserve em casa uma prova material. Com estremo devotamento de mãe carinhosa, cuidava ela de uma criancinha de vinte e dois meses, gravemente enferma, criança que sucumbiu, apesar de todos os desvelos . Foi, então, que ai verificou o fato notável. No momento justo da morte, ouviram grande rumor e a Senhora Colassot pôde constatar que o mármore do bufe, com mais de 1 metro de comprimento e espessura de alguns centímetros, fendera-se de ponta a ponta. Esse fato a impressionara por coincidir com o momento exato da morte do filho, a ponto de o estimar como, sobrenatural, inexplicável. A Senhora Colassot sempre foi uma criatura afetuósíssima, máxime para os parentes, e prestimosa para todo o mundo . Abalada pela dor intensa, não poderia suceder que exteriorizasse de si mesma algum fluido semelhante ao raio (guardadas as devidas proporções) capaz de rachar o mármore ? Desculpai, caro mestre, se, bisonho no assunto, aqui me atrevo com essa hipótese .

Essa hipótese da eletricidade é a que primeiro ocorre a todo espírito investigador. Aqui, temos um fato bem material, a coincidir com o traspasse, como no caso do espelho, antes descrito. Eis agora um outro gênero de movimento material, relatado por

conceituada artista e por mim registrado em O Desconhecido .

Há ano e meio, mais ou menos, conversava na sala de jantar, meu pai, minha mãe e uma prima. Eram eles as únicas pessoas no ambiente, quando, súbito, ouviram tocar o piano na sala de visitas . Intrigada com o fato, minha irmã para lá se encaminhou de lâmpada em punho e viu perfeitamente movimentar o teclado, timbrando acordes . Regressando à sala de jantar, contou o que vira e todos se riram dela, imaginando ai tratasse de algum morcego maluco. Mas, passada a primeira impressão, consideraram que minha irmã, sobre possuir excelente vista, nada tinha de supersticiosa, e ,concordaram que a coisa algo tinha de estranho. Ora, passados 8 dias, uma carta de Nova York noticiava-nos a morte de um tio lá residente .

O mais extraordinário, porém, é que, 3 dias depois de recebida a carta, o piano tornou a tocar e 8 dias depois recebíamos outra notícia fúnebre - a morte da tia. Esses tios sempre constituíram um casal muito unido e grandemente afeiçoados aos parentes e ao seu torrão natal - o Jura. Escusado dizer amue o piano nunca mais repetiu a façanha. As testemunhas desse fato ainda estão prontas a confirmá-lo, se assim o entenderdes. Nós residimos no campo, arredores de Neuchâtel, e por mim vos asseguro que aqui não ha neuropatas .

Eduardo Paris.

Victorien Sardou contou-me idêntica observação com o seu próprio plano, quando morava no 5.° andar da esquina do Cais dos Agostinhos com a praça S. Miguel.

Disse-me ter visto, com os seus próprios olhos, as teclas se abaixarem em correspondência com sons emitidos, atribuindo o fato a uma irmã recém-falecida. No livro que venho citando, há grande número de exemplos análogos, isto é: de movimentos observados no momento da morte, ou logo depois. E' de ver, especialmente, o da página 112 (XL) referente a duas pessoas despertadas por um amigo que morria em Granville, e o da página 188, do tio de Júlio Claretie batendo à janela dos pais, em Nantes, no momento preciso em que tombava em Wagram.

Certo, não podemos absolutamente compreender como possa alguém morrer em Wagram e vir bater a uma janela em Nantes; mas também não podemos deixar de aceitar, ou negar esses fatos. Atribuí-los todos a ilusão, erro, falsa interpretação, parece-me expediente anticientifico, se bem que cômodo, mas inadmissível. Fala-se da audição de sons de teclas não tocadas. Temos, então, uma tampa de piano que se levanta no momento exato em que ocorre o falecimento.

A 6 de Julho de 1922, um estudante parisiense, cujo nome julgo conveniente omitir, escreveu-me que,

morando num edifício onde também morava um serventuário da Sorbona, certa noite, ele e outros tocavam e dançavam a uma centena de metros do local em que o referido rapaz agonizava, vindo a falecer. O ruído que faziam não podia repercutir a tal distância.

Éramos, ao todo, cinco no salão: dois dançavam, um tocava, eu me conservava atrás da pianista, que tinha a seu lado a irmã. Então vi a tampa do pesado piano de cauda levantarem-se uns dez centímetros, sem contudo derrubar os objetos nela arrumadas. Tivemos logo conhecimento da morte do pobre rapaz e inferimos que ele quisesse, por essa forma, manifestar-nos seu descontentamento, Sou, confesso, um jovem estudante de 16 anos, mas incapaz, creia, de faltar g verdade. O que digo é o que vi.

Desculpai, portanto, ao colegial cujo intuito é apenas auxiliar na pesquisa da verdade. Fatos são estes, de observação direta e inesperada. Eu posso conjeturar mentiras, ilusões, mas os inquéritos sempre me provaram a veracidade dos fatos. Para explicá-los, vamos ainda uma vez pensar nas transmissões elétricas .

Que será a eletricidade? Que será o elemento magnético que, partindo do Sol, à distância de 150 milhões de quilômetros, vem movimentar o ponteiro da bússola? Ignoramo-lo na mesma proporção. Que será a transmissão telegráfica ou a telefônica através dos mares e florestas, podendo ser captada em sua

passagem, dentro de um quarto 'fechado? E' o mesmo mistério. Conseguintemente, há que sermos mais modestos em nossas negações de cegos e moucos. Fenômenos há, subjetivos, que podem tornar-se objetivos. Também pode ser lida em O Desconhecido, no capítulo concernente aos moribundos, aquela carta de um morador de Valabre (carta 714), na qual se historiava o seguinte:

Eu podia ter meus 12 anos. Meu pobre pai, um dos heróis de Sidi-Brahim, passara parte da noite e do dia a cabeceira de minha avó gravemente enferma. Regressando a casa por volta das 4 da tarde, foi procurado por um de meus tios, para dizer-lhe que a velha piorara e queria ver os netos. Convidados a segui-lo, meu irmão mais moço obedeceu, mas eu me opus de tal modo que não me puderam levar; e isso somente pelo medo que tinha aos defuntos. Fiquei, assim, sozinho com minha mãe, que, depois do jantar, mandou-me deitar. Recusei-me, sempre por medo, já se vê. Ela me deitou, então, na sua própria cama, prometendo vir logo me fazer companhia. As 7 1/2, mais ou menos, deram-me uma tapona violentíssima e pus a boca no mundo. Minha mãe acudiu logo, disse-lhe o sucedido e ela teve ocasião de ver que eu tinha a face vermelha e inchada. Aturdida, impressionada, minha mãe enlangueceu, até que meu pai regressou as 9 horas. Informado da ocorrência, quando minha mãe

lhe precisou a hora, disse ele suspirando: foi justamente a hora que ela morreu.

Conservei na face, mais de 6 meses, essa impressão de uma mão direita bem visível, principalmente quando fazia exercício e o rosto se corava. Centenas de pessoas tiveram ocasião de constatar esse estigma. O traço da mão era branco.

A . Michel, tintureiro .

Essa tapona memorável, no pequeno que se recusara visitar a avó moribunda, é, sem dúvida, burlesca; mas havemos de convir que é também muito lógica e aparentemente justificada. Quanto a explicá-la, isso é mais difícil. Teria havido qualquer efeito de sugestão, devido ao temor ou remorso? - fenômeno subjetivo tornando-se verdadeiramente objetivo! Teremos ocasião de, mais de espaço, discutir estas singularidades, assim como os estigmas .

Que os mortos se manifestam no momento de expirar, mediante incidentes inesperados e inexplicáveis, tais como visões, audições, ruídos e sensações diversas, tenho-o afirmado de público e de há muitos anos, com abonos de testemunhos que se contam por centenas. Ainda no capitulo precedente ocupamos daquela observação positiva dos três amigos que, à espera de outrem para iniciar a partida venatória, tiveram a singular manifestação percebida pelos próprios cães. Vimos, também, a esquisita queda do retrato no arcebispado de Mônaco, e as demais

observações seguintes. Já se pôde nota a carta de um professor de Petersburgo, assinalando que na hora em que lhe morria a irmã, seu retrato, posto que solidamente fixado, havia caído sem que os pregos se aluíssem; e que o relógio parara na mesma hora. São observações muito significativas, estas, visto que o acaso também tem limites.

Eis ainda um cano que merece atenção

Tenho, de fonte insuspeita, um caso extraordinário e absolutamente autêntico . Meus pais tinham sido convocados à cabeceira de um vizinho agonizante. Lá ai juntaram a outros amigos, silenciosos e tristes, na expectação do desenlace. Súbito, o relógio de parede, longos anos parados, entrou a bater desordenado, fazendo um barulho formidável, de ensurdecer, como se alguém ali estivesse a malhar uma bigorna. Os assistentes ergueram-se aterrados, a perguntarem-se o que podia ser aquilo... - Reparem bem - houve quem dissesse apontando para o moribundo que, pouco depois, exalava o último suspiro .

H. Faber Engenheiro agrônomo em Bissen (Luxemburgo.)

A juntar-se às observações anteriores, temos outra comunicação da mesma época (1899), assinalando fato não menos curioso, posto que subjetivo. Trata-se do Senhor Ferdinando Esteve, que me escrevia de Marselha, nestes termos

Tinha eu 16 anos e estava passando minhas férias no povoado dos Gavots. Meu primo, recém-casado, alojou-me em casa da vizinha, que pensou obsequiar-me excepcionalmente, cedendo-me o quarto em que lhe morrera o marido - um quarto amplo, desprovido de porta. Quem estivesse deitado no leito avistava o grande saguão de onde partia a escada. Nesse leito me deitei sem fechar a janela, porque à noite de agosto estava quente. Adormeci logo, e profundamente, mas não tardei a despertar com um barulho infernal, barulho de panelas derrubadas, louças quebradas, pratos a voarem e os cacos a tinirem no pavimento cimentado da cozinha. Dir-se-ia que um regimento de gatos andassem aos pinotes por toda a casa. Esta conjetura encheu-me de Garagem. Todavia, a coisa prolongou-se por mais de uma hora, com intervalos. Quando tudo se acalmou, ouvi passos precipitados subindo a escada e encaminhando-se para mim.

Depois, um animal que me pareceu gato saltou na cama e dali para a janela, onde sumiu. Tratei logo de fechar a janela e qual não foi meu espanto ao verificar que ela estava vedada pelo lado de fora com uma tela metálica, cuja malha não teria mais de um centímetro. E a estupefação cresceu-me de ponto quando, pela manhã, vi a cozinha em ordem, sem um caco sequer de louça quebrada! Três dias depois, pernoitando nesse quarto, minha mãe presenciou os mesmos fenômenos .

Alucinação? Mas nós não vemos qual a sua causa nesse jovem de 16 anos, ao demais, observador sereno tudo isso é muito complexo. E' verdade que, antes de tudo, a explicação que nos ocorre é essa - alucinação. . . Mas, a tapona do Miguel não o seria, e se esse gato e o barulho de louça quebrada não passam de ilusão, como explicar que a mãe do rapaz tivesse as mesmas impressões? Depois, qual a causa, a origem dessas sensações?

Nestes últimos casos podemos ver impressões subjetivas, mas, ainda assim, produzidas por causas externas, sendo no primeiro caso pela avó do rapaz, expirando enraivecida, e, no segundo, pelos manes do parente falecido. Esses barulhos incompreensíveis nos lembram as muitas observações do mesmo gênero, estudadas mais para trás. Os fatos são mesmo inumeráveis. Aqui temos um outro bem surpreendente:

Baeschly, de Saverne, 20 anos de idade, está em casa apenas com seu pai, quando, cerca de meia-noite, ouvem grande estrondo . Levantam-se imediatamente, atônitos. sem nada compreender. Deitam-se. Segundo estrépito. A pé novamente, dão com a porta escancarada. Fecham-na e ela torna a abrir-se, pelo que resolvem prendê-la com uma corda grossa. Pouco tempo depois recebem carta comunicando a morte do irmão Baeschly na América e precisamente no dia da manifestação, à 1 hora da tarde. Parece que o moribundo ao despertar de prolongada coma teria dito;

acabo de fazer uma longa viagem e estive em casa de meu irmão, em Brumath.

Sim, é incontestável que os movimentos materiais, distantes ou próximos, estão associados ao fenômeno físico da morte. Esses ruídos, constatados in extremis, são da mesma ordem dos ocorrentes nas casas mal-assombradas e devem ter a mesma causa. Há inúmeros exemplos desta espécie. Eis a carta que a Senhora de La Garde me endereçou em 11 de Fevereiro de 1899:

A benefício de suas pesquisas tão interessantes, quero assinalar uma notável manifestação que se produziu por ocasião da morte de Monsenhor de Lau. E' que talas as janelas do seu castelo de Cotte, comuna de Biras, se abriram simultaneamente, levando os camponeses da região, e quantos testemunharam o fenômeno, a dizer que o santo bispo acabava de falecer. De fato, mais tarde souberam que o patrão ausente havia três longos anos, expirara naquela data.

Penso que Monsenhor de Lau foi martirizado. Um eclesiástico de Perlgord, Senhor Pecout, escreveu a sua biografia, na qual se encontra, registrado o fato, tal como lhe foi contado pela gente do local, que o havia testemunhado.

Eis ainda uma comunicação recebida na mesma época, isto é, a 3 de Junho de 1899.

As inúmeras cartas que vos enviam a propósito de um empreendimento tão útil, podeis juntar mais esta:

Nos últimos dias de Fevereiro de 1868, eu devia seguir para Taulignan, Comuna de Drone, não longe de Montélimar onde me chamava minha mãe gravemente enferma. Cheguei a tempo de lhe assistir ao derradeiro alento. No dia do enterro, 1 ° de Março, estando eu e a empregada no quarto mortuário, a porta ai abriu e fechou de repente, sem que estivesse ventando.

Fomos logo abri-la e não vimos ninguém na escada . Minha mãe morava sozinha. A criada, apavorada, lançou-se de joelhos e exclamou : é a senhora a pedir preces, com certeza! E pôs a desfiar o seu rosário. E soluçava, a pobre rapariga, chamando pela sua mamãe Alançon . Por mim, estava mais comovido do que podeis imaginar, e agora, em vos lendo e relembrando o caso, pergunto a mim mesmo ai haverá uma outra vida.

Leitor constante e respeitoso

Alançon

Agente da Cia. União, em Moulins.

(Carta 726) .

Aqui, o fenômeno tornou-se bem objetivo, como no caso precedente. E evidente que só pela comparação de todos os fatos poderemos chegar a uma conclusão.

(Notemos de passagem estas conexões de fundo religioso, tão freqüentes).

Vejamos outra carta de Poitiers, datada de 7 de Junho de 1922:

Caro Mestre

Depois de haver lido a sua trilogia psíquica, cumpre-me trazer modesta contribuição às suas pesquisas sobre o Além-túmulo . Este episódio foi constatado por minha mulher e uma tia, prontas a certificá-lo. Poucos dias após o falecimento de Francisco Condreau, avo materno de minha mulher, ou fosse precisamente a 30 de Setembro de 1889, ouviram rumores no quarto do falecido. Minha mulher, então muito nova, dormia com a avó. Sua tia, hoje viúva Roy, tinha acabado de se acamar no mesmo quarto. Eram 10 horas da noite quando os três ouviram um ruído como de pedrinhas arremessadas aos vidros da janela . Não havendo chuva nem vento, tomaram a causa por qualquer brincadeira de mau gosto. A velha gritou: quem está ai? Claro que ninguém respondeu, mas o ruído continuou por dez minutos, com intermitências. Ouviram também como que o ruído de uma pá raspando a carvoeira e atirando o carvão contra a parede. Aqui, vale dizer que o falecido costumava remexer nessa carvoeira. E como ai isso não bastasse, a lingüeta da fechadura rangia, como se alguém tentasse abrir a porta. Assustadas, as três criaturas rezavam, convictas de que ali andava a alma do defunto, até que a tia de minha mulher ousou dizer em

voz alta: Se és tu, Pedro, dize o que nos queres. Com isso, o barulho cessou.

De manhã verificaram que tudo estava intacto, dentro e fora de casa. Nenhum vestígio nas vidraças ou nas paredes, a carvoeira perfeitamente em ordem, com a pá no respectivo lugar. Mandaram dizer missas e tudo acabou. Um pormenor talvez importante é que, no dia da manifestação, a avó de minha mulher, remexendo em uma mala que o falecido interditava ciosamente, lá encontrara, queimando-a, uma esplendida trança de cabelos da primeira consorte, a quem ele dedicara entranhado afeto. As testemunhas deste fato `afirmam que não poderia ter havido farsa, pois os vidros teriam sido quebrados, se realmente atingidos com tamanha violência. (As janelas não tinham venezianas.) De resto, ninguém podia entrar no pátio para atirar carvão às paredes, do que também não ficara vestígio.

Digne-se aceitar, etc.

Pouillart

ATESTADOS

E. Pouillar. - Viúva Roy.

Certificamos bem e fielmente a veridicidade da narrativa supra.

Supor que tudo isso seja inventado, é frioleira . Não podemos, contudo, deixar de assinalar a

vulgaridade destas manifestações. Mas também temos que o dever dos que investigam é tudo estudar. Esses ruídos eram puramente subjetivos, não corresponderam a movimentos reais quaisquer. O mesmo se verifica neste caso contado pelo Senhor Renato Gautier, estudante em Buckingham, e por ele próprio assim redigido

Meu pai habitava um castelo isolado em plena floresta. Acabávamos de jantar e ficamos a mesa, conversando e esperando a volta de meu avo ausente . Passou-se assim distraidamente o tempo, quando, as 2 horas, todos quantos estavam inclusive meus tios e dois soldados cépticos, ouviram distintamente fechar-se a porta da sala, com violência tal que. os sacudiu em suas cadeiras. Não restava dúvida, a porta que assim se fechava, ou pelo menos, que a família presumia haver-se fechado, era uma porta ali próxima. E o fragor também era de uma porta, e de uma porta interna. Minha mãe ainda costuma repetir: Ouvimo-la bater como se forte lufada de vento a houvesse colhido em cheio. Essa lufada, absolutamente irreal, tinha, contudo, isto de real: - que todos a sentiram perpassar-lhes pelo rosto, inundando-o de suor frio, como o que costuma sobrevir nos pesadelos.

A conversação parou, aquele estrondar da porta causou a todos um mal-estar indefinível, Mas, não tardou que meu tio entrasse a rir das caras compungidas que faziam minha mãe e minhas tias.

Depois, organizou uma caçada divertida. Homem corajoso, encabeçou a patrulha e foram verificar a porta do salão de visitas, que todos presumiram fosse a do acidente. Mas encontraram-na fechada ã chave e com os ferrolhos corridos, o mesmo se dando com todas as demais portas e janelas de toda a casa. Tão-pouco havia qualquer corrente de ar. Meu avô regressou pela manhã do dia seguinte, levando-nos a nova do falecimento de seu irmão... A que horas morreu? - perguntaram-lhe. - As da madrugada, exatamente. Sim, exatamente a hora em que o estrondo fora ouvido por sete pessoas.

Impressões subjetivas, causadas por um falecimento ignorado. E' o mesmo caso do General Parmentier. (O Desconhecido, caso 1) . Coisa entranhável, certa, que a morte de alguém produza, a distância, o efeito de um pé de vento, abrindo portas . Entretanto, é coisa observada muitas vezes.

Eis mais uma comunicação inédita, não obstante antiga, porque datada de Budapeste, em 16 de Abril de 1901.

Prezado irmão

Permita que assim o trate, porque assim me considero e sinto, pela comunhão de idéia no concernente ao que de oculto ainda existe sobre as faculdades da alma, e quanto à importância do seu estudo. Julgo-me, assim, no dever de cientificar de um

fenômeno inerente à categoria dos que tem ocupado sua atenção, e que me sucedeu não há muito tempo.

Atacado de forte nevralgia, que se vinha prolongando de algumas semanas, meu pai, com os seus 75 anos, preocupava-me seriamente. Eu e minha mulher não sossegávamos um instante, até que, na noite de 4 para 5 de Abril fomos bruscamente acordados por violenta ventania, que abriu a janela do quarto vizinho, janela que, seja dito, ouvíramos a criada fechar. Sentimos perfeitamente a corrente de ar que penetrava por baixo da porta de comunicação entre os dois quartos.

Ao acordar, não sei porque me veio a idéia de que meu pai teria falecido naquele momento. Acendi a luz, eram 3 horas e alguns minutos. Nada disse a mulher, para não impressioná-la, mas, quando pela manhã recebemos o telegrama infausto, minha mulher confessou que também tivera a mesma impressão, se bem que mais positiva, pois enquanto para mim ai traduzira em mera possibilidade, fora para ela de absoluta convicção. Acrescento que a força do vento era excepcional, não durando mais de dois minutos e resolvendo-se em branda viração, até pela manhã.

Quando chegamos ao lugar onde residia meu pai, isto é, a Trencien, na Hungria (175 quilômetros daqui, em linha reta), um de meus primeiros cuidados foi saber a hora exata do traspasse. Poucos minutos depois das 3 horas - disse minha irmã, que lhe fechara os

olhos. Permita-me acrescentar que sou um espírito ponderado por índole; engenheiro mecânico e eletricista, habituado a tudo observar minuciosamente, a raciocinar com clareza e não precipitar conclusões. Dou-lhe minha palavra de honra que nada acrescentei, nem omiti, nas circunstancia que me parecem essenciais para o julgamento deste caso, ao mesmo tempo em que autorizo a sua publicação com a responsabilidade do meu nome. Poderá, outrossim, obter informações de minha pessoa com o Senhor Désiré Borda, diretor do serviço elétrico da Companhia Fives-Lilies-a-Paris, rua Caumartin, e com o Senhor Mauricio Loewy, diretor do Observatório de Paris.

Aceite, caro irmão, o testemunho da minha profunda consideração.

Budapeste, Covohaz, 34.

(Carta 988).

Leopoldo Stark.

Recolhidas as informações, é força considerar fidedigno este relato. O informante e um homem de caráter e mentalidade científica. Na realidade, este fenômeno era subjetivo: a janela não se abriu, houve apenas sensação, impressão. Mas, pensem como quiserem, o fato é que essa tal sensação foi incontestavelmente experimentada.

Aqui temos, agora, um caso assoa estranho de assombramento, correspondendo ao aniversário de

uma sentença capital, e que me foi comunicado em 1899.

Para mudar de ares, pessoa de minha amizade alugou apartamento em uma casa de campo. A casa tinha outros inquilinos. Certa manhã, às 4 horas, todos foram acordados com rumores extraordinários. Os móveis do salão pareciam arrastados como que por correntes. Um verdadeiro pandemônio. Todos os hóspedes eram mulheres e uma foi logo acometida de crise nervosa.

A criada de minha amiga pernoitava em cômodo junto ao seu. A rapariga surgiu-lhe toda trêmula e afirmou que um indivíduo calçado de pesados sapatos não parava de lhe andar ao redor, isso antes de estourar a barulheira. Minha amiga, apavorada, regressou à cidade e, à, noite, contou o fato a diversas pessoas, as quais exclamaram em uníssono: - Mas, faz precisamente m ano que Sainlouis foi executado as 4 da manhã!

A tal criada fora concubina do dito Sainlouis e abandonara-o disposta a regenerar-se, pelo que ele a jurara de morte. Infeliz na pontaria, a bala que. Mandou-lhe foi vitimar outra pessoa. Preso, julgado e condenado, sucumbiu na mesma data e à mesma hora em que se produziram os fenômenos, no local em que se encontrava a ex-amante. Ia-me esquecendo notar que o salão em causa não fora aberto e os móveis lá se encontravam em perfeita ordem.

(Carta 614) .

H. Cotei.

Nos fenômenos de casas mal-assombradas, uns, dissemos, são objetivos, materiais, exteriores aos percipientes; ao passo que outros são subjetivos, percebidos pelo espírito, e, nada obstante, tão reais quanto os primeiros, produzidos por uma causa telepática mais ou menos distante, geralmente um falecimento ignorado. Importa consagrar especial atenção a esses ruídos estranhos, dos quais ainda não temos nenhuma explicação e muita gente ainda duvida. Quero crer que nem um dos meus leitores contestará mais a realidade das transmissões telepáticas, a qualquer distância. Tal incredulidade já se não justificaria. Mas, quanta variedade nessas transmissões! O caso a seguir, observado com todo o rigor, é dos mais notáveis. O Senhor A. Riondel, advogado em Montélimar, escrevia ao Dr. Dariex em 23 de Maio de 1894, o seguinte:

Eu tinha um irmão muito mais moço (falecido a 2 de Abril com 40 anos de idade) , empregado dos Telégrafos em Marselha e agente da Messageries Maritimes. Depauperado, devido a longo estágio nas colônias, acabou impaludado e sucumbindo de modo imprevisto e quase fulminante.

No domingo, 1.de abril pp., recebia dele uma carta em que me dizia estar gozando boa saúde. Pois bem:

nessa mesma noite, ou melhor, na noite de domingo para segunda-feira, fui despertado por insólito e forte barulho, semelhante ao rolamento de um sapato no assoalho do quarto que ocupo exclusivamente e fica sempre fechado à chave. Verifiquei que o despertador marcava justo 2 horas. Ao levantar-me, meu primeiro cuidado foi procurar o objeto que me havia despertado e aliás causado estranho terror. Não havia lá sapato algum, nem nada que pudesse justificar aquele ruído, mas a verdade é que meu irmão tinha falecido naquela mesma noite, sem agonia, sem sofrimento, sem dizer palavra. Procurei saber a hora. O amigo que o assistiu disse que fora precisamente às 2 horas menos um quarto.

Para completar estas informações, devo acrescentar que nossa velha mãe, cega há 15 anos, ouviu, também ela, rumores noturnos e fortes pancadas na porta do seu quarto. Devo igualmente dizer que resolvi ocultar o evento à minha mãe, que até hoje o ignora. Impressionada com o que ouvira, ela veio ao meu quarto justamente quando eu regressava do enterro e, na presença de minha mulher, disse-me de chofre: Tive há duas ou três noites um aviso concernente à saúde de teu irmão. Precisas ir a Marselha quanto antes, pois ele está doente e com certeza procura ocultar o seu estado. Vai socorrë-lo! Procurei desvanecer os tristes pressentimentos maternos, averbando-os de meramente quiméricos.

Eis os fatos que me honro de lhe assinalar. Se, como suponho, eles se enquadram no seu plano de trabalho, poderá publicá-los com o meu nome integral e o meu endereço. São fatos que se não podem atribuir à imaginação, porque tangíveis. Não tenho necessidade de repetir que, até este momento, minha mãe acredita vivo o seu Benjamim e eu me considero na obrigação de manter nessa ilusão certo de que a lúgubre notícia lhe seria funesta, talo precário estado de saúde em que se encontra,

R. Riondel (Advogado) .

Aí estão fatos rigorosamente observados, mas que ficam incompreensíveis. Como poderiam produzir-se esses ruídos? Sapatos a rolarem no assoalho! Há então que imaginar: 1.° - alucinação auditiva de tal barulho; 2.° - uma coincidência fortuita com o falecimento não previsto. E' uma hipótese difícil de amparar. E a sensação telepática da genitora? Fenômenos são estes, assaz freqüentes, para deixarem de entrar no quadro da ciência moderna . Chegado é o tempo de procurar explicá-los . Nós já conhecíamos o calçado que rolava no castelo do Calvados. Este outro é tão notável e tem com aquela tanta analogia, que não devo publicá-lo sem comentário, sem ensaiar uma explicação. O moribundo estava muito ligado ao irmão . No momento extremo, uma corrente psíquica ter-se-ia. estabelecido entre ele e o irmão, traduzindo-se no

cérebro deste pela sensação de ruído perfeitamente ouvido, como se um sapato tivesse rolado no assoalho. E mais: acompanhado de uma sensação de angústia. Este o fato. Conhecemos outros muitos, máxime os registrados no tomo II de A Morte e o seu Mistério, capítulo referente aos Avisos de morte . São transmissões telepáticas incontestáveis: ouvem-se ruídos que diferem segundo o estado de receptividade do percipiente, ruídos subjetivos, nada materiais. Há projeção entre a causa e o efeito, entre o moribundo e o que percebe, e nós somos levados a pensar que, nestes casos, não são ondas esféricas projetando-se longe e alargando-se, como as sônicas e as luminosas . Não seria, certo, uma onda dessa ordem, que teria partido de Marselha para toda a parte e fosse captada de passagem em Paris, pelo irmão do moribundo. Nós adivinhamos, antes, uma corrente psíquica, lembrando a corrente magnética, produzida entre a barra de ferro e a agulha imantada.

Essa corrente psíquica lembra a que vimos estabelecer-se entre o Capitão Escourrou, morto no México a 29 de Março de 1863, e sua mãe residente em Sevres, perto de Paris, a qual divisou no retrato do filho um dos olhos vazados e o rosto coberto de sangue.

Publicando este notável fenômeno de telepatia, na pré-citada obra, deixei de o secundar com os numerosos atestados e os atos oficiais que lhe abonam

a autenticidade (falta-nos espaço para reproduzir tantos testemunhos), mas os leitores que quiserem comprová-los poderão recorrer aos Annales, de 1891, págs. 148-156. Ora, nesta como na observação de Riondel há, evidentemente, fenômenos subjetivos. O retrato não teve olho vazado, nem sangue a escorrer-lhe na face, mas, ao morrer, o oficial projetou o último pensamento para sua mãe e a corrente psíquica se traduziu sob uma forma visual, pelo aspecto do retrato. Estas transmissões são tão numerosas e tão irrecusàvelmente estabelecidas que devem ser inscritas doravante no quadro das ciências positivas .

Ouçamos ainda esta:

Um homem se manifesta a duas pessoas em aposentos diferentes, no momento em que morria. A Srta. Tverdianski, de Dormelles, escrevia ao Dr. Richet, em Novembro de 1891, o seguinte

Acabava de instalar-me num pequeno povoado do Seine-et-Mame para ali passar a estação calmosa. Minha senhoria, uma boa velha, tinha-me cedido seu próprio quarto e respectivo leito. Ali dormi regaladamente a primeira noite e só acordei tarde, aliás despertada pela boa senhora, que me levava o leite quente.

A segunda noite, porém, a coisa foi outra, pois mal acabava de conciliar o sono quando fui despertado com um grande estrondo. Nada menos que a janela aberta de par em par, embora antes bem fechada.

Dando essa janela para uma estrada deserta, veio-me logo a idéia de ladrões, que, sabendo a casa ocupada só por mulheres, houvessem estourado os fechos para penetrar no quarto. De um salto alcancei o peitoril, no intuito de fechar de nova a janela, bem como os postigos, com a maior segurança possível. Nada obstante, não mais pude adormecer, afigurava-se-me que alguém há via saltado para dentro de casa, e pareceu-me ouvir alguém ou alguma coisa durante o resto da noite.

Mal despontou o Sol, percebi os passos da senhoria, na cozinha. Gritei-lhe que me levasse o leite quanto antes. E quando me apareceu, fui-lhe dizendo: - Sabe? Estou a pensar que um algum grande pássaro noturno tivesse esbarrado e aberto à janela esta noite, facultando a entrada de algum ou alguns morcegos, visto que ouvi depois, toda a noite, rumores em volta de mim. Não dormi um minuto! - Tal como eu - respondeu-me sorrindo, pois era dotada de gênio alegre e gostava de gracejar. - Olhe, eu me havia levantado para receber a visita do meu vizinho, o rendeiro Dufour, Um dia lhe contarei como se houve ele para roubar-me toda a minha fortuna, sem incidir nas malhas da lei. Pois bem: Ei-lo, o vilão a visitar-me esta noite; apostaria em como fui acordada por ele, perfilado junto da cama, a dizer com aquela sua voz inconfundível: perdoa – me Vitória! Veja só quanto cinismo! Tratar-me pelo meu sobrenome... Ah!

Realmente, muito tenho chorado por sua causa e isso basta para que me não indigne contra ele em meus sonhos.

Precisamente nesse instante bateram a porta... Alguém que vinha anunciar a morte do rendeiro, naquela mesma noite .

Júlio Tverdianski.

Este relato veio acompanhado de outros documentos complementares, que deixo de reproduzir por angústia de espaço, tais como cartas outras da mesma Srta. Tverdianski, da viúva Petit, e certidão de óbito de Edme-Firmin Dufour, falecido no dia 10 de Abril de 1891 às 4 horas da manhã.

Atribuir ao acaso esta dupla, esta tripla coincidência das duas impressões independentemente experimentadas, com a da morte do indivíduo, parece-me hipótese tão inaceitável quanto à de negar o caso que tanto nos impressionou e relatamos em A Morte, III tomo, página 373: J. Lewis esmagado pelo comboio, anunciando a sua morte. Este fato nos conduziu, sem solução de continuidade, da telepatia entre vivos à telepatia entre vivos e mortos, O defunto Lewis, desejando que lhe identificassem o cadáver, tentou comunicar-se com as pessoas prepostas a essa fúnebre tarefa e, não o conseguindo, foi procurar além e encontrou em dada família sensitivos capazes de

serem telepàticamente influenciados, de sorte a conseguir o seu intuito .

Pensar que sejam falsas todas estas narrativas, é coisa inadmissível. Não podendo explicá-las, nosso dever é afirmar a sua realidade. Este é o começo, pois que até agora continuam a duvidar. Nós apenas estamos reunindo pedras, que sirvam para construir o edifício da ciência futura . A Astronomia, ciência universal, amiúde nos oferece exemplos aplicáveis a outros estudos. Eis um deles, por mim assinalado há muito tempo. Algumas nebulosas espirais, fotografadas com possantes aparelhos, mostram estrelas simetricamente distribuídas ao longo de suas espirais gasosas, deixando suspeitar o segredo da formação desses astros. As coincidências são tão numerosas e concordantes que não podem ser levadas à conta do acaso e nos levam a reconhecer, nesses aspectos, uma associação de causas e efeitos. O mesmo se dá com as coincidências de morte e as manifestações e aparições . O acaso aqui não tem cabimento Confessamos, porém, que a explicação é difícil.

A alma humana ainda não foi dissecada. Platão, em Fedra, escrevia: Pensas que a natureza da alma possa conhecer-se bastantemente, quando se ignora a natureza do Todo? Poderíamos aplicar esta máxima a todos os problemas da vida. Os juízos emitidos sobre o ser humano, pelos humanos, são quase sempre falsos,

porque nós ignoramos as causas diretas (ou indiretas) de todos os atos. Os estudos que aqui fazemos têm um alcance enorme .

*

As faculdades psíquicas e físicas da alma humana, durante a vida como depois da morte, estão quase que inteiramente por descobrir, e a observação dos fenômenos de assombramento nos faculta, a respeito, claridades inesperadas. Assim que, movimentos de objetos sem contacto se produzem em dadas circunstâncias, devido à influência dos mortos. Eis um exemplo quase incrível e de feição romanesca, mas escrupulosamente estudado por Fred Myers e Senhora Sidgwick, e publicado em Proceedings, da Sociedade Psíquica da Inglaterra, t. VII, pág. 383. A narrativa é longa e eu não contarei, com Bozzano, senão as passagens essenciais. Os fatos desenrolaram-se na, aldeia de Swanland, arredores de Hull, Inglaterra, em uma carpintaria onde o Senhor Bristow trabalhava como aprendiz. Eis o que ele escreveu:

Na manhã em que se verificaram os fenômenos, eu estava trabalhando no banco, perto da parede e de onde podia acompanhar o trabalho de dois colegas, fiscalizando ao mesmo tempo a porta. de entrada. De repente, um dos colegas voltou-se e gritou: Amigo, é melhor que tratem do seu trabalho e deixem os

sarrafos. Que dizes?? - respondi surpreso. Vocês sabem o que eu quero dizer, pois um de vocês atirou-me com isto... E mostrava-nos um cavaco de quatro centímetros quadrados. E' claro que ambos protestamos e, quanto a mim, estava convicto de que o outro não largara a ferramenta um minuto sequer.

O incidente ia quase esquecido quando o outro camarada ai voltou brusco, qual o primeiro, a mim se dirigindo: Agora foi você quem me jogou este... E apontava um sarrafo pontudo que lhe jazia aos pés. Já agora, eram os dois a me acusarem e de nada valia o negar-lhes, pelo que, terminei rindo e dizendo: Cá por mim, sei que não fui, mas, se de fato vocês foram alvejados, agora me cabe a vez... Mal acabava de o dizer e outro sarrafo bateu-me no quadril. Fui atingido! - gritei - aqui há, mistério, vamos ver o que seja. Varejamos todos os cantos, fora e dentro de casa, nada descobrimos .

Depois de muito comentar o fato, acabamos recomeçando nossa tarefa. E bem não principiávamos, persianas depositadas num estrado alto, sobre vigas embutidas na parede, entraram a trepidar com violência tal que pareciam esfrangalhar-se. Pensamos logo: Anda alguém lá por cima... Agarrei a escada, trepei rápido, espiei... As persianas estavam imóveis e recobertas de pó e teias de aranha. Ao descer, quando a cabeça atingia o nível das vigas, deparou um pedaço de pau da grossura de dois dedos a deslizar, saltitando

em cima de uma tábua e, num salto derradeiro, passou-me junto do ouvido. Assustado, saltei por minha vez, gritando: Não há que rir! O sobrenatural existe... que acham vocês? Um colega concordou, o outro insistiu em dizer que alguém estava a zombar de nós. Enquanto assim discutíamos, do ângulo extremo da oficina voou um sarrafo que foi bater no chapéu do contraditor, Nunca me hei-de esquecer da cara pasmada que ele fez. De quando em quando, um toco de madeira, pouco antes serrado, saltava do chão para os bancos e punha-se a dançar entre as ferramentas. E o que é muito para notar é que, apesar dos esforços feitos, não conseguimos agarrar esses estranhos dançarinos, que iludiam todos os estratagemas, como se possuíssem inteligência. Lembro-me de um, que, da banca, saltou para um cavalete distante 3 metros, e dali para outro móvel, até que foi parar num canto. Ainda outro atravessou a oficina, como ai fosse uma flecha, em plano horizontal, a um metro do solo. Seguiu-se-lhe daí a pouco outro, em linha ondeante e finalmente outro em linha obliqua, abatendo-se a meus pés... Enquanto o mestre da oficina, Senhor Clarck, me explicava às minúcias de um desenho e tínhamos os dedos nele colocados, com espaço de dois centímetros apenas, um pedaço de madeira pontudo bateu na mesa e resvalou os nossos dedos.

Esse estado de coisas perdurou 6 semanas, com maior ou menor intensidade. Por vezes, gozávamos um

pouco de tranqüilidade, durante um ou dois dias; mas logo sobrevinham dias de atividade extraordinária, como se quisessem ressarcir o tempo perdido. Em uma dessas fases, enquanto um operário reparava uma persiana em banco próximo do meu, vi aprumar-se um sarrafo de 15 centímetros quadrados por 3 de espessura e descrever no ar três quartos de grande circulo, para bater na persiana que o companheiro aparelhava. Esse o maior sarrafo que vi voar. A maior parte não ultrapassava o tamanho de uma caixa de fósforos, posto que dos mata variados formatos. O último era de carvalho e tinha 8 centímetros quadrados, mais ou menos, por 2 1/2 de espessura. Caiu-me em cima, vindo dos fundos da oficina e descrevendo em seu curso uma linha helicoidal, à guisa de uma escada de saca-rolhas, com 40 centímetros de diâmetro, mais ou menos. Convém advertir que todo esse material, sem exceção, provinha da oficina e nenhum lá, entrou pela porta.

Uma das singularidades mais estranhas consistia em que os pedaços de madeira, cortados por nós e rolados ao chão, eram empilhados nos cantos da oficina, de onde se alçavam ao teto, de forma misteriosa e invisível . Nem um dos operários, nem um dos inúmeros curiosos que lá acorreram, durante seis semanas, conseguiu surpreender qualquer desses projeteis a pique de se moverem. E contudo, a despeito de nossa maior vigilância, eles ganhavam altura e

choviam sobre nós, de um local onde nada existia pouco antes.

Pouco a pouco, fomos habituando com a coisa e o bombardeio dos cavacos, que se diriam animados de vida e até inteligentes, em certos casos, não mais nos surpreendia nem lhe dávamos maior atenção.

Respondendo a uma pergunta de Myers, o Senhor Bristow escreveu-lhe, em 19 de Julho de 1891, o seguinte:

Nenhuma relação havia entre as manifestações e as pessoas. Os operários trabalhavam muitas vezes em casas particulares e nós, os três que assistimos ao início dos fenômenos, trabalhamos freqüentemente fora, no período das manifestações. Mais de uma feita, sucedeu estarmos ausentes todos três. Outro tanto não ai deu com outros operários, que se ausentaram por todo o período anormal, sem que por isso jamais cessassem os fenômenos. Salvo em casos especiais, os projeteis caiam e batiam sem fragor, posto chegassem com força tal, que, em condições normais, deveriam produzir um choque forte.

Ninguém viu, jamais, um projétil no momento de ser arremessado: dir-se-ia que só poderiam ser percebidos, no mínimo a uns 15 metros do ponto de partida. O que leva a considerar outro aspecto do mistério, é que os projeteis se deslocavam quando ninguém os fitava ou aguardava .

Às vezes, um de nós vigiava atento, por longo tempo, um pedaço de madeira, e ele não se mexia; mas, desviado o olhar, um segundo que fosse, atirava-se a nós... Nunca pudemos constatar se o surto começava de forma invisível, ou ai, ao contrário, aproveitava qualquer distração nossa. Por vezes, a direção dos projeteis era retilínea, mas a maioria era ondulatória, rotatória, helicoidal, serpeante ou saltitante. Inúmeros visitantes ficaram profundamente impressionados com essas manifestações, mas nenhum como o dono da oficina, Senhor João Gray; e isto por motivo de ordem particular, isto é, a perda de um irmão, falecido em circunstancia econômicas embaraçosas. Esse irmão deixara um filho, que tinha o mesmo nome de João Gray, e foi logo admitido como aprendiz da oficina, tendo falecido pouco depois. Dizia-se que os credores do pai não chegaram a receber integralmente os seus créditos (100 libras mais ou menos) e que o tio do rapaz era o responsável por esse prejuízo. Além disso, vieram a saber que o rapaz se empenhava para que o tio solvesse os compromissos paternos. Posso dar testemunho pessoal do terror que ao Senhor Gray causaram aquelas manifestações. Um dia levou-me consigo a inspecionar diversas obras e, de caminho, entrou a comentar os fenômenos, dando-me a entender que eles poderiam ser explicados naturalmente. Sua atitude era a de um homem petrificado pelo terror, e eu estou persuadido

de que ele tinha feito observações próprias, que não queria ou não lhe convinha confessar.

Um dia, soube-se que saldara as dividas do irmão e as manifestações cessaram incontinente. Na sepultura do sobrinho não havia lápide, mas logo que os fenômenos começaram, ele apressou-se a preencher essa formalidade. A lousa ainda lá está, no cemitério de Swanland, podendo ler-se nela a seguinte inscrição: John Gray, falecido aos 22 anos, em 5 de Janeiro de 1849.

Publico este curioso caso com todos os pormenores, sem embargo de longos, por julgá-lo muito instrutivo sob todos os pontos de vista. Ainda com Myers, acrescentarei:

Não lobrigamos neste caso qualquer manifestação intelectual, mas tão só projeção de sarrafos em todas as direções, por atos intencionais, no propósito de atrair atenção e sem molestar a ninguém. As testemunhas, em tese, concordam em que os fenômenos foram provocados por pessoa falecida, no intuito de impressionar um vivo e levar a cumprir um dever de consciência. O objetivo foi alcançado. Se considerarmos plausível este ponto de vista e se tomarmos em consideração concomitantes provas douta natureza, devemos concluir que os processos, na aparência indeterminados e a sua absurdez, já não constituem motivo de objeção, por isso que ninguém pode, verdadeiramente, avaliar os recursos de uma

entidade desencarnada. Em todo o caso, certo é que esses movimentos objetivos, pela maneira como se efetuaram, estavam em relação com o mister que em vida exerceu o suposto agente e, na opinião das testemunhas, redundaram eficientes. Muito de notar, também, que, para alcançar os fins colunados, as manifestações pareciam prescindir de personalidades especiais. Judiciosamente prosseguidas, estas observações evidenciariam o sólido fundamento da hipótese de intervenção dos desencarnados em certas manifestações físicas, por mais vulgares que pareçam.

Interpretação perfeitamente admissível. Concorda com a conclusão por nós emitida acima, isto é: 1.° - que há seres invisíveis, 2 ° - que podem ser criaturas que viveram entre nós, e 3.° - que podem não diferir do que foram em vida corporal.

As forças operantes não são inconscientes, quais as de gravitação, peso, calor, e sim pensantes, agindo intencionalmente . As provas aqui reunidas são numerosas e demonstrativas. Vimos que, no castelo do Calvados, a Castela, ouvindo movimento num quarto onde os móveis pareciam espedaçar-se e pancadas violentas abalavam as paredes, procura lá entrar, estende a mão direita para abrir a porta e vê a chave destacar-se, voltear na fechadura e vir bater-lhe na mão esquerda, produzindo uma equimose que durou dois dias. Havia uma testemunha ao lado, o abade preceptor do filho. E isso foi em uma quarta-feira, 29

de Dezembro de 1875. Observação positiva. Nada de ilusões, tal qual como nos projeteis de toda espécie atravessando pequenos orifícios, pré-citados aqui e que se podem conhecer em outras fontes, entre elas A Mística, de Gorres, tomo III, página 361. O bispo Guilherme d'Auvergne já assegurava, no século XIII, que as pedras atiradas nos assombramentos raramente contundiam. (Ver também A Mística, página 351, para o ano de 1746, e Carré de Montgeron, La Verité des Miracles du Diacre Paris) . Estas provas de atos inteligentes dos Invisíveis são tão conhecidas que seria infantil insistirmos no assunto.

Acabamos de ver desenrolar-se a nossos olhos observações feitas a frio e para as quais não se encontram explicação normal.

Outro exemplo, abonado por atestados autênticos e constatado de 1882 a 1889, é o que assinala o inquérito da Sociedade Psíquica de Londres, na grande obra de Myers (Human Personality), publicada em 1904. Eis o seu resumo

Em 1882 a família do Capitão Monton foi residir em uma casa construída em 1860 e ocupada 16 anos por um anglo-indiano, depois por um ancião, e não mais habitada. Uma noite a Srta Monton, filha do capitão, escutou rumores ã sua porta e, supondo fosse a Senhora Monton, abriu. A ninguém vendo, expiou no corredor e divisou perto da escada uma mulher alta, de vestido preto. Essa desconhecida foi vista

posteriormente por toda a família, composta dó casal, três filhas, um pequeno criado e criada. Também ai dirá percebido pelos cães, que uivavam significativamente. Depois de rebuscas e indagações, disseram-lhe que o fantasma era o retrato da segunda mulher do anglo-indiano, que costumava embriagar-se e com ela turrar, a ponto de separarem-se, indo ela viver longe e falecendo em 1878.

De 1882 a 1884 a Srta. Monton viu seis vezes o fantasma. Uma de suas irmãs pôde vê-lo durante o verão de 1882, persuadida, de que fosse alguma freira. No outono de 1883, a criada deu de rosto com ele. Em Dezembro do mesmo ano, o capitão e um rapaz que lá estava, o entreviram na sala de jantar. No dia 29 de Janeiro de 1884, a senhorita dirigiu-lhe a palavra pela primeira vez, mas, não obteve resposta. Depois, procurou tocá-lo, sem o conseguir,pois sempre se lhe esquivava. À noite, ouviam-lhe os passos muito rápidos. Em suma, era como se ali morasse e nada pretendesse. Por fim, todos se habituaram e mais de vinte pessoas puderam vê-lo. Tentaram fotografá-lo, não conseguiram. De tempos a tempos, ouviram-se rumores violentos. Ouçamos, porém, a narrativa.

Descrita a casa e o jardim, a Srta. Monton assim se exprime:

M.S. o proprietário, perdera a consorte que muito estremecia, Por afogar o desgosto, entrou a beber. Dois anos depois tornou a casar-se. A segunda mulher

tentou, de começo, regenerá-lo, mas acabou viciando-se também, e daí uma vida conjugal tormentosa, constantemente entremeada, de altercações e cenas violentas.

Meses antes da morte de M. S. (14 de Julho de 1876), a mulher separou-se dele e foi residir em Clifton. Ausenta quando ele morreu, é de crer que não mais voltasse ao lar.

Ela veio a falecer também, em 23 de Setembro de 1878. Por morte de M. S., a casa foi comprada por um senhor já idoso, que também morreu ao fim de seis meses, ficando a casa longos anos desabitada, até que meu pai a comprou em Março de 1882. Nossa família é numerosa, pois tenho quatro irmãs e dois irmãos. Há esse tempo, eu tinha 19 anos e nenhum de nós ouvira dizer algo sobre essa casa. Ocupamo-la em fins de Abril e somente em Junho surgiu a primeira aparição.

Em meu quarto, preparando-me para acamar, ouvi baterem à porta e fui abri-la supondo que fosse mamãe. Surpresa, deu alguns passos no corredor e vi um vulto de mulher alta, com um vestido de lã escuro, e cujos passos eram quase imperceptíveis. Com um lenço na mão direita, ocultava o rosto. A mão esquerda estava meio oculta na manga larga, com o cabeção distintivo da viuvez.

Sem chapéu, tinha à cabeça qualquer coisa preta, semelhante a gorro, envolvido num véu. Eu não tinha podido observar outra coisa, mas, às vezes, conseguia

distinguir parte do rosto e dos cabelos. Nos dois anos seguintes, entre 1882 e 1884, vi o fantasma cinco ou seis vezes. Cheguei mesmo, por vezes, a segui-lo. Geralmente, ele descia a escada, entrava no pequeno salão e ficava de pé no ângulo direito da varanda, onde costumava demorar-se mais tempo. Voltava-se depois e seguia pelo corredor até à porta do jardim, onde instantaneamente desaparecia. A primeira vez que lhe falei foi no dia 29 de Janeiro de 1884. Como já o disse em carta escrita dois dias depois a uma pessoa amiga, aqui reproduzem esse trecho: Abri cautamente a porta do pequeno salão e entrei ao mesmo tempo em que o fantasma; mas, ele passou-me à frente e foi deter-se imóvel, perto do sofá. Avancei também e perguntei em que lhe poderia ser útil. A tais palavras, estremeceu ligeiramente e pareceu-me disposto a falar, mas não pude ouvir mais que um breve suspiro. Depois, encaminhou-se para a porta e, quando atingia a soleira, repeti a pergunta. Nada. Voltou no salão, seguiu até à porta do jardim, desapareceu...

Outras vezes, procurei tocá-lo, em vão, pois se esquivava de maneira curiosa, não que fosse impalpável, mas por me parecer sempre fora de alcance; e quando procurava acuá-lo num canto, logo se esvaecia. As aparições atingiram a maior freqüência nos meses de Julho e Agosto de 1884, decrescendo dai por diante. Guardo um calepino desses dois meses, anotações destinadas a uma amiga. Dele respigo esta

passagem, com data de 21 de Julho. Eram 9 horas da noite, estávamos assentados eu, meu pai e irmãos, na sala de espera, perto da varanda. Enquanto lia, vi o fantasma entrar pela porta meio cerrada, atravessar a sala e postar-se atrás da minha cadeira. O que me admirava é que ninguém o percebesse, quando eu o via tão nítido. Meu irmão, que já o tinha visto, não estava conosco. A visão ali permaneceu meia hora, até que se encaminhou para a porta. Acompanhei-a a pretexto de buscar um livro e vi que atravessou a sala e desapareceu na porta do jardim. Ao aproximar-me da escada, dirigi-lhe a palavra, sem resposta, posto que, como da primeira feita, parecesse querer falar... Em à noite de 2 de Agosto os passos foram ouvidos por minhas três irmãs e pela cozinheira, que pernoitava no andar superior, bem como por minha irmã casada, Senhora K., esta no pavimento térreo. De manhã, todos confessavam ter ouvido alguém andar diante de suas portas... E que eram passos estranhos, diferentes dos de qualquer pessoa da família. Ressoavam pausada, delicada, mas firmemente. Minhas irmãs e os criados não se atreviam a sair, quando tal se dava,

No dia 12 de Agosto, por volta das 8 da noite (ainda claro portanto), minha irmã E. preparava-se para o seu estudo de canto, quando correu a dizer-me que, ao assentar-se ao piano, foi surpreendida com o fantasma a seu lado. Fomos à sala de espera e lá estava ele, de fato, parado no canto da varanda, onde

costumava demorar. Falei-lhe pela terceira vez e. .. nada. Assim permaneceu uns dez minutos, até que atravessou a sala, entrou no corredor e desapareceu na porta do jardim. Instantes depois, entra do jardim minha irmã M. a gritar que vira o fantasma subindo a escada externa, da cozinha. Salmos todas ao jardim e minha irmã K., que estava à janela, gritou que o fantasma tinha atravessado o gramado dirigindo-se para a horta. Nessa noite fomos quatro videntes. Advirto que, sempre que nos previnamos para surpreender a aparição, à hora do costume, a decepção era certa.

Por todo o fim de 1584 e no ano seguinte, o fantasma prosseguiu mostrando-se muitas vezes, sobretudo em Julho; Agosto e Setembro, meses que comportavam três datas de morte, a saber: de M. S. em 14 de Julho; de sua primeira mulher em Agosto, e da segunda em 23 de Setembro. As aparições continuaram uniformes para todos que a viam a deambular nos mesmos sítios, e em circunstâncias diversas. Até 1886, eram tão especificas e reais que podiam ser tomadas com de pessoa viva; depois se descondensaram, tornando-se menos distintas, se bem que, até o fim, interceptassem a luz. Não houve ensejo de verificar se projetava sombra.

Algumas vezes, antes de deitar e quando a família já estava recolhida, eu atravessava a escada com fios de linha, em niveis diversos. Ligava-os dois a dois

com pequenas bolas de cera e de maneira que o mais leve contacto os desprendera, sem que o transeunte desse por isso. Duas vezes vi o fantasma Passar através das linhas, deixando intactas. Chegamos a concluir que esse fantasma correspondia a segunda esposa de M. S. e vamos dizer porquê:

1 ° - O histórico da casa era assaz conhecido e, comparando-se a forma misteriosa a qualquer dos antigos moradores, a Senhora S. é a única que se lhe assemelha. 2.° - O fantasma apresentava-se de luto, coisa que absolutamente não caberia a primeira esposa. 3.° - Diversas pessoas que conheceram em vida a segunda esposa, logo a identificaram com a aparição por nós descrita. Apresentaram-me também um álbum e eu, entre muitas fotografias, indiquei a que mais se parecia com a visão, e vinha a ser de uma sua irmã, justamente a que mais se lhe identificava nos traços fisionômicos . 4.° - Sua nora, bem como outras pessoas de suas relações, afirmaram que ela costumava passar horas a fio na sala de espera, juntamente no local perto da varanda, onde nos apareceu tantas vezes. As narrações de outras testemunhar são todas concordes com a Srta. Mortos, e daí resulta que o fantasma aparecia constantemente em atitude pungitiva, com o véu arrepanhado na mão direita, cobrindo-lhe parte do rosto.

Proceedings, da Sociedade Psíquica de Londres, de onde extraímos esta narrativa, bem como as rigorosas

sindicâncias de Myers, publicadas nesse órgão e reproduzidas no seu grande livro A Personalidade Humana, lhe conferem foros de autenticidade incontestável. A hipótese de uma alucinação coletiva, de oito pessoas, separadamente - e de dois cães inclusive - é simplesmente absurda. Ouvidos e olhos perceberam a aparição, sua realidade é tão certa como a do obelisco da Praça da Concórdia .

*

Eis mais uma observação, cuja importância não desmerece das precedentes. Foi feita por um grupo de crianças que mal podiam avaliar a importância do problema, assim como pelos criados da casa e por um homem de bom senso, que só aceitou o fato com o maior constrangimento. Gurney estudou rigorosamente arte curioso caso e deu-lhe publicidade em Proceedings t. III, pág. 126) . Bozzano igualmente o fez em Fenômenos de Assombramento, pág. 86.

O fato ocorreu em 1854 e originou um relatório com todas as minúcias. Eis o que disse a respeito a Srta. Mary E. Vatas-Simpson

Lembro-me muito bem de uma velha dama que nos aparecia quando éramos crianças (eu era a mais velha e tinha abaixo de mim uma irmã e outros irmãozinhos mais novos) e que constituiu o maior dissabor da nossa meninice, já porque essa dama era um mistério para

nós, e já porque nos acarretava severas reprimendas paternas. Morávamos, então, numa casa muito velha, cuja sala de jantar ficava no último andar e tinha três janelas e duas portas fronteiras. Escada estreita, de grandes lances e muitos patamares, do cimo dos quais aprazia-nos debruçar e espionar o que ai passava em baixo, máxime quando os criados introduziam alguma visita no salão.

Um dia, assim debruçada no meu ponto de observação, vi uma mulher velha, muito franzina, subir lentamente a escada e entrar sozinha no salão. Grande a surpresa, porque a passagem livre da escada era interrompida por uma porta suplementar, que separava o gabinete de meu pai dos escritórios situados no pavimento térreo.

Assim, as pessoas que quisessem entrar deveriam timpanar como o faziam na porta principal. Ora, eu tinha visto a velha subir aquém daquela porta, estando a mesma fechada e ninguém a tendo aberto. Dai o entrar em confabulação com o Walter, escarranchado no patamar superior, a fim de reconhecer a intrusa. Descemos silenciosos e cautos ao salão, certos de lá encontrá-la, e grande foi a desilusão quando não vimos ninguém. Regressei em ponta de pés, sabendo perfeitamente que nos era proibido entrar no salão; mas, enquanto subia a escada, escapou um grito de surpresa ao ver a velha saindo por uma porta habitualmente fechada, e justamente no patamar onde

eu estivera pouco antera. Tornei a entrar no salão para avisar o Walter, visto que me dispunha a espiar no patamar e eis que vejo a velha a descer vagarosamente, já para além da porta que interceptava a escada. No momento em que ela desaparecia, meu pai rompeu no escritório e deu-nos um bom corretivo pela tagarelice e barulho que fizéramos. Dias depois, entretidos com o nosso brinquedo predileto, que consistia em virar duas cadeiras à guisa de diligência na qual nos aboletávamos com um tapete a cabeça, representando o toldo, meu irmão Garry machucou-me e eu me vinguei jogando o tapete ao ar... E a primeira coisa que vi foi a velha, com a mesma roupa, isto é, com um vestido preto muito usado, mantilha de veludo e uma enorme touca na cabeça.

Supus que pretendia dirigir-se ao gabinete de meu pai e tivesse, por equívoco, caminhado de mais, porém ela continuou a subir. Subi também, lépida, no intuito de embargar-lhe a passagem e. . . não mais a vi! Corri, então, ao patamar, desci a escada e encontrei Walter a correr também no encalço da velha, já então descendo rápida, também, e rente à parede, Mas. .. a meio da caçada, eis que reponta o velho a porta do gabinete e ameaça o Walter de chicote se não acabasse com a barulheira.

Pedimos explicação aos criados, sobre a velha, e vimos trocarem sinais entre si, antes de nos informarem que se tratava de uma velhinha que viera

visitar mamãe . Posto que a víssemos muitas vezes, sem experimentar nenhum pavor, parece que ninguém nos dava crédito e por isso comentávamos o caso entre nós, evitando referi-lo aos adultos. Nada obstante, havíamos tomado nossas precauções e, quando brincávamos de diligência, metíamos um postilhão a descoberto, a fim de assinalar de pronto a chegada da velhinha. De fato, tinha-nos parecido que ela nos fixava com muita insistência e temíamos que, surpreendendo-nos de cabeça coberta com o tapete, nos pregasse alguma peça desagradável, algo de temeroso. Além disso, escondida pelo mesmo tapete, guardávamos uma régua para lhe atirar, se tentasse tocar-nos.

Depois disso, compreende-se que sempre consideramos o fantasma como personalidade real e, apesar dos longos anos transcorridos, ainda guardo dele uma lembrança muito viva, parecendo-me que estou a vê-lo.

(Assinado) Mary E. Vats-Simpson.

Nesta altura o texto se referta de longas citações, colhidas no diário da Senhora Simpson, onde consta que, além da velha, manifestava-se o fantasma de um homem idoso, bem como rumores de toda espécie.

A casa, muito antiga, tinha fama de mal-assombrada., tanto que a família, que lá residira anteriormente, se mudara por causa do barulho

noturno que não deixava as crianças dormirem. Veja-se este trecho característico

Meu marido não acreditava em nada dessas coisas. Ontem, porém, sua incredulidade experimentou forte abalo, pois viu, com os próprios olhos, o fantasma e teve uma sensação de temor que mal suspeitaria. Eis como se deu o fato: Devido a recente enfermidade, ficaram-lhe acumuladas na escrivaninha pilhas e pilhas de cartas e documentos. Resolveu, então, consagrar parte da noite à classificação e expediente da papelada, ordenando peremptoriamente aos criados que não permitissem visitas, nem algo que pudesse interromper-lhe a tarefa. Eu, por minha vez, tomei previdências para garantir-lhe absoluta tranqüilidade. Assim que, ontem, depois do jantar, ele isolou-se no gabinete e ainda lá estava quando deram onze horas. Eu tinha-me assentado na sala, porta aberta, como costumo fazer quando lá fico sozinha. De repente, ouvi um rumor do lado do gabinete e logo a seguir uma porta que se abria de chofre, e a voz indignada de meu marido verberando os criados por haverem permitido a entrada de pessoa estranha no seu gabinete. Quem lhe desrespeitara as ordens? Ninguém - responderam-lhe - e ele insistiu - não mintam; onde está essa mulher? Quando é que veio? Que deseja ela? - Sabem que a noite não recebo ninguém. Portanto, que volte amanhã, se quiser e tratem de por já no olho da rua.

Tudo isso ele o dizia como se a intrusa ainda lá estivesse, dentro de casa, e no propósito de lhe falar, enquanto os criados protestavam que ninguém entrara e que ninguém subira nem descera a escada. Súbito, meu marido tomou outra atitude: calou-se, imóvel, como se houvesse perdido a noção da vida exterior, estuporado. Depois voltou a si, tremulo, caminhou algum passo e ordenou aos criados que se recolhessem, acrescentando que no dia seguinte se incumbiria de saber quem ousara introduzir aquela mulher no gabinete. Isto dizia por disfarçar o que de fato pensava, pois logo que ficamos a sós, outro foi o seu dizer. Contou que, em dado momento, quando procurava um documento importante, absorvido por graves preocupações, levantando os olhos percebera no umbral da porta uma velhinha franzina. Não obstante a impertinência da visita, procurou ser Cortés e convidou-a a entrar, levantando-se imediatamente.

Vendo que ela não se movia nem falava, limitando-se a fitá-la deu um passo e repetiu o convite. Ela continuou imóvel, calada, fitando-o com expressão de ternura. Supondo, então, que não pudesse falar devido ao cansaço em subir a escada, esperou algum tempo, mas, como a resposta não viesse, adiantou-se mais ao seu encontro, ao mesmo passo que ela o imitava como que deslizando. Todavia, atenta a extensão da sala, deu mais alguns passos, já então resolvido a acabar com aquele misterioso mutismo, Nesse comenos, ela

desapareceu! Chegando a este lance da narrativa, meu marido calou e engolfou-se em profunda meditação. Parecia-me muito nervoso, tremiam-lhe os lábios e via-se que procurava dominar a intima comoção.

Depois, como se despertasse de um sonho, concluiu dizendo que o gabinete estava bem iluminado e que se não lembrava de ter visto abrir-se à porta quando apareceu, nem quando desapareceu o fantasma; ao invés, lembrava-se - ou melhor - estava certo de haver fechado a dita porta ao entrar no gabinete. Não lhe passara pela mente que estivesse defrontando uma aparição, antes supondo pessoa em sérios apuros, que o fosse consultar, cônscia de que a urgência do caso e a sua idade avançada seriam suficientes para lhe desculparem a inoportunidade da hora. Essas considerações o levaram a acolher com afabilidade, mas o inexplicável mutismo acabara por irritá-lo e não trepidou em demonstrara-lo por gestos e palavras.

Eis a descrição que fazia do fantasma: uma velhinha franzina, muito pálida, vestes surradas, grande toucado preso ao mento com um lenço, e conservando as mãos sempre cruzadas. Por fim, resume nestes termos as suas impressões: Expus em termos precisos o que me sucedeu, não posso duvidar do que vi e reconheço que é coisa inexplicável; por conseguinte, não falemos mais nisso. Por mim, estou certa de que não mais zombará das nossas visões

absurdas. De fato, ele foi tocado de maneira a não saber o que deva pensar, e muito tempo correrá antes que esqueça a pálida velhinha que costuma perambular em nossa casa.

Esta a narrativa de Gurney. Esta múltipla observação, feita em primeiro lugar por crianças, infirma, se é que de todo não anula, a hipótese alucinatória, hipótese que eu conheço sob todas as formas, pois tenho sempre à mão a obra clássica de Beire de Boismont. Que personalidade singular será esta? Tudo leva a crer que se trata de pessoa morta, que houvesse morado na casa. procure-se outra hipótese que mais concorde com os fatos observados. Podemos aplicar a ,esta aparição o que acima expendemos sobre o caso da família Morton, isto é: que é tão real como o obelisco da Praça da Concórdia. Reconheçamos, com lealdade, que nos encontramos aqui fronteando absoluto mistério, tanto quanto o evidente nos testemunhos do Calvados e todos os demais catalogados nestas páginas. Confessemos que nada sabemos, justificando a.nossa curiosidade e perquirição. Tudo iria vale bem mais que os romances fantasistas por ai publicados todos os dias. . . geralmente sobre o mesmo assunto passional. Só devemos afirmar o que foi rigorosamente observado, mas não é honesto nem razoável recusarmo-nos, seja qual for o pretexto, a reconhecer a realidade evidente.

O Senhor Conan Doyle publicou, em 1919, um livro notável - A Nova Revelação no qual nos conta que, fazendo parte da Sociedade de Investigações Psíquicas, foi, com dois outros delegados, designado para. passar uma noite em certa casa mal-assombrada. Também se trata aí de uma observação pessoal. Eram rumores e pancadas incompreensíveis, perfeitamente idênticos sos do caso da família. John Wesley, de Epworth, em 1726, ou ainda o da família Fox, de Hydesville, em 1848, de que originou o moderno Espiritismo.

O resultado desse inquérito foi à constatação de fenômenos análogos aos descritos nesta obra, em provável conexidade com uma inumação anterior.

*

Ao lado destes problemas suscitados por fantasmas de mortos, quantos outros se nos deparam! Todas as entidades, todas as forças, todas as causas invisíveis, todos os Espíritos que se manifestam de qualquer maneira nos fenômenos inúmeros que estudamos, não são produzidos por almas desencarnadas. Também os encarnados podem exteriorizar-se e atuar fora de si mesmos, bem como podemos agir de nós mesmos, no corpo, inconscientemente. Estamos, em suma, rodeados de elementos psíquicos conhecidos e desconhecidos. A curiosíssima observação, a seguir,

denotará ação humana, realização de uma vontade de pessoa encarnada, ou de um desencarnado a quem se referiam? As aparências favorecem esta última interpretação. Ponderemos com inteira liberdade e sem prejuízos quaisquer. Qual a parte cabível ao nosso organismo nos fenômenos metapsíquicos? Em A Morte e o seu Mistério (t. III, pág. 351) anunciei uma observação do Senhor Oscar Belgeonne, secretário do Tribunal de Anvers, a qual, por excesso de matéria, deixei de ali relatar, reservando-a para esta obra . Essa observação é interessante, do ponto de vista em que acabamos de nos colocar. Eis o que consta na carta n.° 4.421, de 5 de Abril de 1921:

Eu tinha já 12 anos de serviço na Repartição em que ainda hoje trabalho. Um dia, alguns amigos vieram oferecer-me um bom emprego em uma empresa particular e, alegando urgência de solução, insistiam teimosamente para que aceitasse a proposta, chegando até a comissionar um amigo íntimo, a fim de convencer-me. Acabei pedindo 24 horas para decidir .

Nesse dia, à noite, fazia intenso frio. Eu tinha feito um longo passeio pelas ruas mais ou menos desertas e assim caminhando ponderava os prós e contras do partido que se me oferecia.

Recolhi-me as 11 h . 15 m . e encontrei assentadas na cozinha, lendo, a minha espera, duas irmãs. Disseram-me que a luz se apagara na sala de jantar e na varanda, pelo que trataram de bem fechar as portas

e ali se instalarem junto do fogão. Elas sabiam quanto me preocupava a proposta que decidiria do meu futuro, desejavam saber a decisão tomada. Assentamos os três à mesa encostada na parede, com o rosto voltado para o forno. Ao lado da chaminé ficava o grande armário embutido na parede. Na prateleira, o trem de cozinha e por baixo da mesma, una cinquenta centímetros, havia uma tábua com ganchos e, num deles, pendurada uma toalha. Ninguém mais ali se encontrava, nem corria a mais leve aragem. Discutíamos o caso, minhas irmãs esforçavam-se por convencer-me e eu relutava. Que fazer?

A coisa afetava o meu futuro... Se ainda tivéssemos alguém que nos esclarecesse - disse uma delas. . . Ou se papai ainda fosse vivo... - obtemperou a outra. A simples pronúncia daquele nome, que evocava a personificação da honestidade e da bondade, todos emudecemos, pensativos. Passado um instante, eu disse: convirá aceitar!

Então, vi que a toalha começou a agitar-se no gancho, ora à esquerda,, ora à direita; mas, retesada, rígida, como se alguém a manobrasse. Aquele movimento era como se a toalha estivesse a dizer - não Depois, nada mais. Todos vimos perfeitamente o fenômeno. Ele foi, aliás, tão rápido, tão imprevisto, tão oportuno, tão manifestamente traduzido por uma força invisível, que minhas irmãs não puderam conter as lágrimas e eu tive um arrepio. Adotei a resposta

sugerida e hoje, passados nove anos, só me posso felicitar de a haver aceitado. O fato se deu em 1912 e a guerra tudo alterou. Hoje a empresa que se me oferecia já não existe, o que vale dizer que teria perdido o meu ganha-pão .

Gostaria que estes fatos, cuja autenticidade certifico, sob palavra de honra, pudessem aproveitar ao monumento científico que estais constituindo com tanta competência e imparcialidade.

O. Belgeonne.

Em carta subseqüente, de 14 de Maio, o Sr . Belgeonne acrescentava:

O que assinalo como digno de maior atenção é que a força que aproveitou da toalha (único meio talvez de que dispunha) deu resposta adequada à minha pergunta, como se previsse p futuro.

Mas. .. que força? Como poderia ela prever? Não seria essa mesma força que um dia, em Folkestone, durante a guerra, bateu num móvel e me fez chegar a tempo de evitar um incêndio - fato este que também voa comuniquei?

Confesso que o meu primeiro juízo ao ler este depoimento foi que o depoente forçava uma tanto a interpretação de um incidente banal e quase ridículo. Mas, depois, considerei que um homem afeito a discussões jurídicas não é um tipo qualquer. O mais simples seria supor que não passasse tudo de ilusão; mas como, se havia afirmativas concordantes de três

testemunhas? E depois, sobretudo, aquele balanço da toalha seria mais ridículo que a contração das patas da rã de Galvani? Todavia, é lícito perguntar se o Senhor Belgeonne não teria agido inconscientemente. Mas, como pôr em movimento um objeto sem saber que o fazemos, e, ao demais, de improviso? O problema não está, resolvido, confessemo-lo.

Do inquérito feito em Anvers e ao qual o missivista se prestou do melhor grado, obtive uns tantos documentos oficiais, sobre a data de falecimento do pai de Balgeonne, a 3 de Fevereiro de 1900, com 67 anos de idade, bem como testados em separado das duas irmãs, e informes outros prestáveis à elucidação do problema. A teoria da atuação do defunto, cuja bondade e paternal amor aos filhos conheciam, não deixa de ser admissível. Continuemos, porém, a estudar e comparar. Não esqueçamos que foi com a anatomia comparada que Cuvier obteve suas descobertas paleontológicas.

Tenho de contínuo manifestado e meu espanto e pesar por ver comunicações de mortos e manifestações tão insignificantes e tão banais; e contudo, imponderados sempre, não deixam os adversários de encrespar-me essa circunstância. Mas, pergunto: não deve a sinceridade impor-se antes de tudo? Nós estudamos. Nós constatamos. Certo, preferíramos (eu mais que ninguém) obter revelações da vida espiritual e de outros planetas.

Se o resultado dos nossos estudos fosse negativo, comprovando que certas almas não se comunicam e mesmo que não há senão manifestações fragmentárias, ecos imperfeitos de Espíritos ainda ligados à vida terrena, ou ainda produções pessoais inconscientes, não deixaríamos de o proclamar com toda a franqueza.

Tudo está por aprender. A verdade antes de tudo.

CAPITULO XI

Fenômenos ,de assombramento sem indício de ação dos defuntos. - Espíritos turbulentos. - Poltergeist

No capítulo precedente reunimos observações indiciais de tal ou qual co-participação de mortos, com objetivos mais ou menos definidos, levando-nos a presumir intenções, votos a cumprir, atos póstumos enfim. Aliás, já o havíamos notado no exame geral do assunto. Constatamos, porém, ao mesmo tempo, a existência de fenômenos singulares, que não deixavam entrever qualquer indício de origem e finalidade. Tivemos a impressão de que esses fatos misteriosos são muito variados e longe estão de moldar-se à

mesma explicação, destarte nos situando nas fronteiras de todo um novo mundo a descobrir. Neste capítulo classificaremos exclusivamente os fenômenos sem indícios de influência póstuma. Não digo em oposição ao capítulo antecedente - sem associação de mortos, porque o mundo extra terreno está todo ele por estudar e as precedentes revelações aconselham estrema prudência. Digo, porém, sem indícios presumíveis.

Já em nosso Primeiro bosquejo do assunto, quando das pedras atiradas na rua. das Nogueiras, em Paris, constatamos a ausência de qualquer indício de ordem psíquica. Não o encontramos, tão-pouco, através da fantástica, fenomenologia do castelo de Calvados; no presbitério misterioso, etc.

Posto que intenções póstumas, inesperadas, fossem muitas vezes sugeridas, parece que se trata aí de outra coisa.

Há muito tempo que toda uma classe de fenômenos de assombramento foram reunidos sob a denominação de Espíritos turbulentos, estudados principalmente na Alemanha e lá designados poltergeist, (de polter, fazer barulho e geist espírito) .

Assim rumores, pancadas, algazarra, audições variadas, passos, murmúrios, gemidos, etc., produzidos por causas inapreciáveis. Na prospecção do capítulo II; focamos espetáculos estranhos de projeção - de pedras, móveis derrubados, etc., cuja banalidade nos deixou estupefatos, e perguntamos qual poderia ser a causa de

tais distúrbios . Os exemplos típicos, posteriormente expostos, demonstraram que esses fenômenos também são multiformes e fantásticos. Assim sendo, com relação aos exemplos do capítulo precedente, revelador de ação oculta de criaturas falecidas, outros há que nos parecem inteiramente diferentes e, como tais, merecedores de um capítulo especial. Que causa lhes poderemos atribuir?

Faculdades humanas desconhecidas, animismo, vitalismo, agentes psíquicos extra-humanos, fragmentos da alma terrena, entidades incognoscíveis? Não percamos de vista, a partir das primeiras linhas, as verificações irrecusáveis, retro-expostas, tais como as da rua das Nogueiras, da rua dos Gregos, de Ardeche, Fives-Lille, Calvados, Auvergne, a casa do professor, a porta de Estrasburgo e todas as análogas, nas quais nenhuma fonte se indiciou . Anônima, turbulência, diabruras apenas. Reunamos, pois, aqui, algumas dessas manifestações e comparemos entre si. Esta primeira, muito singular, certamente, foi-me enviada de Cherchell (Argélia) em data de 17 de Julho de 1922:

Em 1913, quando nos achávamos no Tonquin, fui com minha mulher repousar algumas semanas na cidade de Mong-Zen (China Younan) . Em uma espécie de campo adstrito à concessão francesa, habitavam uma casa isolada, sendo que a mais próxima lhe ficava distante uns 20 metros. Leváramos

conosco o nosso boy, um garoto anamita de seus 16 anos. Dois dias depois da chegada, fomos surpreendidos, alta noite, com um estrondo formidável, que parecia vir do exterior, sobre o telhado . Pensei na repercussão de alguma trovoada e fui ver o firmamento. Límpido, escampo de nuvens. . . De ventos, nada. Contudo, em Cambodge tínhamos observado muitas vezes que os trovões reboavam sem que houvesse ventania e nuvens perceptíveis. Assim, apenas me preocupei com o fato para, de manhã, interrogar os vizinhos, que me afirmaram não ter ouvido estrondo algum, muito menos de trovão.

Dias depois, igualmente à noite, novo estrondo. Perdemos o sono, passamos a noite em claro e pude, então, analisar o caráter desta audição. Pensei que seria algum bloco de rocha destacado da montanha vizinha, que tivesse rolado; ou, então, ligeiro tremor de terra, peculiar ã região. Nada obstante, essa explicação não me satisfazia plenamente, pois o estrondo embora fortíssimo era, se assim posso dizer, surdo e único. Para que a minha opinião tivesse fundamento, seria preciso supor um bloco de pedra tombando em cheio num terreno nivelado, o que é absurdo. Como da outra vez, ninguém na concessão ouvira coisa alguma. Tão-pouco se registrou qualquer abalo sísmico. Essas duas manifestações poderiam ter sido esquecidas, se uma terceira mais formidável não ocorresse nas mesmas condições meteorológicas de perfeita calma. Num

ápice, pusemo-nos de pé e o nosso boy - (Deus sabe se os anamita têm o sono pesado) - que dormia no quarto contíguo, com a porta aberta, aprumou-se de súbito, estupefato.

Eu conjeturava que não deveria restar uma só telha na comíeis, imaginei imprevisto ciclone, sai logo. Fora, tudo calmo, a casa estava perfeita, integra. Avistando luz nas casas vizinhas, chamei os moradores. . . Não ouviram? - perguntei. Admirados, responderam que estavam a ler tranqüilamente e nenhum barulho os perturbara. Diante disso e pelo que tenho lido sobre o assunto, não duvido que entidades misteriosas ali se manifestavam. Como a casa é alugada todos os anos a pessoas em transito, é difícil saber se os anteriores ocupantes apreciaram o mesmo fenômeno. A causa desses estrondos é o que resta descobrir.

Max Roussel
Recebedor dos Domínios em Cherchell .

Fenômeno subjetivo. Como? Porquê? Não lobrigamos aí qualquer indício de intencionalidade post-mortem. Também não se pode admitir ilusão. Audição positiva. Como vimos no esforço geral, estas observações são numerosas, variadas e extensivas a todos os países.

Uma queda de pedras, enigmática, absolutamente inexplicável, lembrando a observada pelo pastor

Lavai, em Ardeche, descrita pela Sociedade de Investigações Psíquicas (Journal XII, pág. 260) e reproduzida por Bozzano em Phénomènes de hantise, vale inserida aqui, de acordo com o relato do Senhor Grottendieck, de Dordrecht, Holanda.

Em Setembro de 1903 foi-me dado o ensejo de presenciar um fenômeno anormal, e ainda bem que pude fazê-lo com o maior cuidado, em todos os seus pormenores.

Tinha terminado a travessia da jungle de Palembang a Djambi, em Sumatra, levando comigo uma escolta de cinquenta indígenas. Ao regressar a ponto de partida da nossa exploração, encontrei ocupada a minha residência hAbitual. Tive, portanto, de me transportar com a minha cama de viagem para uma cabana por concluir, feita de vigas aderentes entre si e coberta de grandes folhas secas de kadjang. Estendi a cama no assoalho de madeira, desdobrei o mosquiteiro e não tardei a adormecer. Por volta de 1 hora da madrugada, levantei-me com o baque de um objeto junto do travesseiro e fora do mosquiteiro. Olhei em torno e vi seixos escuros, da largura de dois - centímetros finais ou menos . Levantei-me, tomei a vela e, permanecendo na expectativa, certifiquei-me de que aa pedras caiam do teto, descrevendo uma parábola para atingir as proximidades do travesseiro .

Fui ao outro quarto despertar o jovem malaio que me servia, ordenando-lhe que saísse a investigar fora o

que ocorria. E enquanto ele cumpria a ordem, procurava auxiliai-lo projetando na folhagem circundante a lâmpada elétrica. Quando o rapaz voltou, coloquei-o de sentinela na cozinha e, para melhor observar as pedras cadentes, pus-me de joelhos perto do travesseiro, tentando fixar-lhes a trajetória. Intuito baldado, afinal, porque elas cabriolavam no ar, sempre que tentava agarrar Trepei então numa cerca e, examinando a cumieira, certificou-me de que as pedras saíam da camada de folhas de kadjang, que, nada obstante, não apresentava buraco algum. Lá de alto, procurei nova e inutilmente agarrar- as pedras. Quando desci, o rapaz disse-me que nada havia na cozinha. Eu estava convencido de que havia por ali escondido algum birbante, atrevido e de mau gosto . Tomei da espingarda e fiz cinco disparos para fora. Resultado: as pedras passaram a cair com mais fúria e intensidade. Contudo, sempre logrei despertar inteiramente o rapaz, que, antes dos tiros, permanecia apático, modorrado. Agora, vendo cair às pedras, ei-lo a gritar que era o demônio, a fugir pela jungle, na escuridão da noite. Desde que ele desapareceu, o fenômeno cessou. Escusado dizer que não voltou e perdi o empregado.

As pedras não apresentavam nada de particular, a não ser que, tocando-as, sentia-se-lhes maior quentura que a natural. Quando amanheceu, lá estavam elas no assoalho e vi que também os cinco cartuchos deflagrados jaziam em baixo da janela. Procurei ainda

uma vez examinar a cumieira, no local de onde partiam as pedras, mas não descobri o mais leve indício de rombo na camada de folhas.

Durante o pouco tempo do fenômeno, haviam caído mais de vinte pedras. Recolhi algumas e conservo-as até hoje. A principio, supus tratar-se de pedras meteóricas, de vez que vinham aquecidas; mas, como explicar a penetração pelo teto sem o perfurar?

Em conclusão: o pior para mim, de toda essa aventura, foi, com a fuga do rapaz, ter de preparar ó meu almoço e renunciar ao café e as torradinhas habituais.

Respondendo a perguntas nossas, o Conselho Diretor da Sociedade Psíquica acrescentou alguns esclarecimentos, entre os quais destacamos os seguintes:

Eu e o rapaz éramos as únicas pessoas que estavam na cabana completamente mergulhada no juncai .

Do ponto de vista da fraude o rapaz é insuspeitável, pois ele dormia junto da porta e, quando procurava despertá-lo; duas pedras caíram sucessivamente e eu as vi e ouvi cair, pois a porta estava aberta.

As pedras caiam com vagareza notável, de modo que, no caso mesmo de fraude, restaria algo de misterioso a explicar. Dir-se-ia que elas demoravam no ar, descrevendo uma curva parabólica.e batendo com força no chão. O próprio ruído que faziam era

anormal, porque muito forte, em relação à lenteza tia queda.

Disse que o rapaz me parecera apático até o momento que os tiros o espertaram, porque assim o demonstravam os seus movimentos incertos e tardos. Assim foi que se ergueu, entrou no juncai e de lá regressou, sempre vagaroso. Essa vagareza me causava a mesma impressão que a das pedras cadentes.

Estes os pontos essenciais dos relatórios do Senhor Grottendieck .

De outra feita, na Sicília, em Junho de 1910 e à plena luz meridiana., o Senhor Paulo Palmisano, que a testemunhou, assinala a queda lenta de pedras sem causarem qualquer dano, e que uma de entre elas, no local em que se sentara uma jovem camponesa surda-muda, destacou-se do muro e, descrevendo lentamente um semicirculo, foi pousar na. mão de um amigo. Entreolhamo-nos aturdidos - escreve ele - mas a saraivada continuou.

A propósito de projeteis partindo de pontos onde não há qualquer orifício, bem como de sua temperatura anormal, devemos notar que, não obstante incompreensíveis, estes fatos se repetem nas manifestações turbulentas.

Não podemos recusar essas constatações. Notemos nestes três casos de Cherchell, Sumatra e Sicília, a presença. de uma jovem criatura humana, inconsciente. Procurando as causas desses misteriosos

eventos, não lobrigamos qualquer indício de intervenção de pessoas falecidas ; e contudo aí estão, certamente, vestígios de intencionalidade, diretivas, inteligência. Tratar-se-á de seres invisíveis diferentes dos humanos ? Esta hipótese afigura-se-me desnecessária. Uma vez admitida à sobrevivência, é lógico que haja milhões de Espíritos medianos, ou inferiores, capazes de se divertirem dessa maneira. Divertir-se! A palavra poderá parecer estranha; no entanto, casa-se admiravelmente com as observações em sua opulenta variedade, e com a complexidade dos movimentos inexplicados.

Em Fevereiro de 1913 recebi vários jornais belgas, entre os quais Le Sincériste, de Anvers, L'Etoile Belge, de Bruxelas, La Fraternité, Le Siècle XX.e, etc., relatando por diversas formas os fenômenos de uma casa mal-assombrada, em Marcinelle. A melhor descrição é a dos Annales des Sciences Psychiques, de 1913, página 152. Reproduzamo-la aqui:

Toda a imprensa do país registrou os fatos extraordinários de apedrejamento, ocorridos em Marcinelli, perto de Charleroy, de uma casa da rua Cesar-de-Paepe, ocupada pelo Sr . Van Zantem .

Começadas na quinta-feira, 30 de Janeiro, as ditas manifestações cessaram no domingo, durando assim quatro dias apenas. Tiveram, contudo, a virtude de movimentar a polícia e a gendarmeria locais, chegando a determinar o arrancamento do respectivo assoalho,

sem resultado. Por nossa vez, lá estivemos no dia 5 de Fevereiro . A casa em apreço é a última de uma série de construções idênticas. Ao lado, faceando a rua, existe grande e umbroso jardim, que se estende até à, esquina da primeira rua transversal e confina, igualmente, pelos fundos, com os muros e cercas do lance de casas em cuja extremidade fica a do Senhor Zantem.

Pouco depois de lã chega tivemos ensejo de conversar com um agente da policia, que tomara parte ativa na diligencias. O que mais o havia impressionado, nas circunstâncias que lhe competia observar, era a precisão com que os projeteis atingiam o ponto de antemão visado pelo operador.

Vi - disse-me ele - uma pedra bater no centro de grande vidraça e, a seguir, uma série de outras baterem em espiral, em volta da primeira mossa, de modo a quebrar metodicamente toda a vidraça. Cheguei mesmo a ver, noutra janela, um primeiro projétil retido pelos fragmentos do vidro no orifício aberto e logo atingido e deslocado por outro, com absoluta precisão. Pelo que observamos, as pedras só podiam provir de uma casa situada do lado oposto ao quadrilátero, a 150 metros do alvo, mais ou menos. Para lograr tal retidão de pontaria, fora preciso que o atirador dispusesse de catapulta assaz possante e perfeitamente regulada.

Isto - objetei-lhe -, não resolve o problema, visto que os projeteis lançados diferiam, como acaba de

dizer, em forma, peso, tamanho. Cada projétil deveria, portanto, seguir trajetória muito variável, dada a desigualdade dos efeitos da resistência do ar. Ao demais, o vento devia também influir grandemente para desviar as pedras, ora de um, ora de outro lado, de sorte a podermos afirmar que uma pontaria assim precisa, com projeteis tão variados, ultrapassa as possibilidades humanas .

Instante depois, pôde entreter-me com o Senhor Van Zantem, que, muito complacentemente, se prestou a mostrar-me a casa, os danos sofridos, os projeteis guardados, respondendo com toda a minúcia às perguntas que entendi de fazer-lhe. Antes de tudo, referi-me à conversa que tivera com o agente da policia. A primeira assertiva é absolutamente verídica - respondeu-me - a primeira pedra bateu precisamente no centro da vidraça, e as que lhe sobrevieram vinham formar uma espiral em volta do primeiro orifício.

O que mais nos surpreendeu, porém, é que nem uma das 300 pedras arremessadas atingiu quem quer que fosse. No primeiro dia, meu criadinho encontrava-se no jardim; minha filhinha dormia no 1° andar e o berço estavam perto da janela aberta. Nem um nem outra foram molestados. E' verdade que a criada recebeu na cabeça um pedaço de tijolo; mas foi coisa leve, que não chegou a contundi-la. Meu avô, tacado no braço, exclamou : Olhem que nem dei por ela

Este - objetei -, pelo, que dizem as teorias, é um dos sinais que melhor distinguem os projeteis de assombramento, dos oriundos de intervenção humana; e como a criada aparecesse na ocasião, tratei de interrogá-lo também. Sabida a freqüência com que se deparam, nas casas mal-assombradas, pessoas do sexo feminino chegadas à puberdade, a rapariga pareceu-me não ter mais de 15 anos e dir-se-ia que os fenômenos tinham qualquer ligação com ela, visto que as pedras ai caiam depois que ela acordava e deixava o leito. Mostrou-me na cabeça o ponto atingido, dizendo trazê-la completamente descoberta, no momento. Doeu-Ihe muito? - Oh! sim, tanto que chorei tudo o dia. Mas a verdade é que não sangrou, nem encalombou, pois não ? - Sim, nada disso . O projétil poderia ter a quarta parte de um tijolo, e não parece natural que o efeito fosse assim tão brando, vindo de tão longe e, ao demais, em linha vertical.

Uma vez requerido o inquérito, a policia de Marcinelli, depois de observar a direção aproximada dos projeteis, deu uma batida em regra nas quatro casas vagamente suspeitadas como sendo o campo entrincheirado do suposto inimigo. Nada foi encontrado e os inquilinos das ditas casas não estavam menos estupefatos que o próprio Senhor Jacob Van Zantem .

Este o depoimento do jornalista de Antuérpia. Com Bozzano, que também registrou o caso, notemos

preliminarmente que, basta considerar a quantidade de projeteis arremessados, para concluirmos pela origem supranormal dos fenômenos, tendo em vista que um operador humano, até que pudesse atirar trezentas pedras, ter-se-ia deixado apanhar em flagrante pelos gendarmes

Por outro lado, há notar que, quando os projeteis atingiam alguém, não contundiam, ou contundiam quase nada, em comparação com os estragos que causavam nos objetos, proporcionais ao seu peso e volume. Isto é coisa sabida há setecentos anos, com o bispo Guilherme d'Auvergne (v. pág. 352).

Esta curiosa particularidade constitui regra nas manifestações de poltergeist e nas induz a admitir uma intencionalidade e volição ocultas nestas manifestações.

Estes atos intencionais ainda sugerem outra observação, ligada ao caso de Sumatra, a propósito de alguns exemplos de projeteis que desenvolvem marcha lenta em relação com a respectiva parábola. Fenômeno teoricamente interessante, mas muito raro, de projeteis inofensivos às pessoas, mas sumamente danosos a portas, janelas, móveis, etc .

Idênticas observações têm-se registrado um pouco por toda à parte. O professor Perty, da Universidade de Berne, publicou um opúsculo, em 1863, referente à casa mal-assombrada, do Conselheiro Joller de Niederdorf, Cantão de Unterwalden .

Eis aqui um resumo:

De 15 a 27 de Agosto de 1863, cadeiras e mesas misteriosamente tombadas, pancadas nas portas, janelas e no assoalho; portas que se abriam e fechavam automaticamente e, por fim, um barulho infernal, os ferrolhos a saltarem. Parecia que a casa se desmoronava, Para as pessoas que estavam no interior, as pancadas provinham do porão; e para os que observavam no porão, era como se proviessem de baixo e de cima ao mesmo tempo. Concomitantemente, marteladas nos móveis e nas cadeiras. A despeito das buscas mais rigorosas, não foi possível lobrigar uma causa justificável, o que não impediu o jornal Der Eidgenoss, de Lucerne, publicar, dias depois, que tudo ficara explicado com provas palpabilíssimas : - nada menos que o achado dos instrumentos utilizados no fenômeno, com o intuito de forçar a venda do imóvel .

No Bund de 4 de Setembro, o Conselheiro Joller refutou essas afirmativas destituídas de qualquer fundamento, declarando categoricamente que o insólito fenômeno, a despeito do inquérito oficial e das providências tomadas, não ficou racionalmente esclarecido. O distúrbio prosseguiu num círculo muito restrito, até o dia 27 de Agosto, quando cessou por algum tempo. Fácil de imaginar o que foram, para uma família numerosa, aqueles dias de terror indizível, que não deixaram de acarretar os maiores dissabores.

Enquanto os cépticos pretendiam dar uma explicação mecânica, os devotos nada mais viam que artimanhas do demônio. Enorme a repercussão da imprensa a falar, como sempre acontece, de ilusões, crendice e conceitos. Em Allgemeine Zeitung, de 28 de Setembro, um correspondente de Berne assegurou que o X do problema fora encontrado, isto é, que o promotor de tudo era um rapaz de 18 anos, filho do conselheiro. O rapaz teria aprendido com alguns ciganos toda a espécie de truques e estaria procurando exercitá-los, aterrorizando os pais e divertindo-se. Ao meu pedido de informações, o Senhor Joller escreveu-me em 2 de Outubro o seguinte: Respondendo à vossa honrosa carta de 30 de Setembro, cumpre-me, antes de tudo, declarar que os fenômenos continuam, embora sem a violência tumultuosa do seu início, e que tudo o que o respeito há sido publicado nada contém de verdadeiro.

Depois de lamentar que a comissão de sindicância tivesse redigido o processo-verbal sem ouvir numerosas pessoas idôneas, que presenciaram os fatos, o Senhor Joller acrescenta:

Exposto por um lado ao fogo cruzado da população grosseira e fanática, e por outro ao da imprensa incrédula, caluniosa e mordaz, fiquei, com minha família, entregue ao meu infortúnio e ainda agora, com o abalo de saúde da mulher e dos filhos, me vejo obrigado a mudar de domicílio. Procurei, a princípio,

guardar segredo do que se passava, mas o distúrbio foi tão grande que não pude escondê-lo por mais tempo . Os fenômenos que, de bom ou mal grado, fui obrigado a reconhecer, verificaram-se à plena luz meridiana, durante seis semanas, e apresentam modalidades diversas.

A princípio ouviram-se pancadas nas paredes, no assoalho e sobretudo nas portas. Às vezes, as pancadas eram tão violentas que as portas se abriam e fechavam arrebentando os respectivos trincos. Esses choques diminuíram depois, transformando-se em leves trepidações. Mesas, cadeiras, vasos eram derrubados, ora com estrépito, ora sutilmente; quadros arrancados das paredes, jarras retiradas das mesas e das cômodas e depois atiradas ao chão; grande número de objetos foram caprichosamente pendurados nos pregos e, finalmente, quadros que, à nossa vista, voltavam à face para a parede . Pedras, frutas, roupas, etc . , chegavam de todos os lados e dos recantos mais esconsos e fechados. Muitas pedras caíram no fogão. Nada. quebrado, nada estragado e - nota curiosa - as pedras provindas da cozinha, atingindo meus filhos, lhes davam apenas sensação de leve contacto.

Também tivemos o contacto de mãos e dedos gelados, e sentimos uma corrente de ar frio, como que produzida por afiar de asas e sentida por todos os domésticos. Outras vezes, imitavam com habilidade notável o ruído de um relógio a que dessem corda; de

madeira que se lasca, tinir de moedas, atritos estranhos, cantos e vozes articuladas como por órgão humano. Em geral, esses ruídos, por vezes muito fortes, tinham relação com o trabalho e as conversações caseiras. Ante ontem à noite, por volta de 8 horas, uma pedra rociada de orvalho foi cair no alto da escada, quase em frente da porta do quarto. Há sete semanas, se alguém me falasse nestas coisas, ver-me-ia sorrir e dar de ombros; hoje, porém, me sinto na obrigação de as afirmar com todas as veras de minha alma.

O professor Perty acrescenta: O Senhor Conselheiro Joller, geralmente considerado um homem leal, esclarecido, veraz, há de consolar-se com o desgosto e a inquietação que lhe acarretaram estes fenômenos misteriosos, considerando que eles contribuem para ampliar nossos horizontes espirituais, abrindo perspectivas novas a uma nova ordem de coisas, e que os falsos juízos a ele irrogados são apenas o fruto da ignorância.

Poderíamos pensar com Perty e Bozzano, que o comenta, repetindo o que acima dissemos, isto é, que estas manifestações banais, vulgares, materiais, análogas a tantas outras constatadas nesta obra, são produzidas por via de menor resistência (como os fenômenos do raio) e podem ser dirigidas por Inteligências invisíveis no intuito de impressionar as testemunhas, despertando-as da sua indiferença e

convidando-as a meditar a possibilidade da sobrevivência da alma, com todas as suas conseqüências morais e sociais. Se admitirmos essa interpretação, admitiremos ipso facto que nobilíssimos fins são colimados por meios assaz modestos, o que se adapta à natureza comumente vulgar do homem, pois é preciso confessar que a maior parte das criaturas não conhecem mais que a vida material, indiferentes a quaisquer argumentos filosóficos ou psicológicos, apenas suscetível de serem tocadas pelo fato brutal. Assim que, um soco violento nas costas as impressiona muito mais que uma dissertação de Buda, Platão ou Jesus-Cristo. Constatemos agora, de conjunto, que os fenômenos de assombramento, de poltergeist ou Espíritos batedores, independentes e não associados a pessoas falecidas, são muito menus numerosos que os denotantes de qualquer associação, tal como a estudada no capítulo precedente. Todavia, os relatórios, que ora tenho à minha mesa, dariam umas trinta páginas.

Que haja intervenção de Inteligências invisíveis nas manifestações de poltergeist, é incontestável. Projeteis que atingem alvos escolhidos, amortecem por não ferir os espectadores, descrevem trajetórias caprichosas, surgem sem sabermos donde, atravessam fendas estreitas como se lhes fossem ajustados, penetram ambientes hermeticamente fechados. Atos são estes pertinentes a um mundo supranormal.

Atribuir esses atos raciocinados a faculdades bizarras do subconsciente, parece-me hipótese dificilmente sustentável.

Temos advertido que a vulgaridade e banalidade das manifestações podem explicar-se pelo simples intuito de atrair atenção, e pela facilidade de operar segundo a lei de menor resistência. Também pode haver nisso ação de Espíritos vulgares, tal como se dá em nosso mundo . Porque não haveria do outro, como deste lado da barreira, brincalhões de mau gosto e até maldosos e imbecis?

Laboriosa estatística, elaborada por Bozzano, oferece-nos o seguinte resultado:

Sobre 532 casos comparados, há 374 da categoria dos produzidos por defuntos e 158 concernentes a batedores anônimos, ou poltergeist. Assim, temos uma proporção de 28%. Se examinarmos separadamente as categorias, verificaremos que, na dos poltergeist, há 46 apedrejamentos, 7 incêndios e 7 casos de audição de vozes humanas desconhecidas, bem como 39 de campainhadas espontâneas. Nos fenômenos de assombramento propriamente ditos, sobre 374 de 572 casos, ou seja 72% a coincidirem com adventos de morte - quase sempre trágicos - ocorridos nos próprios locais ou sítios mal-assombrados. Estes 374 casos podem ser divididos em vários grupos muito distintos e muito sugestivos. Assim, por exemplo, em um primeiro grupo de 180 casos - baseados em

informações quase sempre seguras - a origem do assombramento teria coincidido com um sucesso trágico . Noutro grupo de 27, a falta de documentação teria sido compensada pela descoberta de cadáveres humanos, enterrados ou emparedados no local, a indiciarem cruentos dramas ignorados. Em 51 casos de um terceiro grupo, notam-se falecimentos associados ao local e no quarto grupo constante de 26 casos, o manifestante teria falecido há muito tempo, e alhures.

Em 304 de 374 casos vê-se, portanto, um óbito coincidente. Restariam, pois, 70 casos nos quais falhou a coincidência ou - para ser mais exato - não foi possível descobri-la. Essa grande maioria de casos com a procedência de marte, parece suficiente para legitimar a hipótese de um elo entre as causas das duas ordens de fatos.

A conclusão de quanto se tem desdobrado à nossa vista é que estes fatos, extraordinários e inexplicáveis, são reais, apesar das dificuldades de observação e das ilusões especiais, inevitavelmente ligadas ao seu estudo. Certos são eles, como a existência do Sol e da Lua. Verdade, também, que são mais fáceis de constatar que de explicar. Contudo, importa-nos consagrar um último capítulo a essa explicação. Antes, porém, detenhamo-nos um instante nos casos clandestinos.

CAPITUTO XII
OS CASOS CLANDESTINOS

São tão numerosos quanto os legítimos. E assunto, este, que se presta grandemente à superstição, à trapaça, a farsas e ilusões, tanto quanto a alucinações, devaneios histéricos, fantasias infantis, etc. Tive a pachorra de examinar centenas de relatórios, entre eles os de há muito discutidos pelas Sociedades psíquicas da Inglaterra, Norte-América, França, Itália; assim como por diversas publicações nacionais e estrangeiras. Esses vários relatórios representam volume tão considerável que me parece perfeitamente inútil dar-lhes publicidade especial. Perdi com eles muito tempo e quero poupar esse prejuízo aos meus leitores . Aqueles que quiserem inteirar-se melhor do assunto, não têm mais que folhear a coleção de Annales des Sciences Psychiques e de Proceedings of the Society for Psychical Research, de Londres e de Nova York, assim como `'Lute e Umbra, de Roma, periódicos todos fartamente documentados.

Os fatos e atos de perto ou de longe associados ao Espiritismo, estão particularmente sujeitos a ilusões, a falsas interpretações e, sobretudo, a mistificações dos embusteiros. Em que pese à infâmia dos falsos médiuns, que especulam cinicamente com a dor alheia,

com a mágoa de criaturas enlutadas e ávidas de consolo, são eles, ainda assim, numerosos e nunca seria demasiada a suspeição a tal respeito . Por mim, desmascarei mais de um, em condições tais que houveram de ser expulsos dos locais de suas façanhas, inescrupulosas quão grosseiras. Há. também pessoas dotadas de reais faculdades psíquicas e que, no entanto, não vacilam em fazer o seu jogo, quando as ditas faculdades lhes falham. Os homens estudiosos, que não têm tempo a perder, houve bastas vezes de lamentar essa falta de critério. Entre outras por mim publicadas em As Forças Naturais Desconhecidas, há uma carta do eminente astrônomo Schiaparelli, que ilustra o assunto e nós compreendemos perfeitamente que, apesar do desejo de se instruírem, os sábios em tais emergências desanimem, com, grande prejuízo para a Ciência. Os homens dotados de espírito científico são naturalmente francos, sinceros, não compreendem a mentira .

Para nós, o mais importante em nossas experiências é descobrir a causa ou causas das realidades observadas. Constatação irrecusável: as casas mal-assombradas são de todos os tempos e paises.

CAPITULO XIII
INVESTIGAÇÃO DAS CAUSAS

Origem e modo de produção dos fenômenos. O quinto elemento.

Cecí est un Livre de bonne foi. MONTAIGNE.

Felix qui potuit rerum connoscere causas!!! Feliz o que pode conhecer as causas, proclamava Virgílio há dois mil anos, em suas Geórgicas admiráveis (II, 489), assinalando a ventura daqueles cuja inteligência robusta penetra os segredos da Natureza e se eleva acima das vulgaridades. Chegaremos a atingir essa ventura com a documentação reunida nesta obra? Nessa documentação livre, independente de qualquer prejuízo, meus leitores sabem que não tive intuito outro que o de instruir-me a mim mesmo e apresentar-lhes o resultado das minhas investigações. Permitam, pois, lembrar-lhes que o meu estudo pessoal sobre mundo oculto começou em Novembro de 1861, de parceria com Allan Kardec, fundador do moderno Espiritismo, e, incontestavelmente, o homem mais documentado há esse tempo. Dele para cá, até o presente (1923), tenho tido ocasião de conhecer, mais ou menos, os trabalhos realizados sobre o assunto, em todas as partes do mundo. Confesso, portanto, que

muito me surpreendo, quando vejo esses fenômenos negados por homens que parecem inteligentes, instruídos e ponderados.

Como já disse, é, em geral, de muito bom tom professar um cepticismo absoluto sobre os fatos que constituem esta obra.

Para três quartas partes da gente deste nosso planeta, todos os ruídos inexplicados das casas mal-assombradas; todos os deslocamentos de corpos sem contacto; todos os movimentos de mesas, móveis e quaisquer objetos, verificados nas experiências ditas espíritas; todas as comunicações tiptológicas ou de escrita inconsciente; todas as aparições totais ou parciais de formas fantasmáticas são ilusões, alucinações, ou farsas. Não há que procurar outra explicação qualquer. A única opinião razoável é que tudo isso não passa de erros e que todos os médiuns, sejam ou não profissionais, não passam de impostores. Finalmente: não há fenômenos e as testemunhas que os certificam são uns imbecis.

Certo, o assunto é complexo e o problema a resolver é de equação para muitos desconhecida. Mas a Ciência resolveu muitos outros problemas, a partir das equações de primeiro grau, até às funções transcendentes do cálculo integral. Aqui, antes de tudo, há dois elementos a defrontar: faculdades humanas a analisar, a determinar, e um elemento psíquico invisível, exterior a nós.

Em As Forças Naturais Desconhecidas (edição definitiva de 1906, pág. 591) pode ler-se o seguinte:

Em matéria de Espiritismo o campo está. franqueado a todas as hipóteses explicativas. Nota-se que as comunicações ditadas pelas mesas estão em relação com o estado da alma, as idéia, opiniões, crenças, conhecimentos, etc., dos próprios experimentadores. Será., então, um como reflexo desse conjunto.

Prejulgando o que está por demonstrar, a palavra médium é inteiramente descabida, considerando a pessoa dotada dessas faculdades como intermediaria dos Espíritos e dos homens. Ora, admitindo que assim seja, algumas vezes, o certo é que nem sempre o é. A rotação de mesas, o seu levantamento, o desvio de um móvel, o agitar de cortinas, a audição de rumores, são causados por força emanante daquela pessoa, ou do conjunto dos assistentes. Nós não podemos, a rigor, dizer que haja sempre um Espírito em tudo isso, para satisfazer as nossas fantasias. E a hipótese é tanto menos necessária, quanto os pretensos Espíritos nada nos ensinam.

A maior parte das vezes o que atua, certamente, é a nossa força psíquica. A pessoa que exerce a principal influência, nessas manifestações, deveria chamar-se mais propriamente dinamogeno, pois que engendra força: Este, parece-me, o vocábulo mais apropriado, de

vez que exprime o constatado em todas as observações.

Aí estavam os convites ao método científico. Nossos estudos sobre estes assuntos exigem circunspeção excepcional. Já em 1869, no discurso por mim pronunciado no enterro de Allan Kardec, adverti que o Espiritismo não deve ser considerado como religião e, sim, como ciência a estudar; que as causas em ação diversificam-se e avultam, mais do que se supõe.

Nós não conhecemos todas as faculdades humanas . A legenda do templo de Delfos - Conheceste a ti mesmo -- não perdeu os foros de atualidade. Nossos próprios poderes concorrem em parte, certamente, para a produção dos fenômenos aqui estudados. Escravo fiel do método experimental, penso que devemos examinar todas as hipóteses naturais antes de recorrer a outras quaisquer.

Quando, em O Desconhecido, ensaiei uma primeira classificação metódica destas observações tão variadas, comecei pelas transmissões telepáticas, melhormente provar, e pelas manifestações de moribundos e de pessoas viventes, suscetíveis de verificações testemunhais fidedignas, merecedoras de toda a confiança.

Sempre me pareceu que toda a prudência era pouca na interpretação dos fatos, sobretudo quando se trata de estabelecer cientificamente as provas da

sobrevivência da alma, pois nossa impressão é a de estar à alma intimamente ligada ao cérebro, à sua evolução e finalidade. Trata-se de provar o erro dessa aparência. Certos fenômenos ocorridos no momento da morte sucederiam, ou precederiam esse momento?

A princípio supus, naturalmente, que o fenômenos se possibilitassem pela força psíquica do vivente, admitindo que este exame poderia levar-nos à prova da ação post mortem. Houve quem me censurasse esta prudência. O Senhor A. Erny escreveu em Annales des Sciences Psychiques, de 1900, pág. 22, o seguinte:

Erro completo é o do Sr, Flammarion, acreditando serem os moribundos e não os mortos, que podem manifestar-se. Um morto pode manifestar-se de modo mais ou menos objetivo, porque está desprendido e o seu corpo psíquico pode operar momentaneamente, transportando-se a distâncias enormes, tal como o fluido elétrico. De resto, é quase sempre a parentes e amigos que o morto se manifesta, atraído pela afeição já existente na Terra. Quanto aos moribundos, não lhes é possível manifestarem-se, pela excelente razão da luta de todos os elementos psíquicos no momento da morte, a fim de se desembaraçarem do corpo físico. Não será, pois, no meio dessa crise suprema, que o moribundo haja de manifestar-se, seja como for . O moribundo está numa espécie de estado comatoso, no qual parece sofrer muito; mas, na realidade, é insensibilizado pela crise e pelo tempo de sua duração.

Lembro-me de que, quando meu pai agonizava e parecia sofrer extremamente, disse-lhe o seguinte: - Dir-se-ia que estás sofrendo muito; mas se assim. não é, aperta-me a mão. Impossibilitado de falar, ele apertou-me levemente a chão. Aí, temos a prova evidente, palpável, de que ele não sofria, seu estado não seria penoso. Meu pai acreditava firmemente na imortalidade da alma e, depois de expirar, seu rosto, contraído pela moléstia, tomou uma expressão de serenidade e majestade que muito nos impressionou, a mim e minha mãe .

Eu jamais disse nem pensei que os mortos não podiam manifestar-se: apenas aventei uma hipótese de análise teórica. Ao invés, acredito que essa manifestação está hoje provada pelos fatos observados e devemos admiti-la, mas, com a condição de não incidirmos em malha de erros ou de ilusões. O Senhor Erny interpretava então (1900) a minha obra - O Desconhecido, que acabava de ser publicada e versa principalmente a telepatia e manifestação dos moribundos . Era por aí que devia começar minha obra. Ele cita os casos por mim publicados, do General Parmentier, Renato Kraemer, Senhora Feret, Clóvis Hugues, Barão Deslandes, Baronesa Staffe, e conclui que estou em erro atribuindo esses fenômenos a moribundos, ou a alucinações, enquanto que, a seu ver, eles foram certamente produzidos por mortos.

Desejaria crê-lo, tanto quanto o meu contraditor; mas, em matéria de provas, sou mais difícil de contentar.

O método científico é inexorável. E a verdade é que navego muitas vezes entre dois escolhos, isto é, entre os negadores que tudo negam e os crentes que tudo aceitam. Não será lícito perguntar se acaso não estaremos ambos errados, que estes fenômenos sejam produzidos, não por mortos nem moribundos, mas por faculdades humanas ainda desconhecidas? E' uma pergunta muito natural. O fato constante da necessidade de um médium para que se produzam fenômenos espiritóides, não é indício para negligenciar. Como a pouco recordei, dinamogeno era como denominava os médiuns. Porquê? Porque o homem não se conhece a si mesmo. Os estudos comparativos de Aksakof demonstraram que mais de um fenômeno de assombramento pode levar-se a conta de ação, a distância, produzida por força psíquica de pessoas vivas. Em muitos casos, é fato inteiramente provável. Kerner nos conta do poeta Lénan, o seguinte:

Vou citar um fato que prova quanto seu corpo etéreo estava pouco ligado ao corpo físico. Um dia em que jantávamos juntos e quando, à sobremesa, mais viva era a palestra, ele calou-se de súbito, empalideceu muito e ficou imóvel na cadeira. Entretanto, no quarto vizinho, onde ninguém se encontrava, ouvimos entrechocar de copos e ruídos outros, como se alguém

lá estivesse. Chamamo-lo pelo nome, interrogamo-lo - que é isso ? Ele despertou como de um sono magnético, e quando lhe contamos o sucedido, replicou: Isso me acontece muitas vezes e tenho a impressão de achar-me fora do corpo .

Sem nos ocuparmos no momento com a teoria do corpo etéreo, constatamos somente que o ser humano é dotado de faculdades ainda desconhecidas. Em suas tão engenhosas investigações sobre os fenômenos físicos atribuídos por sua mulher, excelente médium, à própria mãe já falecida, o Dr. W. de Sermyn conclui com estas curiosas anotações:

Como os ruídos continuassem a repetir-se de tempos a tempos, aproveitei uma noite em que despertei com rumor de passos e de móveis derrubados enquanto Gisela dormia, em sono hipnótico. Repetiu-me então, depois de muito hesitar, o que já me havia dito quando personificava sua mãe. Ordenei-lhe se lembrasse no dia seguinte, ao despertar, de tudo o que acabava de me dizer, ou fosse, mandar dizer uma missa pela alma sofredora e pedir-lhe que nos libertasse da sua presença. Ignoro se Gisela mandou celebrar tal missa, mas o fato é que os distúrbios não mais se reproduziram. Os ruídos atribuídos por Gisela ao Espírito de um morto eram, evidentemente, produzidos por ela mesma. Em todas as casas mal-assombradas há um médium. A nossa o era, com certeza. Muitas vezes as cobertas da cama eram

arrebatadas, mãos invisíveis me apalpavam por cima das cobertas. Certa feita, despertei e, assentado na cama, senti forte aperto de mão. Por vezes, ouvia distintamente subirem a escada e chegarem até à porta do quarto, procurando abri-la. Os móveis pareciam deslocar-se e tombar, mas tudo não passava de sons imitativos, aliás perfeitíssimos. Suponho que a subconsciência de Gisela era levada pelo desejo de me converter ao Espiritismo. Ela sofria com a minha incredulidade e valia-se, para conseguir seus fins, daquele: meio absurdo, haurido nas crenças populares.

Mal grado ao qualificativo de dinamogeno outrora dado aos médiuns, penso que também não podemos ser tão exclusivistas. As faculdades desconhecidas, do ser humano, cooperam mas não bastam, por si sós, para explicar umas tantas manifestações póstumas. Nada obstante, não as percamos de vista. O Senhor Erny me antepôs entre outras, em prol da certeza das manifestações de mortos, a seguinte observação (Annales, 1900, pág. 98)

Alfredo Ohagen assim me historiou um fenômeno sucedido ao seu amigo H., materialista convicto, para quem a morte era o fim de tudo. Essa convicção foi abalada com o que lhe sucedeu por morte do cunhado, ¢ quem muito se afeiçoara e compartilhava das suas opiniões materialistas. O Senhor H. estava assentado perto do leito em que jazia o cunhado, poucas horas depois de falecido. A porta, entreaberta, não havia no

quarto mais que uma vela acesa junto à mesma porta. Ele pousou a mão na fronte hirta do cadáver e disse em voz alta: Poderás dizer-me se há ou não sobrevivência Mal acabava a frase, a porta fechou-se e a vela se apagou. O Sr, H. levantou-se calmo e, nada crente de que se tratasse de qualquer fenômeno, reacendeu a vela no pressuposto de que uma corrente de ar a houvesse apagado e movido à porta. Entretanto, para melhor certificar-se, foi buscar um pedaço de giz e verificou que a porta não tinha de si mesma qualquer tendência a fechar-se automaticamente, bem como não corria nenhum vento dos cômodos vizinhos, cujas portas e janelas estavam, aliás, fechadas. Colocou a vela em frente à porta, repetidas vezes, e notou que a chama não oscilava. Levou, então, a porta ao primitivo lugar e traçou por ela uma linha no assoalho... Expectante, viu que a porta não mais se movia e exclamou: Alberto, se ë de fato um sinal que me queres dar, fecha de novo a porta. E a porta bateu logo, como da primeira vez. Sua irmã, que repousava no sofá, na sala contígua, perguntou, agastada, porque havia duas vezes fechado a porta com tamanha violência, ao que ele revidou perguntando, por sua vez, se nunca tinha visto aquela porta fechar por si mesma. - Que não, nunca, respondeu ela. No dia seguinte, ainda fez algumas experiências com a porta e ela não mais se fechou automaticamente.

De resto, a criada apagara, à sua vista, os traços de giz do assoalho, assim se comprovando que ele não havia sonhado, assim como o fato da irmã haver-se perturbado duas vezes com o barulho da porta, prova que não houvera alucinação. Este caso, dos mais característicos, foi publicado na Light de 27 de Fevereiro, de onde o traduzi. Convido o Senhor Flammarion a meditá-lo, pois, tratando-se de experiência de um materialista, é nada menos que chocante.

Pois bem: direi que este caso, em ser notável, não me parece absolutamente probante. Qual, de fato, a prova de que o experimentador não pudesse inconscientemente produzir o fenômeno? A ação do defunto é, certo, muitíssimo provável. Mas... será absolutamente certa? Longe estou de recusar a manifestação dos mortos, antes, pelo contrário. Se comecei pela, de moribundos e dos vivos, é que me pareceu preciso abordar e provar primeiro estas, que nos levariam naturalmente a discutir aquelas, segundo a ordem metódica, que se impõe às afirmações deste teor. Não esqueçamos que, a bem da própria convicção pessoal, devemos neutralizar, mediante observações psíquicas positivas, a objeção capital do paralelismo entre o nascimento e o desenvolvimento da inteligência da criança e a evolução material do seu cérebro.

Não percamos de vista as faculdades fisiológicas e psicológicas do ser humano e seus possíveis desdobramentos. Não há quem ignore a bela descoberta feita em Bordéus pelo Dr. Azam, dos dois estados mentais de Félida. Quando fixamos estes exemplos, adivinhamos a extensão inexplorada do mundo psíquico e fisiológico e nos dispomos a atribuir-lhe um cociente importante na produção dos fenômenos aqui estudados. E tudo isso concorda com o que demonstramos no 1.° tomo de A Morte e seu Mistério, no concernente às faculdades humanas desconhecidas. Estamos no vestíbulo do conhecimento, nada sabemos e repetimos com Millet, na bela obra que é Lendo Fabre : Nada sei, mas espero saber.

No Congresso Internacional de Investigações Psíquicas reunidas em Copenhague de 28 de Agosto a 2 de Setembro de 1921, do qual possuímos excelente relatório redigido por Carlos Vett, o Doutor Schrenck Notzing expôs, sob a epígrafe de Der Spuk in Hopfgarten, uma constatação judiciária de fenômenos de telecinesia, cujo resumo, feito pelo sábio colega Senhor Luís Maillard, foi publicado na Revista Psíquica e demonstra quanto os casos de assombramento ainda se ressentem de incerteza. Eis o que ele diz:

Este caso oferece duplo interesse: em primeiro lugar, sugere umas tantas hipóteses sobre as causas

que se lhe possam atribuir, o que é geralmente raro, na espécie; e, em segundo, o haver sido objeto de um inquérito judicial, que lhe estabelece a autenticidade de forma indiscutível. Eis o fato:

Em Hopfgarten, perto de Weimar, mora um relojoeiro chamado Sauerbrey, casado em segundas núpcias e tendo um filho do primeiro matrimônio. Esse filho, residente em localidade próxima e dedicado ao estudo de ciências ocultas, fez uma visita ao pai, no dia 10 de Fevereiro de 1921, e encontrou a madrasta de cama, em virtude da enfermidade crônica que de há muito a amofinava. Tentou, então, tratá-la pelo hipnotismo, ou, segundo depuseram as testemunhas, lhe teria apenas tomado o pulso e feito na fronte imposição de mãos, coisa que o inquérito não deixou bem apurado. A verdade, porém, é que, sempre que o rapaz se afastava, a doente queixava-se de cefalalgia. No dia 17 de Fevereiro a doente piorou: teve alucinações, alegando ver constantemente o enteado com os olhos pregados nela. À noite, por volta de 11 horas, ouviram-se rumores no seu quarto, nas paredes, na mesa, nas portas, etc. Os rumores duraram todo o resto da noite, cessando pela manhã e nas noites seguintes, para recomeçarem ao fim de alguns dias. Diversos objetos moviam-se sem contacto, uma taça caiu ao chão, quebrando-se. Esses diferentes fenômenos ocorreram à plena luz da lâmpada elétrica,

aumentando, porém, de intensidade, quando apagavam a luz.

Os moradores da casa, impedidos de dormir, queixaram-se a policia de Weimar e, no dia 24 de Fevereiro, comissário e agentes lá foram e tomaram posição, dispostos a desmascarar o presumido farsante. Entretanto, nas barbas mesmo da polícia, os fenômenos se desenrolaram e o comissário não pôde mais que os afirmar no seu relatório. Um agente colocou vários objetos a 2 metros de distancia da enferma e os viu movimentarem-se, sem que alguém os tocasse. Outros, inclusive um enfermeiro e um vizinho, foram igualmente testemunhas do estranho espetáculo. O cão doméstico, aliás muito vivo, mostrava-se tímido, acabrunhado em todo o curso dos fenômenos.

Um relógio parado, se bem que Sauerbrey afirme que não foi danificado. Finalmente, no dia 28, foi chamado o médico alienista, que procurou tratar a paciente por sugestão, insinuando-lhe que ela dispunha de mais força que a de quantos a influenciavam. Esses esforços vingaram êxito, tendo a paciente exclamado que estava liberta. A partir desse momento os fenômenos não mais se reproduziram. Em virtude do feito, Sauerbrey filho foi denunciado e processado por crime de ferimentos e lesões devido à imprudência dos processos hipnóticos supostamente empregados. Chamado ao Juizado municipal de Vieselbach, lá

compareceu aos 19 de Abril de 1921. Como a culpabilidade não estivesse suficientemente estabelecida, o réu foi absolvido. Mas, o processo verbal das audiências, relatando - bem entendido - o depoimento das testemunhas e as razões da sentença, estabeleceram, de modo peremptório, a materialidade dos fatos e a impossibilidade em que se encontrava a enferma de os produzir, de vez que a própria fraqueza a impedia de deixar o leito .

Parece que o estado hipnoidal da enferma era a condição necessária à eclosão dos fenômenos, de vez que acompanhavam esse estado e com ele cessavam. E o autor do opúsculo, cujo resumo aqui fizemos, conclui que a hipótese animista explica perfeitamente essas manifestações, que - acrescenta - nunca tiveram, em tempo algum, caráter religioso ou espiritóide .

Mas, apressa-se em declarar, esta explicação está longe de atingir todas as manifestações desta natureza. Outras há que se verificam à revelia de influências pessoais, que se possam considerar como agentes, antes parecendo mais relacionadas com os lugares do que com determinadas pessoas, etc.

Se, pois, no presente caso podemos, até certo ponto, atingir no seu âmago a produção modal do fenômeno, não há. que ter pressa em generalizar o conceito. Será mais exato reconhecer que a etiologia dos assombramentos ainda está envolvida em profundo mistério, salvo em circunstâncias especiais .

Este arrazoado do Senhor Maillard é exato e judicioso, concorde com as numerosas observações expostas nesta obra. O ser humano tem o seu coeficiente apreciável na produção dos fenômenos. Isso, porém, não explica os fenômenos. A verdade é que ignoramos como eles se produzem. Há, indubitavelmente, fantásticos lançamentos de pedras e verdadeiras demolições de casas, cometidos inconscientemente por senhoras e donzelas histéricas, mercê da exteriorização de suas forças nervosas. Assinalarei ainda, como achega à investigação de causas, estupeficantes exemplo publicado em Annales des Sciences Psychiques (1899, páginas 302-309), fato que mal podemos admitir e, todavia, verificado. E o seguinte:

Epigrafando: Unta jovem mal-assombrada em Ooty de 7 de Maio de 1897, conta que uma tal Floralina tinha ido, em companhia de uma amiga, visitar o cemitério católico e que três dias antes um suicida fora lá enterrado,

De gênio folgazão e pouco escrupulosas, as duas jovens elegeram o cemitério como lugar de recreio para aquela tarde. Arrastadas por sua índole travessa, ei-las a dançarem sobre as covas, a escavarem a terra, derrubando cruzes, etc. Ao voltarem para casa, adoeceram e deram a entender que estavam realmente possessas do demônio.

Ouçamos, porém, a história dessas malucas histéricas, que lembram as convulsionarias de S. Medard, os possessos de Loudun e outros espécimes psico-fisiológicos.

Mostravam-se agitadas, olhavam todo o mundo com rancor, tornaram-se tão outras que houveram de ser fechadas num quarto, como medida de prudência. Rasgavam as vestes e, se acaso outras mulheres tentavam acalmá-las, enfrentando-as, derrubavam-nas com a maior facilidade. Aos homens, porém, atendiam, fosse por julgá-los mais fortes, ou por outra razão qualquer.

Os dias se escoaram e as bizarras criaturas, constantemente atormentadas, desgrenhavam, arrancavam os cabelos, por vezes inteiramente furiosas. Uma, isto é, a Srta. Graça, casou-se (é o que de melhor poderia fazer) e deixou a casa.

Domingo à noite, 25 de Abril, tive o prazer de ser apresentado a Srta. Floralina, que me pareceu já então tranqüila. Mas contaram-me que, a partir do dia 20, entre 10 e 12 horas da noite, pedras e cacos de vidro eram atirados violentamente, de fora., se bem que a ninguém ferissem. No dia 27, à noite, lá estava às 7 horas e ouvi o estrépito de grande e pesado vidro caindo ao solo. Avançando alguns metros, ouvi baques como de pedras que alvejassem os quatro ângulos da casa. Pouco depois, diversos vidros estilhavam-se no assoalho. Os moradores da casa pediram socorro.

Apressei-me a voltar a minha casa, em busca. de um amigo e de um guarda-policial no Posto vizinho,

Para lá voltamos todos e estupefatos encontramos vidros em migalhas, como pulverizados por grandes pedras despedidas com grande força de projeção. O que nos surpreendeu foi a quebra de vidros que não podiam ser atingidos por pedras vindas do exterior. Enquanto as pedras choviam, a Srta. Floralina Burbalina nos disse que uma grande pedra havia caído do teto roçando-lhe na cabeça. Fora isso ias 2, horas da tarde, quando procurava pentear-se, frente ao toucador. Contou-nos mais que o bombardeio tinha começado ao meies dia. Certos de haver farsistas atrás de tudo aquilo, congregamos alguns guardas a mais e fomos postar-nos em volta da casa, escondidos em moitas e fossos. Atalaiámos em vão, até 11 horas, visto que, por todo esse tempo, as pedras continuavam a cair dentro de casa.

No dia 28 de Abril, com uns tantos guardas dirigidos por dois chefes, lá voltamos às 7 horas da noite. Dessa feita vimos pedras atiradas as vidraças, bem como vidros a caírem por si mesmos, sem serem atingidos, o que nos aumentou a curiosidade. A senhorita acusava fadiga e mostrou desejo de recolher-se ao seu quarto. Enquanto para lá se dirigia, uma pedra de tamanho regular partiu um vidro perto dela. Momentos depois, o irmão vinha informar-nos de que ela perdera os sentidos. Efetivamente, fomos encontrá-

la hirta, fria, sem respiração. Depois de muito trabalho, conseguimos chamá-la a si, mas ,dentro de poucos minutos, tornou a desmaiar, mais profundamente do que a primeira vez.

No dia 29, cerca de meio-dia, ouvimos ainda o estalar de vidraças, Ao correr da noite, lá voltamos e encontramos numerosos guardas prontos a fazer o que lhes determinassem, ou por outra, dispostos para tudo. Perguntamos à jovem como ia passando e ela respondeu: Eis as sombras da noite, que começam a cair; tenho arrepios de frio em todo o corpo, os cabelos como que se eriçam, sinto-me acabrunhada...

Das 5 as 7 h. 30, caiu uma saraivada que reduziu a cacos todos os caixilhos. Floralina, tomando uma cadeira, as sentou-se a um canto da sala. Tinha readquirido a natural jovialidade, mostrava-se comunicativa, calma, mas de repente agitou-se, agressiva e possante, a ponto de cinco homens mal podem contê-la . Particularidade digna de atenção é que, enquanto ela permaneceu inconsciente, não se quebrou um só vidro. Momento depois, levantou-se da cadeira com ímpeto tal que nos dominou a todos os que a segurávamos. Mantendo-se de pé, por pouco não nos derrubava. Por fim, a muito custo, conseguimos que se reassentasse. Mas, fê-lo inteiriçada, rígida, cano se o corpo lhe fosse um tronco de pau. Tornou logo a levantar-se e nos deu muito trabalho, pois queria sair. A força, reconduzimo-la ao quarto, enquanto dava

ponta-pés a torto e a direito e manejando as mãos com tal destreza que muitos receavam aproximar-se.

Minutos depois de estar na cama, desabou um grande espelho, quase pulverizado. O quarto, diga-se, ficava bem no interior da casa. Os guardas lembraram-se, então, de chamar um tal Malayali que tinha o poder de expelir demônios. Enquanto esperávamos o homem, procurando impedir que Floralina se levantasse, seu livro de preces, que estava na gaveta da cômoda do quarto próximo, veio, voando através das bandeiras quebradas pouco antes, cair-lhe na mão direita. A surpresa foi geral. Floralina sossegou um instante e logo depois insistiu em sair. Perguntei-lhe: porquê? - e a resposta foi esta coisa extravagante: duas mulheres sem cabeça. Agitadíssima, tentava fugir. Foi preciso, ainda uma vez, empregarmos a força. Disse ainda: preciso ir ao cemitério . . . Para quê ? - perguntou-lhe o meu amigo . Para ver a Grace... - a companheira das traquinadas, que se havia casado.

Malayale, o exorcista esperado, entrou no quarto e, logo que se aproximou da cama, a moça, que sempre mantivera os olhos fechados, abriu-os e fitou o homem com expressão terrível, ao mesmo tempo em que se esforçava para atirar-se a ele. Malayale falou-lhe com energia e, enquanto falava, ela não pestanejava, não despregava dele o rancoroso olhar. O Malayale, também alcunhado Kunjini Gandhu, pôs então a escrever algo em uma tira de papel, da qual fez uma

espécie de cigarro, adicionando-lhe ghee, pimenta e não sei que mais . Enrolou a comprida tira e colocou-a nos cabelos da moça. Ela ergueu a mão para afastar o papel, mas o lentíssimo, já o havia ligado aos cabelos. Entrou, então, a cuspi-lo e ele, apontando-lhe uma cana de Malaca (poderosa ao seu dizer), colocou à frente e desafiou-a a prosseguir na. cusparada. Ela ainda tentou fazê-lo, debalde.

Eis que ele acendeu, então, a ponta de tal esdrúxulo cigarro e pediu a um dos presentes que o segurasse, de forma que Floralina pudesse aspirar a fumaça pelo nariz. Passado algum tempo, ela mostrou-se perfeitamente calma, normalizada, bem disposta.. Eram 11 horas da noite e assim conversamos, como de hábito, até às 11,45, quando um grande vidro se quebrou com grande estrépito.

Ela desfaleceu. Malayale havia deixado a casa às 11 horas. Nós empregamos o mesmo rolinho de papel, ela pareceu recobrar-se logo e tomou uma chávena de chá. Sexta-feira, 30 de Abril, às pedras começaram a cair ao meio-dia e foram até 11 horas da noite. Floralina foi tomada, ainda uma vez, não com a primitiva violência, se bem que conservando o mesmo aspecto terrificante. No sábado, 1 ° do corrente, disse-nos que pouco depois do meio-dia fora buscar um prato na sala de jantar e que o prato lhe fora brandamente arrebatado das mãos. A noite, mostrava-se bem melhorada e, não obstante, ainda houve vidros

quebrados. Saiu a passeio e, quando regressou, um vidro isolado, que restava na bandeira da porta, desabou-lhe quase na cabeça. Falando-nos da sua desdita, referiu que via, todas as noites, duas mulheres sem cabeça, e mal acabava de o dizer, quando um grande paralelepípedo caiu no quarto e um vidro estalou por si mesmo.

Avisado por telegrama, o pai de Floralina chegou de Goodalur, a 132 milhas de Oooty, na segunda-feira à noite. Nesse dia, a depredação foi simplesmente formidável, mas a moça não chegou a perder os sentidos. Ontem, terça-feira, ela e o pai aprontaram as malas para voltar a Goodalur. Enquanto ela andava pelos quartos arrumando a bagagem, não houve mais pedras nem caixilhos estourados, mas alguns copos lhe foram atirados. Ontem à noite, deixaram Ooty e o Senhor F. seguiu outro rumo.

Na minha longa resenha desta jovem possessa, nada exagerei, apenas aponto os fatos tal como se deram. A casa, ainda agora, ostenta aspecto desolador, de ruína completa. E quando cai a noite, toda a gente evita passar por lá.

Este longo artigo do Medras foi publicado com as duas seguintes cartas, a respeito desta espécie de loucura:

I - Ootacamiunde, 1.° de Julho de 1897

Dou-lhe o autentico testemunho de dois amigos pessoais, que me endereçaram as inclusas cartas para que lhas entrepasse com franquia de publicidade. Um é oficial de Marinha reformado e outro é o médico chamado a ver e estudar o caso, cuja veracidade também eu posso atestar.

G. Burby.

Na convicção de que o assunto lhe possa aproveitar escrevo etc .

II - Ootacamunde,
Presidência de Medras, 28 de Maio de 1897

Posso certificar a exatidão da reportagem do correspondente do Madras Times, em Ooty, sob a epígrafe Fantasma de Oooty. Esse correspondente é meu conhecido e relatou fatos realíssimos. Fui também testemunha ocular de muitas coisas e, posto que haja procurado descobrir-lhes a causa, nada encontrei que pudesse satisfazer-me. Posso igualmente mencionar que diversos companheiros de pesquisa, em casa da possessa, estão de inteiro acordo comigo.

Jas. Z. Selly. Z. M. S.
Provedor do Hospital de S. Bartolomeu.

III - Hope Villa, Ootacamvunrle, 9 de Maio de 1897

Caro Senhor Burby.

Devo começar por dizer que nada acredito em matéria de Espiritismo, mas encontrava-me em Ethelcottage, na véspera da partida do seu homônimo para Indabar. Diversos caixilhos foram quebrados por todos os lados, sem que pudéssemos lobrigar qualquer agente humano. Eu lá permaneci mais de uma hora e nada consegui descobrir. Alguns assistentes atribuíam o estranho fenômeno a uma intervenção sobrenatural, mas, por mim, necessito de provas para admitir essa presumida explicação.

Sinceramente seu

W . M . Burthell.

Estas observações, reunidas às precedentes, mostram-nos tal ou qual associação do organismo humano na produção dos fenômenos, mesmo naqueles menos característicos, tais como a projeção de pedras, quebra de vidros, deslocamento de móveis, de cuja realidade não podemos duvidar. Neste caso último, a rapariga dinamogeno era, a sua causa inconsciente, e vítima ao mesmo tempo .

E mesmo de entristecer quando pensamos que centenas de possessos foram queimados vivos pela Inquisição, incriminados de sortilégio! Lembramo-nos também, a propósito, de que uma das mulheres mais puras da História - Joana d'Arc - foi também queimada

como feiticeira. Hoje a Humanidade está um pouco mais esclarecida. Mas, que trecho de caminho longo ainda lhe resta a percorrer!

Temos, aqui, outra demonstração psico-fisiológica muito semelhante à precedente. Foi extraída da Gazette de Lausanne, de 1.° de Maio de 1914, assinada por um correspondente dessa folha:

A uma légua de Sion, à margem direita do Rone e dominando a estrada de S. Leonardo, existe um lugarejo chamado Molignon, que deu nome a um vinho afamado. Compõe-se o dito lugarejo de uma capela que tem Santana por orago, alvo de grandes peregrinações, e de uma dúzia de casas e granjas. Daí a cinco minutos de caminho pedregoso, depara-se belo chalé de madeira cor de cinza, tendo na fachada a data de 1874. Nesse chalé, bastante isolado, mora um jovem casal, com um rapaz de 11 anos.

Ora, a 18 de Abril pp., o rapaz foi subitamente acometido de crises nervosas, seguidas de fenômenos estranhos. Sob influências desconhecidas, extorcia-se, sapateava, atirava-se ao solo de olhos fulgurantes, gritava e acabava tombando de costas.

Enquanto isso se dava, areia e pedras choviam no quarto; o queijo, as facas e objetos outros, caíam da mesa uma pia quebrava-se atingida por uma pedra, entornando-se a água-benta trazida por um capuchinho. Um copo de vinho estalou na mão de um parente que acorrera para assistir o pobre rapaz.

Este, desde que se acamou, sentia-se violentamente empurrado, recebia pedradas no rosto, etc. Conduziram-no à capela de Santana e as coisas se agravaram; as crises torna.ram-se violentas, a ponto de dois homens mal poderem conté-lo, Houve momentos em que o rapaz foi bruscamente arrojado aos ladrilhos. Uma senhora presente foi jogada por terra. Enquanto procuravam prender uma verônica ao pescoço do rapaz, o cordão se desatava e a efígie voava longe. Um capuchinho de Sion, os curas de Savieze e Grimisuat e um monge de São Bernardo dirigiram-se ao chalé encantado, sem conseguirem melhorar o paciente. O célebre mège de Heremence, do qual nos falou tão longamente o Senhor Victor Tissot em seu livro Suíça Desconhecida, foi prestes chamado e não tardou a instalar-se no quarto fatídico, cercado dos parentes e amigos da casa.

Pôs a ler num breviário as preces e evocações adequadas ao caso, e, enquanto o fazia, as pedras não cessavam de cair-lhe no livro e na cabeça. Estes fatos se passavam no último domingo e, a partir de segunda-feira, os fenômenos desapareceram completamente. Muita gente, ouvindo contar estas coisas, têm-nas por sonhos, e, contudo, nada inventamos neste escrito. Durante esses dez dias agitados, centenas de pessoas residentes em Molignon e nas aldeias vizinhas, gente de Sion e até de Conthey, presenciaram, profundamente impressionados, estes fatos insólitos.

Fui ontem a Molignon, estive no chalé e conversei com o rapaz, por sinal que muito simpático e bem disposto. Falei com o pai, robusto campônio de semblante algo melancólico, e com a mulher ainda com a vista contundida por pedrada que recebera na sala de jantar, estando esta fechada. Todos me contaram os sucessos com a maior naturalidade, acrescentando que se tratava, indubitavelmente, de Feitiço feito ao pequeno. Até a data de 18 de Abril nada de anormal se passara naquele chalé, com 40 anos de existência, Quanto à autoria do feitiço, pareceu-me que o casal tinha suspeitas que não ousava revelar. Aliás, vivem de boa harmonia com a gente de Molignon e não sabem a quem acusar. Quanto ao menino, repito que é sadio e nada indica nele qualquer vicio constitucional. Até então, nada lhe sucedera, nesse gênero.

Aqui temos, mais uma vez, a prova de que os fenômenos estão associados ao organismo de um adolescente.

Um intelectual de grande valor, Hjalmar Wijk, de Gotemburgo, Suécia, publicou em 1904 importante trabalho a respeito: - um estudo experimental dos rumores e movimentos inexplicados. Os leitores o encontrarão nos Annales dos Sciences Psychiques, de Setembro de 1905, de onde extraímos o excerto infra. São observações que induzem a atribuir essas atividades à influência inconsciente de alguma pessoa

cuja presença se tornava necessária, à produção do fenômeno:

Na primavera de 1904, os habitantes de uma aldeia da Suécia meridional notaram ruídos e pancadas fortes no assoalho e no âmago das paredes de certa casa, sem que pudesse encontrar-lhes a causa. Moravam na dita casa o guarda florestal N. e sua mulher, a criada e um funcionário alemão. Cedo, porém, perceberam que os fenômenos indiciavam uma correlação indefinível com a Senhora N., visto que as pancadas nunca se davam na ausência da mesma senhora.

Comecemos pelo retrato da Senhora N., a quem, para abreviar o assunto, chamaremos pelo sobrenome de Karin, Ela é de compleição delicada, tem 27 anos e na fisionomia, e nas maneiras, algo de infantil. De gênio alegre e expansivo, não deixou totalmente de ressentir as realidades e amaritudes da vida, sem contudo perder o seu feitio natural ao demais, um coração aberto, confiante, que não sabe dissimular o que sente e o que pensa. Todo o seu ser transpira saúde e dá idéia de que os acidentes nervosos dos últimos anos não se radicam num estado patológico original. Também os ascendentes de família não acusam taras quaisquer. Casada em 1897, não tivera filhos. Suas primeiras provas remontam a dez anos atrás, quando ouviu, várias vezes, passos e suspiros em torno dela. Mais importante, porém, do que estes casos isolados, parece-nos a sua vocação psicografia, descoberta três

anos antes dos ataques histéricos, e cujas manifestações apresentam com estes algumas semelhanças. As informações psicografias não oferecem maior interesse. Por fim, ela acredita ver pessoas conhecidas, amigos e parentes seus e do marido, que se revesam aos dois ou três, no curso da mesma sessão. Um dia, em 1903, o copo que tinha na. mão começou a tamborilar alegremente na mesa e entrou em cena uma personagem que disse chamar-se Piscátor, mas não deu de si mais que vagas referencia biográficas.

Entre familiar, impertinente, jovial e grosseiro, fez a Karin declarações de amor, revelando caráter diverso de todos os demais interlocutores. Violento e irritadiço ao extremo, acabou por tornar-se para Karin um tipo bestial; e pensando ela que a sua faculdade não revela nada mais que a sua própria vida subconsciente, afigura-se-lhe que a personalidade de Piscátor nela se projeta qual uma sombra, representando uma parcela odiosa de ai mesma. Piacátor dá impressão perfeita de ser um tipo imaginário possivelmente nesse caráter que ele suplanta., de mais a mais, os seus predecessores adidos à psicografia .

A 18 de Abril Karin e seu marido instalaram-se em uma casa alugada, perto de uma usina - casa de madeira, de um só pavimento, rodeada de jardim e assente em terreno elevado, entre a estrada e a orla da floresta. O celeiro é amplo e compõe-se de várias

peçam. A adega corresponde a meio corpo da casa. Esta parece abandonada, em conseqüência da má fama que gozou de longos anos. Diziam que, quando desabitada, lá brilhavam luzes nas janelas e rumores esquisitos eram ouvidos através das paredes . A voz pública pretendia houvesse relação entre esses boatos e alguns crimes lá suposta ou realmente perpetrados. De tudo isso, porém, Karin e o marido só tiveram noticia quando os fenômenos de que nos ocupamos deram aos informantes um novo impulso.

A 9 de Maio, o diretor da usina foi visitado por diversas pessoas que lá ficaram até o dia seguinte. A noite, os visitantes reuniram-se no gabinete da casa, situado defronte do quarto de Karin, que comunicava com a ante-sala. O Senhor N. estava ausente, a negócios. Karin, que se deitara muito cedo, ficou longo tempo acordada e atenta à conversação ruidosa doa hóspedes.

Cerca de meia-noite ela percebeu que eles se separavam. Dois que deveriam pernoitar na residência do diretor, para lá seguiram logo, e o terceiro, que ali devia ficar, fechou a porta e recolheu-se ao seu quarto . Estabelecido o silêncio, Karin estava quase adormecendo quando ouviu pesados passos nos degraus da varanda e, logo depois, três pancadas fortes. Passada a primeira surpresa, vestiu-se e foi abrir a porta, dando de cara com um dos visitantes que se haviam retirado pouco antes e que, não acertando

com o caminho, devido à escuridão da noite, vinha pedir uma lanterna. Karin o atendeu e tornou a deitar-se, Mal ia adormecendo, três pancadas soaram de novo, perfeitamente idênticas d,s primeiras. Outra vez levantou-se, foi à porta, lá não encontrou viva alma. Novamente na cama, as três pancadas se repetiram por espaço de uma hora.

Depois um interregno de silêncio até às 3 horas, quando repercutiram ainda uma vez e de todo cessaram para o resto da noite. Karin não se mostrou impressionada com o fato e quis crer que se tratava de brincadeira dos hóspedes, ou de qualquer outra pessoa.

Mas, na noite seguinte, mal se deitou e apagou a luz, as três pancadas se repetiam com intervalos, durante duas horas e foram também distintamente ouvidas pela criada, que dormia na sala de jantar, e que ficou apavorada. No dia imediato o Senhor N. regressou. Como à noite o barulho recomeçasse, ele resolveu tirar o negócio a limpo e agarrar o patusco. Destacaram sentinelas fora e dentro de casa, depois de havê-la varejado da adega ao celeiro. Nada descobriram, e contudo as pancadas não cessavam. N. e sua mulher mudaram de quarto, chegaram a instalar-se na dispensa e o barulho os acompanhava por toda parte. Assim, não tardaram a perceber que havia uma relação qualquer da pessoa dela Karin, com os fenômenos. Salvo um dia em que se ausentou para ir a aldeia, o fenômeno se reproduziram sistematicamente,

todas as noites, até 30 de Maio. Exausta, Karin ausentou-se de casa por oito dias a fim de repousar e a calma se restabeleceu, para só interromper-se na segunda noite do seu regresso, embora com menor intensidade. Daí por diante os fenômenos tornaram-se menos regulares; noites havia em que falhavam. Em Outubro cessaram completamente e apenas reincidiram uma vez, na véspera de minha chegada. Nesse dia Karin recebeu um telegrama que lhe causou grande inquietação e logo se ouviram pancadas no assoalho, bem debaixo dos seus pés. Pouco depois, repetiam-se mais fortes.

Enquanto esteve ausente de casa, Karin tinha a impressão de ter a seu lado, na alcova, um ser maléfico. Essa impressão era particularmente forte, um pouco antes e no curso das manifestações. Quando a obscuridade era completa, Karin ouvia passos abafados e ligeiros ruído; semelhante ao de solas de sapato a rasparem o soalho. Esses diversos ruídos eram também ouvidos pelo Senhor N. sempre que se encontrava junto da esposa. Além dessas, outras sensações auditivas surgiram na estação estival. No primeiro período ela pressentia a aproximação do marido, ouvia-o entrar, depor o sobretudo noutro quarto, etc., isso 15 minutos ou meia hora antes do seu efetivo regresso. Por duas vezes, achando-se assentada, no escuro, viu em seu quarto estranha claridade. Outra feita viu pequena flama junto à

espádua do marido este por sua vez, também viu perfeitamente o fenômeno.

Ocasiões houve em que Karin e com ela outras pessoas, ouviram o deslocar de uns tantos objetos como, por exemplo, uma cadeira. Estes fatos sobrevinham quase sempre em completa escuridão e nunca puderam constatar se houvera deslocamento real.

Uma tarde em que Karin escrevia sozinha, na sala de jantar, ouviu barulho na cozinha, parecendo que arrastavam cadeiras e lavavam o assoalho. Sabendo ausente a empregada, foi, muito admirada, até a porta da cozinha, ouvindo através da mesma a estranha azáfama. Sem ousar abrir a porta, saiu em busca da empregada, que se entretinha a caçar passarinhos. Quando as duas voltaram à cozinha o ruído da lavagem tinha desaparecido, porém ambas experimentaram estranha sensação e um rumor de passos leves com arrastamento de cadeiras . Karin evidenciou sua inteira boa fé com os esforços que fez por descobrir a causa das pancadas misteriosas. O seu bom senso repeliu, desde o princípio, a idéia de intervenção de qualquer espírito, antes supondo que tudo partia dela mesma, mediante processos incompreensíveis. O marido, por sua vez, mostrava o mesmo empenho na solução do enigma. A notícia dos fenômenos fizera reviver antigas histórias da casa mal-assombrada e o proprietário começou a insinuar aos

inquilinos que suspeitava houvessem eles maquinado um entremez, no intuito de corroborar a má fama do imóvel. No fim de contas, o casal tinha o máximo interesse de aclarar as coisas, e, no curso da Primavera, quantos amigos o visitaram tiveram carta branca para fazer as investigações que entendessem. Como é natural, essas investigações consistiram em comprovar a inexistência de qualquer mistificação.

Quando as pancadas começavam, Karin devia, por exemplo, colocar num coxim isolado; e, se permanecesse deitada, seguravam-lhe os braços e as pernas. O fenômeno amortecia então, mas não cessava de todo. Só em Setembro, graças a um artigo de imprensa, tivemos notícia do fato, eu e n Senhor Bjerre. Logo que manifestamos desejos de estudar o fenômeno in loco o casal N. apressou-se a franquear a casa. O caso pareceu-nos singularmente interessante. Tínhamos que nos avir com uma criatura que demonstrava um fraco grau diversas particularidades psíquicas, peculiares aos médiuns e uma dessas particularidades ressaltava de forma excepcionalmente pura e nítida. As muitas analogias entre o estado de transe e os fenômenos mediúnicos de um lado e de outra a hipnose profunda com sua sugestão. A hipnose e o melhor de estudar esta classe de fenômenos permitindo atingi-los ao mesmo tempo com instrumento próprio das ciências exatas - a experimentação. Os fenômenos mediúnicos são, as

mais das vezes, como aia pancadas insólitas neste caso, manifestações de uma inteligência que tem as suas raízes - podemos admiti-lo pelo menos de modo geral - na vida subconsciente do médium. Não poderemos então, graças à hipnose, atingir essa vida subconsciente, modelá-la a nosso grado pela sugestão, e assim dominar os fenômenos físicos, provocar, modificar, estancar a mistificação ?

Esta a tese de Hjalmar Wijk. O leitor terá podido notar mais de uma analogia deste relatório com os casos publicados nesta obra. As experiências a que acabamos de aludir podem ser assim resumidas:

1.° Parece haver, neste caso, uma relação de causalidade entre uma enfermidade nervosa conhecida (a histeria) e o fenômeno ainda obscuro das pancadas. Este íntimo apresenta-se intimamente mesclado de fenômenos psíquicos, talvez emanantes da própria doença nervosa, tais como alucinações e associações imaginativas subconscientes, desenvolvidas pela psicografia .

Enfim, um certo papel coube a influências psíquicas ulteriores, histórias de almas do outro mundo, atmosfera de assombramento, etc.

2.° Os corpos podem ser submetidos ã influência da vontade pela sugestão hipnótica. Se os resultados de nossas investigações são exatos, devem acarretar conseqüências importantes, dado o papel prático da produção de ruídos no Espiritismo e na provável

afinidade com outros fatos mediúnicos. Esses resultados forneceriam uma base sólida para julgarmos o valor psíquico da tiptologia espiritista, da sua dependência do médium e do círculo, e confirmariam as conclusões já inferidas a respeito, por processos seguros. Além disso, eles nos levam a esperar a possibilidade de provocar e estudar por idêntica maneira outros fenômenos mediúnicos mais complexos, tais como a levitação, etc. Este trabalho visa menos dar conta de um caso particular do que esclarecer a possibilidade de introduzir o método experimental neste novo campo de estudos, Desnecessário seria encarecer a importância de tal método, de vez que é unicamente invocando as nossas especulações em experiências cientificas que nos poderemos acercar da explicação destes fenômenos obscuros, ainda merecedores, em parte cem razão, do qualificativo de ocultos .

Meu ilustre colega e nobre amigo William Barrou, pensa com Aksakof e comigo, que, tal como nos fenômenos mediúnicos, o animismo e o Espiritismo estão associados nos fenômenos físicos aqui estudados. Barrett concluiu seu abalizado estudo dos poltergeist com as seguintes reflexões:

Aqui ai nos depara a questão de saber porque um foco irradiador humano se torna necessário nos fenômenos de poltergeist. Em química verificamos que, em solução salina a ponto de saturação, há um

estado de instabilidade tal, que, ai uma partícula de matéria sólida cair no líquido em repouso, provoca instantânea perturbação molecular, transmissível ao todo, produzindo um agregado de cristais sólidos. E a comoção torna-se geral, até que toda a solução se tenha mudado em sólida massa de cristal. Tudo isso provindo da circunstância da entrada de um núcleo em contacto com um conjunto de coisas que, antes, permaneciam perfeitamente tranqüilas. Fenômenos são estes, familiares aos microscopista. E é particularmente no desenvolvimento das células que a presença de um núcleo ai mostra essencial.

Ora, poderíamos considerar o rapaz ou qualquer outro sujet, nos fenômenos de poltergeist, como o núcleo que, nestes fenômenos, representa o fator determinante. Nós meamos talvez, com o nosso mundo, não passaremos de células em núcleos pertencentes a um organismo vivo, muito mais vasto, e do qual não podemos fazer uma idéia. Indubitável que algo de inteligente inescrutável aí revela, tanto no condicionamento das células como na desfilada de mundo e sois. E, como não possamos admitir que a evolução da Natureza, animada e inanimada e circunscreva ao Universo visível, ã força pensar que possam existir seres vivos de tipos diferentes e de inteligência muito variada, tanto no Universo visível como no invisível. Neste caso, a origem dos fenômenos de poltergeist poder-se-ia atribuir à ação de

umas tantas Inteligências invisíveis, quiçá perversas, quiçá rudimentares .

Porque persistir supondo que não possa haver perversos e levianos no mundo espiritual, quando, ao invés, racionalmente, eles aí devem existir em maior número? Em todo caso, não conseguimos explicar-nos por que motivo a combinação de determinada localidade com um certo organismo humano, em particular, deva levar uma e outro a improvisar forças no mundo dos vivos, assim como não pode o selvagem compreender como a combinação de um dia seco com um material especial, põe a máquina em condições de produzir eletricidade .

A observação direta, positiva, científica., dos fenômenos e de sua interpretação normal nos levou a pensar na existência de seres invisíveis operando em nossa atmosfera. E' uma afirmação que parece ousada e temerária, a que não anuímos senão em defesa própria, em caráter obrigatório. E, contudo, não podemos, ainda assim, considerar uns tantos casos relatados nesta obra, deixando de admitir a existência de forças independentes de nós, e não somente de forças, porque também de seres.

Esta conclusão experimental concorda com a teoria filosófica da palingenésica, confirmando-a. Não há razão para que a evolução psíquica geral se detenha no homem.

Sem se deixar enclausurar num sistema, todos os pensadores conhecem a obra de Carlos Bonnet - Palingenesia Filosófica, publicada em Gênova, em 1770, e Contemplação da Natureza, editada em Amsterdã, em 1764. Quem não conhece igualmente a Filosofia do Universo, de Dupont de Nemours (1796) ? Ballanche, Saint Martin, Schlegel, Savy, Esquiros, João Reynaud, Pezzani, continuaram essa tradição no século XIX. Mas, repetimos, não é sob o ponto de vista filosófico que traçamos esta obra, e sim do ponto de vista científico da observação experimental.

*

Mas, é tempo de concluir.

Há em toda a Natureza, na direção da vida terrestre, nas manifestações do instinto de plantas e de animais, no espírito geral das coisas, na Humanidade, no cosmos, por toda a parte, enfim, um elemento psíquico que se revela de mais em mais através dos estudos hodiernos, notadamente das investigações de ordem telepática, e da observação dos fenômenos inexplicados e constantes desta obra. Esse elemento, esse princípio, a ciência contemporânea ainda não o conhece, mas, como em tantos outros casos, ele foi adivinhado pelos antepassados. De mim, não invento, não fantasio. Além dos quatro elementos ar, água, terra, fogo, os antigos admitiam um quinto, que

denominavam animas, alma do mundo, princípio animador, éter. Arístoto, - escreve Cícero (Tuscul. Quaest. I, 22) - depois de lembrar os quatro elementos materiais, acredita dever admitir uma quinta natureza, quinta natos, da qual provém a alma, de vez que o pensamento e as faculdades intelectuais não podem residir em nenhum dos elementos materiais e forçoso é admitir um quinto elemento, a que chamou enteléquia, isto é, movimento eterno e contínuo. Os quatro elementos materiais foram dissecados pela análise moderna. O quinto é talvez o mais fundamental.

Virgílio escreveu na Eneida (livro VI) estes admiráveis versos que toda gente conhece:

Spiritus intus alit, totamque infusa per artus
Mens agitat molen, et magno se corpore miscet.

Lembremo-nos, também, das Questões Naturais de Sêneca e do Sonho de Scipião (I, 6) de Macrobe.

O gramático latino Marciano Capella, assim como todos os autores dos primeiros séculos cristãos, assinala essa força diretriz, chamando-lhe também quinto elemento, que elo designa por éter.

Um imperador romano bem conhecido, Juliano, dato o apóstata, celebra esse quinto princípio em seus discurso de homenagem ao rei Sol, qualificando-o ora de princípio solar, ora de alma do mundo nu princípio intelectual, éter .

Este elemento psíquico os filósofos não o confundem com Deus, senão como parte da Natureza.

Encontramo-lo em tudo e flor toda à parte entre exemplos outros, ele ressalta e transparece nos processos de Joana d'Arc e de Sócrates. Repito, portanto: propondo-me admitir cientificamente a existência deste quinto elemento -- o elemento psíquico - como corolário das observações versadas nesta obra, nada inventei e mais não faço que restabelecer um princípio relegado ao esquecimento. Do resto, as faculdades humanas são mais latas do que geralmente sc imagina.

Sobre os fatos aqui estudados, a opinião de um homem judicioso como o Senhor Jaurés (cujo estúpido assassínio todos deploramos), não é para desprezar. Eis o que ele escreveu no seu livro A Realidade do Mundo Sensível (1902)

Como o cérebro se encontra encerrado num invólucro orgânico resistente e aparentemente fechado, a imaginação se lhe apresenta como isolada do mundo. Mas, na realidade, bem pode suceder que aquilo a que chamamos cérebro esteja perpetuamente misturado e confundido com o que denominamos mundo, devido à permuta sutil e constante de secreta atividade. Se for verdade, como afirmam numerosos testemunhos, de cuja boa fé não podemos suspeitar, que o organismo humano pode, em certos casos, desenvolver um magnetismo capaz de levantar mesas; e de vez que é, sobretudo, pela aplicação da vontade e a expensas do próprio organismo que essas pessoas atingem objetos

exteriores, explícitos fica a irradiação da energia cerebral fora e distante do respectivo foco.

Parece, também, que o eu pode atuar na matéria sem recorrer, pelo menos conscientemente, à mediação do organismo, que deixa de ser um instrumento ativo para tornar-se condutor passivo.

O fenômeno da vista dupla, em certos estados hipnóticos especiais, está hoje demonstrado. A certos indivíduos é facultado ver e ler através de corpos opacos. Destarte, a opacidade da matéria não é mais que relativa. E como para a imaginação, o que mais separa o cérebro da massa envolvente é a opacidade do organismo, segue-se que, desvanecida esta, o contacto surge imediato para a própria imaginação, para o foco cerebral e para o universo. Pode assim o cérebro ultrapassar infinitamente o organismo, irradiar, palpitar, operar fora dos seus limites. O cérebro já nos não aparece como órgão fechado em rija cavidade e vemos, mesmo na ordem fisiológica, dilatar-se o eu individual, sem perder as ligações a um organismo particular e criando, fora desse organismo, uma esfera de ação indefinida.

Quando o indivíduo transmite uma idéia inarticulada, uma vontade ou qualquer impressão a outrem, há evidentemente uma irradiação mental no espaço, que põe dois cérebros em relação imediata. O problema do livre arbítrio de novo se apresenta sob forma mais aguda, em presença destes fatos. Os fatos,

porém, reivindicam o mais elevado alcance, pois atestam no homem poderes extraordinários e desconhecidos, mais ou menos nulos no seu estado normal, e manifestáveis em condições que denominamos anormais. Existe em nós una eu desconhecido, que pode exercer ação direta sobre a matéria, levantar por meio de enérgica vontade um corpo estranho, como se o fizesse ao próprio corpo, varar com a vista a opacidade de qualquer barreira e captar, a distância, através do espaço, o pensamento inexprimido de um outro eu. No dia em que o homem houvesse assimilado os poderes do estado magnético e hipnótico, ver-se-ia como, na existência humana, o organismo individual se tornaria acessório. Sem dúvida, ele ficaria presente à, consciência como raiz necessária da individualidade, mas o eu poderia acionar voluntária e diretamente outros corpos, qual o faz com o seu próprio e, portanto, não mais seria alma exclusiva de um organismo particular, e sim de todas as coisas, até onde pudesse estender a sua atividade. E se pudesse aplicá-la ao Universo inteiro, tornar-se-ia a alma do mundo.

Espírito liberal e independente, Jaurés sabia ver e julgar. Para ele os fenômenos de levitação, de ação mental e física, a distância, de telepatia, de vista dupla, devem elucidar-nos a constituição do Universo. A alma humana é parte integrante da alma do mundo.

O quinto elemento a que há pouco aludimos contém em si Inteligências invisíveis e desconhecidas, reveladas por uns tantos episódios expostos neste livro. Os observadores, as testemunhas em seu estado normal, em plena posse dos seus raciocínios, são espectadores e não atores.

Como admitir, por exemplo, a precisão dos disparos assinalados nas páginas 94 e 99, sem reconhecer a existência de atiradores invisíveis ? Como admitir um castiçal saltando em cima do fogão (pág. 130) ou uma poltrona a mover-se para barrar a porta (págs. 134-143); uma chave que se desprende da fechadura, ou verônicas retiradas das portas onde as colocaram de salvaguarda (pág. 147) - mobília intencionalmente arrumada como para uma reunião (pág. 148) ? Como não inferir de tudo isso a ação de um Espírito? Não temos também visto um copo que se destaca do aparador, um prato arrebatado das mãos de quem o conduzia, um cesto atirado longe, coisas só explicáveis mediante intervenção de uma força invisível ? Depois, uma porta fechada por dentro, cordões de campainhas arrancados, retratos derrubados, relógios parados e uma colherinha timbrando o copo? E o companheiro anônimo da Senhora Granfort? As persianas resistindo ao esforço do Senhor Homem Cristo, o seu filhinho despido e removido do berço? Mais: o assombramento da Senhora Botts, em Cambridge, o do primo do Senhor

Legendre e a manifestação do jovem Garnier em Frontignan... E aquele invisível que atirava sarrafos, na marcenaria, sem machucar ninguém e não deixando perceber de onde e como partiam? Os reaparecidos das famílias Morton e Vatas-Simpson? Seres geralmente invisíveis, mas, às vezes, visíveis, aí temos outras tantas manifestações de força pensante, muitas delas identificadas. Estes seres invisíveis são, todos eles, estranhos aos vivos ? Ou serão, por vezes, desdobramentos do espírito dos experimentadores? De qualquer forma, o certo é que eles se manifestam.

Os fenômenos aqui em apreço são produtos do dinamismo universal com a qual os nossos cinco sentidos só nos põem em relação muito imperfeitamente. Nos vivemos no meio inexplorado na qual forças psíquicas tem um papel não observado. Essas forças são de ordem superior às forças analisadas pela química e pela física. Elas têm algo de vital e possuem uma mentalidade. Elemento que compartilha a constituição do universo e por seu intermédio que os seres se comunicam a distancia.

Por outro lado tudo nos prova que explicação mecânica do universo e incompleta e que existe algo mais que a pretensa matéria isto é um elemento psicodinâmico. A matéria não e senão modalidade de movimento manifestação de força e expressão de energia. Ao demais ela desaparece em uma analise,

pois acaba por se refugiar no átomo intangível, invisível, imponderável e de alguma forma imaterial.

Por outro lado, tudo nos prova que a explicação puramente mecânica da Natureza é incompleta e que há no Universo algo mais que a pretensa matéria, isto é: um elemento psicodinâmico. A matéria não é, em si mesma, senão modalidade de movimento, manifestação de força, expressão de energia. Ao demais, ela desaparece diante da análise, pois acaba por se refugiar no átomo intangível, invisível, imponderável e, de algum modo, imaterial

O átomo, base da matéria, ha cinquenta nos que se dilui e se transforma em turbilhão hipotético e inatingível.

Aqui, permito-me repetir o que cem vezes tenho dito: no universo um dinamismo e parece que tudo seja de natureza elétrica. Alma universal, eletricidade animal, fluido magnético são denominações diversas desse mesmo princípio dinâmico - mundos psíquico e físico associados, universos de Inteligências em todos os graus, cosmos ainda inexplorado em seu conjunto.

As manifestações freqüentemente tão vulgares, tão incoerentes, das casas mal-assombradas, tanto quanto as experiências espiritistas, nas quais a auto-sugestão mediúnica pode ser eliminada, nos levam a discutir o valor das forças e das Inteligências invisíveis que as produzem, e a regressarmos por outro caminho à velha comparação do ser humano ao inseto . Será que as

horas, os dias, as semanas, possivelmente os meses e anos, que se seguem à morte, sejam atos de crisálidas humanas, antes que atos de almas desprendidas da matéria?

Os Espíritos de todos os graus, que passam perpetuamente do mundo vital material para o mundo invisível, são valores intelectuais muito diversos. Quantos ficam no plano terrestre? Quantos se reencarnarão, e quando?

Repitamos, então, pela milésima vez, que a natureza intrínseca da alma humana, durante a vida como depois da morte, nos é ainda completamente desconhecida. Que é a imortalidade?

Um dia, o senador Naquet me procurou, ainda muito impressionado com uma conversa que tivera com Victor Hugo .

- Falávamos - disse - da pluralidade dos mundos e da vossa obra - Lúmen . Somos todos imortais? - disse ele de chofre e à queima-roupa. - Meu caro mestre, ou bem que tudo, ou bem que nada sobrevive.. . Por mim, confesso que não creio muito nem pouco. Há diferenças, há gradações - acrescentou - e, quanto a mim, considero-me indestrutível. Estou convicto - continuou Naquet - de que ele tem como certa a imortalidade desde, no que lhe ela concerne pessoalmente e pareceu-me que ele tem disso um certo orgulho individual.

- A questão da desigualdade das almas já se me apresentou ao espírito - respondi ao senador - e me parece digna de estudo.

Não,- não era questão de orgulho de Hugo, era antes um sentimento de justiça., pois ele bem sabia que suas obras provavam a sua individualidade pessoal.

Esta conversa foi em 1880, mais de 40 anos são passados e eu ainda mantenho a mesma opinião, reforçada pelos meus estudos psíquicos. Nenhuma alma pode ser destruída, mas, haverá muitas almas conscientes da sua própria existência espiritual ?

Não são conscientes de si mesmas, após o transpasse, senão o que o eram antes dele. A variedade prossegue sábios e ignorantes, inteligentes e idiotas, bons e maus a guilhotina não faz um santo de um malfeitor. Os fenômenos tão incoerentes das casas mal-assombradas se harmonizam com esta teoria .

Conclusão : - Se o Universo é um dinamismo, se o Cosmos bem justifica, o seu nome (ordem), se o mundo desconhecido é mais importante que o conhecido, se há forças inteligentes e seres invisíveis, devemos preferir só negativismo de Naquet, Berthelot, Le Dantec, Littré, Cabanis, Lalande, Voltaire, as convicções de Hugo, Pasteur, Ampère, Goethe, Euler, Pascal, Newton, espiritualistas, de vez que estes atravessam a crosta das aparências e descobre, na análise das coisas, o dinamismo invisível, fundamental.

Epílogo

O DESCONHCECIDO DE ONTEM E A VERDADE DE AMANHÃ

O progresso inçado de obstáculos. – Relatório de Lavoisier apresentado à Academia das Ciências, sobre os aerólitos.

O desconhecido de ontem é a verdade de amanhã. O que nos importa é tudo estudar, discutir analisar, sem idéia preconcebidas . Nada obstante, a história das ciências atesta que muitos homens eminentes, espíritos superiores, estacaram na senda do progresso, imaginando que a Ciência lhes dissera a última palavra. Em Astronomia, em Física, Química, óptica, História Natural, Fisiologia, Anatomia, Botânica, Medicina, Geologia; em todos os ramos do conhecimento humano, enfim, seria fácil apontar inúmeros homens célebres e convictos de que a Ciência jamais iria além do seu tempo e nada mais restava por descobrir.

Entre os sábios atualmente vivos, também não seria difícil nomear grande número de mentalidades de escol, anquilosadas na convicção de nada mais haver a perquirir nas esferas do seu magistério.

Nós não devemos admitir senão o que é demonstrado . E preciso não ser crédulo nem incrédulo, estudar sem prevenções, ser, antes de tudo, livre e independente.

E' muito natural que as corporações oficiais sejam conservadoras. O essencial ao progresso das idéias é não se deixar circunscrever e recusar, por clássica cegueira, a evidência dos fatos. E isso é o que se tem verificado com a Astronomia, com a física, com a Medicina e todas as demais ciências; com a eletricidade, o vapor, os flogísticos, os uranólitos, etc .

Um grande e nobre espírito, que foi Lavoisier, estagnou, também ele, no século XVIII! Ele que havia derrubado o flogístico e criado a química, ficou solidário com as idéia correntes ao seu tempo. Encarregado pela Academia das Ciências de formular parecer sobre a queda de um aerólito, aliás observada, redigiu em 1769 este documento, que deve equivaler à proveitosa lição para todos nós. Por isso, aqui dou um extrato textual, digno de conservado, a título de instrução pessoal. E' documento histórico e bem de molde a edificar-nos . Destaquei-o da edição oficial das obras de Lavoisier. (Paris, Imprensa Imperial, 1868. L. IV.)

RELATORIO SOBRE UMA PEDRA PRETENSAMENTE CAIDA DO CEU DURANTE UMA TEMPESTADE

Os Srs. Fongeroux, Cadet, e eu, fomos incumbidos pela Academia de julgar uma comunicação do Senhor Abade Bachelay, relativamente a uma pedra que dizem ter caído do céu durante uma tempestade.

Não haverá pedras de que mais nos tenha falado a História, do que das pedras de raio. Isto, se quiser coligir quanto há escrito sobre o assunto, por diferentes autores.

Poder-se-á julgar pelo grande número de substâncias que gozam desse nome.

Entretanto, mal grado ã opinião corrente na antiguidade, os verdadeiros físicos sempre houveram por muito duvidosa a existência de tais pedras. A esse respeito, pode consultar-se a memória escrita por Lémery e impressa pelos acadêmicos em 1700 .

Se a existência das pedras de raio foi tida como suspeita numa época em que os físicos quase não tinham idéia da natureza do raio, agora, com mais forte razão, devemos negá-la, depois que os físicos

modernos descobriram que os efeitos desse meteoro são os mesmos da eletricidade. Mas, seja como for, vamos relatar fielmente o fato comunicado pelo Senhor Bachelay, para examinarmos em seguida as conseqüências que podemos dele tirar.

Aos 13 de Setembro de 1768, pelas quatro e meia da tarde, surgiu das bandas do castelo de la Chevallerie, perto de Lucé, Maine, uma nuvem tempestuosa na qual se fez ouvir um estrondo forte e seco, mais ou menos semelhante ao tiro de canhão. A seguir, num circulo de 2 1/2 léguas, mais ou menos, foi ouvido, sem relâmpago, um silvo considerável e tão parecido com o mugir do boi, que muita gente ficou confusa. Por fim, diversas pessoas que trabalhavam no campo, em Perigué, a 3 horas de Lucé, tendo ouvido o mesmo ruído, olharam para cima e vira um corpo opaco descrever uma curva e cair num relvado à margem da estrada de Mans . Lá acorrendo imediatamente, encontraram urna espécie de pedra meio enterrada no solo, mas, tão quente, tão ardente, que não puderam tocá-la. Tomados então de pavor, trataram de fugir; mas, voltando mais tarde, viram que a pedra não mudara de lugar e havia esfriado, podendo eles manejá-la e examinar melhor .

A pedra pesava 7 1/2 libras, era de formato triangular, isto é, apresentava três como ângulos arredondados, dos quais um, no momento da queda, havia penetrado no solo. Toda a parte enterrada era de

cor cinzenta, ao passo que o resto, exposto ao ar, apresentava-se muito enegrecido. O Senhor Abade Bachelaq, tendo obtido um fragmento da pedra, veio apresentá-lo ã Academia, no intuito de esclarecer a natureza da mesma. Vamos, assim, dar conta das experiências feitas a propósito, e que nos ajudarão a decidir o que se deva pensar de tão singular episodio .

A substancia dessa pedra é cor de cinza clara, e, vista ao microscópio, apresenta-se coalhada de pequeníssimos e infinitos pontos metálico-brilhantes, de um amarelo pálido. A superfície externa, que, ao dizer do Senhor Abade, não estava enterrada, revestia de leve camada de matéria muito negra, túrgida em alguns pontos e parecendo que tinha sido negra. Tocada com instrumento de aço, no seu âmago, não engendrava fagulha, enquanto que ferida na camada externa, que parecia ter sido atacada pelo fogo, sempre dava algumas faíscas. Submetemo-la em primeiro lugar à prova da balança hidrostática e notamos que perdia dentro da água 2/7 de peso, ou mais exatamente - que o seu peso especifico era, para o da água, na proporção de 3.535 por 1.000, peso este que, de muito excedente ao das pedras silicosas, já. nos deixava entrever considerável quantidade de partes metálicas.

Pulverizada, combinamo-la em primeiro lugar a frio com o fluxo negro e obtivemos um vidro preto, absolutamente semelhante, na aparência, à crosta superficial da pedra. Feita a calcinação, procedemos à

redução e não encontramos mais que negra massa alcalina, pelo que, supomos possível presumir que o metal contido nessa pedra seja o ferro, que ai combinou com o álcali.

Supérfluo seria aqui reproduzir a seqüência da análise química a que foi submetida à misteriosa pedra, análise pela qual vemos que Lavoisier estava preocupado, principalmente, com a tradição popular que atribuía ao raio a origem da pedra. Vamos sem mais demora ai conclusões.

Acreditamos portanto - escreve ele - poder concluir desta análise, - independente de outras muitas razoes cuja enumeração é aqui supérflua - que a pedra apresentada pelo

Senhor Bachelay não é originada da trovoada, não caiu do céu, nem foi tão-pouco formada por matérias minerais fundidas pelo raio, como se poderia presumir. Que a referida pedra passa de uma espécie de grés piritoso, nada apresentando de particular, a não ser o odor hepático que desprende ao dissolver-se em ácido marinho, fenômeno este que, efetivamente, não ocorre na dissolução das pirites comuns. A opinião mais provável e que melhor ai harmoniza com os princípios da Física, com a narrativa do Senhor Abade Bachelay e com a nossa própria experiência, é que essa pedra, possivelmente mal recoberta de terra ou de relva, teria sido atingida pelo raio e assim viesse à flor do solo . O calor teria eido bastantes intenso para fundir a

superfície da parte atingida, mas não por tempo assaz prolongado para penetrar no seu interior. E por isso é que a pedra não foi decomposta. A quantidade considerável de matérias metálicas nela contidas, opondo menor resistência que outro corpo a corrente de matéria elétrica, poderia mesmo ter influído para determinar a direção do raio. De fato, observa que o raio ai dirige mais voluntariamente para os corpos mais eletrizáveis, por comunicação.

Não podemos aqui deixar em olvido uma circunstAncia muito curiosa: o Senhor Morand filho, tendo-nos remetido um pedaço de pedra dos arredores de Coutances, e que também supunha ter caído do céu, verificamo-lo mais ou menos idêntico ao do Senhor Abade Bachelay. E' precisamente um grés semeado de pontos de pirite marcial e só diferente da outra pelo cheiro hepático e acidez salina. Duvidamos que ai possa encontrar outra semelhante, a não ser que o raio incide, preferentemente, sobre as substancia metálicas e mais ainda, talvez, sobre as matérias piritosas. De reato, por fabulosos que possam parecer os fatos desta espécie; e como os aproximando das experiências e reflexões que acabamos de expor, podem-os contribuir para aclarar a história das pedras de raio, também pensamos oportunas a sua referencia nos Anais da Academia .

Este memorial de Lavoisier, apresentado à Academia das Ciências, inspira-nos reflexões

diretamente ligadas às investigações versadas neste livro. Assim que, testemunhas viram cair à pedra em campo raso e a pleno dia, apanharam-na, ela lá estava; examinaram-na, analisaram-na e concluíram que... não havia caído do céu. As idéias preconcebidas impedem o reconhecimento da verdade. A opinião vulgar, a tradição popular, atribuía essas pedras ao raio e ninguém se lembrou de recusar a teoria e imaginar que pudesse haver outra explicação.

O testemunho humano é ai considerado nulo, qual o considera, ainda hoje, uma certa escola amiga do paradoxo, continuando a pontificar que os testemunhos, sejam quais forem, não têm valor algum probatório.

Certo, o testemunho humano é falível, todo mundo pode enganar-se e não é científico nele confiarmos cegamente; mas, daí a tudo recusar, a distância é enorme. Ora, a verdade é que não era a primeira vez que viam cair do céu uma ou várias pedras, que as apanhavam e guardavam . Para citar apenas uma, a mais célebre, registremos que 7 de Novembro de 1491, em Ensishein (Alto Reno) grande meteorito se abateu diante de todo um exército e bem próximo de Maximiliano I, rei dos Romanos. São fenômenos observados cada ano, aqui e acolá. Em 1768, duas quedas se registraram, em Aire (Pas-de-Calais) e em Maurkirchen, Baviera. Lavoisier bem o sabe e,

contudo, escreve que os verdadeiros químicos consideraram duvidosa a existência dessas pedras.

Esta secular cegueira por tudo o que nos é desconhecido, tem sempre entravado o progresso das ciências. Ao mesmo tempo, é de ver-se o quanto é imprudente arriscar teorias prematuras, pois a explicação doa aerólitos pelo raio, atuou negativamente nos pareceres da Academia:

Temos, assim, que este fato histórico nos convida a desconfiar das teorias prematuras .

Os seres humanos, de qualquer categoria intelectual, que ainda pensam que os fenômenos metapsiquicos são inadmissíveis por infirmarem e contrariarem una tantos princípios do ensino clássico, deve lembrar-se que todas as descobertas começaram pelas negativas .

Desde há milhares de anos safam aerólitos à vista de centenas de pessoas, grande número deles foi recolhido e alguns conservados nas igrejas, nos museus, etc .O que faltava em 1769 era um homem bastante independente para os afirmar. Esse homem apareceu finalmente, em 1794, e chamou,ai Chaladni.

Não atiro a pedra a Lavoisier, nem à Academia, nem a ninguém e sim e só à tirania doa preconceitos. Ninguém acreditava, ninguém queria acreditar que fosse possível caírem pedras do céu. Era coisa havida como contrária ao senso comum.

Gassendi, por exemplo, é um dos homens mais independentes e mais instruídos do século XVIII: - um aerólito de trinta quilogramas caiu na Provence em 1627, à plena luz de um dia ensolarado, e Gassendi o viu, palpou, examinou e... atribuiu a qualquer desconhecida erupção terrestre.

Por fim, essa. mesma Academia, diante do relatório apresentado pelo seu delegado Biot, acabou reconhecendo a realidade doa uranólitos, quando se deu à queda de um em Laigle (Orne) soa 26 de Abril de 1803. As pedras foram apanhadas ainda quentes, por inúmeras testemunhas e, assim, só poderiam ter eido lapidadas ao céu. Dai para cá, a Academia houve de registrar muitas vezes os estudos feitos neste sentido . Apesar de tudo, o mundo caminha e as verdades se impõem.

Os professores peripatéticos contemporâneos de Galileu afirmavam ex-cátedra que o Sol não podia ter manchas. O espectro de Brocken, la fata morgana a miragem, foram negados por muitas pessoas sensatas, enquanto não tiveram explicação.

Há sempre quem pense que para admitir a realidade de um fato é preciso poder explicá-lo.

Ainda não há muito tempo (1890) o raio esférico era posto em dúvida, em plena Academia de Ciências, por aquele mesmo titular desse Instituto - que melhor deveria conhecê-lo - ou seja Mascart, diretor do Serviço Meteorológico . Mascam sustentava que a

minha convicção era infundada, ainda mesmo citando-lhe eu exemplos nas minhas obras.

A história dos progressos da Ciência demonstra-nos, a cada passo, que grandes e fecundos resultados podem provir de simples é vulgares observações. Nos domínios do estudo científico nada se deve desdenhar .

Cumpre-me respeitar sempre o duplo preceito.

"Nada negar a priori
Nada afirmar sem provas."

Em 1831, o Dr . Cartel dizia à Academia de Medicina, após a leitura do relatório de uma comissão nomeada para dar parecer sobre o magnetismo animal:

Se a maior parte dos fatos denunciados fosse real, esses fatos destruiriam metade dos conhecimentos da Física. Imprimindo o relatório, importa, contudo, nos abstermos de o propagar.

A advertência da Escola de Medicina da Baviera, contra a adoção do caminho de ferro, nos oferece exemplo típico dessa antipatia a toda e qualquer inovação.

Aquela corporação de sábios supunha que um deslocamento tão rápido deveria, infalivelmente, provocar abalo cerebral nos viajantes e vertigens nos espectadores de fora, pelo que recomendavam fosse, pelo menos, construída uma tapagem de madeira de cada lado da linha.

De lembrar, igualmente, a celeuma suscitada pela descoberta da circulação do sangue, feita por Harvey, averbado de louco pelos sábios da sua época, bem como a acolhida dispensada à vacina de Jenner, etc., etc. A invenção da fotografia passou pelas mesmas penas com Niepce e Daguerre, e, contudo, que mundo de revelações ela, a fotografia, não vinha oferecer à Ciência! Para citar a Astronomia, diremos que, desde o Sol até as nebulosas!

Ninguém ainda se esqueceu do acolhimento que os sábios dispensaram à descoberta de Júpiter e a recusa deles em espiar pelo telescópio de Galileu. Professor bem conhecido, adversário da Bacteriologia, não se negou além de recusar a descoberta do bacilo de tuberculose, a utilizar o microscópio do seu próprio assistente, que pretendia apresentar-lhe uma cultura bacilar? O Doutor Schrenck.

Notzing lembrou o julgamento de um grande sábio, emitido nos Grenzboten, que nos patenteia a mesma disposição de espírito : Eu não creio na sugestão hipnótica, até que possa ver um caso; mas, decerto, jamais o verei, visto ser coisa que por questão de princípio, não me interessa.

Temos de Lord Kelvin, o grande físico inglês, o seguinte depoimento escrito.

Insisto em refutar todas as aparências que induzem a aceitar essa mísera superstição do magnetismo animal, mesas girantes, espiritismo, mesmerismo,

clarividência. Não existe um sexto sentido de natureza mística. Clarividência e tudo mais, não passam de resultado de más observações, permeadas de impostura voluntária,, atuando sobre almas simples e crédulas.

Tal o grau de cegueira a que foi conduzida uma das maiores mentalidades contemporâneas! Ele não se digna de estudar, de experimentar, de procurar compreender.

Podemos aqui juntar Ernesto Haeckel à lista dos sábios enceguecidos de falso orgulho, que têm negado os fenômenos inexplicados. Em página assaz infeliz da sua obra interessante - Os Enigmas do Universo - depois de mui superficial e apressadamente refere-se aos fenômenos mediúnicos, qualificando-os de aberrações de inteligências exaltadas, fala-nos dos fedores do pensamento, nestes termos:

O a que chamam telepatia, ou ação do pensamento a distancia e à revelia de intermediário material, não saíste, pela mesma razão que não existem espíritos, fantasmas, etc. .

Em que pese a Haeckel e seus pares, a transmissão de pensamento, o hipnotismo e outras muitas manifestações psíquicas têm hoje a sanção de homens eminentes, e o psicólogo ousa conceituar os problemas que se lhe impõem num plano de estudos considerado outrora como amálgama de superstições e mistificações. Raciocinemos antes com Jaurés, páginas atrás. Notemos ainda, com Richet, que a compreensão

dos fenômenos psíquicos é vedada a umas tantas criaturas .

Temos, em primeiro lugar, homens de grande valor nas ciências, verdadeiros catedráticos, altos expoentes no magistério, na administração, competentíssimos em certos assuntos, muito retos, muito ponderados, mas, que não saem do seu quadro e para os quais a Ciência já disse a última palavra sobre todas as coisas . Convencidos, assim, de que as leis . da Natureza estão perfeitamente conhecidas e definidas ! Estes, são os homens que de todos os tempos se vêm opondo a todas as novas conquistas : ao movimento da Terra, ao telescópio, à circulação do sangue, aos uranólitos, à vacina, à eletricidade, à iluminação a gás, aos caminhos de ferro, à fotografia, ao telégrafo submarino, ao fonógrafo, à aviação, etc. Eles jamais consagrariam seu tempo em perquirir essas coisas, por estarem convictos de impossibilidade. São os eternos obstinados, de um cepticismo que lhes parece racional .

A seguir, vem a classe dos malignos, hábeis nos negócios, falsos, velhacos, inconseqüentes, habituados a explorar o próximo. Para esses mais vales ser ladrão que roubado, e não se Ihes dá de mistificar os outros sem escrúpulo. Estes, nas suas atividades e preocupações, jamais podem conceber algo que não seja escamoteação, trapaça, artificialismo, nestas perquirições .

Há, enfim, os igualmente incapazes de ajuizar estes fenômenos, mas, sob outro ponto de vista, a saber: os ingênuos, os crédulos, os destituídos de senso crítico, que fazem do Espiritismo uma crença cega, uma religião e que não podem analisar com precisão os efeitos observáveis . Mas, parece-nos que ainda resta uma boa parte de homens libertas, no plano da Humanidade.

Confessemos, todavia, que em regra geral os homens são incapazes de atenção muito demorada e que, no conjunto da espécie terrícola, a indiferença pelo conhecimento da verdade é mais ou menos universal. Essa indiferença perpetua a pasmosa ignorância, que qualquer observador advertido pode apreender em todos os domínios históricos e científicos. Depois de tantos séculos de progresso, de tantas descobertas, essa ignorância universal é verdadeiramente fantástica! Não se ama a instrução. Os habitantes do mundo vivem sem saber onde estão e mesmo sem a curiosidade de o saberem. As colunas dos jornais andam abarrotadas de atividades esportivas de todo o gênero : campeonatos e disputas de velocidade, de musculatura, de natação; jogos, diversões, concertos, jantares, cinemas, paradas, crimes estúpidos, tragédias passionais, anúncios de drogas, inócuas e venenosas, dissertações políticas, etc. Quanto a progressos científicos e educação geral do povo, o absenteísmo é completo . E sobretudo, no

referente aos problemas psíquicos, que tal ignorância se torna mais notável e lamentável, pois que isso nos interessa a todos pessoalmente. O mundo psíquico é mais importante e mais vasto que o mundo físico.

Uma palavra ainda: Vale a pena conhecer este nosso mundo psíquico e longe estamos de esgotar o assunto. Não pudemos, tão-pouco, ocupa:-nos com os próprios fantasmas vistos e ouvidos - um tema que requer estudos muito complexos e nos desdobra horizontes imprevistos. A mim me parece chegado o momento de consagrar, em que pese ao paradoxo aparente, uma obra especial aos fantasmas metodicamente discutidos à luz das ciências e da observação. Será esse portanto o objeto do nosso próximo trabalho, visto que o mundo desconhecido e bem maior e mais importante que o mundo conhecido.

FIM